

Renata Manara Tonioli

## Cidade e Universidade

Arquitetura e configuração urbana  
do Campus Centro da UFRGS



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Arquitetura  
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura

Renata Manara Tonioli

## **Cidade e Universidade**

**Arquitetura e configuração urbana  
do Campus Centro da UFRGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR) da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em arquitetura.

Área de concentração: Teoria, História e Crítica da Arquitetura  
Orientação: Prof. Dr. Silvio Belmonte de Abreu Filho

Porto Alegre, 2014



## **Agradecimentos**

À Administração Central da UFRGS, representada aqui pela SUINFRA e seu SPH, por proporcionar acesso aos acervos da instituição, fontes indispensáveis ao desenvolvimento dessa pesquisa.

A Luiz Carlos Ribeiro Bortolini e Cyrillo Severo Crestani, pela atenção e prontidão com que me atenderam, compartilhando seu material e contribuindo para a elaboração desse trabalho.

Aos professores e funcionários do PROPAR, em especial a Cláudio Calovi Pereira, por suas dicas e contribuições.

Ao arquiteto Edison Zanckin Alice, pelo exemplo e inspiração.

Aos colegas do SPH, do qual passei a fazer parte durante o curso, peças fundamentais em meu entusiasmo e paixão pelo tema dessa dissertação.

Aos amigos do DEPOBRAS, pelo apoio e cumplicidade ao longo do processo.

Às queridas amigas que fiz no curso e levo para a vida, pelas trocas valiosas e alegre companhia nesse percurso tão solitário.

Às amigas Elisa e Ju, pelo carinho e presença constantes.

À minha família e à família do Vicente, pelo afeto.

Aos meus pais, Renato e Avani, e a minha irmã, Fernanda, pelo amor e incentivo indiscriminado a todos os meus objetivos.

Ao Vicente, por tudo.

Ao meu orientador, Silvio Belmonte de Abreu Filho, pela sabedoria e disposição com que me conduziu.

*"Quanto mais conhecemos, mais amamos."*

**Leonardo da Vinci**

## Resumo

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) possui sua estrutura física, em Porto Alegre, organizada em quatro *campi*: Campus Centro, Campus Saúde, Campus Olímpico e Campus do Vale. Núcleo original da instituição, o Campus Centro se localiza em região central da cidade e é composto por dois quarteirões contíguos. Com a forma de um polígono, o campus possui um conjunto edificado heterogêneo formado por prédios construídos entre os anos de 1898 e 2013. Antes mesmo de serem agrupadas para formar a Universidade de Porto Alegre (UPA) em 1934, as escolas autônomas de ensino superior de espírito positivista fundadas no final do século XIX já possuíam suas sedes implantadas nos dois quarteirões. Federalizada em 1951, a UFRGS ali mantém prédios de importantes unidades de ensino, além da sede da instituição. O conjunto edificado reúne exemplares com características das arquiteturas eclética e modernista, reconhecidos como patrimônio cultural a nível institucional, nos âmbitos municipal, estadual e nacional.

A configuração do campus possui relação direta com a evolução urbana da cidade, respondendo aos diversos processos de constituição de sua estrutura urbana e suas circunstâncias históricas, socioeconômicas e ambientais. Quando os primeiros edifícios foram construídos, por volta de 1900, o núcleo urbano de Porto Alegre se restringia à ponta da península, e a região do campus apresentava-se como um descampado, fora dos limites da cidade. Com o crescimento e desenvolvimento da cidade, o núcleo urbano sofreu grande expansão, e a área antes periférica, poucas décadas depois já fazia parte do conturbado centro da capital.

A presente dissertação pretende investigar a origem e o desenvolvimento do Campus Centro da UFRGS, assunto que até o presente momento não possui estudos consistentes. Abordando tanto as questões de configuração urbana relacionadas ao espaço dos dois quarteirões do Campus Centro quanto as questões específicas relativas à arquitetura das edificações e do espaço aberto que os compõe, o estudo busca contribuir para a documentação e o conhecimento do tema.

**Palavras-chave:** campus universitário, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

## **Abstract**

The Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) has, in Porto Alegre, a multi campi structure composed of the Downtown Campus, Health Campus, Olympic Campus and Valley Campus. UFRGS Downtown Campus, which is the foundational core of the institution, is located in Porto Alegre's central district and is composed by two contiguous city blocks. Conformed like a polygon, the campus is composed by an heterogeneous set of buildings made between 1898 and 2013. Even before being assembled to create Porto Alegre University (UPA) in 1934, 19th century positivism orientated autonomous colleges were already located over these blocks. After its federalization on 1951, UFRGS still holds several important faculty buildings there, other than its head offices. The set of buildings on the Downtown Campus is composed by exemplars with features of the eclectic and modernist architectures, recognized as cultural heritage institutional, at municipal, state and national levels.

Campus configuration holds close relation with city's urban development, responding to distinct processes of its urban structure generation and historical, socioeconomical and environmental circumstances. When the first colleges where built, around 1900, Porto Alegre's urban area was restricted to the peninsula's site, and the university blocks where part of an unoccupied zone outside city limits. With city's growth and development, the urban core has undergone extensive expansion and the area, once peripheral region, some decades later was part of the troubled center of the capital.

This work aims to deal with the origin and development of the Central Campus of UFRGS, subject until now has no consistent studies. Addressing both the issues of urban configuration related to space two city blocks as the specific issues relating to the architecture of the buildings and the open space, the study seeks to contribute to the documentation and knowledge of the topic.

**Keywords:** university campus, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

## **Sumário**

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>09</b>
1.1	Apresentação do tema	11
1.2	Justificativa	12
1.3	Objetivos	14
1.4	Método	15
1.5	Estado da questão	17
1.6	Estrutura	24
<b>2</b>	<b>A Universidade Federal do Rio Grande do Sul</b>	<b>27</b>
2.1	Das instituições autônomas à UPA	29
2.2	Da federalização à grande expansão	36
2.3	A reforma universitária de 70 e as últimas décadas	44
<b>3</b>	<b>Configuração urbana do Campus Centro</b>	<b>53</b>
3.1	Antecedentes: a grande várzea	55
3.2	A República e as escolas autônomas de ensino superior	63
3.3	Do Plano de Melhoramentos à Exposição Farroupilha	68
3.4	A manutenção do polígono universitário	72
3.5	Um Campus Central consolidado, perspectivas e transformações	85
<b>4</b>	<b>Arquitetura no Campus Centro</b>	<b>93</b>
4.1	Os períodos	97
4.1.1	Período da arquitetura eclética	97
4.1.2	Período da arquitetura moderna	101
4.2	Os edifícios	105
4.2.1	1º Quarteirão	105
.1	Prédio centenário da Escola de Engenharia	105
.2	Conjunto de prédios do Largo Paganini	110
.3	Prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos	117
.4	Prédio da Faculdade de Direito	120
.5	Prédio do Instituto Eletrotécnico	124
.6	Prédio do Instituto Parobé	128
.7	Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas	131
.8	Prédio novo da Escola de Engenharia	134
.9	Novo prédio de Salas de Aula	138
4.2.2	2º Quarteirão	142
.1	Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais	142
.2	Prédio da Faculdade de Medicina	146

- .3 Prédio da Seção de Meteorologia do Instituto de Astronomia e Meteorologia **151**
- .4 Prédio do Instituto de Química Industrial **154**
- .5 Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural **157**
- .6 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia **160**
- .7 Pavilhão de Tecnologia **167**
- .8 Prédio da Reitoria e Auditório **170**
- .9 Prédio da Faculdade de Arquitetura **178**
- .10 Prédio do Colégio Aplicação **185**

## **5 Considerações finais 189**

### **Referências 197**

Referências bibliográficas **199**

Referências das imagens **204**

### **Anexo 213**

Levantamento predial em Porto Alegre: imagens **215**

# Introdução 1



## 1.1 Apresentação do tema

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é uma das mais antigas universidades públicas brasileiras e possui sua estrutura física distribuída pelo território estadual, dispondo de áreas e edifícios nos municípios de Porto Alegre, Eldorado do Sul, Gramado, Tramandaí, Imbé e Capão Novo. Em Porto Alegre, a Universidade se organiza em quatro *campi*, Campus Centro, Campus Saúde, Campus Olímpico e Campus do Vale, além de ocupar alguns edifícios dispersos na malha viária urbana.

O mais antigo deles, o Campus Centro, está localizado em área central da cidade e é composto por dois quarteirões contíguos, além de alguns edifícios isolados, situados nas proximidades. Os dois quarteirões, denominados 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro, compõem o formato de um polígono, circundado pelas avenidas João Pessoa, Eng. Luiz Englert, Paulo Gama e Osvaldo Aranha e cortado pela Rua Sarmiento Leite. Núcleo original da instituição, a ocupação dos quarteirões foi iniciada pelas sedes das escolas autônomas de ensino superior de inspiração positivista. Após a organização da Universidade de Porto Alegre (UPA), em 1934, os prédios passaram a constituir a infraestrutura física da instituição, e atualmente o local abriga um conjunto edificado heterogêneo formado por prédios construídos entre 1898 e 2013. Com o passar dos anos, apesar de a Universidade ter expandido significativamente sua área física a partir da federalização, na década de 1950, o Campus Centro permaneceu abrigando a administração central, além de sedes de importantes cursos.

A presente dissertação possui como tema central de investigação o Campus Centro da UFRGS, considerando para fins dessa análise a área correspondente ao polígono formado pelos dois quarteirões citados. O estudo se propõe a abordar tanto as questões de configuração urbana relacionadas ao espaço dos dois quarteirões e suas interfaces com o entorno quanto as questões específicas relativas à arquitetura das edificações e do espaço aberto que o compõe. Busca contribuir para a documentação e o conhecimento do tema, além de servir de base para o planejamento futuro, subsidiando propostas de organização física e revitalização funcional.

## 1.2 Justificativa

A pesquisa relacionada ao espaço físico da UFRGS, no âmbito da arquitetura e do urbanismo, apresenta-se bastante escassa. Em relação aos *campi* da instituição, a maioria das publicações refere-se ao Campus do Vale, por ter sido inicialmente projetado como uma Cidade Universitária. O Campus Centro, núcleo físico original da Universidade, não possui estudos consistentes sobre sua origem e desenvolvimento.

Do ponto de vista urbano, o polígono do Campus Centro ocupa uma área emblemática em relação à evolução urbana de Porto Alegre. A região, que no século XVIII se apresentava periférica, fora dos limites da cidade fortificada, atualmente ocupa uma posição estratégica e cêntrica na malha urbana, num cinturão perimetral sobre o traçado da Primeira Avenida Perimetral.

Do ponto de vista da arquitetura dos prédios, o conjunto do Campus Centro possui um grupo de edifícios construídos entre 1898 e 1928, com características arquitetônicas do Eclétismo<sup>1</sup> e do Art Nouveau<sup>2</sup>, um grupo de edifícios construídos entre 1951 e 1964, com características do Art Decó<sup>3</sup> e da arquitetura moderna<sup>4</sup>, além de um exemplar isolado da arquitetura contemporânea, finalizado em 2013. Ambos os grupos possuem exemplares de valor arquitetônico reconhecido, com maior enfoque

---

<sup>1</sup> Considerando Eclétismo na arquitetura como o uso livre de elementos de vários estilos, inclusive num mesmo edifício, cujo auge foi alcançado como uma expressão do Historicismo na arquitetura da segunda metade do século XIX, além de desempenhar um papel importante no Pós-Moderismo. (ENCYCLOPEDIA of 20th-Century Architecture. New York: Abrams, 1987, p.85)

<sup>2</sup> Considerando Art Nouveau o movimento com alto conteúdo romântico de reação às tendências ecléticas e ao classicismo acadêmico que surge no fim do século XIX, cuja influência se fez notar primeiramente nas artes aplicadas. Na arquitetura, as obras Art Nouveau demonstram o propósito de acabar com a imitação de estilos do passado, produzindo uma arquitetura florida que explora o artesanato, os materiais coloridos e os revestimentos exóticos, utilizando linhas curvas na forma das aberturas e elementos decorativos. (ENCYCLOPEDIA of 20th-Century Architecture. New York: Abrams, 1987, p.28-29)

<sup>3</sup> Considerando Art Decó o movimento cujo nome evoca à Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas em Paris, de 1925, e que tornou-se um fenômeno mundial, atingindo as áreas do design, decoração de interiores e arquitetura. Como uma forma sintética de estilização, mediando entre a vanguarda e a tradição, absorveu os impulsos do Cubismo, Futurismo, Expressionismo e de outros movimentos. (ENCYCLOPEDIA of 20th-Century Architecture. New York: Abrams, 1987, p.17-18) Na arquitetura, o estilo Déco se manifestou de maneiras diferentes pelo mundo, porém a essência se baseia na racionalização e simplificação dos volumes e da ornamentação e no rigor geométrico, com a aproximação à formas aerodinâmicas e inspiração nas culturas antigas. Considerada funcional e moderna, a arquitetura Art Déco buscou superar o Historicismo, atuando como uma transição para o Modernismo, entre as décadas de 1920 e de 1940.

<sup>4</sup> Considerando arquitetura moderna aquela praticada no contexto do Modernismo, movimento artístico e cultural que iniciou na Europa e se difundiu no Brasil na década de 1920, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. Alinhada com as vanguardas construtivas, a arquitetura modernista possui como base da estratégia projetual o racionalismo e o funcionalismo, com o uso de formas geométricas puras. Utilizando a tecnologia do concreto armado, os Cinco pontos da Nova Arquitetura de Le Corbusier são soluções comuns na arquitetura modernista.

para as construções do início do século XX. Do primeiro grupo, todos fazem parte do inventário de bens imóveis do patrimônio cultural de Porto Alegre e foram declarados integrantes do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul. Além disso, dois deles possuem tombamento a nível federal, cuja área de entorno protegida foi delimitada recentemente, englobando os dois quarteirões. Sobre os prédios do segundo grupo, a maioria está inclusa no inventário de bens imóveis do patrimônio cultural da cidade e um deles foi declarado patrimônio cultural do estado juntamente com as edificações do primeiro grupo.

Entretanto, as pesquisas existentes sobre as edificações do Campus Centro não são numerosas, e tratam essencialmente das construções do início do século XX. Além disso, a análise dos prédios na maioria dos casos não inclui elementos gráficos como plantas, cortes e fachadas, além de ser feita de maneira individual e pontual, limitando o entendimento no que refere-se à composição e configuração do espaço do campus como conjunto, e ao contexto urbano em que está inserido.

### 1.3 Objetivos

A presente pesquisa possui como objetivo principal investigar, no âmbito da arquitetura e do urbanismo, o Campus Centro da UFRGS, através de uma abordagem ampla que considera tanto as questões de configuração urbana relativas aos quarteirões e seu entorno quanto as questões referentes à arquitetura das edificações que os compõe.

São objetivos complementares do trabalho:

- .1 Estudar a configuração urbana dos quarteirões do Campus Centro, buscando reconstituir suas etapas de ocupação e compreender as origens da atual estrutura e suas relações com o desenvolvimento e a forma da cidade.
- .2 Analisar, do ponto de vista arquitetônico, o conjunto edificado que compõe o Campus Centro, contemplando um enfoque mais abrangente, de análise geral de cada fase construtiva, e um enfoque individual, buscando aspectos estéticos, construtivos, funcionais e de implantação dos edifícios.
- .3 Estudar a história da Universidade, a fim de contextualizar institucionalmente a criação e o desenvolvimento do Campus Centro.
- .4 Estudar o planejamento desenvolvido para o espaço dos quarteirões do Campus Centro, analisando os planos e projetos realizados ao longo do tempo envolvendo a área e seu entorno urbano.
- .5 Contribuir para a documentação e o conhecimento acerca do espaço físico da UFRGS, da arquitetura produzida em Porto Alegre durante o século XX, especialmente no que se refere a edifícios educacionais, e da arquitetura dos *campi* universitários brasileiros.

## 1.4 Método

A investigação foi desenvolvida através de dois enfoques de pesquisa, um relacionado à análise urbana e outro à análise individual das edificações, buscando compilar e organizar de maneira sistemática as informações acerca do Campus Centro da UFRGS.

Numa etapa inicial foi realizada uma investigação teórica sobre a história da UFRGS, buscando reconstituir o contexto institucional de criação e desenvolvimento do Campus Centro, com ênfase nos aspectos referentes à implantação e ao desenvolvimento do espaço físico. Nessa fase, foram utilizadas fontes bibliográficas existentes.

Em fase seguinte foi realizada uma pesquisa específica sobre o Campus Centro e suas edificações, em fontes bibliográficas publicadas e nos acervos físico (documentos e mapoteca) e digital (imagens, levantamentos cadastrais e projetos) da Universidade. De responsabilidade da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS (antiga Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS), esses acervos foram consultados buscando principalmente o acesso à documentação gráfica referente ao campus e às edificações que o compõe, cuja publicação se apresenta bastante escassa. Além disso, foram consultados os acervos do Arquivo Municipal de Porto Alegre, os acervos fotográficos da Universidade disponíveis pelo repositório digital da UFRGS, além do acervos pessoais de Luiz Carlos Ribeiro Bortolini<sup>5</sup> e Cyrillo Severo Crestani<sup>6</sup>, funcionários que atuaram no Escritório Técnico da UFRGS durante as décadas de 70 e 80.

A análise referente à configuração urbana do campus foi desenvolvida e organizada de maneira cronológica, buscando reconstituir as fases de ocupação da área e seus respectivos contextos histórico e político, da origem à atualidade. Para essa investigação foi realizada uma pesquisa na bibliografia publicada acerca da

---

<sup>5</sup> Luiz Carlos Ribeiro Bortolini formou-se engenheiro pela UFRGS em 1968. Atuou como coordenador do Escritório Técnico da UFRGS de 1975 a 1984, quando foi responsável pelo planejamento físico e pela construção do Campus do Vale. Exerceu cargo de Pró-Reitor de Administração da instituição nos períodos de 1984 a 1988 e 1993 a 1996 (conforme dados informados por Luiz Carlos Bortolini à autora).

<sup>6</sup> Cyrillo Severo Crestani formou-se na UFRGS como arquiteto em 1959 e como urbanista em 1965. Atuou como gerente técnico do Escritório Técnico da UFRGS de 1975 a 1984, passando a coordenador em 1984. A partir de 1987 se desliga do Escritório Técnico e para ocupar o cargo de Prefeito do Campus do Vale, aposentando-se da Universidade em 1991 (conforme dados informados por Cyrillo Crestani à autora).

história e evolução da cidade, incluindo fotografias, mapas, planos e projetos urbanos, além de consulta ao acervo de mapas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. A análise se baseou, portanto, no estudo de imagens, documentação gráfica e dados históricos, obtidos tanto na bibliografia publicada quanto nos acervos consultados. Com o objetivo de aprimorar a documentação e auxiliar na compreensão e comparação das etapas de ocupação, somou-se à representação gráfica da implantação atual do Campus Centro simulações gráficas originais da situação nos anos 1930 e nos anos 1960, desenvolvidas a partir dos dados pesquisados.

A análise individual das edificações foi desenvolvida de maneira sistemática, abordando as características estéticas, construtivas, funcionais e de implantação dos edifícios, além da verificação das principais alterações físicas realizadas ao longo do tempo, como ampliações, demolições ou reformas significativas. A investigação se baseou no estudo de imagens, documentação gráfica e dados históricos encontrados, tanto na bibliografia publicada como nos acervos consultados. A fim de aprimorar a documentação e auxiliar o processo de análise, os elementos gráficos de alguns edifícios foram redesenhados a partir dos originais do acervo físico da Universidade. Da mesma forma, os elementos gráficos utilizados do acervo digital da instituição, referente a projetos e levantamentos cadastrais consultados em arquivos de formato .dwg, foram editados visando a padronização da linguagem de representação e a síntese das informações para análise. Visando a contextualização das edificações no âmbito da produção arquitetônica de cada um dos períodos, foi realizada ainda uma investigação teórica em fontes bibliográficas de referência sobre o tema.

Complementarmente foi realizada uma investigação sobre o planejamento da área dos quarteirões do Campus Centro, abordando os planos e projetos desenvolvidos ao longo do tempo envolvendo o espaço dos quarteirões, também organizados em ordem cronológica e baseando-se no estudo de imagens, documentação gráfica e dados históricos encontrados, tanto na bibliografia publicada como nos acervos consultados.

## 1.5 Estado da questão

A história da UFRGS tem sido publicada com alguma frequência ao longo dos 80<sup>7</sup> anos de existência da instituição. A maioria das publicações são relatórios de gestão ou produções concebidas em caráter comemorativo, abordando a história institucional. Apesar do enfoque predominantemente historiográfico, algumas delas contribuem com informações acerca do espaço físico da instituição.

“*Relatório: reitorado do prof. Elyseu Paglioli: 13 de agosto de 1952 a 13 de abril de 1964*”<sup>8</sup>, de 1964, retrata com profundidade as realizações da gestão do reitor Elyseu Paglioli, com ênfase na expansão física do período. O autor relata a história de cada um dos órgãos da estrutura da Universidade (institutos, faculdades, departamentos, etc.), incluindo dados da infraestrutura predial referente a cada um deles, até o final do período do reitorado. A obra inclui fotos dos edifícios construídos durante a gestão, além de informações importantes sobre as construções, como data, função e programa de necessidades originais.

O mais recente “*Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1934-1984*”<sup>9</sup>, uma publicação comemorativa aos 50 anos da instituição em 1984, apresenta, de forma breve e clara, aspectos importantes da história da instituição até o ano de 1984. Expõe contexto e fatos relevantes no desenvolvimento da Universidade, com alguns dados de infraestrutura física, além de um mapa de localização dos 4 *campi* da UFRGS em Porto Alegre e da implantação de cada um deles, em escala, com a identificação dos edifícios.

Em “*Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964*”<sup>10</sup>, de 1992, Mozart Pereira Soares e Pery Pinto Diniz da Silva trazem contribuição essencial ao resgate da trajetória da instituição, analisando desde os precedentes do ensino superior no estado, passando pelo processo de criação da Universidade e seu desenvolvimento até 1964. Organizado em função dos períodos de gestão

---

<sup>7</sup> Considerando como origem da instituição a Universidade de Porto Alegre, de 1934. (Sobre a criação da Universidade de Porto Alegre, consultar item 2.1)

<sup>8</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório: reitorado do prof. Elyseu Paglioli: 13 de agosto de 1952 a 13 de abril de 1964*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1964.

<sup>9</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1934-1984*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1984.

<sup>10</sup> SILVA, Pery Pinto Diniz da; SOARES, Mozart Pereira. *Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

administrativa, traz dados e análises relevantes, incluindo informações sobre a infraestrutura física da Universidade.

Maria de Nazareth Agra Hassen, em “*Escola de Engenharia/UFRGS – Um século*”<sup>11</sup>, de 1996, expõe a história da Escola de Engenharia com grande propriedade, desde o contexto de sua fundação até a atualidade, trazendo os dados históricos pertinentes de cada período. Através de uma pesquisa consistente nos relatórios publicados anualmente pela escola desde 1897<sup>12</sup>, a obra contém dados significativos em relação à trajetória da Universidade. Os referidos relatórios anuais constituem as referências mais antigas nesse sentido, contendo informações de cada gestão com dados e fotos dos edifícios construídos no período.

Finalmente, em “*UFRGS, 70 anos*”<sup>13</sup>, de 2004, a história da Universidade é abordada do ponto de vista histórico através de artigo de Sandra Jatahy Pesavento e complementada sob a perspectiva administrativa nos depoimentos de sete reitores acerca de suas gestões, além de alguns professores, técnicos administrativos e alunos. Essa publicação comemorativa traz importantes contribuições ao estudo do tema da infraestrutura institucional.

Entretanto, com enfoque específico nos *campi* da UFRGS, ainda considerando as referências no âmbito institucional, as contribuições bibliográficas não são numerosas.

Do acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS (antiga Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS), os dois manuscritos, “*Levantamento predial em Porto Alegre da Escola de Engenharia de Porto Alegre*”<sup>14</sup> e “*Levantamento predial em Viamão da Escola de Engenharia de Porto Alegre*”<sup>15</sup>, são resultados do serviço contratado pela Escola de Engenharia e realizado pelo construtor Francesco Andrighetto<sup>16</sup> durante os anos de 1927 e 1928. Essas obras apresentam registros de todos os edifícios da Escola de Engenharia existentes na

---

<sup>11</sup> HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *Escola de Engenharia - UFRGS: um século*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996.

<sup>12</sup> Os relatórios da Escola de Engenharia de Porto Alegre foram publicados pelas Oficinas Graphics da Escola de Engenharia anualmente entre de 1897 a 1930.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Carmem Regina; LICHT, Flavia Boni (Org.). *UFRGS 70 anos*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

<sup>14</sup> LEVANTAMENTO predial em Porto Alegre da Escola de Engenharia de Porto Alegre (executado pelo construtor Francesco Andrighetto), 1927-28, manuscrito.

<sup>15</sup> LEVANTAMENTO predial em Viamão da Escola de Engenharia de Porto Alegre (executado pelo construtor Francesco Andrighetto), 1927-28, manuscrito.

<sup>16</sup> Francesco Andrighetto foi responsável pela construção de diversos dos edifícios da UFRGS no início do século XX. Sobre os edifícios localizados no Campus Centro, consultar subitens do item 4.2.

época, localizados nos bairros Centro e Agronomia, incluindo descrição e quantitativo de materiais, fotografia e planta baixa com escala.

"*Localização do campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*"<sup>17</sup>, da Comissão de Planejamento da UFRGS em 1987 e "*Implantação física da UFRGS: da fundação ao Campus do Vale*"<sup>18</sup>, de Susana Espíndola em 1979, apesar de possuírem como tema principal o Campus do Vale, contribuem com dados sobre o histórico da expansão física da Universidade. A primeira traz um retrospecto das propostas e tratativas para a expansão física da Universidade até a definição da construção do novo campus (atual Campus do Vale), apresentando estudos sistemáticos de 7 possíveis áreas para sua localização. A segunda também inclui um retrospecto sobre as intenções e ações no sentido da expansão física da UFRGS e relata a origem e desenvolvimento do Campus do Vale.

Na década de 1980 o Campus Centro foi foco de algumas publicações institucionais, em função da iniciativa do Projeto Centro Cultural<sup>19</sup>. Nesse sentido, foram encontradas três referências. A primeira é um artigo de Mozart Pereira Soares publicado no Jornal da Universidade em 1986, "*A história do primeiro Campus Universitário do Brasil*"<sup>20</sup>, que aborda, a partir de uma perspectiva histórica, a origem da instituição e a concomitante ocupação dos quarteirões centrais, considerando a importância do conjunto edificado composto pelas construções do início do século XX. As outras duas, do ano seguinte, "*Centro Cultural: projeto*"<sup>21</sup> e "*Salão de Atos: projeto de reforma*"<sup>22</sup>, são publicações específicas sobre o Projeto Centro Cultural, apresentando elementos gráficos como plantas e perspectivas e incluindo as justificativas e intenções da proposta. O referido projeto também foi foco do artigo "*Centro Cultural da UFRGS: Porto Alegre começa a renascer*"<sup>23</sup>, publicado no Jornal

---

<sup>17</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Localização do campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, Comissão de Planejamento, 1967.

<sup>18</sup> ESPÍNDOLA, Susana Sondermann. *Implantação física da UFRGS: da fundação ao Campus do Vale*. Porto Alegre: UFRGS, 1979.

<sup>19</sup> Sobre o Projeto Centro Cultural, consultar item 3.5.

<sup>20</sup> SOARES, Mozart Pereira. *A história do primeiro Campus Universitário do Brasil*. In: Jornal da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 1986, p.1-2.

<sup>21</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Centro Cultural: projeto*. Porto Alegre: UFRGS, Pró Reitoria de Administração, Escritório Técnico do Campus, 1987a.

<sup>22</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Salão de Atos: projeto de reforma*. Porto Alegre: UFRGS, Pró Reitoria de Administração, Escritório Técnico do Campus, 1987b. Arquivo pessoal de Luiz Carlos Bortolini.

<sup>23</sup> CENTRO Cultural da UFRGS: Porto Alegre começa a renascer. Zero Hora, Revista ZH, Porto Alegre, 13 de março de 1986. Acervo pessoal de Cyrillo Severo Crestani.

Zero Hora, veículo de grande circulação na cidade, num encarte especial da Revista ZH.

Partindo para as publicações técnicas, no campo da arquitetura e do urbanismo, a pesquisa encontrou apenas duas referências que abordam o espaço dos quarteirões centrais. Outras publicações técnicas consultadas sobre os *campi* da UFRGS, inclusive pesquisas acadêmicas mais recentes, se referem principalmente ao espaço do Campus do Vale, que foi inicialmente projetado como uma Cidade Universitária. A primeira referência, de 1938, é “*Estudos sobre o Problema Universitário*”<sup>24</sup>, de Ernesto de Souza Campos. A obra inclui o “*Estudo Preliminar para a Cidade Universitária de Porto Alegre*”, proposta que considera a utilização pela Universidade de toda a área do Campo da Redenção. Depois disso, o Campus Centro volta a ser foco de publicação técnica apenas em 2009, em “*Arquitetura e educação: campus universitários brasileiros*”<sup>25</sup>, de Gelson de Almeida Pinto e Ester Buffa. O livro trata do percurso histórico da instituição universitária desde seus primórdios medievais, chegando ao modelo atual brasileiro, organizado fisicamente através dos *campi* universitários. A publicação inclui a análise dos *campi* de cinco universidades brasileiras, entre eles o Campus Centro da UFRGS, abordando questões urbanas e arquitetônicas, mas focando nos edifícios do início do século XX.

Ainda sobre o espaço do Campus Centro, somam-se às referências nos âmbitos institucional e técnico, citadas anteriormente, publicações sobre a história do Parque Farroupilha. Em função da origem comum na região da Várzea, um enfoque histórico no parque acaba incluindo também informações sobre a região do campus. É o caso de “*Porto Alegre: história e vida da cidade*”<sup>26</sup>, de Francisco Riopardense de Macedo de 1973, que contém um item específico sobre a história do parque, de “*Porto Alegre: guia histórico*”<sup>27</sup>, de Sérgio da Costa Franco de 1988, que inclui um vocábulo sobre o parque, ou ainda de “*Parque Farroupilha Redenção: histórias de Porto Alegre*”<sup>28</sup>, de Gunter Axt publicado em 2011, cujo foco principal está na origem e trajetória do espaço do parque e seu entorno.

---

<sup>24</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Estudos sobre o Problema Universitário*. São Paulo: Graphica da Revista dos Tribunaes, 1938.

<sup>25</sup> PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. *Arquitetura e Educação: câmpus universitários brasileiros*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

<sup>26</sup> MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: história e vida da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1973.

<sup>27</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 4ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

<sup>28</sup> AXT, Gunter. *Parque Farroupilha Redenção: histórias de Porto Alegre*. Porto Alegre: Paiol, 2011.

Individualmente, os edifícios da UFRGS, no âmbito da arquitetura e do urbanismo, constituem maior foco de publicações que o espaço dos *campi*. A maioria das referências encontradas nesse sentido, entretanto, aborda apenas as construções do início do século XX.

Em “*Arquitetura*”<sup>29</sup>, de 1992, obra de referência sobre a história da arquitetura no Rio Grande do Sul no período referente à Primeira República, Gunter Weimer expõe os contextos histórico, político e cultural relevantes, abordando a Universidade e alguns de seus edifícios. Além disso, posteriormente o mesmo autor descreve com mais profundidade os prédios da UFRGS desse período em “*A vida cultural e a arquitetura na República Velha rio-grandense 1889-1945*”<sup>30</sup> e a biografia de seus arquitetos e construtores em “*Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul 1892-1945*”<sup>31</sup>.

Sérgio da Costa Franco, em seu já citado “*Porto Alegre: guia histórico*”<sup>32</sup>, de 1988, fornece importantes dados sobre a história da cidade, incluindo vocábulos referentes a algumas escolas e faculdades desse período, como o Colégio Júlio de Castilhos e a Faculdade de Direito, contendo informações sobre as instituições e seus respectivos edifícios.

De 2003, a dissertação de mestrado de Jorge Moraes, “*A Contribuição de Manoel Itaquí para a arquitetura gaúcha*”<sup>33</sup>, soma documentação e análise relevantes sobre os edifícios da Universidade projetados por Manoel Itaquí, no início do século XX.

“*Patrimônio histórico e cultural da UFRGS*”<sup>34</sup>, publicação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor do Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) de 2004, constitui referência fundamental no estudo das edificações da UFRGS construídas no início do século XX, apresentando os doze prédios da Universidade construídos nessa época e mantidos até hoje. Dos doze,

---

<sup>29</sup> WEIMER, Gunter. *Arquitetura*. 4ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

<sup>30</sup> WEIMER, Gunter. *A vida cultural e a arquitetura na República Velha rio-grandense 1889-1945*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

<sup>31</sup> WEIMER, Gunter. *Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul, 1892-1945*. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

<sup>32</sup> FRANCO, 2006, op. cit..

<sup>33</sup> MORAES, Jorge Augusto Moraes de. *A contribuição de Manoel Itaquí para a arquitetura gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2003.

<sup>34</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Patrimônio Histórico. *Patrimônio histórico e cultural da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

apenas o do Instituto de Agronomia e Veterinária não está situado no Campus Centro. Organizados em dois grupos, de obras restauradas e de obras em processo de restauração, o livro aborda, além de informações acerca das obras realizadas através do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, breve histórico e descrição física de cada edifício. Da mesma Secretaria, “*Manuais do patrimônio histórico edificado da UFRGS: Faculdade de Direito*”<sup>35</sup>, de 2007, agrega à pesquisa informações mais aprofundadas referentes ao prédio da Faculdade de Direito, incluindo documentação gráfica.

Ainda como contribuições relevantes para as edificações desse período estão a publicação “*POSITIVISMO: arquitetura de Porto Alegre no período positivista*”<sup>36</sup>, de 2007 com texto de Cláudio Calovi Pereira, e a dissertação de mestrado “*Porto Alegre, arquitetura e estilo. 1880-1930*”<sup>37</sup>, de 2011, de Bárbara Schäffer. O primeiro traz um panorama da arquitetura produzida nessa época concentrando-se nos edifícios de caráter monumental, incluindo, além de fotografias, alguns elementos gráficos, como plantas e fachadas. O segundo traz um mapeamento analítico da produção eclética na cidade, entre 1880 e 1930, analisando e classificando seus exemplares. Ambas as referências incluem exames críticos sobre a maioria dos edifícios da UFRGS construídos do início do século XX.

Sobre as edificações do Campus Centro construídas nas décadas de 1950 e 1960, as referências no âmbito da arquitetura são muito restritas. As únicas publicações consultadas nesse sentido foram o artigo “*Restauração do Complexo da Reitoria da UFRGS*”<sup>38</sup>, de Janaína Carla Dalarosa em 2007, que apresenta histórico e análise arquitetônica sobre o referido edifício, além da obra recente, de 2013, “*Inventário da arquitetura moderna em Porto Alegre: 1945/65*”<sup>39</sup>, de Carlos Eduardo Dias Comas e Hélio Piñon, que inclui o prédio da Faculdade de Arquitetura.

---

<sup>35</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Patrimônio Histórico. *Manuais do patrimônio histórico edificado da UFRGS: Faculdade de Direito*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

<sup>36</sup> POSITIVISMO, arquitetura de Porto Alegre no período positivista. Porto Alegre: Memorial, 2007.

<sup>37</sup> SCHÄFFER, Bárbara. *Porto Alegre, arquitetura e estilo. 1880 a 1930*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2011.

<sup>38</sup> DALAROSA, Janaína Carla. *Restauração do complexo da reitoria da UFRGS*. In: 7º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2007. Disponível em <<http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/027.pdf>>. Acesso em 13 de janeiro de 2014.

<sup>39</sup> COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Hélio. *Inventário da arquitetura moderna em Porto Alegre: 1945/1965*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

Assim, é possível verificar a inexistência de estudos consistentes, no âmbito da arquitetura e do urbanismo, sobre o Campus Centro e suas edificações, principalmente com abrangência e enfoque urbano. Além disso, ainda que constem algumas publicações com abordagem individual sobre as edificações, as referências são dispersas e restritas às construções do início do século, geralmente com conteúdo descritivo breve e sem elementos gráficos completos como plantas, cortes e fachadas.

Com base na constatação acima, o trabalho procura suprir essa lacuna, reunindo toda a documentação gráfica disponível e produzindo documentação original, através de redesenho, no intuito de formar um acervo analítico sobre o espaço do Campus Centro e seus edifícios.

## 1.6 Estrutura

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. Após a Introdução, o capítulo “*A Universidade Federal do Rio Grande do Sul*” constitui um estudo sobre a história da UFRGS, apresentando o contexto institucional de criação e desenvolvimento do Campus Centro. Incluindo aspectos históricos e políticos relevantes, a análise desse título tem como foco informações referentes ao espaço físico da Universidade.

O terceiro capítulo, “*Configuração urbana do Campus Centro*”, aborda a investigação do campus no âmbito urbano, consistindo num estudo sobre a configuração urbana da região dos quarteirões ao longo do tempo, desde a origem até a atualidade, relacionando aspectos do desenvolvimento urbano de Porto Alegre<sup>40</sup>. Além disso, essa parte inclui uma análise sobre o planejamento do espaço do Campus Centro, abordando os estudos e projetos realizados para a área ao longo dos anos.

Intitulada “*Arquitetura no Campus Centro*”, a quarta parte desenvolve a análise, no âmbito da arquitetura, das edificações que compõem o campus. Esse capítulo está subdividido em dois itens, onde o primeiro, “*Os períodos*”, refere-se a uma abordagem geral das fases de construção, incluindo características da produção arquitetônica de cada etapa. O segundo item, “*Os edifícios*”, refere-se ao estudo individual das edificações, cuja análise foi organizada por quarteirão e cronologicamente pela data de construção dos prédios. Para fins desse estudo individual também foram considerados, além dos edifícios que compõem atualmente o campus, aqueles considerados significativos que foram destruídos por motivo de incêndio ou demolição. Além disso, não foram analisados nesse título as pequenas edificações e pavilhões de caráter provisório construídos na área do campus. É importante observar aqui que foi utilizada uma denominação única para cada edifício ao longo de todo o documento, ligada à função para o qual foi construído, a fim de facilitar o entendimento do trabalho, uma vez que a bibliografia e os acervos consultados apresentam muitas vezes nomenclaturas diversas para o mesmo edifício.

---

<sup>40</sup> O tema desse item foi desenvolvido parcialmente em ABREU, Silvio Belmonte; TONIOLI, Renata Manara. *Univer Cidade: a configuração urbana do Campus Centro da UFRGS*. In: Representações da Cidade no mundo lusófono e hispânico, 2013, Rio de Janeiro. Anais do Seminário Internacional Representações da Cidade no mundo lusófono e hispânico. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2013.

O quinto capítulo contém as considerações finais, retomando os principais pontos abordados no desenvolvimento do trabalho e abrangendo as conclusões e relações obtidas a partir do conteúdo do segundo e do terceiro capítulos.

Por fim, o último capítulo é sucedido pela relação das referências utilizadas no desenvolvimento do trabalho e por um anexo, que reproduz em fac-símile as páginas de imagens do “*Levantamento predial em Porto Alegre da Escola de Engenharia de Porto Alegre*”<sup>41</sup>, realizado pelo construtor Francesco Andrighetto entre 1927 e 1928, aqui incluído em função de sua relevância documental.

---

<sup>41</sup> LEVANTAMENTO predial em Porto Alegre da Escola de Engenharia de Porto Alegre (executado pelo construtor Francesco Andrighetto), 1927-28, manuscrito.



**A Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul 2**



## 2.1 Das instituições autônomas à UPA

O Brasil do final do século XIX foi marcado pela queda do regime imperial e proclamação da República, no ano de 1889. Representando um “*ajustamento do nível político - mudança do regime - às novas necessidades geradas na economia e na sociedade brasileiras*”<sup>42</sup>, a instalação da República foi sucedida por um período instável e conturbado no país. A partir de então Estados Unidos do Brasil, o país iniciou um período de transição do regime monárquico para o republicano, com a outorga da constituição em 1891 acabando por confirmar a presidência do país a Marechal Deodoro da Fonseca.

Após a República, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) assumiu a hegemonia. No comando do Estado desde 1894, Júlio de Castilhos - presidente do estado e líder do PRR -, enfrentou forte instabilidade nos primeiros anos da República, com a Revolução Federalista (1893-1895), levante liberal e federalista que combatia o autoritarismo do PRR e punha em xeque as instituições republicanas.

Ao final, o PRR “*saiu vitorioso e fortalecido do conflito, tendo início um período de consolidação de seu domínio do Estado*”<sup>43</sup>. Júlio de Castilhos tratou, inicialmente, de dedicar-se à organização política, social, econômica e cultural do Estado. Seu sucessor, Borges de Medeiros, deu continuidade ao comando do PRR no governo do Rio Grande do Sul nos 30 anos seguintes, entre 1898 e 1928 - apenas com uma interrupção entre 1908 e 1913, quando Carlos Barbosa assumiu o cargo. Por quatro décadas o PRR governou de forma autoritária, empenhado num programa de desenvolvimento global da economia, tendo no positivismo de Auguste Comte sua matriz para a conduta política e administrativa<sup>44</sup>.

Conforme Hassen,

Fruto das ideias do filósofo francês Auguste Comte, o positivismo nasceu na primeira metade do século XIX, refletindo a ascensão da burguesia vitoriosa na Revolução de 1789. No Rio Grande do Sul, a orientação pelo positivismo comteano era facilmente perceptível, situação peculiar se comparada com a de outros locais do país.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 2ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p.63.

<sup>43</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.19-20.

<sup>44</sup> Idem, p.19.

<sup>45</sup> HASSEN, 1996, op. cit., p.23.

Segundo a concepção positivista, a educação era uma das alavancas ao progresso social, com um caráter técnico-profissional. A doutrina prega o ensino superior através de instituições autônomas e mantidas pela comunidade. Assim, o governo estadual apoiava a iniciativa particular, mas não dava subsídios ao investimento. Na prática, segundo Pesavento, na medida em que as iniciativas privadas vinham da mesma elite que ocupava os cargos políticos, existia uma estreita conexão entre as duas frentes de interesse. A autora exemplifica muito claramente essa situação através da figura de Protásio Alves, que foi o primeiro diretor da Faculdade de Medicina e ocupou por duas vezes o cargo de vice-presidente do Estado pelo PRR<sup>46</sup>. Com isso, estavam criadas as condições para o desenvolvimento do ensino superior.

Na cidade de Porto Alegre, o período de hegemonia do PRR sobre o Rio Grande do Sul se refletiu sob a forma de continuísmo político. Governaram o município José Montauray (1897-1924), seguido de Otávio Rocha (1924-1928) e de Alberto Bins (1928-1937).

A capital, no final do século XIX, passou por muitas transformações econômicas e urbanas, com o crescimento do comércio e o beneficiamento dos produtos coloniais, a imigração estrangeira e um processo acelerado de industrialização. A população aumentou significativamente - o total de habitantes, que em meados de 1900 era de 70 mil, sobe para 130 mil em 1910 - e a cidade teve progressos na urbanização, vivendo *“um período de equipamento da cidade, [...] com a criação de alguns serviços, infra-estruturas e edifícios públicos, e diversas escolas superiores”*<sup>47</sup>.

Dentro desse contexto, em 17 de fevereiro de 1895, foi fundada a Escola Livre de Farmácia e Química Industrial, por esforço de médicos e farmacêuticos e amparados pela União Farmacêutica. O apoio público se deu através do empréstimo de dependências no edifício do Ateneu Rio-Grandense - antigo Liceu D. Afonso, na esquina das ruas Duque de Caxias e Marechal Floriano -, que abrigou os primeiros anos de funcionamento da escola.

O Curso de Partos, criado em 1897 por um grupo de médicos, funcionava na Santa Casa de Misericórdia, juntamente com a Escola de Farmácia. Em função da estreita relação das atividades, a união dos dois originou, ainda em 1897, a Faculdade

---

<sup>46</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.21.

<sup>47</sup> ABREU, 2006, op. cit., p.34.

Livre de Medicina e Farmácia. No mesmo ano passou a funcionar em conjunto o Curso de Odontologia que, em 1898, uniu-se para formação da Faculdade Livre de Medicina Farmácia de Porto Alegre.

Entretanto, Pesavento considera que o núcleo central da proposta republicana e positivista do ensino superior foi a Faculdade de Engenharia<sup>48</sup>. Criada em 10 de agosto de 1896, surgiu da iniciativa de um grupo de engenheiros militares, de formação positivista e professores da Escola Militar de Porto Alegre. A instituição tinha a meta de formar mão-de-obra qualificada, preparando profissionais que viessem a contribuir com o desenvolvimento industrial do estado. Conforme Hassen,

Um dos primeiros cursos que iniciaram a Escola de Engenharia foi o de Hidráulica que incluía disciplinas que relacionavam-se ao saneamento e à melhoria da navegabilidade dos rios. [...]

Os demais cursos iniciais, da mesma forma, atendiam todos às necessidades da época: Estradas, Agrimensura, Arquitetura e Agronomia. Cada um deles expressava uma frente de ação que atacaria um a um os entraves ao progresso e que poderia produzir a autonomia da mão-de-obra do Estado, que até então importava profissionais especializados ou exportava seus filhos mais abastados para buscar conhecimentos e qualificação no além fronteiras.<sup>49</sup>

Através do apoio popular foram arrecadados fundos que permitiram o início do funcionamento da Escola de Engenharia no ano de 1897, em salas do Ateneu Rio-Grandense. Já no ano de 1900 a faculdade se instalava em prédio próprio, construído num terreno doado pelo governo municipal no Campo da Redenção, na esquina da Avenida João Pessoa em frente à Praça Argentina, atualmente em região central da cidade.

Completando a estrutura básica do ensino superior do Estado foi fundada a Faculdade Livre de Direito, no ano de 1900. Como as demais, iniciou seu funcionamento no prédio do antigo Liceu D. Afonso, lá permanecendo até o ano de 1910, quando com o auxílio da comunidade e dos governos estadual e municipal, instalou-se em prédio próprio, localizado na Avenida João Pessoa, próximo ao da Escola de Engenharia.

Nesse contexto, Pesavento atribui à Faculdade de Direito a formação da elite política do país e às demais - Medicina e Engenharia -, a formação da elite técnica<sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.21.

<sup>49</sup> HASSEN, 1996, op. cit., p.32.

<sup>50</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.23.

Passados os anos iniciais do novo regime, durante as primeiras décadas desse novo século, acompanhando os grandes avanços tecnológicos e artísticos que aconteciam no país, o ensino superior do Rio Grande do Sul teve considerável expansão, tanto em termos de diversidade de cursos quanto de sua estrutura física. Os novos edifícios foram utilizando os terrenos vazios do quarteirão já inicialmente ocupado na região do Campo da Redenção, além de expandirem-se para o quarteirão adjacente, do outro lado da Rua Sarmento Leite.

A maior expansão aconteceu na Escola de Engenharia, que inaugurou novos institutos e diversificou suas formações. A estrutura da Escola era formada por institutos, que funcionavam “*subordinados à Escola, mas com sua organização própria, cada um deles era dirigido por um professor do Instituto de Engenharia, nomeado pelo diretor da Escola e chamando engenheiro-chefe*”<sup>51</sup>.

O Instituto Técnico Profissional Benjamin Constant - idealizado como Liceu de Artes e Ofícios e renomeado Instituto Parobé em 1917 - foi inaugurado em 1906. Como uma escola de nível médio, seu “*ensino técnico abrangia as seguintes seções: construções mecânicas, trabalhos em madeira, artes do edifício e artes gráficas*”<sup>52</sup>. Os edifícios conhecidos hoje como *Château* e Castelinho foram construídos nessa época para abrigar as oficinas do referido instituto. A sede própria foi construída mais tarde, durante a década de 1920. Em 1920 foi inaugurada uma seção feminina do instituto, posteriormente Instituto de Educação Doméstica e Rural, que funcionou em prédio próprio já na década de 1920. A área técnica contava ainda com um Laboratório de Resistência dos Materiais, que ocupava um edifício próprio desde 1913.

Ao lado do edifício da Escola de Engenharia foi construído o prédio do Ginásio do Rio Grande do Sul, inaugurado em 1911<sup>53</sup> e logo após renomeado Ginásio Júlio de Castilhos. A estrutura, que posteriormente transformou-se no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, tinha na época suas atividades voltadas à preparação dos alunos que buscavam ingressar na engenharia.

Já nos primeiros anos, a Escola de Engenharia perceberia as deficiências do ensino médio no panorama da cidade e assim tratou de criar seu curso preparatório. [...]

---

<sup>51</sup> HASSEN, 1996, op. cit., p.56.

<sup>52</sup> Idem, p.62.

<sup>53</sup> Data segundo MORAES, 2003, op. cit., p.56.

Diferentemente dos estabelecimentos congêneres no país, ministrava aprendizagem de artes manuais elementares a todos os seus alunos e também os provia de instrução militar.<sup>54</sup>

No ano de 1908 a Escola de Engenharia criou o Instituto Astronômico e Meteorológico, único cuja atividade fim não era propriamente o ensino, pois conforme Hassen, além da prática de astronomia dada aos alunos da escola, o instituto era responsável por estudar o céu rio-grandense, produzia trabalhos astronômicos, físicos e geodésicos que interessassem ao Estado e dedicava-se ao estudo de sua climatologia. No mesmo ano foi inaugurado o Observatório Astronômico, prédio para o instituto, localizado em conjunto com os edifícios do *Château* e Castelinho. No início da década de 1920 foi construído um prédio para Seção de Meteorologia, mantendo no Observatório apenas a Seção de Astronomia. Em 1930 passou a denominar-se Instituto Coussirat Araújo.

Ainda em 1908 foi inaugurado o Instituto Eletrotécnico, renomeado em 1922 como Instituto Montauray, destinado a formar engenheiros mecânicos, engenheiros eletricitas e técnicos montadores. O Instituto foi o “*primeiro estabelecimento do gênero no Brasil, desenvolvia nas suas diversas seções todos os ramos de mecânica e eletricidade existentes então*”<sup>55</sup>, e passou a ocupar seu próprio edifício em 1910. O Curso de Química Industrial também ocupou as dependências desse prédio até a conclusão do seu prédio próprio, em 1924, sendo logo elevado à categoria de instituto.

O Instituto de Agronomia e Veterinária, também ligado à Escola de Engenharia, foi criado em 1910, apesar de um curso de agronomia já funcionar anos antes no Instituto de Engenharia. Tinha o objetivo de formar engenheiros agrônomos, médicos veterinários, técnicos em agronomia e capatazes rurais. Instituto Borges de Medeiros, como foi chamado a partir de 1917, foi o único a ter sua sede construída em local afastado, no quilômetro 9 da Estrada de Viamão, atual avenida Bento Gonçalves, no início da década de 1900.

A Faculdade de Medicina, que já funcionava em edifício próprio da Rua da Alegria – atual Rua General Vitorino – cresceu rapidamente e foi se dispersando em diferentes locais. A sede própria foi iniciada em 1913, porém finalizada apenas em 1924, em função da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na esquina da Rua Sarmiento Leite com a Avenida João Pessoa.

---

<sup>54</sup> HASSEN, 1996, op. cit., p.59-60.

<sup>55</sup> Idem, p.72,75.

Nesse momento, portanto, o ensino superior do Rio Grande do Sul concentrava-se fisicamente nos quarteirões do centro, com a exceção do prédio do Instituto de Agronomia e Veterinária.

O período que compreende o final dos anos 20 e a década de 30 trouxe um novo contexto político, social e econômico ao país, implicando em mudanças significativas na estrutura do ensino superior.

A crise do final da década de 1920 criou condições favoráveis para uma ruptura do regime da República Velha, através de uma revolta armada liderada por estados periféricos, destacando-se o Rio Grande do Sul. A chamada Revolução de 30 conduziu Getúlio Vargas, ex-presidente da província e candidato derrotado à presidência, ao comando do país, onde permaneceu ininterruptamente até o ano de 1945, na chamada Era Vargas.

Dentro de uma postura autoritária de desenvolvimento e reestruturação, o Governo Provisório de Vargas (1930-1934) criou, ainda em 1930, o Ministério da Educação e Saúde, para no ano seguinte instaurar a Reforma do Ensino, pelo Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931<sup>56</sup>. Essa medida “*alterou fundamentalmente a situação dos institutos de ensino superior*”<sup>57</sup>, uma vez que centralizava o ensino, colocando-o sob os padrões estabelecidos pelo Ministério.

No mesmo ano em que se instaurou a reforma, a Escola de Engenharia foi nomeada Universidade Técnica. Silva e Soares consideram a referida Escola de Engenharia uma das mais importantes instituições de ensino técnico da história pedagógica do país:

Ao contrário do que se poderia deduzir de seu primeiro título, não foi ela uma Faculdade convencional de Engenharia, para o ensino dos diversos ramos profissionais de seu gênero, mas uma autêntica organização universitária, reconhecida sob o nome de Universidade Técnica do rio Grande do Sul, pelo Decreto Federal 20.272, de 3 de agosto de 1931.<sup>58</sup>

Na citação acima, os autores se referem ao tipo de organização universitária baseada no modelo inglês ou norte americano, inspirada na universidade pragmática tipo “*Land Grant College System*”, onde há estreita relação entre ensino, pesquisa científica e extensão universitária.

---

<sup>56</sup> BRASIL. *Decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931*. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

<sup>57</sup> SILVA; SOARES, 1992, op. cit., p.44.

<sup>58</sup> Idem, p.29-30.

No Rio Grande do Sul, a centralização e a organização nacional do ensino na forma de um sistema universitário, promovidas pela Reforma de 1931, se refletiram na criação da Universidade de Porto Alegre (UPA).

Através da divulgação pelos estudantes do programa da Federação Acadêmica em 1930, que reivindicava “*a fundação de uma Universidade que rompesse com a inércia em que viam emperrado o sistema educacional vigente*”<sup>59</sup>, ou pela criação do Partido Universitário em 1932, cujo objetivo era a criação de uma instituição universitária gaúcha, o então movimento pró-universidade, cercado de intenso debate ideológico, foi construindo sua trajetória. Conforme Silva e Soares<sup>60</sup>, o movimento pró-criação da universidade ganhou força e intensidade com a Revolução de 30. Através do Decreto nº 5.758 de 28 de novembro de 1934, o governador do Estado José Antônio Flores da Cunha instituiu oficialmente a UPA.

Aglutinando a Universidade Técnica, com suas Escolas de Engenharia, Agronomia e Veterinária, a Faculdade de Medicina, com suas escolas de Odontologia e Farmácia, a Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio, o Instituto de Belas Artes e a Faculdade de Educação, Ciências e Letras - criada mais tarde, em 1936, abrigando os cursos de Matemática, Ciências Físicas, Ciências Químicas, História Natural, Filosofia, Filologia, Educação, Geografia e História -, e com sede administrativa instalada no prédio da Faculdade de Direito, a UPA teve como primeiro reitor o professor Manoel André da Rocha (professor da Faculdade de Direito). Após um longo trabalho de estruturação administrativa e negociações políticas, na primeira reunião realizada pelo Conselho Universitário, em maio de 1936, a Universidade foi oficialmente instalada.

O ano seguinte à criação da UPA ficou marcado pela realização de um grande evento em Porto Alegre, a exposição comemorativa aos 100 anos da Revolução Farroupilha. O evento cultural - e arquitetônico - que agitou a cidade até janeiro de 1936 se deu nos terrenos do Campo da Redenção, ao lado da área ocupada pela Universidade. A região foi ajardinada e recebeu pavilhões de caráter temporário, e a partir desse evento passou a denominar-se Parque Farroupilha<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> Idem, p.34.

<sup>60</sup> Idem, p.36.

<sup>61</sup> Sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, consultar item 3.3.

## 2.2 Da federalização à grande expansão

O primeiro ano após a instalação oficial da Universidade de Porto Alegre foi marcante para o estado e para o país. No fim de 1937, antecipando-se às eleições presidenciais, Vargas deu um golpe de estado, finalizando o seu Governo Constitucional (1934-1937), e instaurando o Estado Novo, com a outorga de uma nova constituição. A Constituição de 1937 deu a Vargas poder total, iniciando um regime ditatorial no país, que só viria a ter fim com sua deposição em 1945.

O Rio Grande do Sul teve como consequência imediata a renúncia do governador de Flores da Cunha, assumindo como primeiro interventor federal o general Manoel da Cerqueira Daltro Filho. A Universidade, como reflexo das mudanças políticas do Estado, viu a renúncia de seu primeiro reitor - Manoel André da Rocha -, com o cargo a partir de então ocupado por Aurélio de Lima Py (professor da Faculdade de Medicina), nomeado por Daltro Filho. O período do Estado Novo representou uma fase de frequentes mudanças na administração da universidade, com cinco diferentes reitores em oito anos, considerado por Silva e Soares consequência direta das substituições na chefia do governo estadual e do fato do cargo reitor ser de livre nomeação e demissão<sup>62</sup>.

Em sua gestão, Aurélio de Lima Py tratou de questões básicas da Universidade, sintetizando e elencando os principais objetivos da nova instituição. Em relação à área física, refletiu sobre a necessidade de construção e ampliação de prédios, bem como da construção de um Hospital de Clínicas. Ainda em seus planos estavam a organização da Faculdade de Educação, Ciências e Letras e a reincorporação do Instituto de Belas Artes (desanexado por não ter reconhecimento federal).

Dois anos depois foi nomeado novo reitor, Ary de Abreu Lima (professor da Escola de Engenharia), cujo reitorado perdurou até sua morte, em 1941, quando assumiu Edgar Luís Schneider (professor da Faculdade de Direito). Durante a administração de Ary Lima foram elaborados estudos, em colaboração com o arquiteto Arnaldo Gladosh e engenheiros da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, para a

---

<sup>62</sup> SILVA; SOARES, op. cit., 1992, p.53.

organização de uma Cidade Universitária em outra região da cidade, em um local com dimensão suficiente para concentrar fisicamente toda a Universidade<sup>63</sup>.

Assumindo o professor Edgar Schneider, a Universidade viu concretizar-se a instalação da Faculdade de Filosofia em um período que, segundo Silva e Soares, “conseqüentemente, assinalou a integração definitiva da Universidade”<sup>64</sup>.

Pode-se afirmar sem receio que a instalação efetiva de seus cursos de Matemática, Física, Química e História Natural, em junho de 1942, e a dos demais - Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Didática - no ano subsequente, marcaram o grande momento para a construção definitiva do nosso sistema universitário.

Abriu a instituição básica da Universidade, na estrutura anterior à Reforma, novas perspectivas e ensejou iniciativas culturais, científicas e didáticas de relevo. E, sobretudo, proporcionou oportunidade de mobilização do precioso potencial das organizações escolares de ensino superior existentes.<sup>65</sup>

Foi ainda nessa gestão que se iniciou modestamente o movimento pela ampliação das áreas físicas da Universidade. Devido aos desdobramentos dos cursos, ampliação dos encargos e das matrículas, as instalações estavam se tornando insuficientes e deficientes. Pequenas reformas em instalações existentes foram realizadas, bem como a construção de um anfiteatro com capacidade de 105 alunos para os cursos de Física e Matemática da Escola de Engenharia e da Escola de Filosofia.

Entre 1943 e 1945 a UPA teve como reitores, o professor Antônio Saint Pastous de Freitas (professor da Faculdade de Medicina) e, em seguida de sua renúncia, o professor Egidio Hervé (professor da Escola de Engenharia). Essa etapa, no registro histórico da evolução da universidade, é caracterizada por Silva e Soares, como a fase de consolidação e desenvolvimento da instituição, na sequência natural das ideias e iniciativas anteriores<sup>66</sup>.

O projeto de expansão física deu nesse período um passo importante. Foi lançada a pedra fundamental do Hospital de Clínicas em 1943 - apesar das obras de fato terem início apenas em 1947 -, em área adquirida no início do Caminho do Meio (atual avenida Protásio Alves), que veio posteriormente a constituir o Centro Médico<sup>67</sup>.

---

<sup>63</sup> Sobre os estudos de Arnaldo Gladosch para a Cidade Universitária, consultar item 2.4 .

<sup>64</sup> SILVA; SOARES, 1992, op. cit., p.65.

<sup>65</sup> Idem, p.66.

<sup>66</sup> Idem, p.74.

<sup>67</sup> SILVA, 2006, op. cit., p.80,99.

Durante os mandatos de Saint Pastous e Egidio Hervé também foram criados dois cursos de arquitetura: um ligado ao Instituto de Artes e outro, de engenheiros-arquitetos, ligado a Escola de Engenharia. Os cursos viriam a unir-se num só, em 1952.

Com relação à administração, a grande conquista do período foi o decreto-lei 736 de 30 de dezembro de 1944, durante o governo estadual de Ernesto Dornelles, que deu à Universidade e seus institutos “*ampla autonomia administrativa e didática, com aplicação integral dos seus Estatutos, na movimentação das verbas e dos saldos orçamentários pela própria Universidade*”<sup>68</sup>, reivindicação antiga da instituição.

O ano de 1945 marca o fim da 2ª Guerra e marca também o início de uma nova fase no Brasil. A deposição de Vargas significou o fim de um período de repressão e autoritarismo, substituído pelo período conhecido como República Nova. Em 1946 o governo do presidente eleito general Eurico Gaspar Dutra promulga uma nova constituição, restaurando direitos individuais.

Entre 1945 e 1949 a instituição se manteve sob a gestão de Armando Câmara (professor das faculdades de Direito e Filosofia), quando o cargo de reitor, antes de livre nomeação pelo Chefe do Governo, passou a ser escolhido mediante lista tríplice eleita pelo Conselho Universitário, com mandato de três anos (admitida recondução), significando mais um avanço relativo à autonomia administrativa.

Em 1947 a nova Constituição do Estado do Rio Grande do Sul modificou o nome da Universidade de Porto Alegre para Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), que incorporou as faculdades de Direito e Odontologia de Pelotas e a de Farmácia de Santa Maria. No ano de 1950 a URGS foi integrada ao Sistema Federal de Ensino Superior como universidade regional. A federalização veio rapidamente, em dezembro do mesmo ano, como parte de uma proposta de centralização do governo federal. Neste ano o reitor era Alexandre Martins da Rosa (professor da Escola de Engenharia), que atuou como tal de 1949 a 1952. A federalização veio responder a uma grande dificuldade financeira que a instituição vinha sofrendo desde seu início:

O governo estadual, que já possuía dificuldades financeiras para manter a Universidade de Porto Alegre desde sua criação, viu o problema agravar-se e tornar-se insolúvel devido à expansão, à incorporação das unidades do interior e à segunda reincorporação do Instituto de Artes, em 1949.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> SILVA; SOARES, 1992, op. cit., p.76.

<sup>69</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1984, op. cit., p.34.

Com a posse no cargo de reitor de Elyseu Paglioli (professor da Faculdade de Medicina) em 1952, a UFRGS iniciou singular fase, desenvolvida ao longo dos doze anos do referido mandato, de grande expansão qualitativa e quantitativa da instituição.

Essa expansão foi parte de um contexto nacional pós-guerra de intenso crescimento econômico. Vargas assumiu a presidência do país de 1950 até o seu suicídio, em 1954, período marcado por medidas de cunho nacionalista. Juscelino Kubitschek atuou como presidente de 1955 a 1960, com um governo de característica desenvolvimentista baseado nos avanços técnicos e industriais, cujo carro-chefe era a indústria automobilística, com o lema “*Cinqüenta anos em cinco*”. Após assistir à inauguração de Brasília em 1960 e antes do golpe militar de 1964, o país ainda foi comandado por Jânio Quadros e depois de sua renúncia por João Goulart. O desenvolvimento econômico dos anos 50 aumentou a demanda por cursos superiores especializados, pois havia a necessidade de mais técnicos, professores, executivos, etc.

Elyseu Paglioli, no relatório de seu reitorado, descreve a situação física da Universidade no início de seu mandato:

Das doze Escolas e Faculdades existentes, apenas quatro possuíam prédio próprio: a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, a Escola de Engenharia e a Escola de Agronomia e Veterinária. Não se poderia considerar prédio escolar adequado e suficiente a uma instituição de nível superior os prédios das Faculdades de Farmácia de Santa Maria, de Direito e de Odontologia de Pelotas. As Faculdades de Farmácia, de Odontologia de Pôrto Alegre, de Filosofia, de Ciências Econômicas e de Arquitetura funcionavam em dependências da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Direito ou da Escola de Engenharia, todas estas já com deficiência de espaço.<sup>70</sup>

De fato, a situação descrita acima foi completamente modificada ao longo dos quatro mandatos do professor Elyseu Paglioli. Com relação à vida cultural e educativa da universidade, houve a criação de diversos novos institutos de pesquisa, além de órgãos e setores de divulgação das ciências das artes, elencados por ele na lista transcrita abaixo:

Radiodifusão	Instituto de Pesquisas Hidráulicas
Teatro e Escola Dramática	Instituto de Física
Cinema Educativo	Instituto de Matemática
Orquestra Sinfônica	Instituto de Filosofia
Coral Universitário	Instituto de Sociologia e Política
Colégio de Aplicação	Escola de Auxiliares de Enfermagem
Curso de Urbanismo	Instituto de Administração

---

<sup>70</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.25.

Escola de Geologia	Centro de Pesquisas Econômicas
Fac. de Medicina de Santa Maria	Instituto de Biofísica
Escola de Biblioteconomia	Instituto de Bioquímica
Instituto de Ciências Naturais	Instituto de Pesquisas Forrageiras
Instituto de Fisiologia	Instituto de Tecnologia Alimentar
Instituto de Microbiologia	Centro Pesquisas Oceanográficas <sup>71</sup>

Observando a relação acima não é difícil entender a necessidade de que a expansão física acompanhasse o investimento nas áreas de pesquisa e de apoio às atividades acadêmicas. Em seu relatório, Paglioli descreve com muita clareza as obras e intervenções realizadas durante sua gestão, sintetizadas a seguir.

No atual Campus Centro da UFRGS, o quarteirão já ocupado, entre outros, pelos edifícios da Escola de Engenharia e da Faculdade de Direito, recebeu o acréscimo do prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, no local do edifício do antigo Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, destruído por um incêndio em 1951, bem como do prédio novo da Escola de Engenharia. O quarteirão adjacente, onde havia mais espaço livre, foi o que recebeu o maior número de novos edifícios: o prédio da Faculdade de Filosofia, juntamente com os prédios do anfiteatro e diretório acadêmico da mesma faculdade, e do Instituto de Ciências Naturais; o Pavilhão de Tecnologia do Instituto de Química; os edifícios da Reitoria e Auditório; o prédio da Faculdade de Arquitetura, e o prédio do Colégio Aplicação. Nessa época foi realizada ainda uma ampliação no prédio da Faculdade de Medicina.

O Centro Médico (atual Campus Saúde da UFRGS), que até então contava apenas com o edifício do Hospital de Clínicas, ainda em construção, recebeu os prédios da Faculdade de Farmácia, da Gráfica e Almojarifado da Universidade (atualmente ocupado pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação), o Pavilhão Industrial e o Ginásio de Esportes da FAURGS<sup>72</sup>, além de terem sido iniciadas as construções do Pavilhão de Fisiologia (atual Faculdade de Psicologia) e da nova sede da Faculdade de Odontologia (a sede anterior, na rua General Vitorino, tinha sido construída entre 1951 e 1954). Nesse período também foi adquirido e adaptado prédio para receber a Residência das Alunas da Escola de Enfermagem, na avenida Osvaldo Aranha, ao lado da área ocupada pelo Hospital de Clínicas Médicas. A construção do Hospital, então suspensa, foi reativada em 1953 pela administração de Elyseu Paglioli, chegando ao final do mandato à quase totalidade de sua conclusão.

---

<sup>71</sup> Idem, p.367.

<sup>72</sup> Órgão que congregava os diferentes grupos desportivos da Universidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.357).

Foi nesse período também que as terras junto à Avenida Bento Gonçalves (atual Campus do Vale da UFRGS), ocupadas apenas pela sede da Faculdade de Agronomia e Veterinária, receberam os prédios do Hospital de Clínica Veterinária, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas, com um prédio central e dois laboratórios, dos Centros Social e Residencial, construídos para os estudantes da Faculdade de Agronomia e Veterinária, além de residências para os professores da mesma faculdade.

De forma dispersa na malha urbana, foram realizadas: a construção da Casa de Estudantes de Porto Alegre, em um terreno adquirido na avenida João Pessoa; reforma para instalação do Instituto de Administração em prédio adquirido em 1959, próximo ao terreno da Casa do Estudante (atual Instituto de Pesquisas Econômicas, IEPE); e instalação do Restaurante Universitário em uma edificação emprestada pelo Governo do Rio Grande do Sul na avenida Azenha.

Fora da cidade foram construídos os prédios da Faculdade de Farmácia e Medicina de Santa Maria, da Faculdade de Odontologia de Pelotas, da Rádio na Ilha do Chico Inglês, da Colônia de Férias na praia de Tramandaí, o Centro Agrônomico (atual Estação Experimental Agrônômica), no quilômetro 39 da Rodovia BR37 com diversas construções, e houve a finalização do aumento da Faculdade de Direito de Pelotas, iniciado na gestão anterior. Foi ainda adquirido e adaptado prédio para a Casa de Estudantes de Pelotas.

Quanto à questão da Cidade Universitária, o Plano Piloto da Cidade Universitária elaborado pelo Escritório Técnico de Planejamento, criado em 1958 e coordenado por Edvaldo Pereira Paiva, teve execução iniciada. Foi realizada a terraplanagem do local e a estrutura de alguns prédios do Centro de Pesquisas Básicas, com sede dos Institutos de Física e Matemática, porém a obra foi paralisada por falta de recursos.

Portanto, elencadas as principais realizações da gestão Paglioli, é possível perceber a intensidade das transformações implantadas nesse período. A UFRGS viveu sua fase de maior expansão, em termos qualitativos e quantitativos, finalizando o ano de 1964 com sua estrutura, física e organizacional, muito próxima da atual. Fisicamente, a instituição já se apresentava dispersa pela cidade, com o Campus Centro consolidado, o Campus Saúde em pleno desenvolvimento e o Campus do Vale composto pelas áreas da Faculdade de Agronomia e Veterinária e as construções do Centro Básico de Pesquisas.

Na conclusão de seu relatório de gestão, Paglioli destaca o apoio do governo federal:

Do Govêrno Federal tem a Universidade recebido toda a assistência financeira reclamada para sua expansão e eficiência. A par disso, constante e decidido tem sido o empenho de todos os Ministérios, a partir da federalização da Universidade, no sentido de prestigiá-la e cooperar para o seu desenvolvimento.<sup>73</sup>

As aspirações de Paglioli foram ao encontro ds interesses desenvolvimentistas do governo federal, fator determinante para o sucesso alcançado. Em solenidade realizada na Universidade em janeiro de 1958, objetivando a inauguração de diversos edifícios, o Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, em seu discurso à comunidade, transcrito nos Anais Científicos de 1958, sobre seu plano de desenvolvimento, afirma:

Pra realizá-lo em toda a plenitude não pode e nem deve o governo descurar o problema universitário. O progresso material de um país não se faz sem o seu correspondente progresso intelectual. E' aquele antes um resultado deste. Daí o empenho do meu governo em prestigiar todos os nucleos de formação universitária, não com espírito meramente regionalista, mas amplamente nacional e até, se quiserem, nacionalista, que se vão disseminando por todas as unidades da Federação.<sup>74</sup>

Sobre as inaugurações na Universidade, continua:

Inauguração que não é apenas um plano de construções ou um ideal remoto de aperfeiçoamento, mas que é muito mais que isso, uma vez que facultará à vida universitária do Rio Grande do Sul novos elementos de trabalho e pesquisa, de estudos e de divulgação, cujo rendimento atvio se incorporará ao patrimônio moral e cultural, que a universidade construiu em mais de meio século de existência.

[...]

Minha preocupação fundamental tem sido a de que não haja qualquer impecilho para a utilização, pelas Universidades do País, das dotações que o Orçamento da República lhes atribui. Ao dotar uma tal orientação, estou seguro de atender aos imperativos da consciência brasileira, que respeita e prestigia os seus centros de estudo universitários e confia em que no trabalho de todas as Universidades do Brasil haverá de surgir o instrumental com que as gerações presentes e futuras se habilitarão ao gôzo das conquistas do progresso e da cultura. Neste trabalho de dinamização do ensino e da multiplicação das pesquisas a Universidade do Rio Grande do Sul tem apresentado notável índice de crescimento em virtude da receptividade do meio em que trabalha, da profunda vocação de cultura do povo riograndense e do devotamento de seus professores, entre os quais é de justiça que eu assinale o nome do magnífico reitor Eliseu Paglioli.<sup>75</sup>

Considerando o período descrito nesse título, da federalização da instituição em 1950 até a o golpe militar de 1964, Pesavento destaca como pontos importantes “a

---

<sup>73</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.365.

<sup>74</sup> RIO Grande do Sul Universitário. In: Anais Científicos (v.15, n.67). São Paulo: Brasil Universitário, 1958, p.153.

<sup>75</sup> RIO, 1958, op. cit., p.153-155.

*expansão da pesquisa, facilitada pela adoção do regime de tempo integral para alguns docentes, a formação de centros de investigação e o acerto de convênios com organismos nacionais e internacionais, que se efetivaram a partir da década de 60<sup>76</sup>.*

---

<sup>76</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.65.

## 2.3 A reforma universitária e as últimas décadas

O governo militar brasileiro, regime que durou de 1964 a 1985, caracterizou-se pelo fechamento político e intensa repressão. No âmbito na Universidade, o endurecimento do regime assinalou uma fase de intensa politização. As manifestações estudantis, principalmente após a adoção do Ato Institucional nº5<sup>77</sup>, potencializadas, ganharam as ruas da cidade. Conforme descreve Pesavento,

Com o golpe de 31 de março, iniciavam-se os anos autoritários, com inevitáveis alterações na vida acadêmica. Professores cassados, expurgos, prisões de estudantes, torturas, delatores, aulas vigiadas, controle sobre as entidades acadêmicas estudantis, na mira da repressão.<sup>78</sup>

Nesse contexto, em 1968, ano em que o reitor José Carlos Fonseca Milano (professor da Faculdade de Medicina) finalizou seu mandato e o cargo foi ocupado por Eduardo Faracco (professor da mesma faculdade) até 1972, foi aprovada a Lei 5.540/68<sup>79</sup>, que fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior no Brasil. Influenciada pelos Acordos MEC-USAID (entre o Ministério da Educação e a United States Agency for International Development)<sup>80</sup>, a reformulação implanta no ensino superior brasileiro o sistema norte-americano baseado na departamentalização. A Reforma Universitária dos anos 70, como ficou conhecida, foi a resposta a uma nova problemática educacional onde as estruturas e práticas administrativo-pedagógicas já não condiziam com a nova dimensão da Universidade<sup>81</sup>. Na prática, os Departamentos de cada Faculdade ou Instituto passaram a ser as unidades fundamentais.

---

<sup>77</sup> O Ato Institucional nº 5, de 1968, foi um instrumento que concedeu ao regime poderes absolutos e suspendeu direitos constitucionais. Essa medida trouxe um período de intensa repressão e censura prévia aos meios de comunicação e expressão.

<sup>78</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.67.

<sup>79</sup> BRASIL. *Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968*. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-norma-5540-pl.html>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2014.

<sup>80</sup> Os acordos MEC-USAID foram uma série de acordos firmados entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID), nos anos 1960, que visavam estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira. "A *"ajuda externa" para a educação tinha por objetivo fornecer as diretrizes políticas e técnicas para uma reorientação do sistema educacional brasileiro, à luz das necessidades do desenvolvimento capitalista internacional. [...] Na prática, os MEC-USAID não significaram mudanças diretas na política educacional, mas tiveram influência decisiva nas formulações e orientações que, posteriormente, conduziram o processo de reforma da educação brasileira na Ditadura Militar.*" (MINTO, Lalo Watanabe. MEC-USAID. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_mec-usaid%20.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_mec-usaid%20.htm)>. Acesso em 22 de junho de 2014)

<sup>81</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1984, op. cit., 40-41.

Ao final desse processo, a então Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reestruturada, era composta das seguintes Faculdades e Escolas: Física, Geociências, Matemática, Química, Engenharia, Agronomia, Arquitetura, Ciências Econômicas, Ciência e Tecnologia dos Alimentos, Pesquisas Hidráulicas, Biociências, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Odontologia, Veterinária, Educação Física, Filosofia e Ciências Humanas, Biblioteconomia e Comunicação, Direito, Educação, Artes e Letras<sup>82</sup>.

A Escola de Educação Física (ESEF) havia sido federalizada em 1969 e integrada à UFRGS. Sua sede, que incluía um edifício de salas de aula e um ginásio, localizada no bairro Jardim Botânico, foi incorporada à estrutura física da Universidade na área que posteriormente se consolidou como o Campus Olímpico. Já em 1972 foi iniciada no local a construção do Centro Natatório, que por questões financeiras só pôde ser concluída no fim da década de 1970, apesar do local já estar oficializado para uso em 1976<sup>83</sup>.

Em 1975, durante a gestão de Ivo Wolff (professor da Escola de Engenharia), reitor de 1972 a 1976, foi assinado o convênio para construção do novo campus - Campus do Vale - e foi criado o Escritório Técnico do Campus (ETC). Vinculado à Secretaria Geral do Planejamento, o ETC ficou responsável pelo desenvolvimento dos projetos para o novo local<sup>84</sup>. Inaugurado oficialmente na administração de Homero Só Jobim (professor da Faculdade de Medicina), o Campus do Vale aliviou os edifícios do Campus Centro, que já não comportavam a demanda por espaços. Na medida em que iam sendo concluídos os prédios, foram sendo realizadas as transferências.

Ainda em função de adequações a partir da Reforma de 70, no ano de 1976 o reitor Homero Jobim instituiu as pró-reitorias, que juntamente com a criação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão realizada em 1970, alterou a estrutura e o organograma de funcionamento da Universidade para a condição atual. Assim, na transição dos anos 1970 para os 1980, fisicamente a Universidade já se apresentava, em Porto Alegre, distribuída nos 4 *campi* que ainda hoje ocupa: Campus Centro, Campus Saúde, Campus Olímpico e Campus do Vale.

---

<sup>82</sup> Idem, p.41.

<sup>83</sup> LYRA, Vanessa Bellani. *A Criação da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul: formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGCMH/UFRGS, 2013, p.170-172; CARVALHO, Marco Antônio Ávila de. *Centro Natatório da Escola de Educação Física da UFRGS: espaço de transformações*. Trabalho de conclusão de graduação. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2010, p.40.

<sup>84</sup> ESPÍNDOLA, 1979, op. cit., p.96.

Entre 1980 e 1984 a Universidade foi comandada por Earle Diniz Macarthy Moreira (professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), num período marcado pela intensa ocorrência de greves. Iniciadas no final da década de 70, uma série de paralisações marcaram o andamento das atividades da Universidade, com destaque para a greve nacional de 35 mil professores universitários no ano de 1980<sup>85</sup>.

O país vivia, desde 1974, um período de abertura política (lenta, gradual e segura), proposta do governo Ernesto Geisel (1974-1978) e mantida pelo governo Figueiredo (1979-1985). A crise do petróleo e o endividamento externo que financiou o período chamado “milagre econômico” gerou intensa crise econômica, desencadeando uma crise política e descontentamento geral na sociedade civil a partir dos anos 80. As greves agitaram o país nas instâncias municipal, estadual e nacional.

No âmbito da Universidade, o impacto da crise não se deu apenas em função dos movimentos grevistas, a inflação gerada a partir da crise econômica corroía os valores destinados às obras, inviabilizando os contratos firmados. A administração implantou a administração direta das obras ao invés dos contratos de empreitada, transformando o Escritório Técnico no equivalente a uma grande construtora, administrando operários e adquirindo diretamente os materiais de obra.<sup>86</sup> Segundo Ferraz, “foi essa decisão estratégica que viabilizou a continuidade das obras naquele contexto econômico adverso”<sup>87</sup>.

O início dos anos 80 ainda vivenciou, em consequência da abertura política, a revogação dos Atos Institucionais e a aprovação de lei no ano de 1979 para anistia dos cassados pelo regime militar. Com isso, o reitor Earle Moreira pôde reintegrar na Universidade os professores afastados. Os últimos anos do regime militar no Brasil, 1984 e 1985, ainda foram marcados pela luta por eleições diretas através do movimento das *Diretas Já* e pela eleição para presidência e em seguida morte de Tancredo Neves. Com isso, assume a presidência do país o vice-presidente José Sarney, em abril de 1985.

A Universidade, comandada por Francisco Ferraz (professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) de 1984 a 1988, viveu nesse período de transição do regime ditatorial para o democrático, intensa atividade junto à Comunidade. A proposta

---

<sup>85</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.86.

<sup>86</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.94.

<sup>87</sup> Idem, ibidem.

da Reitoria transformava os quarteirões do Campus Centro em um Centro Cultural. Segundo o próprio Ferraz, a proposta do Centro Cultural

[...] era resultante de um diagnóstico sobre a questão geral do espaço físico da Universidade, em todos os sítios que ocupava na cidade, sobre a destinação que devia ser dada aos treze prédios históricos da UFRGS e o diagnóstico sobre a função cultural da Universidade em relação à sociedade.<sup>88</sup>

Dos treze prédios citados como históricos acima, doze deles estão localizados no Campus Centro: no quarteirão da Escola de Engenharia, o prédio centenário da Escola de Engenharia, o conjunto formado pelo *Château*, Castelinho e Observatório Astronômico e os prédios dos institutos Eletrotécnico e Parobé e das faculdades de Direito e Ciências Econômicas; no outro quarteirão, o prédio da Faculdade de Medicina (já ocupado pelo Instituto de Ciências Básicas da Saúde), o prédio do Instituto de Química Industrial, o prédio da Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico (ocupado pela Rádio da Universidade desde 1960) e do Laboratório de Resistência dos Materiais. O único fora do Centro é o prédio da Faculdade de Agronomia, localizado no Campus do Vale. Com exceção do edifício da Faculdade de Ciências Econômicas, todos os prédios considerados históricos pela administração de Ferraz foram construídos no início do século XX, na época das escolas autônomas.

Ferraz considerava “*a questão do espaço físico da UFRGS como um problema mais amplo que [apenas] a construção do novo Campus*”<sup>89</sup>, entendendo que os demais *campi* já consolidados (Centro, Saúde, Olímpico) deviam ser mantidos e que o novo Campus (Campus do Vale) deveria concentrar os institutos básicos e de pesquisa. Assim, a administração considerou a desocupação de alguns edifícios do Campus Centro - em função dos novos espaços criados no Campus do Vale e no Campus Saúde - como uma oportunidade de criar espaços de apoio a atividades culturais, como bibliotecas, museus, auditórios e teatros, estendendo o alcance dessas atividades a toda comunidade. Para isso, seriam necessárias a restauração dos edifícios e a reconversão para as novas funções. Complementarmente, o projeto propunha o tratamento urbanístico dos espaços abertos no entorno dos prédios, então descuidados e ocupados por edificações de caráter provisório. Essa proposta foi muito

---

<sup>88</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.103.

<sup>89</sup> Idem, p.104.

importante para a identificação e reconhecimento do patrimônio histórico edificado da Universidade<sup>90</sup>.

A atividade que marcou o início do projeto Centro Cultural foi a Programação de Férias, quando durante o período de férias letivas foram realizadas atividades diversas, como mostras, exposições, visitas orientadas, atividades experimentais e cursos, entre outras. A receptividade da Programação de Férias junto à comunidade foi de fato significativa, trazendo para a Universidade nas três edições - julho de 1986, dezembro de 1986 e agosto de 1987 - um total de aproximadamente 200.000 pessoas para mais de 3.500 eventos programados.

Efetivamente, em relação às reformas e restaurações programadas, segundo Francisco Ferraz<sup>91</sup>, no 1º Quarteirão foram realizadas as seguintes alterações: reforma completa do edifício do antigo Instituto Parobé para a instalação do Departamento de Mecânica da Escola de Engenharia, após a desocupação do Instituto de Matemática; restauração do Observatório Astronômico; reforma geral no prédio do Castelinho (ocupado pelo Departamento de Energia Nuclear) e no da Faculdade de Ciências Econômicas; reformas diversas nos edifícios novo e centenário da Escola de Engenharia; restauração do saguão e auditório da Faculdade de Direito.

No outro quarteirão, foram realizadas: a reforma do Auditório, que modernizou as instalações e aumentou a capacidade do então Salão de Atos; diversas intervenções no edifício da Reitoria, com destaque para a recuperação do Salão de Festas e da Sala Fahrion e a instalação do Museu Universitário, no 2º pavimento; reciclagem dos espaços do prédio da antiga Faculdade de Filosofia e do antigo Instituto de Ciências Naturais para salas de aula, departamentos e posto bancário; reforma completa no edifício da antiga Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico (ocupado pela Rádio da Universidade); no edifício do anfiteatro da antiga Faculdade de Filosofia, já desocupado pela Biblioteca Central (transferida para o térreo da Reitoria), foram instalados o cinema e o teatro da UFRGS.

Nos edifícios dispersos na malha da cidade, o destaque se dá na readequação dos espaços de edifício para ocupação do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes.

---

<sup>90</sup> Sobre o Projeto Centro Cultural, consultar item 3.5.

<sup>91</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.104-106.

As gestões seguintes, de Gerhard Jacob (professor do Instituto de Física) e Tuiskon Dick (professor do Instituto de Ciências Básicas da Saúde), entre 1988 e 1992, podem ser consideradas como uma só. Quando assumiu a presidência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Gerhard Jacob passou a reitoria ao seu vice, Tuiskon Dick, que manteve a equipe, dando continuidade aos programas em andamento e incluindo novas propostas dentro da mesma conduta administrativa, com interesse no desenvolvimento das áreas de pesquisa e pós-graduação.

Em função dos sucessivos Planos Econômicos e da instalação do Governo Collor (1990-1992), como salienta o próprio reitor Tuiskon Dick, foi uma gestão de grandes dificuldades “*tanto no plano orçamentário e financeiro, como no da política administrativa em geral*”<sup>92</sup>. A inflação e a insuficiente liberação de recursos se refletiram em dificuldade no planejamento das atividades e na fixação de metas acadêmicas e administrativas, prejudicando a execução dos objetivos traçados.

Com relação às obras - que estavam sendo realizadas diretamente pela Divisão de Obras da Universidade desde a administração de Earle Moreira -, um parecer do Tribunal de Contas da União (TCU) considerou irregulares as inúmeras contratações de pessoal (tanto de obras como de segurança e infra-estrutura em geral), levando a Universidade a incorporar os funcionários, consolidando as atividades da Divisão de Obras e beneficiando setores da administração<sup>93</sup>.

Em termos de infra-estrutura física, o maior investimento se deu no Campus do Vale, com destaque para as novas instalações do Instituto de Informática e a finalização de alguns edifícios dos Blocos 3 e 4, que só possuíam a estrutura executada.

A administração seguinte, de Héglio Trindade (professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), de 1992 a 1996, foi responsável pela conclusão de alguns edifícios que ajudaram a liberar os espaços do Campus Centro, há tempos com suas acomodações insuficientes. O novo prédio da Escola Técnica no Campus Saúde permitiu a expansão das Faculdades de Direito e Ciências Econômicas; o do Colégio Aplicação, no Campus do Vale, liberou espaço para a Faculdade de Educação; assim como a transferência dos Departamentos de Bioquímica e de Biofísica e Botânica permitiram a ampliação dos demais departamentos do Instituto de Biociências

---

<sup>92</sup> Idem, p.132.

<sup>93</sup> Idem, p.136.

(instalado no antigo edifício da Faculdade de Medicina). O novo prédio da Faculdade de Medicina, no Campus Saúde, também permitiu a acomodação completa do Instituto de Psicologia no edifício que antes abrigava o Ciclo Básico, no mesmo Campus.

Além disso, o Campus do Vale foi de todos os *campi* o que teve maior expansão, com a conclusão de sedes de diversos institutos e departamentos.

Comparando com dados da administração anterior, em seu relatório de gestão, Hégio Trindade demonstra ter alcançado um índice significativo de expansão física. Considerando as previsões de obras a finalizar até o final de seu mandato, afirma que

[...] a taxa de expansão física (relação percentual entre o total de área construída no período e o total de área em uso no início deste mesmo período) subirá de 1,2% ao ano (período 89/93, com uma área posta em uso de 15.123m<sup>2</sup>) para 3,9% ao ano (período 94/96, com uma área edificada de 31.502m<sup>2</sup>).<sup>94</sup>

Entre 1996 e 2004, durante os dois mandatos da reitora Wrana Panizzi (professora da Faculdade de Arquitetura), a administração priorizou novamente uma questão lançada na década de 1980 por Francisco Ferraz, em seu projeto para o Centro Cultural (citado anteriormente): a recuperação do patrimônio histórico edificado da UFRGS. O Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS foi criado com o intuito de “*despertar a consciência da comunidade no sentido da preservação deste patrimônio, recuperar as condições físicas do conjunto edificado e requalificar os espaços do Campus Universitário*”<sup>95</sup> <sup>96</sup>. Os edifícios da Faculdade de Direito e do Observatório Astronômico, localizados no Campus Centro, já havia recebido reconhecimento nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1998. Em 2000 a Lei Estadual nº 11.525, de 15 de setembro de 2000<sup>97</sup>, declarou integrantes do patrimônio cultural do Estado os prédios históricos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Lei incluiu, no Campus Centro, o prédio da Faculdade de Medicina, o *Château*, o Observatório Astronômico, o Castelinho, o prédio do antigo Instituto Eletrotécnico, o prédio do antigo Laboratório de Resistência dos Materiais, o prédio da antiga Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico (ocupado pela Rádio da Universidade), o prédio do antigo Instituto de

---

<sup>94</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Plano de gestão 1993/1996: prestação de contas. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p. 118.

<sup>95</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2007, op. cit., p.12.

<sup>96</sup> Sobre o Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, consultar item 3.5.

<sup>97</sup> RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 11.525 de 15 de setembro de 2000*. Disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.525.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2013.

Química Industrial, o prédio do antigo Instituto Parobé e o prédio da Reitoria; no Campus do Vale, o prédio da Faculdade de Agronomia. Assim, sob a administração da Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (SPH/UFRGS), o Projeto Resgate recuperou completamente, até o término da gestão da reitora Wrana, os prédios do antigo Laboratório de Resistência dos Materiais (transformando-o no Museu da UFRGS), do Observatório Astronômico e do *Château*, bem como dos edifícios da Rádio da Universidade e da Faculdade de Direito<sup>98</sup>.

Além da SPH/UFRGS, foram criados outros importantes órgãos, buscando responder às novas demandas e dinamizar os mecanismos de gestão, que permanecem na base da estrutura atual da Universidade. São eles: o Pró-Reitoria de Infra-Estrutura (Proinfra) e as secretarias de Avaliação Institucional (SAI), de relações Institucionais e Internacionais (SII), de Assistência Estudantil (SAE), DE Desenvolvimento Tecnológico (SEDETEC) e de Ensino à Distância (SEAD).

Nos últimos anos, sob a administração dos reitores José Carlos Ferraz Hennemann (professor da Escola de Engenharia) e Carlos Alexandre Neto (professor do Instituto de Ciências Básicas da Saúde, atual reitor), a Universidade esteve envolvida um contexto nacional de medidas para expansão do ensino superior, através do Programa Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Instituído em 2007 e ainda em andamento, o programa visa ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Assim, a UFRGS atualmente está trabalhando para atingir metas como o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão. Segundo o Relatório de março de 2012<sup>99</sup>, desde 2007 1.063 novas vagas foram criadas, sendo 485 em novos cursos e 578 em cursos existentes. Acompanhando o aumento de vagas foram realizados investimentos na estrutura de apoio, como área de pessoal, infraestrutura e assistência estudantil, entre outras. Dentro dos investimentos de infraestrutura condicionados ao aumento de vagas, foram lançadas obras de ampliação e melhoria dos espaços físicos de diversas unidades. O Campus Centro recebeu diversas reformas e revitalizações, incluindo a construção do novo prédio de Salas de Aula, concluída em 2013, no 1º Quarteirão. A situação política e econômica nacional dos anos 2000-2010, caracterizada pela estabilidade e

---

<sup>98</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, p.168.

<sup>99</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório UFRGS/REUNI – Março de 2012*. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/prograd/prograd-1/artigos/RelatorioREUNI2012.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2013.

crescimento econômico do país, tem mantido as condições favoráveis para o desenvolvimento das questões acima citadas.

**Configuração urbana do Campus  
Centro 3**



### 3.1 Antecedentes: a grande várzea

O Porto de Viamão, primeiro nome da região da atual cidade de Porto Alegre, teve ocupação iniciada a partir de 1752, quando da chegada e instalação de casais açorianos no local, no período colonial brasileiro. A área já era conhecida como Porto do Dornelles desde 1740, quando foi concedida como sesmaria a Jerônimo de Ornellas e Vasconcellos. Então denominado Porto de São Francisco dos Casais, o local foi sendo povoado a partir da ponta da península, junto ao Guaíba, em função das facilidades do sítio (defesa, transporte, comércio, abastecimento, etc.).

O ano considerado como o de fundação da cidade é 1772<sup>100</sup>, quando foi elevada à freguesia e houve a desapropriação da área e o estabelecimento dos primeiros limites do povoado. No ano seguinte José Marcelino de Figueiredo, governador da Capitania de Rio Grande de São Pedro<sup>101</sup>, transferiu seu governo de Viamão para o Porto dos Casais, “*cuja situação e topografia julgou mais apropriadas para a sede de governo*”<sup>102</sup>. Finalmente denominada Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, a sede da capitania adquiriu caráter militar em função das fortificações que foram construídas no limite oriental do pequeno núcleo urbano, garantindo sua defesa por terra.

No final do século XVIII, quando a freguesia possuía cerca de três mil habitantes, a região ocupada pelo polígono da Universidade fazia parte de um enorme espaço vazio conhecido como Várzea, com uma área de cerca de 69 hectares. Nessa época, conforme Gunter Axt:

Porto Alegre converteu-se num fortim. Protegida ao norte, oeste e sul pelas águas do lago, o único acesso por terra e dava pelo flanco leste. Assim, Marcelino cercou o povoado com trincheiras e rústicas estacas defensivas. [...] A passagem pelas paliças se dava por um portão, situado mais ou menos no lugar onde está atualmente o Viaduto Loureiro da Silva, na avenida Salgado Filho. Para entrar na fortificada capital, o viajante atravessava a úmida Várzea, logo apelidada de Várzea do Portão.<sup>103</sup>

---

<sup>100</sup> Segundo Francisco Riopardense, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul considera 26 de março de 1772, data da criação da Freguesia de São Francisco das Chagas, como a data da fundação de Porto Alegre, em função de ter sido dado ao povoamento determinado limite (MACEDO, 1973, op. cit., p.65).

<sup>101</sup> A Capitania do Rio Grande de São Pedro, criada em 1760 e sucedida pela Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1807, é origem do atual estado do Rio Grande do Sul.

<sup>102</sup> MACEDO, 1973, op. cit., p.66.

<sup>103</sup> AXT, 2011, op. cit., p.41.

A zona urbana do povoado, portanto, se concentrava entrincheirada na península, em região alta, e a área além do limite das fortificações de defesa era ocupada essencialmente por grandes chácaras cortadas por estradas de conexão. O Caminho do Meio, a Estrada da Azenha e a Estrada dos Moinhos de Vento<sup>104</sup> eram as três rotas que conectavam o núcleo às demais regiões, e cujos traçados iniciavam próximos ao portão de acesso à cidade (Fig. 1 a Fig. 3).

A região triangular conformada pelo encontro do Caminho do Meio com a Estrada da Azenha, em frente ao portão, e limitada a leste pelo traçado da atual Avenida Venâncio Aires, era conhecida como Várzea, onde a parcela a noroeste corresponde aos dois quarteirões do atual Campus Centro da UFRGS. O local, portanto, ficava fora dos limites do núcleo urbano, em região externa às fortificações. A descrição de Gunter Axt dos Campos da Várzea como “*uma espécie de terra de ninguém, alagadiça, descampada, preenchida aqui e acolá com tufos de mato rasteiro, abrigando vasta população de cobras, aranhas e animais silvestres*”<sup>105</sup>, pode dar uma ideia das características físicas do espaço que na época margeava os dois principais acessos da cidade.

Em 1807, um ano antes de Porto Alegre ser elevada à Vila, o então Governador da Capitania, Paulo José da Silva Gama, doou a região da Várzea à Câmara, que havia assim solicitado com o intuito de transformá-la numa área para uso da população. No documento de doação consta que o logradouro deveria ser utilizado “*para os utilíssimos e necessários fins de conservação de gados que matam nos açougues desta vila*’, e que os *terrenos não poderão ser alienados sem expressa licença de S.A.R. [Sua Alteza Real]*”<sup>106</sup>. Nessa época, segundo Gunter Axt,

[...] a Várzea funcionava como área para abrigo e descanso de carreteiros e tropeiros que abasteciam a cidade com carne verde. Um abatedouro operava junto ao Portão, cuja passagem via-se assim emoldurada por carcaças. Os dias de vento, emanava dali um defectível odor nauseabundo.<sup>107</sup>

Por ocasião da doação, foi realizada a medição e demarcação da área, “*que deveria se estender ‘até as extremas divisas dos moradores e possuidores que têm chácaras e térreos cercados e valados nas suas circunferências*’”<sup>108</sup>.

---

<sup>104</sup> O Caminho do Meio, a Estrada da Azenha e a Estrada do Moinhos deram origem, respectivamente, às atuais avenidas Osvaldo Aranha, João Pessoa e Independência.

<sup>105</sup> AXT, 2011, op. cit., p.44.

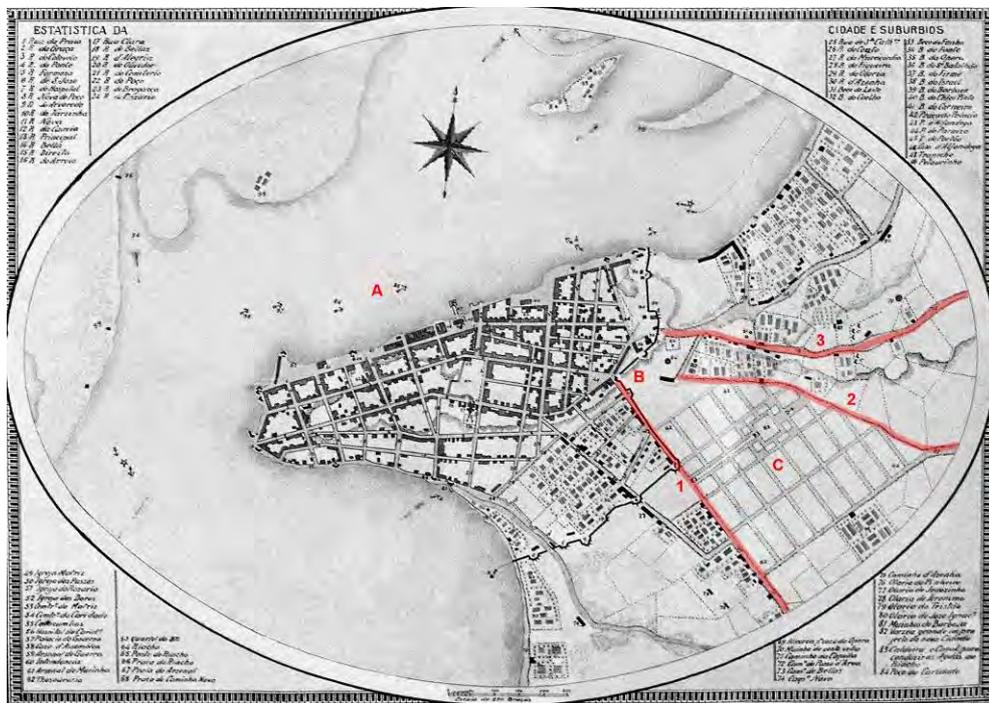
<sup>106</sup> Conforme citado em MACEDO, 1973, op. cit., p.98.

<sup>107</sup> AXT, 2011, op. cit., p.45.

<sup>108</sup> Conforme citado em MACEDO, 1973, op. cit., p.99.



Fig. 1



1 ESTRADA DA AZENHA (AV. JOÃO PESSOA) 2 CAMINHO DO MEIO (AV. OSVALDO ARANHA) 3 ESTRADA DOS MOINHOS DE VENTO (AV. INDEPENDÊNCIA) A LAGO GUABA B PORTÕES DE ACESSO À CIDADE C REGIÃO DA VÁRZEA

Fig. 2



Fig. 3

Fig. 1 Planta da Cidade de Porto Alegre. Lívio Zambecari, 1833. Primeira planta conhecida da cidade, onde a região da Várzea consta assinalada com a letra P.

Fig. 2 e Fig. 3 Planta da Cidade de Porto Alegre, com a linha de trincheiras e fortificações que lhe tem servido de defesa desde o memorável dia 15 de junho de 1836, com as retificações melhoramentos que se têm feito por motivo de ter sido atacada pelos sediciosos em 1836 e 1837 e sitiada em 1838 e 1839, tempo em que esta é concluída, com duas vistas, uma para leste, outra para oeste com as declarações a respeito. Luís Pereira Dias, 1839. Planta e Vista Leste (a partir da grande Várzea).

Já em 1826, no período imperial brasileiro, para fins de arrendamento, a Câmara solicitou permissão para parcelar e vender os terrenos da Várzea, mas o Imperador Dom Pedro I julgou “*conveniente conservá-la livre e desembaraçada por ser o único lugar que oferecia as necessárias proporções para os exercícios militares*”<sup>109</sup>. Assim, a região permaneceu durante décadas sendo utilizada para os fins públicos de concentração do gado para abate, que lhe rendeu o nome de Potreiro da Várzea, abrigando os carreteiros que comercializavam a carne, além de servir de campo para manobras e atividades militares.

Entre os anos de 1835 e 1845 a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul<sup>110</sup> esteve envolvida na Revolução Farroupilha, um confronto de caráter separatista e republicano que sitiou Porto Alegre, chegando a desmembrar a província do Império. Com o fim do combate, Porto Alegre recebeu importantes melhoramentos. “*A zona urbana foi ampliada e as rústicas trincheiras derrubadas, permitindo que a cidade crescesse ao longo dos acessos mais dinâmicos, em forma de leque*”<sup>111</sup>. O município ganhou grandes equipamentos como teatro, igrejas, mercado, prisão e uma nova Alfândega, com aumento na quantidade de estabelecimentos comerciais, e foram realizadas melhorias nas redes de infraestrutura – como a implantação de um primitivo sistema de abastecimento de água encanada, de um serviço de transporte com bondes puxados por mulas e de rede de iluminação pública com modernos combustores a gás encanado – e em espaços abertos, como praças e largos. A região da Várzea, que antes ficava fora dos limites do núcleo fortificado, passa a fazer parte da nucleação urbana, ainda que em condição periférica (Fig. 4 e Fig. 5).

Em 1858 a área próxima ao portão, no encontro do Caminho do Meio com a Estrada da Azenha, foi urbanizada. A Praça da Independência, como foi originalmente denominada a atual Praça Argentina, se apresentava como “*uma íngreme ladeira, com muito trânsito de carretas, e sujeita à constante erosão pelas enxurradas*”<sup>112</sup>. Foi então realizada a “*correção da descida através de aterro, com muro de contenção na parte inferior, sendo esse dotado de pilares e gradis ornamentais, escadaria em leque, esgoto subterrâneo para as águas pluviais, e arborização*”<sup>113</sup>. A intervenção parcelou a

---

<sup>109</sup> Conforme citado em ATX, 2011, op. cit., p.21.

<sup>110</sup> A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul foi criada a partir da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul (1807-1821) e durou até 1889, quando com a Proclamação da República no Brasil passou a estado do Rio Grande do Sul.

<sup>111</sup> AXT, 2011, op. cit., p.51.

<sup>112</sup> FRANCO, 2006, op. cit., p.39.

<sup>113</sup> Idem, ibidem

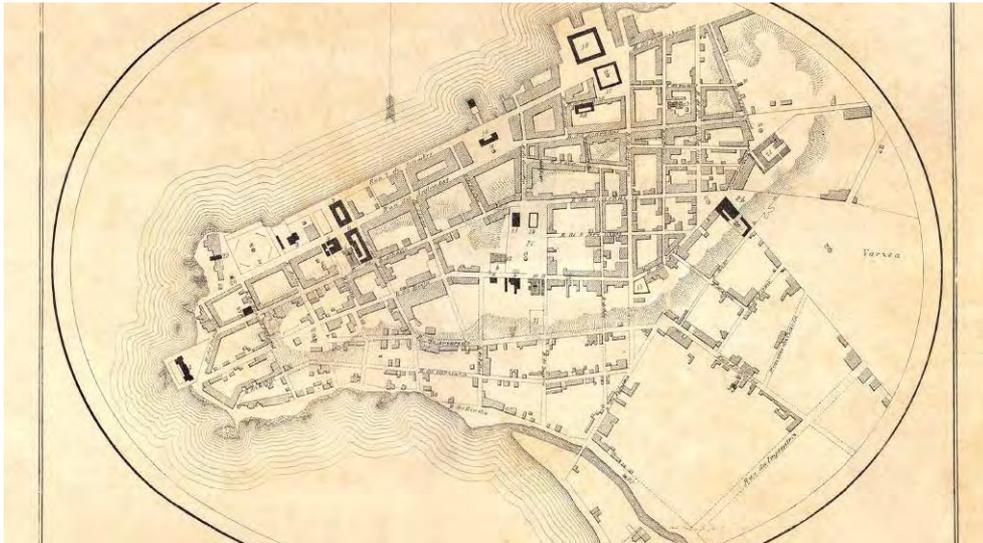


Fig. 4

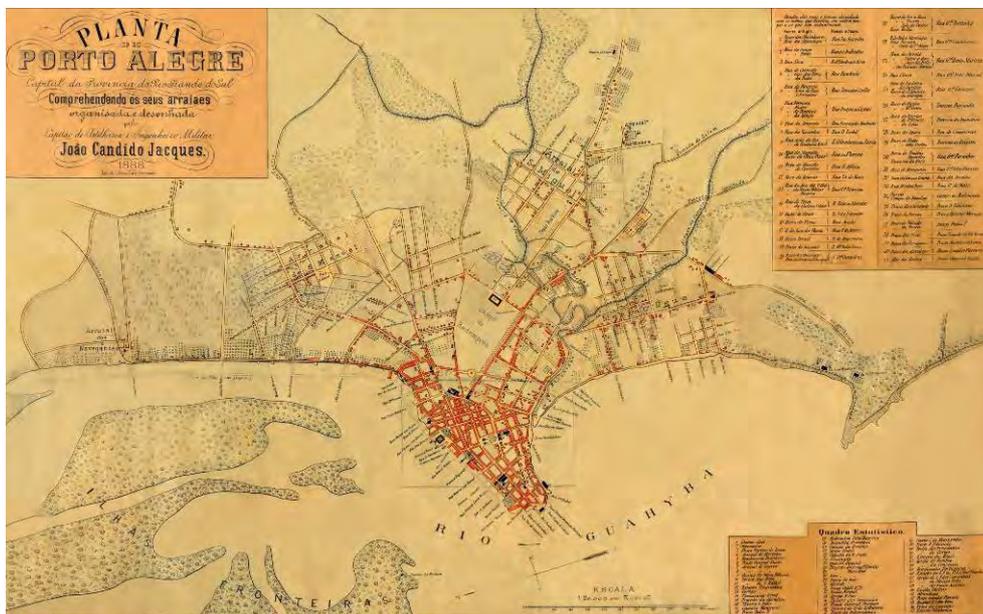


Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7

Fig. 4 Planta da Cidade de Porto Alegre, Capital da Prov<sup>a</sup> de São Pedro do Rio Grande do Sul (Carta Topographica da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul). Antônio Eleutherio de Camargo, 1868.

Fig. 5 Planta de Porto Alegre, capital da Província do Rio Grande do Sul, compreendendo os arraiais. João Cândido Jacques, 1888.

Fig. 6 Prédio do Quartel do Exército: vista frontal durante manobras militares, 1897.

Fig. 7 Prédio da Estação de Bondes da Cia. Carris Porto-Alegrense: fachada da Estrada da Azenha (atual

Várzea no alinhamento da rua conhecida como Beco do Oitavo (atual Avenida André da Rocha), estabelecendo assim o primeiro limite do que viria a ser o campus da Universidade. E apesar de, segundo Francisco Riopardense, haver preocupação com o saneamento dos terrenos da Várzea desde meados de 1830<sup>114</sup>, o restante da área permaneceu por décadas sem urbanização. Conforme Gunter Axt:

Ao final do século XIX, os campos tinham ainda o aspecto rústico de um potreiro. Moradores das redondezas soltavam por ali a pastar gado, cabritos, cavalos... Nas depressões, acumulava-se muito lixo e até carcaças de animais mortos jaziam em estado de putrefação. Em 1890, a Câmara autorizou a utilização do local para secagem de couros.<sup>115</sup>

Na mesma época, ainda que as condições de urbanização não fossem adequadas, a região começou a abrigar, espontaneamente, atividades de entretenimento da população, provavelmente em função da disponibilidade de espaço e favorável localização. O fato de a área não mais funcionar como potreiro a partir de 1877 ajudou a consolidar sua função recreativa.

O Quartel do Exército, no edifício que mais tarde abrigou o Colégio Militar (construído entre 1872 e 1887 na parcela sudeste da Várzea, junto à atual Avenida Venâncio Aires), e a Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim (construída entre 1867 e 1883 no alinhamento nordeste) se utilizavam do grande descampado para a realização de suas atividades coletivas (Fig. 6). Inspirada nos exercícios de equitação praticados no local pelos militares, em 1872 realizou-se a primeira corrida de cavalos em círculo, num hipódromo circular improvisado, que já em 1875 começou a abrigar touradas (Fig. 8 e Fig. 9). Nos anos 1880 o local converteu-se em ponto de partida para passeios de bicicleta pelos subúrbios para, no ano de 1900, assistir à inauguração do Velódromo da Sede da União Velocipédica, no terreno ocupado atualmente pelo prédio da Faculdade de Arquitetura (Fig. 10 e Fig. 11).

Além disso, empresas de infraestrutura também se utilizaram da conveniente localização dos terrenos da Várzea: a Cia. Hidráulica Porto-Alegrense instalou um chafariz, em 1866, sobre o traçado da atual Rua Sarmento Leite (ver Fig. 5); e a Cia. Carris de Ferro Porto-Alegrense construiu sua primeira estação de transportes da linha de carros puxados a burro, em 1873, no alinhamento junto à Estrada da Azenha (Fig. 7). A via, importante conexão do núcleo com as demais regiões, já havia funcionado

---

<sup>114</sup> Segundo Francisco Riopardense, as plantas do município de 1837 e de 1839 figuravam projeto de drenagem para a área (MACEDO, 1973, op. cit., p.101).

<sup>115</sup> AXT, 2011, op. cit., p.59.



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11

Fig. 8 Circo de Touradas: vista aérea, 1901.

Fig. 9 Circo de Touradas: vista interna da entrada de toureiros, década de 1910.

Fig. 10 Prédio da Sede da União Velocípédica de Porto Alegre: vista frontal, 1913.

Fig. 11 Sede da União Velocípédica de Porto Alegre: vista geral do velódromo, com o prédio da sede ao fundo, início do século XX.

como itinerário da fracassada “*machambomba, pesado carro com capacidade para 20 pessoas, movido a vapor (1864)*”<sup>116</sup>.

Em 1870 a Várzea recebeu sua primeira denominação oficial, Campos do Bom Fim, provavelmente em função da proximidade com a igreja, englobando “*toda a extensão dos descampados que se estendiam da atual Praça Argentina até a Rua da Imperatriz (Venâncio Aires)*”<sup>117</sup>. Em 1884 houve a alteração do nome para Campos da Redenção, em homenagem à redenção dos escravos e à vitória da luta local pela abolição da escravatura, obtida após fortes manifestações populares.

---

<sup>116</sup> MACEDO, 1973, op. cit., p.104.

<sup>117</sup> AXT, 2011, op. cit., p.55.

### 3.2 A República e as escolas autônomas de ensino superior

No final do século XIX, a partir da instauração do regime republicano no Brasil, Porto Alegre passou por intensas transformações econômicas e urbanas, ligadas à diversificação de sua base econômica, com a atividade pecuária dando lugar à expansão da agricultura, da indústria e do comércio. O estabelecimento da malha ferroviária estadual, com a parte central e a metade norte do estado convergindo em Porto Alegre, veio a somar nesse sentido, concentrando as atividades produtivas e comerciais na capital gaúcha, que se afirmou como centro de beneficiamento, produção consumo e distribuição de novos produtos<sup>118</sup>. “A *acumulação de capitais do comércio de produtos coloniais permitiu um processo de industrialização a partir dos anos 90, beneficiado pelo aumento do mercado interno, a imigração e a urbanização*”<sup>119</sup>. A população aumentou significativamente e a cidade viveu grandes progressos na urbanização.

Foram construídos diversos edifícios de caráter monumental, destacando-se os edifícios públicos. O PRR, no “*esforço de transformar a Porto Alegre provinciana da era imperial numa cidade com ares metropolitanos*”<sup>120</sup>, dotou a cidade de novos palácios para o governo provincial e municipal, além de edifícios para Biblioteca Pública, Arquivo Público, Delegacia Fiscal e Correios e Telégrafos, entre outros. A atividade construtiva também prosperou no âmbito privado, quando foram construídas muitas edificações comerciais, agências bancárias e cinema, entre outros. O ensino superior, em pleno desenvolvimento, contribuiu nesse surto construtivo erguendo imponentes sedes para os seus cursos.

Segundo a concepção positivista, a educação era uma das alavancas ao progresso social, através de um caráter técnico-profissional fundamentado em escolas livres. Dentro desse contexto foram fundadas, por iniciativa da comunidade, a Escola Livre de Farmácia e Química Industrial (1896), origem da Faculdade Livre de Medicina e Farmácia (1897), a Escola de Engenharia (1897) e a Faculdade Livre de Direito (1900). As instituições funcionavam de forma autônoma, porém o governo auxiliou na

---

<sup>118</sup> POSITIVISMO, 2007, op. cit., p.3.

<sup>119</sup> ABREU, Silvio Belmonte. *Porto Alegre como cidade ideal: planos e projetos urbanos para Porto Alegre*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006, p.33.

<sup>120</sup> POSITIVISMO, 2007, op. cit., p.4.

estruturação das novas escolas através da doação de terrenos. Assim, as escolas, que funcionaram em salas cedidas ou alugadas nos primeiros anos, puderam em pouco tempo erguer seus próprios edifícios.

A primeira a construir sua sede foi a Escola de Engenharia, entre 1898 e 1900. O terreno doado pelo Estado situava-se no Campo da Redenção, na esquina da Avenida João Pessoa com a Praça Argentina, próximo ao antigo portão. A construção do referido prédio iniciou a ocupação dos atuais quarteirões do Campus Centro da UFRGS, na parcela hoje denominada 1º Quarteirão. No ano seguinte à finalização da obra, o prédio teve suas instalações utilizadas na Exposição Agropecuária e Industrial do Rio Grande do Sul (Fig. 12 a Fig. 14).

A exposição foi realizada no Campo da Redenção, nas imediações do prédio da Escola de Engenharia. Segundo Gunter Axt, *“a presença do prédio da Engenharia nesse vértice foi decisiva para o governo do Estado escolher o local para a grande exposição industrial de 1901”*<sup>121</sup>. No evento, dezenas de municípios estavam representados por suas riquezas minerais, fauna, flora indústria manufatureira e pastoril, artes e ciências. Segundo Ary Sanhudo, a exposição *“foi uma espécie de apoteose da entrada do Século XX! Os diversos pavilhões espalhavam-se ricamente ornamentados em toda essa área onde hoje se encontra o bloco das escolas superiores [...]”*<sup>122</sup>.

Na Planta da Exposição é possível perceber a disposição dos pavilhões e dos jardins, que ficaram concentrados na região correspondente ao 1º Quarteirão do Campus Centro da UFRGS. O limite da área da exposição foi o traçado da atual Rua Sarmiento Leite, que na planta possui a representação do chafariz Cia. Hidráulica Porto-Alegrense em seu centro. O chafariz foi instalado no ano de 1866 e teve sua remoção solicitada em 1907, em função da abertura do referido trecho viário<sup>123</sup>. O local foi subdividido em duas partes para o evento, através de uma passagem ligando a Rua Avahy e a Rua da Conceição<sup>124</sup>. Na mesma planta é possível verificar, no outro lado da via limite, a localização da sede da União Velocipédica e do Circo.

Em função do evento, portanto, foi realizado o primeiro ajardinamento da antiga Várzea, na parcela que se estende da Praça Argentina ao traçado da Rua

---

<sup>121</sup> AXT, 2011, op. cit., p.66.

<sup>122</sup> Conforme citado em AXT, 2011, op. cit., p.67.

<sup>123</sup> FRANCO, 2006, op. cit., p.376-377.

<sup>124</sup> Nomenclatura viária segundo notação na Planta dos Jardins e Pavilhões da Exposição de 1900.



Fig. 12

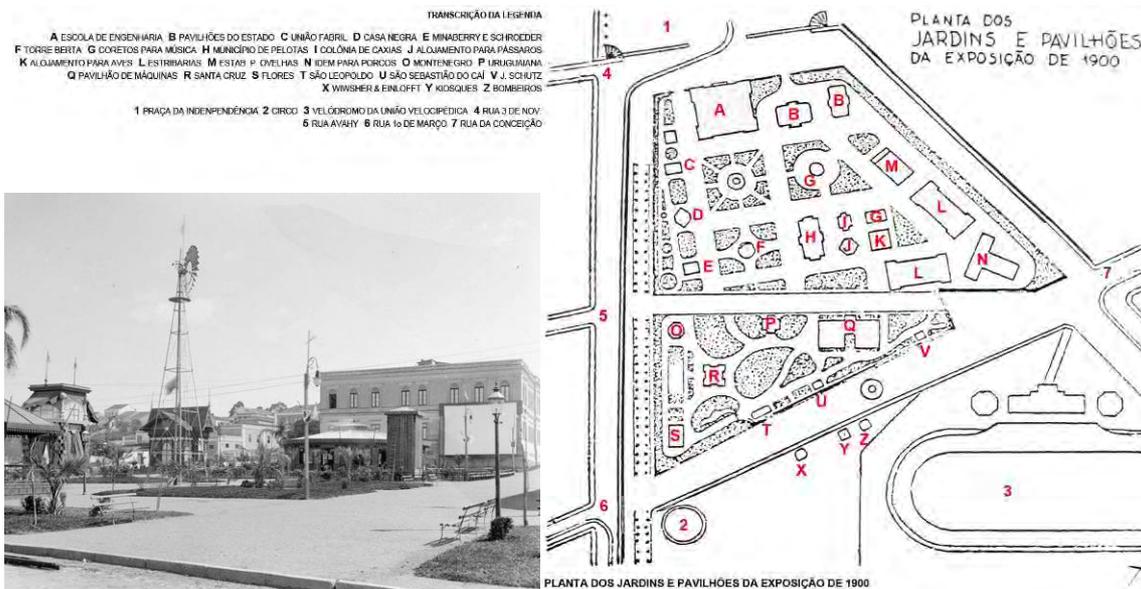


Fig. 13

Fig. 14

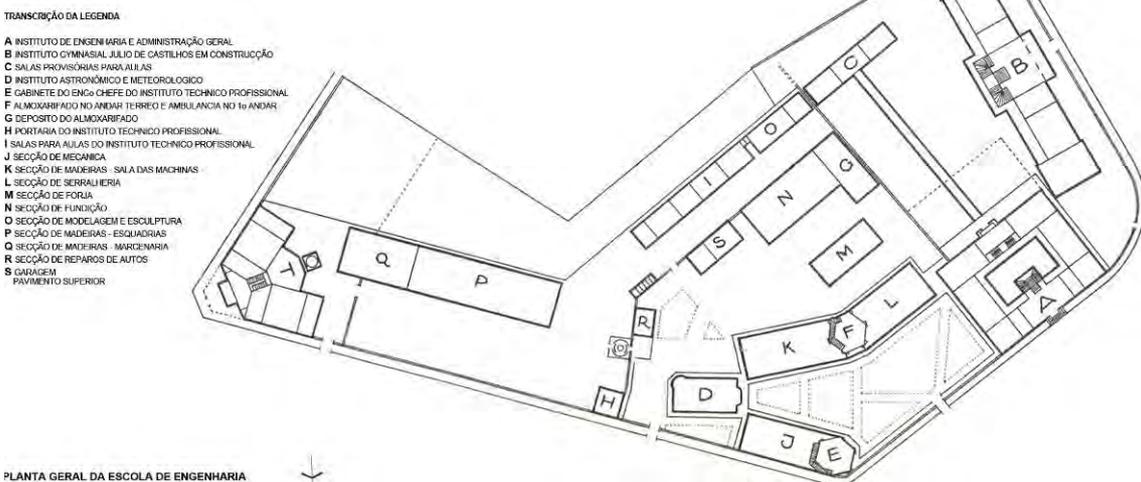


Fig. 15

Fig. 12 Exposição Agropecuária e Industrial, 1901: vista geral (prédio da Escola de Engenharia à direita).

Fig. 13 Exposição Agropecuária e Industrial, 1901: vista dos fundos do prédio da Escola de Engenharia.

Fig. 14 Planta dos Jardins e Pavilhões da Exposição de 1900, com transcrição da legenda.

Fig. 15 Planta Geral da Escola de Engenharia, 1910, com transcrição da legenda.

Sarmento Leite. Após a mostra, segundo Francisco Riopardense de Macedo, o ajardinamento, “*apreciado e elogiado por quantos visitavam a cidade, era sem dúvida um início promissor para o tratamento de toda a área*”<sup>125</sup>.

Com o final da Exposição de 1901, os terrenos que abrigaram o evento foram gradativamente cedidos pelo governo para uso das instituições de ensino superior. A ocupação iniciou nos arredores do prédio da Escola de Engenharia, na região correspondente ao atual 1º Quarteirão, para em seguida atingir espaços além da Rua Sarmento Leite, na área correspondente ao atual 2º Quarteirão.

A Escola de Engenharia, especialmente, apresentou grande expansão física em seus primeiros anos, em função da criação de seus diversos institutos. Na planta geral e na fotografia publicadas no Relatório do ano de 1910 já é possível perceber o desenvolvimento atingido na primeira década (Fig. 15 e Fig. 16). Ao final dos anos 1920, a escola possuía a estrutura física composta por: duas oficinas do Instituto Técnico Profissional (depois denominado Instituto Parobé) nos edifícios conhecidos como *Château* e Castelinho, o Observatório Astronômico e o prédio da Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico, o Laboratório de Resistência dos Materiais e os edifícios sede dos institutos Ginásial Júlio de Castilhos, Eletrotécnico, de Química Industrial, Técnico Profissional e de Educação Doméstica e Rural (antiga seção feminina do Instituto Técnico Profissional). Além disso, a escola mantinha diversas edificações de caráter provisório, como pavilhões e pequenas construções, para suprir a demandas de espaços. A Faculdade de Direito construiu sua sede junto a Avenida João Pessoa. A Faculdade de Medicina, após longo e difícil período de construção, ocupou seu edifício em local próximo, na esquina da mesma avenida com a Rua Sarmento Leite (Fig. 17 a Fig. 19).

Todos os edifícios citados, construídos entre 1898 e 1928 possuem, em sua maioria, características arquitetônicas do Eclétismo, correspondendo ao período de construções da arquitetura eclética no Campus Centro. A implantação dos prédios segue a tendência de ocupação a partir das esquinas, configurando os vértices, padrão dominante na expansão urbana da cidade desde o final do século XIX. Além disso, as edificações foram construídas ocupando a periferia dos quarteirões e estabelecendo, em maioria, relação direta, de acesso, com a calçada correspondente. O miolo das quadras era utilizado para a localização de edificações de apoio, de caráter provisório (pavilhões pequenas construções da Escola de Engenharia).

---

<sup>125</sup> MACEDO, 1973, op. cit., p.107.

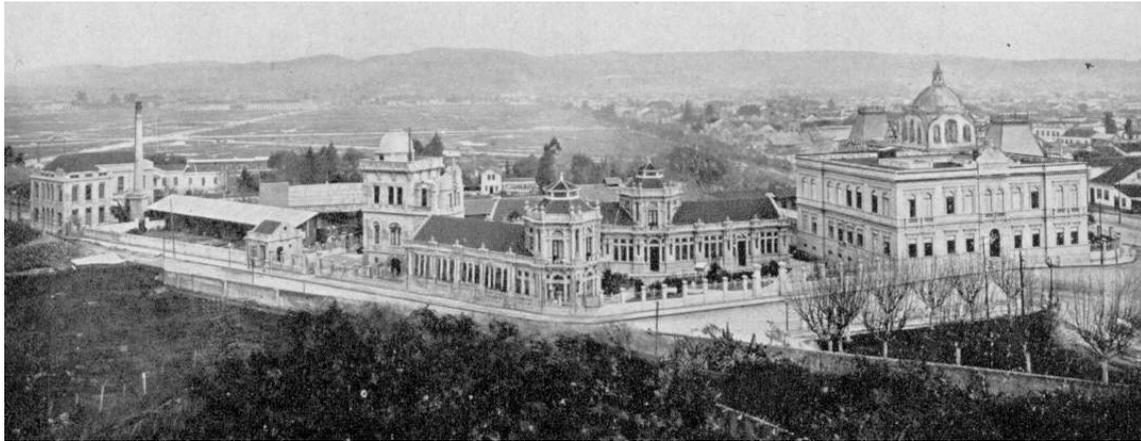


Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18

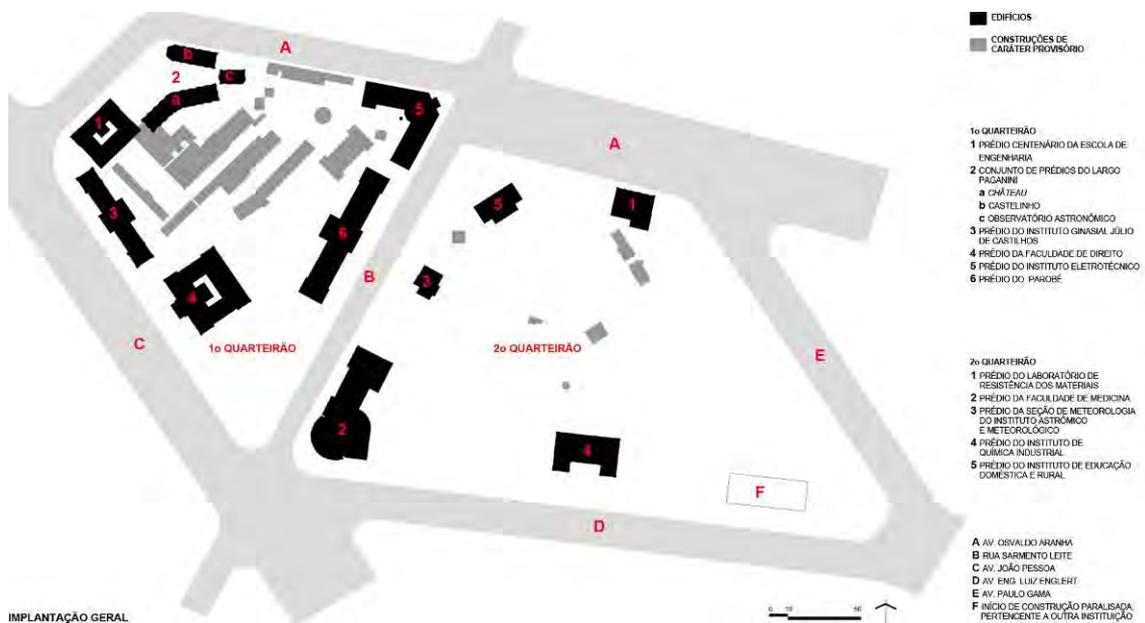


Fig. 19

Fig. 16 1º Quadrante do Campus Centro da UFRGS: vista norte, final da década de 1900.

Fig. 17 1º Quadrante do Campus Centro da UFRGS: vista oeste, década de 1930.

Fig. 18 2º Quadrante do Campus Centro da UFRGS: vista aérea, década de 1930.

Fig. 19 1º e 2º Quadrantes do Campus Centro da UFRGS: simulação da situação no final dos anos 1920 (as construções de caráter provisório foram simuladas com base no levantamento de 1927/8, ver Anexo).

### 3.3 Do Plano de Melhoramentos à Exposição Farroupilha

Conforme citado no título anterior, Porto Alegre passou por muitas transformações econômicas e urbanas no final do século XIX, com expressivo aumento da população. A cidade teve alguns progressos na urbanização, mas ainda não possuía uma estrutura física compatível com todas as mudanças do período. Conforme Silvio Abreu, “era preciso adequar a cidade às novas condições de produção e consumo da jovem República brasileira, com a transformação de suas estruturas coloniais e a reforma de sua imagem à semelhança das capitais modernas”<sup>126</sup>. Nesse contexto, por solicitação do governador do Estado, o intendente José Montauray criou a Comissão de Melhoramentos e Embelezamentos. Célia Ferraz assim define as tarefas da Comissão:

A Comissão de Melhoramentos em Porto Alegre seria responsável pela realização dos melhoramentos ligados à higiene e à modernização dos serviços públicos, pela adequação do sistema viário por profissionais de alto nível, plenamente atualizados, preparados para pensar na modernização da cidade e fornecer as diretrizes do seu progresso por meio de um Plano de Melhoramentos.<sup>127</sup>

Organizado pelo arquiteto João Moreira Maciel, o *Plano Geral dos Melhoramentos de Porto Alegre*, de 1914, previa a abertura, o alargamento e a retificação de vias, a consolidação e saneamento da orla, além de melhorias nos acessos e ligações perimetrais. Seguindo a tradição dos planos de saneamento e embelezamento urbano do final do século XIX, “o Plano orientou por várias décadas a transformação física da cidade, mudando a face do centro, legou diretrizes seguidas pelos planos que o sucederam, e deixou traços de grande permanência”<sup>128</sup> (Fig. 20).

O arquiteto João Moreira Maciel incluiu no Plano Geral de Melhoramentos um projeto de sua autoria para um novo parque urbano no Campo da Redenção. Ele considerou, para a área do parque, o terreno circundado pelas avenidas Osvaldo Aranha, José Bonifácio, João Pessoa e a Rua Sarmento Leite, prevendo para os terrenos referentes ao atual 2º Quarteirão do Campus Centro, um ajardinamento parcial com a manutenção dos edifícios do ensino superior que já ocupavam o local. A

---

<sup>126</sup> ABREU, 2006, op. cit., p.31.

<sup>127</sup> SOUZA, Célia Ferraz de. *Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008, p.92-93.

<sup>128</sup> ABREU, 2006, op. cit., p.32.



Fig. 20



Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23

Fig. 20 Plano Geral dos Melhoramentos: planta geral e ampliação da área das escolas. João Moreira Maciel, 1914.

Fig. 21 Ante Projecto de Ajardinamento do Campo da Redempção: planta geral. Alfred Agache, 1928.

Fig. 22 Exposição do Centenário Farroupilha: planta geral. Christiano de La Paix Gelbert, 1935.

Fig. 23 Exposição do Centenário Farroupilha: vista aérea, 1935. Na parte inferior, a área das escolas.

proposta de Maciel previa o parcelamento da área através de um traçado conectado à malha viária existente, prolongando a Rua da República, a Rua Luis Afonso e a Rua Santana e conformando um “*Rond-point*”<sup>129</sup> na porção central. A Planta da Cidade de Porto Alegre organizada pela Intendência Municipal em 1916 já apresenta o parque conforme o projeto de Maciel.

No ano de 1927 foi ajardinado o primeiro trecho do parque conforme o parcelamento proposto no Plano de Melhoramentos. O quarteirão entre Avenida João Pessoa e a Rua Eng. Luiz Englert recebeu a denominação de Parque Paulo Gama, mas ficou conhecido como “Roseiral”, em função do jardim de rosas implantado no local<sup>130</sup>. A intervenção fixou o limite sul do 2º Quarteirão da UFRGS, representado pela Rua Eng. Luiz Englert.

Dois anos depois, durante a administração do Intendente Alberto Bins, o urbanista francês Alfred Agache, à época envolvido com o Plano para o Rio de Janeiro, foi contratado para elaborar novo projeto para o ajardinamento do parque (Fig. 21). O Ante Projecto de Ajardinamento do Campo da Redempção de Agache traz do plano de Maciel o *Rond-point*, mantendo a área a noroeste do referido elemento dividida em três partes. Entretanto, diferentemente de Moreira Maciel, Agache não incluiu o quarteirão central (atual 2º Quarteirão do Campus Centro) em seu projeto, considerando-o de uso das escolas (na planta consta a descrição “*Terrenos ocupados pelas Escolas*”). As outras duas partes receberam jardins formais, com o Roseiral junto à Avenida João Pessoa e um labirinto junto à Avenida Osvaldo Aranha.

Na área restante o autor reestabeleceu a unidade do conjunto, eliminando o excessivo parcelamento da proposta de Maciel, mas mantendo e reforçando o grande eixo central, paralelo à Avenida João Pessoa, na continuidade da Rua Santana, que organiza a estrutura formal do conjunto.

O anteprojeto de Agache foi utilizado pelo arquiteto municipal Christiano de La Paix Gelbert como referência básica no plano para a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, realizada no local em 1935. A mostra, de produtos agrícolas e industriais, recebeu expositores de vários estados. O plano de ocupação do parque organizado por Gelbert mantém os principais elementos compositivos da estrutura formal de Agache, adaptando os espaços para receber os pavilhões da exposição. Para o evento foram executados o eixo central, o *Rond-point*

---

<sup>129</sup> SOUZA, 2008, op. cit., p.95.

<sup>130</sup> AXT, 2011, op. cit., p.90.

como Praça Central de acesso, o lago com a ilha, o embarcadouro e a fonte luminosa, além dos pavilhões referentes à exposição. O prédio do Instituto de Educação General Flores da Cunha – localizado na esquina das avenidas Osvaldo Aranha e Paulo Gama –, cujo projeto é de autoria de Fernando Corona e a construção havia sido finalizada em 1935, abrigou o Pavilhão Cultural (Fig. 22 e Fig. 23).

A exposição de 1935 foi um evento de grande porte que movimentou cerca de um milhão de pessoas vindas de todo o país, além da população da própria cidade<sup>131</sup>. Segundo Silvio Abreu, ela pode ser vista como um evento comemorativo de dupla leitura, na medida em que homenageia os valores ideológicos e simbólicos da luta de cem anos antes e sinaliza o esforço da sociedade agrícola e industrial na busca de um modelo de modernização que atuasse como impulsor regional<sup>132</sup>.

Nesse contexto, segundo o mesmo autor,

Os pavilhões atuavam como veículos de comunicação condensada da imagem modernizadora. Fornecem os instrumentos figurativos que servem de referência, dispendo e coordenando os mais variados elementos associados à ideia de modernidade, com inspiração nas Grandes Exposições Internacionais realizadas nos anos 20 e 30 na Europa e nos Estados Unidos. [...] No contexto nacional, a Exposição de 35 superou a Feira Internacional de Amostras, realizada no Rio de Janeiro em 1934, tanto em escala e repercussão, quanto na associação às ideias de modernidade através do conjunto urbanístico e arquitetônico.<sup>133</sup>

Assim, o evento acabou por se tornar uma importante manifestação na história da arquitetura no estado, exibindo pavilhões de influência Art Déco que buscavam “*uma diversidade controlada, utilizando diferentes modelos de transição à modernidade, com referências futuristas, racionalistas, cubistas, expressionistas ou suprematistas*”<sup>134</sup>. Segundo Taísa Festugato, o fato de Christiano Gelbert, além do plano geral, ter sido responsável pelo projeto de oito dos pavilhões da exposição, levou à “*grande homogeneidade formal do conjunto exposto*”<sup>135</sup>.

A Exposição de 1935 durou até 36, e em 1937 iniciou-se o desmonte. Já renomeado Parque Farroupilha, em 1939 foi finalizado o desmanche total dos pavilhões e retomado o ajardinamento e urbanização do parque, já na administração do Prefeito Loureiro da Silva.

---

<sup>131</sup> AXT, 2011, op. cit., 97.

<sup>132</sup> ABREU, 2006, op. cit., p.92.

<sup>133</sup> Idem, p.92-93.

<sup>134</sup> Idem, p.91.

<sup>135</sup> FESTUGATO, Taísa. *A arquitetura de Christiano de la Paix Gelbert em Porto Alegre (1925-1953)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2012, p.69.

### 3.4 A manutenção do polígono universitário

Logo após a finalização da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, foi realizado um estudo para a expansão física da Universidade junto aos quarteirões centrais, ocupando a área do Parque Farroupilha. Nessa época, as instituições de ensino superior já haviam sido agrupadas na Universidade de Porto Alegre desde 1934 e já possuíam, portanto, administração unificada. A instituição se encontrava fisicamente concentrada nos quarteirões contíguos ao parque, com exceção do prédio do antigo Instituto de Agronomia e Veterinária, localizado na divisa com o município de Viamão.

Em 1937, o Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema convidou Ernesto de Souza Campos<sup>136</sup> para estudar a localização do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Em viagem à capital, o professor Campos foi acompanhado pelo professor da Faculdade de Medicina, Antonio Saint Pastous de Freitas, e em função do padrão do Plano da Cidade Universitária do Brasil estabelecido pela Lei Federal nº 452<sup>137</sup> daquele ano, alterou a solicitação inicial e, “*além do hospital, propôs um estudo preliminar para a Cidade Universitária de Porto Alegre, no Campo da Redenção*”<sup>138</sup>. (Fig. 24) O estudo preliminar, elaborado por Hypólito Gustavo Pujol Júnior<sup>139</sup> com a colaboração de Ernesto Campos, previa a ocupação total do Campo da Redenção, incluindo a área dos dois quarteirões já utilizada pela Universidade, aproveitando dos edifícios existentes apenas os prédios da Faculdade de Medicina (que abrigaria a Faculdade de Farmácia e a Escola de Odontologia) e da Escola Normal (atual Instituto de Educação General Flores da

---

<sup>136</sup> Ernesto de Souza Campos diplomou-se pela Escola Politécnica e pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Realizou, em comissão junto ao Ministério de Educação e Secretaria de Educação e Saúde Pública de São Paulo, diversos estudos de problemas relativos ao ensino médico e às organizações universitárias entre 1935-37. Elaborou estudos para a Universidade de São Paulo, Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, Faculdades de Medicina da Bahia e de Porto Alegre. (CAMPOS, 1938, op. cit., p.17-20; MOREIRA, Raul. *Vida Social da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre*. In: Anais da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre (v.1, n.1). Porto Alegre: Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1938, p.302)

<sup>137</sup> BRASIL. *Lei nº452 de 5 de julho de 1937*. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1930-1949/L0452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1930-1949/L0452.htm)>. Acesso em 02 de março de 2014.

<sup>138</sup> SILVA, Marcos Miethicki da. *O Hospital de Clínicas de Porto Alegre: a presença de Jorge Moreira na arquitetura da capital gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006, p.28.

<sup>139</sup> Hipólito Gustavo Pujol Júnior diplomou-se como engenheiro civil e arquiteto pela Escola Politécnica de São Paulo. Atuou como arquiteto-chefe nos estudos para a Universidade de São Paulo e desenvolveu com o professor Ernesto de Souza Campos estudos para a Faculdade de Medicina da Bahia e de Porto Alegre e para a Universidade do Brasil no Rio de Janeiro (CAMPOS, 1938, op. cit., p.17-20; CAMPOS, Ernesto de Souza. *Educação Superior no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço Gráfico, 1940, p.405; MOREIRA, 1938, op. cit., p.302).

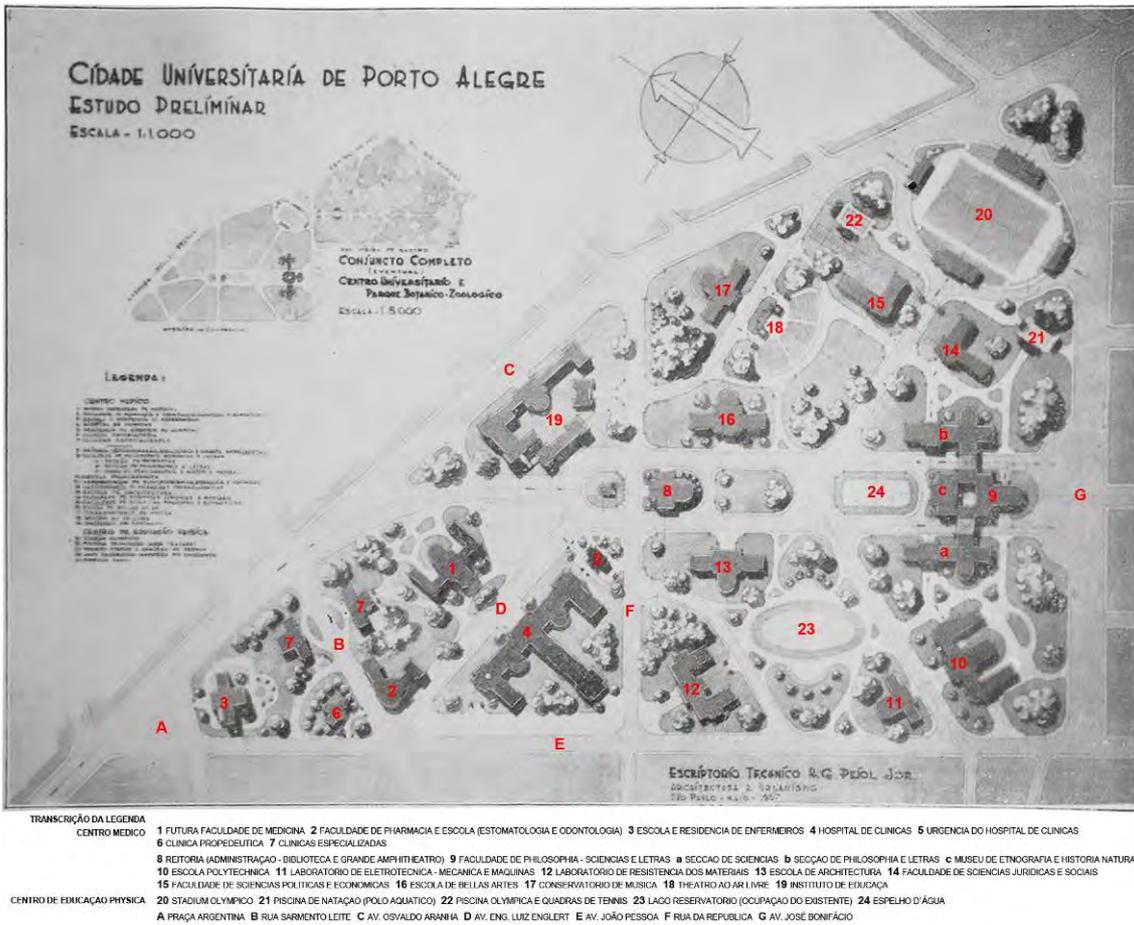


Fig. 24



Fig. 25

Fig. 24 Estudo preliminar para a Cidade Universitária de Porto Alegre: implantação. Hypolito Gustavo Pujol Júnior e Ernesto de Souza Campos, 1937.

Fig. 25 Mapa com a graficação da evolução espacial de Porto Alegre entre 1740 e 1940. Em destaque, a área ocupada pelos quarteirões do Campus Centro da UFRGS.

Cunha, cuja construção havia sido finalizada em 1935 com projeto de Fernando Corona). Seguindo princípios organizativos da tradição *beaux-arts*<sup>140</sup>, a disposição do espaço foi pensada em sete setores: Médico (I), Engenharia e Arquitetura (II), Ciências Jurídicas e Sociais (III), Educação (IV), Filosofia, Ciências e Letras (V), Administração Geral (VI) e Campo de Esporte (VII). O estudo contém ainda um esquema com a proposta do *Conjunto Completo*, incluindo além da *Universidade-parque* no Campo da Redenção, a ocupação do campo da chamada zona das Carretas como *Parque Botânico-Zoológico*. No entanto, apesar de o estudo ter sido aceito junto aos professores da Faculdade de Medicina, não teve a mesma receptividade da sociedade. Isso se deu em função da proposta ocupar a área do Parque Farroupilha, gerando diversas manifestações contrárias, desde o leigo ao técnico<sup>141</sup>. A ocupação total da área do parque também não foi aprovada pelas autoridades locais e levou o professor Saint Pastous a orientar a equipe para o retorno à questão específica da localização do Hospital de Clínicas, em outra região.

Nos anos que se seguiram, durante a administração do Prefeito Loureiro da Silva (1937-1943) foi elaborado o “Plano Director para a Cidade de Porto Alegre”, com autoria de Arnaldo Gladosch<sup>142</sup> (Fig. 26). A essa época a cidade havia se expandido muito, em sentido radial a partir do antigo núcleo fortificado, que passou a configurar região central da cidade. Os terrenos da Universidade, por consequência, passaram a ocupar uma posição privilegiada, de periferia imediata do centro (Fig. 25).

O Plano Gladosch propõe um esquema para a rede viária da cidade, no qual o traçado urbano, de caráter radial, é conectado através de vias perimetrais concêntricas. Essa solução viária já havia sido proposta para Porto Alegre no plano “Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre” de Ubatuba de Faria e Edvaldo Paiva (1936-38). Segundo Célia Ferraz, antes ainda, o Plano de Melhoramentos de Moreira Maciel já anunciava essa solução:

Ao prolongar as vias, procurava comunicá-las criando ou reforçando as radiais ou as vias concêntricas. A articulação entre os segmentos de rua,

---

<sup>140</sup> SILVA, 2006, op. cit., p.28.

<sup>141</sup> Idem, p.31.

<sup>142</sup> O “*Plano de Urbanização da administração Loureiro da Silva (1937-1943) é representado pelos estudos e Anteprojeto do Plano Director de Porto Alegre de Arnaldo Gladosch (1938-44, também conhecido como Plano Gladosch)*” (ABREU, 2006, op. cit., p.10). O 4º estudo do Plano Gladosch é considerado como o definitivo, cuja planta de Urbanismo é identificada como *Plano Director da Cidade de Porto Alegre – Anteprojecto* (Idem, p.124).



Fig. 26



Fig. 27

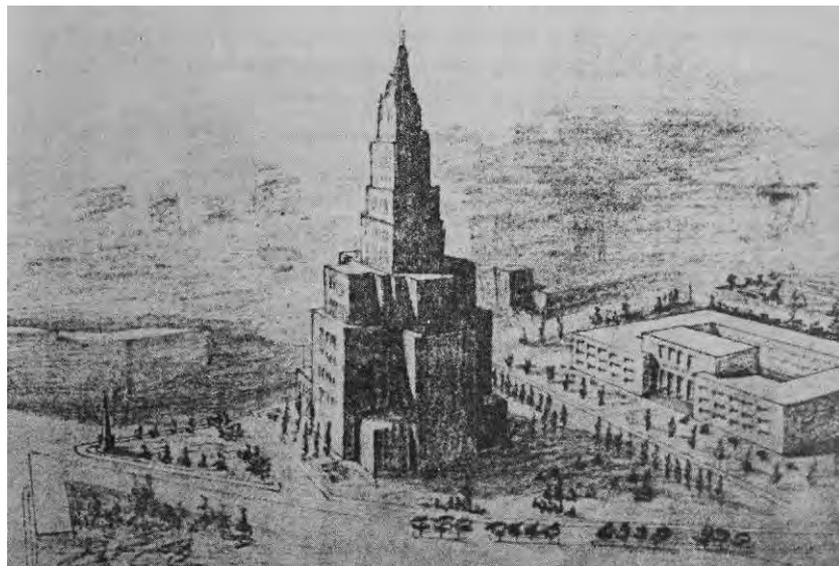


Fig. 28

Fig. 26 Plano Gladosch: planta geral, 1940-41. Em destaque, a reformulação dos quarteirões da UFRGS

Fig. 27 Plano Gladosch: localização da futura Cidade Universitária na planta urbana, 1940-41. Em destaque, a área ocupada pelos quarteirões do Campus Centro da UFRGS.

Fig. 28 Monumento Universitário: perspectiva geral. Leovigildo Paiva e Luiz Leseigneur de Faria, 1945.

configurando polígonos que contornam o Centro, está na origem do que se chama hoje de perimetrais.<sup>143</sup>

O traçado do chamado Primeiro Perímetro do Plano Gladosch foi previsto sobre a Rua Sarmento Leite, transformando-a numa *parkway*<sup>144</sup>. A leste se daria o limite do Parque Farroupilha e a oeste foram propostos quatro novos quarteirões urbanos, resultado de uma reformulação viária no local. Para isso, Gladosch considerou a liberação dos quarteirões ocupados pela Universidade, organizando-a na forma de uma Cidade Universitária localizada em local afastado do centro urbano, em região onde está situado o atual Campus do Vale da UFRGS, na divisa com Viamão (Fig. 27). O autor defende a transferência da Universidade para uma área maior, afirmando que

A atual implantação das escolas superiores foi racional somente numa etapa do desenvolvimento urbano, e hoje, com o desenvolvimento do conjunto urbano, elas não têm, nesse local, possibilidade de expansão e criação de uma verdadeira cidade universitária.<sup>145</sup>

O projeto para o Primeiro Perímetro conforme previsto por Gladosch, no entanto, não foi concretizado, e os quarteirões da Universidade se mantiveram sem alterações.

Passados alguns anos, surge nova proposta no sentido de unificar a Universidade na região do Centro, porém nesse caso o estudo previa somente a utilização dos dois quarteirões já ocupados pela instituição. Em 1945, no Programa de Ação e Desenvolvimento, aprovado pela Congregação da Escola de Engenharia e submetido ao então Interventor Federal Ernesto Dornelles, foi incluído o projeto dos professores Leovigildo Paiva e Luiz Leseigneur de Faria<sup>146</sup> (Fig. 28). A ideia propunha a construção de um grande edifício, um Monumento Universitário, em um pátio central no 1º Quarteirão. O prédio, em forma de cruz, teria ao centro uma torre alta, com base 15x15 metros. As pontas da cruz, voltadas uma para cada rua, abrigariam a Engenharia, o Direito, a Administração e a Filosofia, enquanto na torre “*estariam agrupados a Reitoria, Conselho Universitário, bibliotecas, Centros de Estudantes, cinemas, rádio, restaurantes e bares nas varandas*”<sup>147</sup>. Ainda que na bibliografia consultada conste que os autores não previam demolição alguma, a imagem

---

<sup>143</sup> SOUZA, 2008, op. cit., p.121.

<sup>144</sup> SILVA, Loureira da. *Um Plano de Urbanização*. Porto Alegre: Globo, 1943, p.39.

<sup>145</sup> SILVA, 1943, op. cit., p.52.

<sup>146</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Localização do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1967, p.3-4.

<sup>147</sup> ESPÍNDOLA, 1979, op. cit., p.42.



perspectiva da proposta não considera nenhum dos edifícios existentes. Além disso, foi encontrada uma prancha de implantação que possui forte relação com a ideia demonstrada na perspectiva, contendo um edifício em cruz no 1º Quarteirão e outro com ocupação perimetral e pátio central no 2º Quarteirão, que também não inclui os prédios existentes (Fig. 29). Foi consultado, ainda, um estudo que simula a localização do prédio em cruz no novo traçado proposto pelo Plano Gladosh, em vigor na época (Fig. 30). A partir das discussões iniciadas pela polêmica proposta do Monumento Universitário, foi designada nova comissão para estudar a questão da expansão da Universidade, que decidiu por manter a definição do Plano Gladosh.

A partir de então, a ideia de concentrar a Universidade junto aos quarteirões centrais foi superada, e com relação ao planejamento de ocupação da área do Campus Centro, os estudos consultados com data posterior à proposta do Monumento Universitário tratam essencialmente da organização do espaço do campus.

Com data provável do início da década de 1950, um estudo de implantação desenvolvido pela equipe técnica da UFRGS apresenta uma análise de ocupação dos quarteirões, diferenciando as edificações em “*Obras Projetadas*” e “*Prédios Existentes*” (Fig. 31). No 1º Quarteirão a proposta prevê três novos edifícios, localizados no perímetro entre o prédio centenário da Escola de Engenharia e o prédio do Instituto Eletrotécnico, cujas legendas indicam Escola de Engenharia, Estação da Rádio e Faculdade de Arquitetura. No centro há o estudo de um edifício para abrigar a Administração Geral. No 2º Quarteirão foi prevista uma grande parcela para o Instituto Tecnológico, e a ponta que faz frente com o Parque Farroupilha foi ocupada com um novo edifício para a Reitoria. Essa proposta considerava, portanto, a demolição dos edifícios do Conjunto do Largo Paganini, da Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico (utilizado pela Rádio), do Instituto de Educação Doméstica e Rural e do Laboratório de Resistência dos Materiais, além de diversos pavilhões e pequenas construções de caráter provisório situados no miolo dos quarteirões.

Com a federalização da Universidade em 1951 e a posse do reitor Elyseu Paglioli no ano seguinte, a instituição iniciou uma singular fase de expansão, qualitativa e quantitativa. Ao término da longa gestão do professor Paglioli, em 1964, a UFRGS, no território de Porto Alegre, havia densificado o Campus Centro, consolidado o Campus Saúde e iniciado a ocupação do Campus do Vale, além de ter adquirido diversos edifícios dispersos na malha viária da cidade.



Fig. 32



Fig. 33

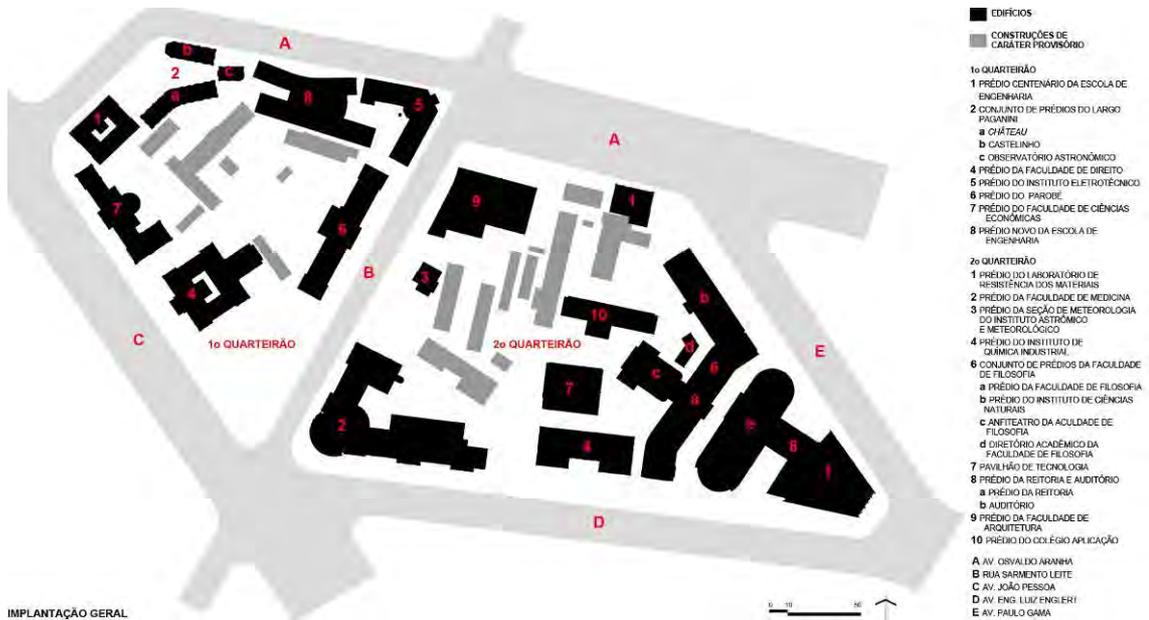


Fig. 34

Fig. 32 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: vista aérea, final da década de 1950 (ainda sem a conclusão do prédio do Colégio de Aplicação).

Fig. 33 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: vista aérea, década de 1960.

Fig. 34 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: simulação da situação no início dos anos 1960.

O Campus Centro, no período que antecedeu a gestão de Paglioli, não havia recebido nenhum novo edifício desde a conclusão da sede do antigo Instituto Parobé em 1928, apenas construções de caráter provisório, como pequenas edificações sem qualidade ou pavilhões construídas para suprir a crescente demanda de espaços. No período que se estende de 1951 a 1964, entretanto, foram inaugurados onze novos prédios: o prédio da Faculdade de Filosofia, juntamente com os prédios do anfiteatro e diretório acadêmico da mesma faculdade, e do Instituto de Ciências Naturais; o Pavilhão de Tecnologia do Instituto de Química; os edifícios da Reitoria e Auditório; o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas; o prédio da Faculdade de Arquitetura; o prédio novo da Escola de Engenharia e o prédio do Colégio Aplicação. A maioria deles, nove dos onze, foi construída no 2º Quarteirão, onde havia mais espaço disponível. As edificações de caráter provisório situadas nos locais das novas construções foram demolidas, enquanto as demais foram mantidas (Fig. 32 a Fig. 34).

Essa expansão foi parte de um contexto nacional pós-guerra de intenso crescimento econômico, quando durante a chamada Nova República o Brasil viveu um período marcado por medidas de cunho nacionalista e desenvolvimentista. A formação da mão de obra qualificada, necessária aos avanços técnicos e industriais pretendidos pelo governo e à expansão prevista no modelo, estava calcada no desenvolvimento das instituições de ensino superior.

Os edifícios construídos nessa etapa possuem características da arquitetura moderna, correspondendo ao período de construções da arquitetura modernista no Campus Centro. Em função do sistema estrutural com o uso do concreto armado e das pressões de intensidade de programa em implantações limitadas, possuem maior altura se comparados com os construídos no início do século, acompanhando o processo de densificação e verticalização da cidade nos anos 50. Além disso, os edifícios utilizam uma implantação mais solta, ocupando áreas de miolo de quarteirão e, em alguns casos, mantendo a permeabilidade do pavimento térreo.

Paralelamente a essa vigorosa expansão, a questão da Avenida Perimetral voltou a ameaçar a integridade dos quarteirões do Campus Centro da Universidade. O Plano Diretor de Porto Alegre de 1959/61<sup>148</sup> lançou o traçado da sua Primeira Perimetral confrontando diretamente, no trecho B, o polígono universitário em seus dois quarteirões, o que acarretaria a demolição de vários edifícios da instituição e o

---

<sup>148</sup> O Plano Diretor de 1959/61 foi consolidado num documento e publicado apenas em 1964, como *Plano Diretor de Porto Alegre: 1954-1964* (ABREU, 2006, op. cit., p.238).



Fig. 35



Fig. 36

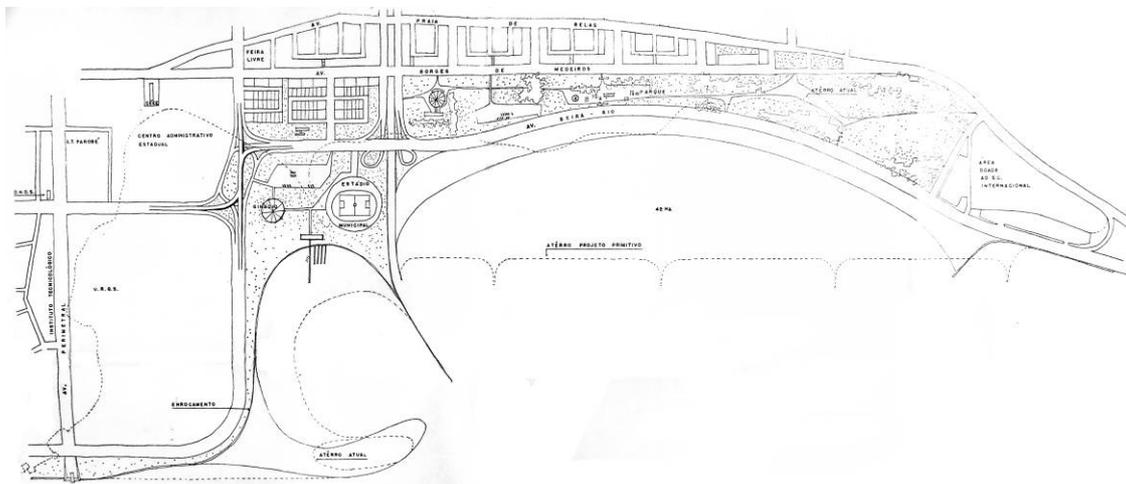


Fig. 37

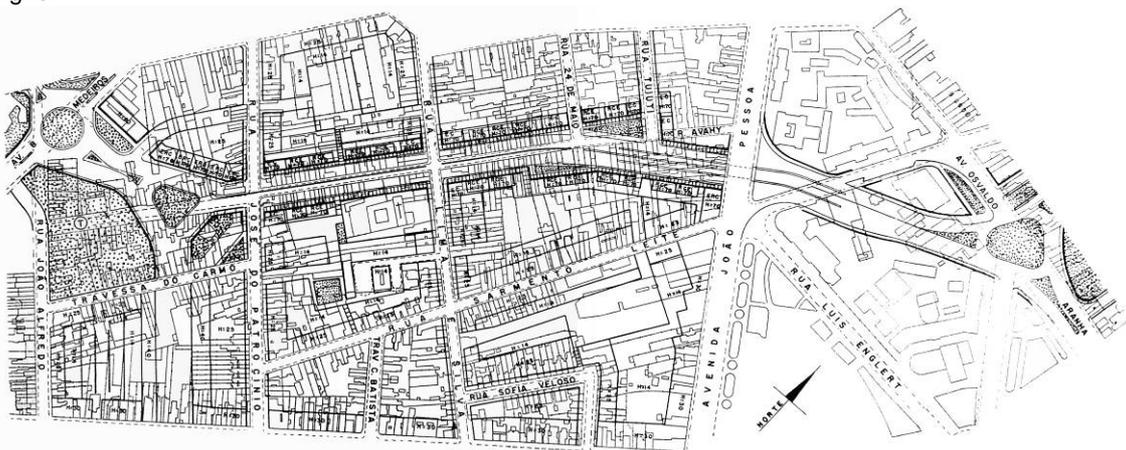


Fig. 38

Fig. 35 Plano Diretor de 1959/61: planta geral. Em destaque, a área dos quarteirões da UFRGS.

Fig. 36 Plano Diretor de 1959/61: traçado da Primeira Perimetral. Em destaque, no Trecho B, a área dos quarteirões da UFRGS.

Fig. 37 Plano Diretor de 1959/61: Praia de Belas novo projeto. A área reservada para a UFRGS se localiza embaixo da imagem, à esquerda.

Fig. 38 Plano Diretor de 1959/61: detalhamento do Trecho B da Avenida Perimetral.

fracionamento do 2º Quarteirão. O Plano previa ainda uma área para a Universidade no futuro aterro da Praia de Belas (Fig. 35 a Fig. 38).

Já em 1954, quando foi iniciada a construção do prédio da Faculdade de Arquitetura, a Universidade foi acionada pela Prefeitura Municipal. O reitor Elyseu Paglioli relata que já haviam sido concluídos o estaqueamento e os blocos de fundação quando a Universidade recebeu do prefeito *“um ofício em termos proibitivos à continuação da obra, sob pena de responsabilidade dos prejuízos futuros, pois o prédio incidiria no plano da futura Avenida Perimetral”*<sup>149</sup>. Após extensas tratativas da Prefeitura com a Reitoria, ficou então acordada a construção parcial do edifício, reduzindo o número de pavimentos e o comprimento planejados<sup>150</sup>.

Nessa época o traçado proposto pela Prefeitura cortava do terreno da esquina ao lado do prédio da Faculdade de Direito (1º Quarteirão) até o terreno da esquina do prédio da Faculdade de Arquitetura (2º Quarteirão). Foi consultado um estudo, datado do fim da década de 1950, que apresenta um levantamento da situação física do campus e três hipóteses de reestruturação e expansão do 1º Quarteirão a partir da execução da Avenida Perimetral com esse traçado, incluindo um comparativo de áreas a demolir e a construir (Fig. 39). Nas três opções são propostos blocos ocupando a área de miolo do referido quarteirão.

Após a finalização da construção do edifício da Faculdade de Arquitetura, segundo Elyseu Paglioli, *“à Universidade foi apresentado um novo traçado, este passando agora pelo centro do quarteirão e não mais sobre a Faculdade”*<sup>151</sup>. Um estudo da Seção de Planejamento da S.M.O.V., cuja cópia é datada de 1961, demonstra a proposta do novo traçado a que se referiu o reitor (Fig. 40). No estudo, a via projetada corta o terreno da esquina ao lado do prédio da Faculdade de Direito passando entre o prédio da Faculdade de Arquitetura e o prédio do antigo Instituto de Ciências Naturais, considerando a demolição parcial do prédio da Faculdade de Medicina e total do antigo Laboratório de Resistência dos Materiais. O Plano Diretor publicado em 1964, no detalhe do trecho B da Avenida Perimetral, consolidou o traçado acima referido. O arquiteto Moacyr Moojen Marques, à época integrante da equipe da Prefeitura responsável pela formulação do Plano Diretor juntamente com Roberto Veronese e Carlos Maximiliano Fayet, foi quem *“dedicou-se, além da*

---

<sup>149</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.122-123.

<sup>150</sup> Sobre o prédio da Faculdade de Arquitetura, consultar subitem .9 do item 4.2.2.

<sup>151</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.125.



Fig. 39

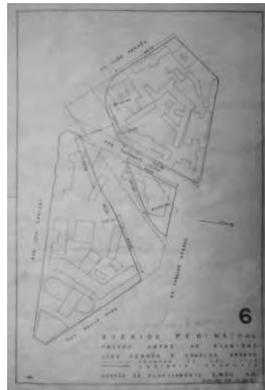


Fig. 40



Fig. 41



Fig. 42

Fig. 39 Planejamento do 1º Quarteirão Universitário: implantação. Sec. de Planejamento, final da década de 1950.

Fig. 40 Avenida Perimetral, trecho entre as avenidas João Pessoa e Osvaldo Aranha: estudo de variação do traçado no trecho. Seção de Planejamento, S.M.O.V., cópia datada de 1961.

Fig. 41 Primeira Perimetral, trecho João Pessoa - Osvaldo Aranha: estudo considerando o enterramento do trecho. Prefeitura Municipal, cópia datada de 1970.

Fig. 42 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: vista aérea, década de 1970.

*discussão e diretrizes gerais do traçado da Primeira Perimetral, ao detalhamento do trecho “B”, e às intermediações com a UFRGS*<sup>152</sup>.

Antecipando-se, a administração da UFRGS implantou o edifício do Colégio de Aplicação, última das construções desse período no Campus Centro, exatamente sobre o traçado da Avenida Perimetral previsto pela Prefeitura, buscando inviabilizar a execução da passagem da via pela área.

Um outro estudo elaborado pela Prefeitura, em cuja cópia consta a data de 1970, propõe a execução da via enterrada no trecho que atravessa os quarteirões universitários (Fig. 41). Segundo o arquiteto Sérgio Marques, esse estudo foi resultado de novas negociações de Moacyr Moojen Marques com a Universidade,

[...] culminando com a proposta de enterramento da perimetral sob o campus, com demolição de parte do prédio da Medicina (anexo construído posteriormente ao projeto original de Theo Wiedersphan) em troca de incorporação da Rua Sarmiento Leite à área do campus, proposta que também não evoluiu.<sup>153</sup>

Assim, a Prefeitura completou no início dos anos 70 o complexo de Túneis e Elevada da Conceição e o Viaduto da Avenida João Pessoa, nas duas pontas da Perimetral, mas ficou faltando a execução do trecho de ligação entre eles, sobre o 2º Quarteirão da UFRGS (Fig. 42).

---

<sup>152</sup> MARQUES, Sergio Moacir. *Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul - 1950/1970*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2012, p.218.

<sup>153</sup> Idem, *ibidem*.

### 3.5 Um Campus Central consolidado, perspectivas e transformações

Durante a gestão do reitor Francisco Ferraz (1884-1888), os quarteirões centrais foram alvo do Projeto Centro Cultural (Fig. 43 a Fig. 45). A proposta transcendia as questões do planejamento físico. Segundo Ferraz,

[...] era resultante de um diagnóstico sobre a questão geral do espaço físico da Universidade, em todos os sítios que ocupava na cidade, sobre a destinação que devia ser dada aos treze prédios históricos da UFRGS e o diagnóstico sobre a função cultural da Universidade em relação à sociedade.<sup>154</sup>

Considerando “a questão do espaço físico da UFRGS como um problema mais amplo que [apenas] a construção do novo Campus”<sup>155</sup>, a administração entendia que os demais *campi* já consolidados (Centro, Saúde, Olímpico) deveriam ser mantidos e que o novo Campus (Campus do Vale) deveria concentrar os institutos básicos e de pesquisa. Assim, a desocupação de alguns edifícios do Campus Centro (em função dos novos espaços criados no Campus do Vale e no Campus Saúde) foi considerada como uma oportunidade de criar espaços de apoio a atividades culturais, como bibliotecas, museus, auditórios e teatros, estendendo o alcance dessas atividades a toda comunidade.

A partir de uma análise histórica sobre a ocupação dos quarteirões, foram primeiramente identificados os *prédios históricos*, referindo-se aos edifícios construídos no início do século XX mais o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas. O estudo dessas edificações constatou que ao longo do tempo diversas intervenções foram realizadas de maneira inapropriada, “conduzindo à mutilação dos prédios históricos e à sobrecarga de suas instalações”<sup>156</sup>. Assim, o Projeto Centro Cultural propôs a restauração desses edifícios e a reconversão para as novas funções, culturais. Complementarmente, a partir do levantamento espacial da situação dos quarteirões e da constatação do uso desqualificado de suas áreas centrais, o projeto previu o tratamento urbanístico dos espaços abertos no entorno dos prédios. Na Planta Geral da proposta é possível identificar a criação de uma praça no centro de

---

<sup>154</sup> OLIVEIRA; LICHT, 2004, op. cit., p.103.

<sup>155</sup> Idem, p.104.

<sup>156</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987a, op. cit., s/n.

cada quarteirão, conectadas por uma passarela sobre a Rua Sarmento Leite. Assim descreve o autor do projeto, o arquiteto Cyrillo Crestani:

No primeiro quarteirão, aproveitando o posicionamento dos prédios, é criada uma praça central cuja composição aproveita as árvores ali existentes e cria planos verticais com vegetação de porte, demarcando assim espaços funcionais distintos, e dirigindo o olhar para os prédios recompostos, para os espelhos d'água ou para o monumento alusivo à fundação da Universidade. O desnível natural do terreno favorece a construção de um pequeno anfiteatro aberto. No segundo quarteirão, integrado ao primeiro por caminhos e aberturas, a composição é centralizada num lago circular de onde partem os planos verticais que formam e orientam as perspectivas para os pontos de interesse deste grande espaço. Há também áreas específicas para encontro, exposições ou apresentação de um coral ou de uma orquestra. Tudo está pensado para recriar os valores dos grandes espaços, sem perder, contudo, o senso da escala humana.<sup>157</sup>

O Projeto Centro Cultural foi amplamente divulgado dentro e fora do âmbito institucional, inclusive como conteúdo de encarte especial da Revista ZH, do Jornal Zero Hora em 1986<sup>158</sup>. Os autores da proposta se utilizaram de diversas imagens perspectivas para facilitar o entendimento geral, tanto de vistas aéreas incluindo os dois quarteirões quanto de vistas de observador, a partir das praças projetadas. Com o grande desafio de “*criar oportunidades de encontro e convívio da sociedade com a Universidade de maneira simultaneamente espontânea e estruturada*”<sup>159</sup>, o projeto obteve enorme repercussão, provocando centenas de manifestações de apoio destinadas ao reitor<sup>160</sup>.

Efetivamente, o Projeto Centro Cultural realizou entre julho de 1986 e agosto de 1987 três edições da Programação de Férias, ação desenvolvida durante o período de férias letivas incluindo atividades diversas, como mostras, exposições, visitas orientadas, atividades experimentais e cursos, além da execução de diversas das reformas e restaurações previstas para os edifícios. Em publicação específica sobre o projeto de reforma do Auditório<sup>161</sup>, é possível perceber a intenção do uso integrado dos espaços da sala de espetáculos, do prédio da Reitoria e do conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia, formando o Centro de Convenções do Centro Cultural (Fig. 46). O tratamento das áreas externas não foi executado.

---

<sup>157</sup> CENTRO, 1986, op. cit., s/n.

<sup>158</sup> Idem, ibidem.

<sup>159</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987a, op. cit, s/n.

<sup>160</sup> As manifestações de apoio foram compiladas na publicação UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Centro Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: manifestações de apoio*. Porto Alegre: UFRGS, 1986.

<sup>161</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987b, op. cit., s/n.

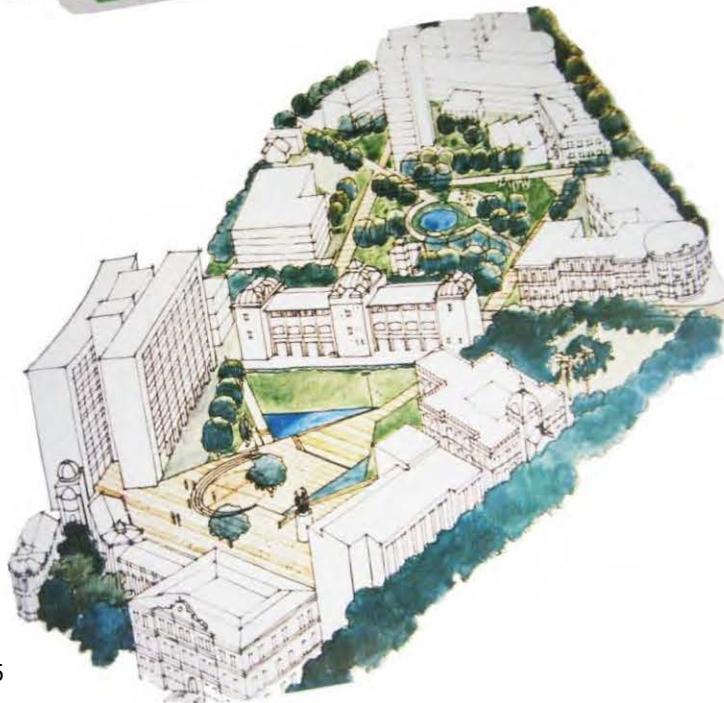
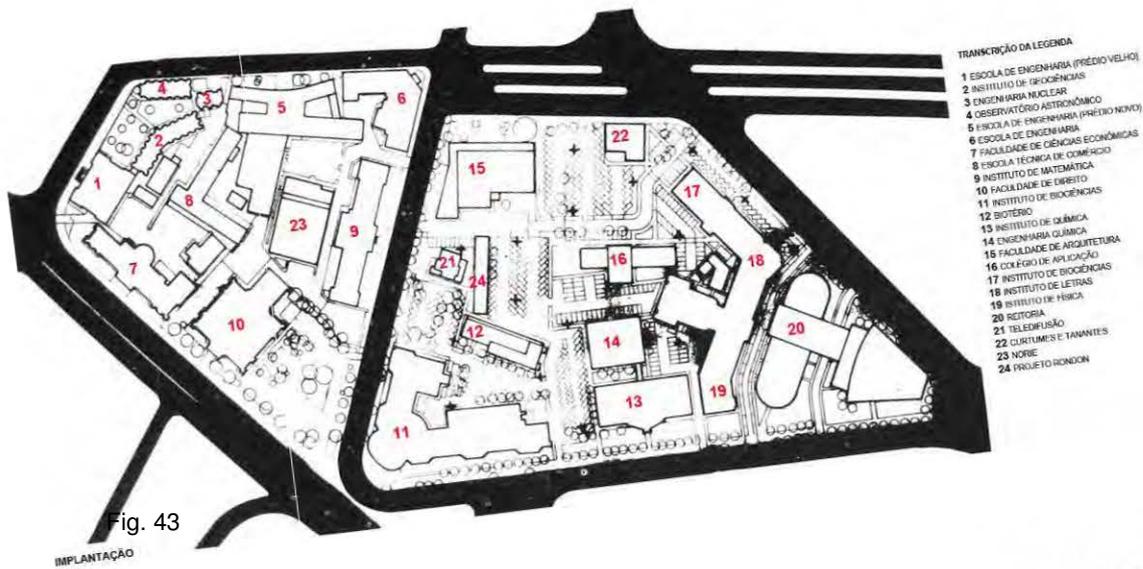


Fig. 43 Projeto Centro Cultural: planta geral, levantamento da situação. Cyrillo Severo Crestani, 1986.

Fig. 44 Projeto Centro Cultural: planta geral, projeto. Cyrillo Severo Crestani, 1986.

Fig. 45 Projeto Centro Cultural: perspectiva geral. Cyrillo Severo Crestani, 1986.

O impasse em relação ao trespasse da Avenida Perimetral sobre a área da Universidade durou até a década de 1980, quando foi dada uma solução provisória, através do desvio do traçado, que passou a contornar o 2º Quarteirão através das avenidas Eng. Luiz Englert e Paulo Gama (no sentido norte) e Rua Sarmiento Leite (no sentido sul) (Fig. 47 e Fig. 48). Segundo Sérgio Marques, essa adaptação também foi projetada por Moacyr Moojen Marques<sup>162</sup>. A Primeira Perimetral, logo, resta inconclusa no trecho, representando um problema para a mobilidade e acessibilidade geral da área central da cidade. A intenção de executá-la atravessando os quarteirões, entretanto, vem sido mantida pelos Planos Diretores subsequentes, sem qualquer viabilidade real como obra viária de superfície (Fig. 49 e Fig. 50).

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), de 1999 e com atualização recente de 2010, mantém a dualidade em relação à área<sup>163</sup>. Ainda que o conjunto dos dois quarteirões do Campus Centro faça parte da mesma Área de Interesse Cultural<sup>164</sup>, com regime urbanístico próprio, o Modelo Espacial do Plano mantém o traçado da 1ª Avenida Perimetral como limite entre as Macrozonas do Centro Histórico e do Corredor de Urbanidade. Em função de o traçado estar previsto sobre o 2º Quarteirão, a área da UFRGS fica dividida entre as duas Macrozonas citadas. Isso dificulta o planejamento conjunto da área, uma vez que em sua Estratégia de Produção da Cidade, o Plano prevê um Programa de Projetos Especiais que define os projetos estratégicos para cada Macrozona, com agentes e focos distintos. A própria inclusão de prédios do 2º Quarteirão do Campus Centro no Programa Monumenta<sup>165</sup>, por exemplo, fica prejudicada, pois o programa incide apenas sobre a área do Centro Histórico.

---

<sup>162</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>163</sup> O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (PDDUA) foi instituído pela Lei Complementar nº 434 de 1º de dezembro de 1999 e alterado pela Lei Complementar nº 646 de 22 de julho de 2010 (PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria do Planejamento. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (Lei Complementar nº 434/99)*. Porto Alegre: PMPA, 2000; PORTO ALEGRE. *Lei Complementar nº 646 de 22 de julho de 2010*. Disponível em <[http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/lc\\_646\\_para\\_site-\\_22\\_de\\_julho.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/lc_646_para_site-_22_de_julho.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2014.).

<sup>164</sup> Os dois quarteirões do Campus Centro da UFRGS juntamente com o quarteirão do Instituto de Educação General Flores da Cunha formam a Área de Interesse Cultural (AIC) denominada Parque Farroupilha, definida no Anexo 3.82 do PDDUA (PORTO ALEGRE, 2000, *op. cit.*).

<sup>165</sup> O Monumenta é um programa federal, do Ministério da Cultura, que tem por objetivo atuar nos sítios históricos urbanos brasileiros, não apenas como um programa de recuperação física de monumentos, mas visando criar referenciais para prática da gestão sustentada do patrimônio cultural. Atua com recursos do Orçamento da União e financiamento do BID, com a cooperação da Unesco e da Caixa Federal, com contrapartidas do município onde o Programa está inserido. Criado em 1995, começou a ser executado em Porto Alegre desde 2001 (PROJETO Monumenta. Disponível em <[http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=110](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=110)>. Acesso em 15 de março de 2014.).

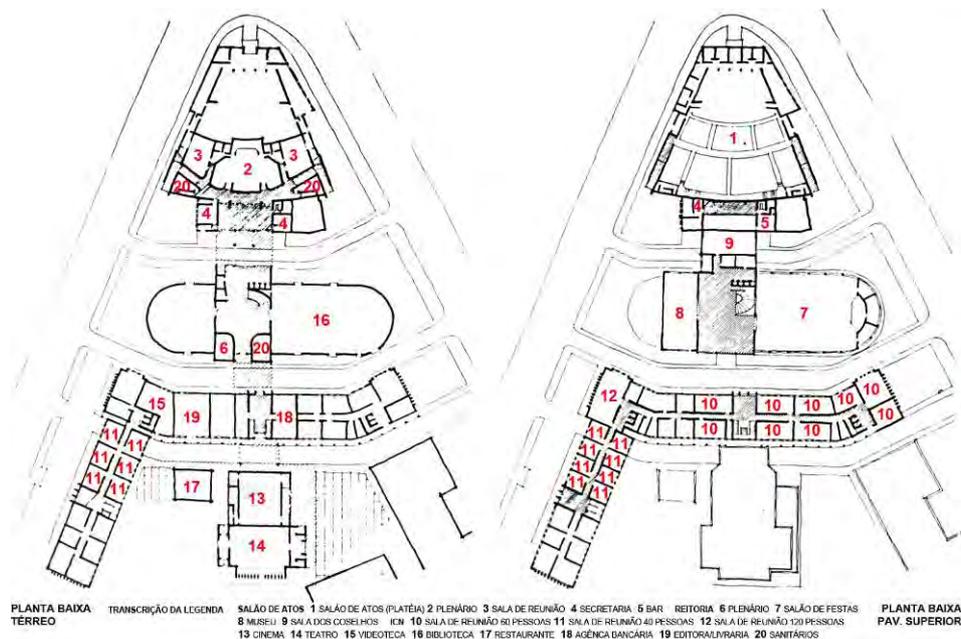


Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48



Fig. 49



Fig. 50

Fig. 46 Projeto Centro Cultural – Centro de Convenções: plantas baixas do térreo e pavimento superior. Cyrillo Severo Crestani, 1986.

Fig. 47 Primeira Perimetral: traçado em uso, com o trecho desviado (em pontilhado o trecho original), década de 2010.

Fig. 48 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: vista aérea, 2006.

Fig. 49 e Fig. 50 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre (1º PDDU): Anexo 3 - Área Central (recorte), 1979 e Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (PDDUA): Cartas 1:5000 (recorte), 1999.

Assim, os quarteirões do Campus Centro não sofreram alterações de traçado, e atualmente os seus edifícios têm recebido principalmente intervenções de restauração, como parte do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. Em execução pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) desde 1998, o projeto busca a manutenção e qualificação do conjunto edificado da Universidade, que possui exemplares considerados hoje patrimônio cultural a nível institucional, nos âmbitos municipal, estadual e federal. O projeto investe na valorização e conscientização desse patrimônio pela sociedade, executando as obras através de recursos captados por doação, com base na *Lei Rouanet*<sup>166</sup>. Além do objetivo da restauração individual de cada edificação, foi elaborado um Plano Diretor do Campus Universitário, incluindo o tratamento e a reformulação das áreas externas, que vem sendo executado por partes (Fig. 51). A proximidade conceitual ao plano do Projeto Centro Cultural é clara, e o fato do arquiteto coordenador da Secretaria à época, Edison Zanckin Alice, ter feito parte da equipe do Escritório Técnico da UFRGS quando do desenvolvimento do referido plano, apenas confirma o teor de continuidade das propostas. Os eixos principais de organização do espaço aberto foram mantidos, assim como a proposta de limpeza dos miolos de quarteirão, apesar de o projeto atual considerar uma área muito menor de praça, em função de grande área destinada a vagas para estacionamento de veículos. Além disso, o plano atual propõe a criação de um novo edifício de Salas de Aula no centro do 1º Quarteirão, juntamente com uma praça elevada.

Portanto, a única nova edificação que o campus recebeu desde a construção do prédio do Colégio Aplicação, na década de 1960, foi o novo prédio de Salas de Aula cuja construção foi finalizada em 2013, ficando ainda pendente a construção da praça elevada, que faria a articulação entre os prédios do quarteirão, completando seu espaço interno (Fig. 52).

Referente ao espaço externo, muito do Plano Geral do Projeto Resgate já foi realizado, transformando consideravelmente a paisagem dos quarteirões desde a situação encontrada nos anos 1980. No 1º Quarteirão foi recém-finalizada a construção do novo edifício, que incluiu a demolição de alguns pavilhões de caráter provisório do miolo. Além disso, foi realizada a restauração do Largo Paganini e o tratamento das adjacências dos prédios já restaurados da Faculdade de Direito e

---

<sup>166</sup> Lei Federal de Incentivo à Cultura, Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991.



Fig. 51

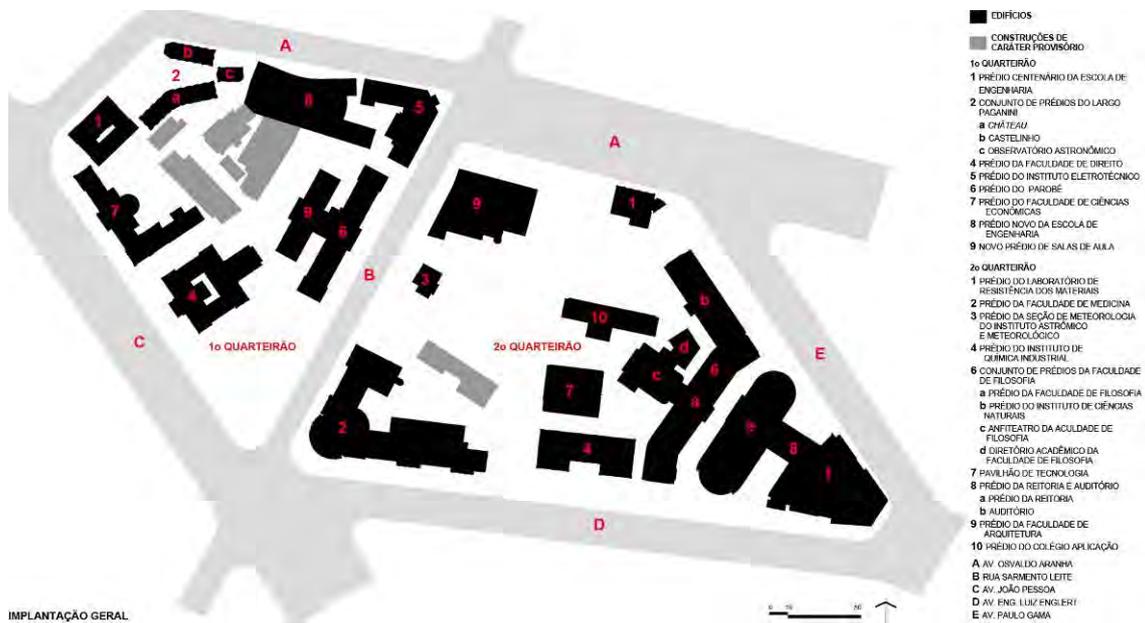


Fig. 52

Fig. 51 Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS: planta geral. Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, 2011.

Fig. 52 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: implantação da situação atual, 2014.

centenário da Escola de Engenharia. No 2º Quarteirão o fluxo de veículos foi reformulado, criando um eixo de circulação de pedestres, pavimentado, ligando os acessos da Avenida Osvaldo Aranha e da Rua Sarmiento Leite, incluindo o tratamento das adjacências dos edifícios ao longo dele. Nesse quarteirão também foi realizado um trabalho de pavimentação nas áreas próximas aos edifícios da Reitoria, Salão de Atos e conjunto da Faculdade de Filosofia.

A restauração individual dos edifícios iniciou pelos exemplares construídos no começo do século XX, do período eclético. Até hoje foi realizada intervenção completa em sete deles e localizada em outros três. Do período modernista, quatro dos edifícios receberam interferência pontual<sup>167</sup>.

Recentemente, em outubro de 2013, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) delimitou a região dos dois quarteirões como área de entorno dos bens já tombados pelo mesmo instituto, localizados no 1º Quarteirão, medida que fortalece as ações de preservação sobre esse patrimônio.

---

<sup>167</sup> Sobre as intervenções de restauração em cada edifício, consultar item 4.2.

**Arquitetura no Campus Centro 4**



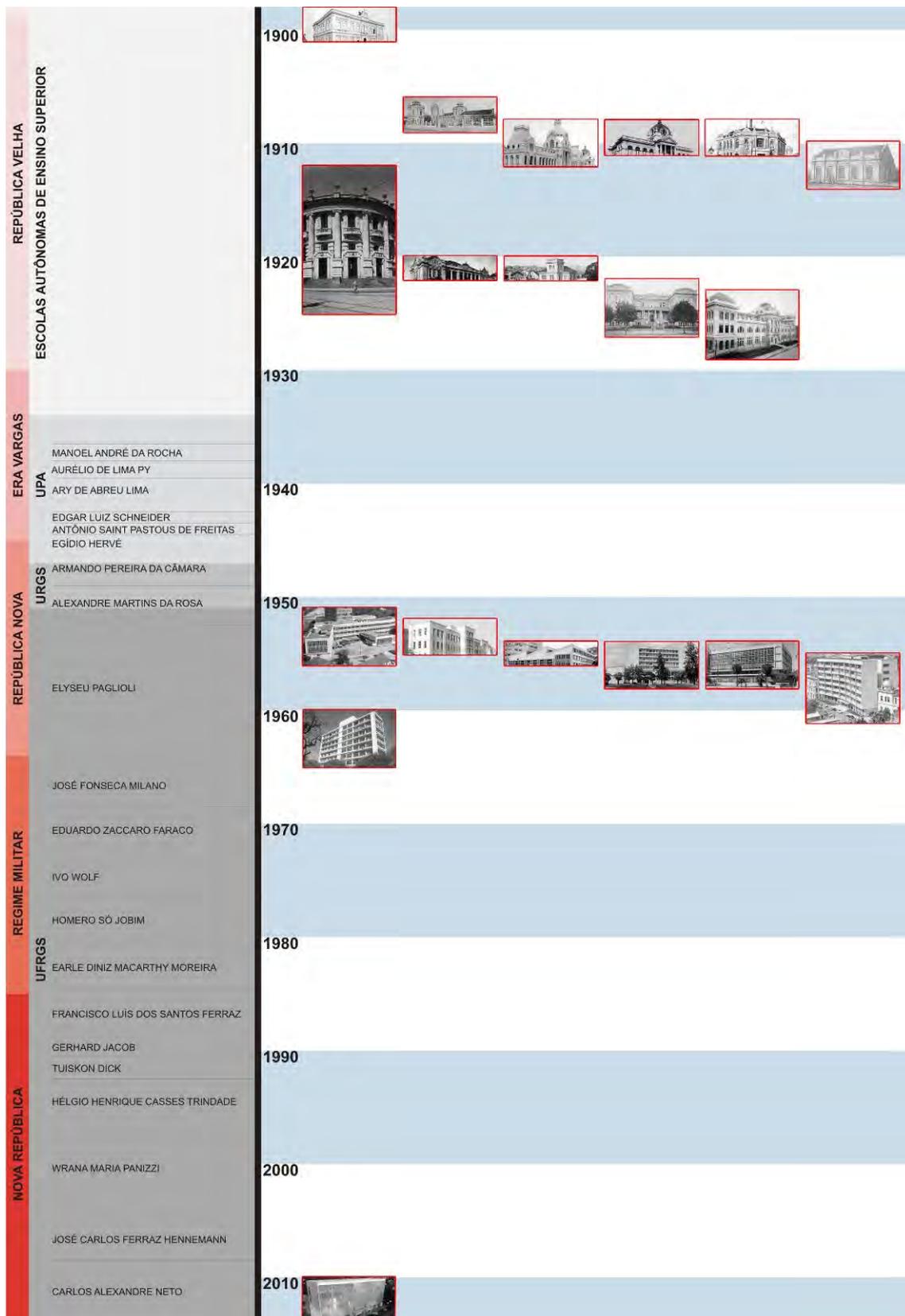


Fig. 53

Fig. 53 Esquema cronológico do período de construção dos edifícios do Campus Centro da UFRGS, relacionando com as etapas administrativas da instituição e os regimes de governo do país.



## 4.1 Os períodos

A região que corresponde ao polígono do Campus Centro recebeu, ao longo dos anos, a construção de 25 edifícios<sup>168</sup>. Com exceção do contemporâneo prédio de Salas de Aula, cuja construção foi finalizada em 2013, o restante das edificações pode ser dividido em duas etapas de construção, considerando o período histórico em que as edificações foram construídas, a linguagem arquitetônica e as características construtivas utilizadas: o período da arquitetura eclética e o período da arquitetura moderna.

### 4.1.1 Período da arquitetura eclética

O período de construções da arquitetura eclética do Campus Centro da UFRGS se deu entre 1898 e 1928, durante o regime de governo brasileiro conhecido como República Velha, e é composto pelas seguintes edificações: no 1º Quarteirão, o prédio centenário da Escola de Engenharia, o conjunto de prédios do Largo Paganini (*Château*, Castelinho e Observatório Astronômico), o prédio da Faculdade de Direito e os prédios dos institutos Ginásio Júlio de Castilhos, Eletrotécnico e Parobé; no 2º Quarteirão, o prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais, o prédio da Faculdade de Medicina, o prédio da Seção de Meteorologia do Instituto de Astronomia e Meteorologia e os prédios dos institutos de Química Industrial de Educação Doméstica e Rural (Fig. 54 e Fig. 55).

Até o final do século XIX, ao longo do período imperial brasileiro, a produção arquitetônica no país - e em Porto Alegre - utilizava a linguagem neoclássica. Tardiamente em relação à Europa, o ecletismo teve suas primeiras manifestações no país apenas ao final do Império. Segundo Bárbara Schäffer, “*a proclamação da República em 1889 determinou uma importante mudança no contexto arquitetônico. Os governos provinciais ganharam autonomia e puderam construir escolhendo suas referências estilísticas*”<sup>169</sup>. Assim, durante as primeiras décadas do século XX, “a

---

<sup>168</sup> Não foram considerados nesse cômputo e, assim, não serão analisados individualmente nesse trabalho, as pequenas edificações e pavilhões de caráter provisório construídos na área do campus.

<sup>169</sup> SCHÄFFER, 2011, op. cit., p.30.

*arquitetura presente na cidade de Porto Alegre começa a exibir obras ecléticas com referência ao classicismo, ao barroco e ao gótico, simultaneamente à introdução de novas tecnologias como o ferro e o concreto*<sup>170</sup>.

Portanto, inseridas no contexto arquitetônico acima descrito, as edificações construídas para as escolas autônomas de ensino superior em Porto Alegre seguiram a tendência estilística vigente, apresentando predomínio eclético.

Dos treze edifícios que compõe o período eclético, apenas o conjunto formado pelo *Château*, Castelinho e Observatório Astronômico possui influência *Art Nouveau*, o restante apresenta características do ecletismo: o prédio centenário da Escola de Engenharia e o prédio do Instituto Parobé, de um ecletismo classicista; o prédio da Faculdade de Direito e o prédio da Faculdade de Medicina, de um ecletismo neobarroco; e os demais se apresentam como manifestações ecléticas<sup>171</sup>. O fato de algumas das edificações apresentarem influência *Art Nouveau* não foge à produção do período, uma vez que, ainda segundo Schäffer, “*as ocorrências do Art Nouveau em Porto Alegre são incluídas no contexto do ecletismo por ocorrerem junto com os estilos historicistas, ou seja, como mais uma vertente estilística*”<sup>172</sup>.

A criação da Universidade de Porto Alegre (UPA) em 1934 aglutinou as escolas em uma única instituição, que logo foi elevada a nível estadual e regional. Com a federalização em 1951 os edifícios, que no início do século XX abrigaram as primeiras instituições autônomas do ensino superior do estado, passaram então a constituir a estrutura física da UFRGS.

Somente duas das edificações citadas não permaneceram até os dias de hoje: o prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, destruído por um incêndio na década de 1950, e o prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural, que se situava no terreno onde foi construído o prédio da Faculdade de Arquitetura.

Atualmente, os edifícios fazem parte do inventário de bens imóveis do

---

<sup>170</sup> Idem, p.31.

<sup>171</sup> Conforme a classificação sistematizada por Bárbara Schäffer, as manifestações ecléticas correspondem aos exemplares que não são uma manifestação exclusiva ou que agregam elementos de diferentes vertentes ecléticas (SCHÄFFER, 2011, op. cit.).

<sup>172</sup> SCHÄFFER, 2011, op. cit., p.32.



Fig. 54



Fig. 55

Fig. 54 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: implantação geral com os edifícios do período da arquitetura eclética.

Fig. 55 1º Quarteirão do Campus Centro da UFRGS: vista oeste, década de 1930.

patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre<sup>173</sup> e foram declarados integrantes do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul pela Lei Estadual 11.525/2000<sup>174</sup>. Além disso, os prédios da Faculdade de Direito e do Observatório Astronômico foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 1998<sup>175</sup>.

Segundo Gelson Pinto e Ester Buffa, o conjunto formado pelas edificações do período eclético no Campus Centro reúne “os edifícios mais exuberantes e significativos no que se refere à arquitetura dessa universidade”<sup>176</sup>. Os autores ainda afirmam que “é possível encontrar, em outras universidades, prédios isolados que apresentam requinte de projeto e de construção”<sup>177</sup>, porém o diferencial de Porto Alegre está no conjunto, considerado raro no panorama brasileiro. É possível somar aos pontos abordados por Gelson Pinto e Ester Buffa a privilegiada localização do conjunto, junto ao centro histórico e ao mais importante parque urbano da cidade, característica que o torna ainda mais distinto no cenário nacional.

---

<sup>173</sup> PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. *Bens Tombados e Inventariados em Porto Alegre – abril de 2013*. Disponível em <[http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu\\_doc/lista\\_de\\_imoveis\\_preservados\\_em\\_porto\\_alegre\\_-\\_abril2013\\_versao\\_site.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/lista_de_imoveis_preservados_em_porto_alegre_-_abril2013_versao_site.pdf)>. Acesso em 01 de fevereiro de 2014.

<sup>174</sup> A Lei Estadual 11.525/2000 considera como “*prédios históricos da UFRGS*” e declara integrantes do patrimônio do estado os seguintes edifícios: no Campus Centro, o prédio da Faculdade de Direito, o prédio centenário da Escola de Engenharia, o antigo prédio da Faculdade de Medicina, o *Château*, o Observatório Astronômico, o Castelinho, o prédio do antigo Instituto Eletrotécnico, o prédio do antigo Laboratório de Resistência dos Materiais, o prédio da antiga Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico, o prédio do antigo Instituto de Química Industrial, o prédio do antigo Instituto Parobé e o prédio da Reitoria; no Campus do Vale, apenas o prédio do antigo Instituto de Agronomia e Veterinária. (RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 11.525 de 15 de setembro de 2000*. Disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.525.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2013)

<sup>175</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2007, op. cit., p.12.

<sup>176</sup> PINTO; BUFFA, 2009, op. cit., p. 96.

<sup>177</sup> Idem, *ibidem*.

#### 4.1.2 Período da arquitetura moderna

O período de construções da arquitetura moderna se deu entre 1951 e 1964, durante a República Nova brasileira, num pós-guerra de intenso crescimento econômico do país.

A Universidade de Porto Alegre foi federalizada em 1951, e a demanda por novos espaços se tornou insustentável. O último edifício inaugurado tinha sido o prédio do Instituto Parobé, em 1928, e desde então a instituição cresceu muito, além de diversificar suas atividades e cursos. Durante a administração do reitor Elyseu Paglioli (1952-1964), a UFRGS passou por uma significativa expansão física, quando foram construídas as edificações da fase da arquitetura modernista: no 1º Quarteirão, o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas e o prédio novo da Escola de Engenharia; no 2º Quarteirão, o conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia (prédio da Faculdade de Filosofia, prédio do Instituto de Ciências Naturais, anfiteatro e diretório acadêmico da Faculdade de Filosofia), o Pavilhão de Tecnologia, o prédio da Reitoria e Auditório e os prédios da Faculdade de Arquitetura e do Colégio Aplicação (Fig. 56 e Fig. 57).

As primeiras construções desse período (o conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia, o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas e o Pavilhão de Tecnologia) ainda apresentam características de influência Art Déco. De certa forma, a arquitetura Déco apresenta uma transição entre a arquitetura eclética praticada no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX<sup>178</sup> e a modernista produzida a partir dos anos 1950.

Segundo Demétrio Ribeiro, entre o fim da década de 30 e início dos anos 40, período em que Porto Alegre viveu um surto de vitalidade econômica na esfera imobiliária e urbana, “*imperavam conceitos acadêmicos na arquitetura, que poderia ser definida como um ecletismo simplificado, e orientada a expressar durabilidade e solidez econômica*”<sup>179</sup>.

A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foi um fator de grande importância para o desenvolvimento do Art Déco no Rio Grande do Sul. Com projeto

---

<sup>178</sup> Correspondente ao período da arquitetura eclética, do item anterior.

<sup>179</sup> XAVIER, Alberto ; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura moderna em Porto Alegre*. São Paulo: UFRGS, 1987, p.26.

do arquiteto municipal Christiano de La Paix Gelbert<sup>180</sup>, em 1935, a exposição transformou o Campo da Redenção no atual Parque Farroupilha<sup>181</sup>, e os pavilhões, de caráter provisório, exibiram a estética Déco. O evento comemorativo, segundo Hugo Segawa, funcionou como uma “*vitrine de modernidade*”<sup>182</sup>, e a partir dele o estilo se popularizou. Sobre os reflexos do evento, Taísa Festugato conclui que, “*embora a arquitetura da Exposição Farroupilha tenha sido temporária, seu efeito foi importante como marco de estabelecimento da modernidade na capital e abandono da arquitetura eclética como referência principal*”<sup>183</sup>. Pode-se somar ainda, na consagração e disseminação da arquitetura Art Déco no estado, as obras públicas realizadas pela Seção de Arquitetura da Diretoria de Obras, que chefiada por Christiano Gelbert produziu exemplares como o Hospital de Pronto Socorro (1940-1943) e o Mercado Livre (1943)<sup>184</sup>.

O surgimento e o desenvolvimento da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul se deram apenas a partir do fim da Segunda Guerra (1939-1945) e do Estado Novo (1937-1945). Segundo Demétrio Ribeiro, período correspondente à afirmação da arquitetura como disciplina autônoma do saber e da arte no estado, a partir da federalização da UFRGS e da fusão dos cursos de Arquitetura do Instituto de Belas Artes e da Escola de Engenharia em 1952<sup>185</sup>.

Tardiamente em relação a estados como o Rio de Janeiro e São Paulo, a produção da arquitetura no Rio Grande do Sul viveu, na década de 1950, uma fase de intensa realização, quando além da hegemonia da arquitetura moderna nos meios profissionais e acadêmicos, as elites culturais e econômicas locais a assumiram como estilo oficial<sup>186</sup>.

As edificações consideradas como exemplares da arquitetura moderna (prédio da Reitoria e Auditório, prédio da Faculdade de Arquitetura, prédio novo da

---

<sup>180</sup> A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foi um evento organizado pelo município e pelo Estado do Rio Grande do Sul, e teve como comissário-geral o prefeito Alberto Bins, designado diretamente pelo governador Flores da Cunha, ficando o projeto da exposição sob responsabilidade do arquiteto municipal Christiano de La Paix Gelbert, que também projetou boa parte dos pavilhões.

<sup>181</sup> Sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha e o projeto do parque, consultar item 3.3.

<sup>182</sup> Expressão utilizada por Segawa em título sobre a consagração e disseminação do gosto Art Déco no Brasil dos anos 1930, através de exposições e obras públicas importantes. SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 3ed. São Paulo: Editora da USP, 2010, p.61-63.

<sup>183</sup> SCHÄFFER, 2011, op. cit., p.166.

<sup>184</sup> SEGAWA, 2010, op. cit., p.69.

<sup>185</sup> XAVIER; MIZOGUCHI, 1987, op. cit., p.26-27.

<sup>186</sup> XAVIER; MIZOGUCHI, 1987, op. cit., p.27.



Fig. 56



Fig. 57

Fig. 56 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: implantação geral com os edifícios do período da arquitetura moderna.

Fig. 57 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: vista aérea, década de 1960.

Faculdade de Engenharia e prédio do Colégio Aplicação) foram construídas entre 1954 e 1964 e fazem parte do contexto descrito acima, de consolidação da produção de uma arquitetura moderna no estado.

Atualmente, os edifícios do período modernista (com exceção do diretório acadêmico da Faculdade de Filosofia, do Pavilhão de Tecnologia e do prédio do Colégio Aplicação) fazem parte do inventário de bens imóveis do patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre<sup>187</sup>. Além disso, o prédio da Reitoria possui reconhecimento estadual, declarado integrante do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul pela Lei Estadual 11.525/2000<sup>188</sup>, juntamente com os edifícios do período eclético.

---

<sup>187</sup> PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. *Bens Tombados e Inventariados em Porto Alegre – abril de 2013*. Disponível em <[http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu\\_doc/lista\\_de\\_imoveis\\_preservados\\_em\\_porto\\_alegre\\_-\\_abril2013\\_versao\\_site.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/lista_de_imoveis_preservados_em_porto_alegre_-_abril2013_versao_site.pdf)>. Acesso em 01 de fevereiro de 2014.

<sup>188</sup> RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 11.525 de 15 de setembro de 2000*. Disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.525.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2013.

## 4.2 Os edifícios



Fig. 58

Fig. 58 1º e 2º Quarteirões do Campus Centro da UFRGS: implantação geral com todos os edifícios.

### 4.2.1 1º Quarteirão

#### .1 Prédio centenário da Escola de Engenharia

A sede da Escola de Engenharia, hoje conhecida como Prédio centenário da Escola de Engenharia, ou Engenharia “Velha”, foi construída em terreno doado pelo município, em frente à Praça Argentina na esquina da atual Avenida João Pessoa. Foi o primeiro edifício no Estado construído especificamente para abrigar uma instituição de ensino superior. A escola tinha sido fundada em 1896 e a construção do prédio se deu entre os anos de 1898 e 1900<sup>189</sup>, obra executada por Francesco Andrighetto<sup>190</sup>.

<sup>189</sup> Datas segundo HASSEN, 1996, op. cit., p.40, 71-72.

<sup>190</sup> Francesco Andrighetto, após o término da construção da sede da Escola de Engenharia, em 1902 se associou a Paolo Paganini. Juntos, construíram diversos outros edifícios para a mesma escola, como o prédio do Instituto Eletrotécnico e o *Château*. Após a morte de Paganini, em 1921, Andrighetto seguiu atuando sozinho. (WEIMER, 2004, op. cit., p.22-33)

Segundo Günter Weimer, concebido à maneira florentina, o “*palazzo*’ neo-renascentista” projetado pelo engenheiro – e diretor da Escola de Engenharia – João José Pereira Parobé<sup>191</sup> marcava a diretriz conceitual que o curso haveria de seguir<sup>192</sup>.

Com volume simples e bem definido, o edifício se apresenta como um prisma regular de base quadrada. As fachadas, planas e sóbrias em relação aos elementos decorativos, são caracterizadas por linhas retas, pouca decoração em relevo e eixo de simetria. As janelas são enquadradas por molduras e possuem vergas retas no primeiro pavimento e arcos plenos no segundo. A fachada principal, voltada para a Praça Argentina (antiga Praça da Independência), possui um frontão central marcando o acesso, com o ano de inauguração (1900) grafado em algarismos romanos na forma clássica (MDCCCC), um relógio de 1894 e uma escultura figurativa<sup>193</sup> (Fig. 59).

O prédio se assenta sobre o alinhamento do terreno no limite voltado para a praça, com o acesso principal marcado por uma escadaria que ocupa o passeio. Os dois pavimentos se organizam através de uma circulação horizontal que circunda o pátio central, com os ambientes distribuindo-se perifericamente. Verticalmente os andares são conectados por uma escadaria monumental localizada no hall junto ao acesso, centralizado em relação ao eixo de simetria das plantas (Fig. 60).

A edificação segue os padrões construtivos da época, com a utilização de alvenaria estrutural de tijolos maciços assentados sobre fundação do tipo sapata corrida de pedra. Os entresijos são formados por assoalho e forro de madeira fixados em barroteamento do mesmo material e as esquadrias, também em madeira, possuem mecanismo de abrir com dobradiças nas fachadas externas e tipo guilhotina nas fachadas voltadas para o pátio interno.

Durante os anos 1940 e 1941 a Praça Argentina sofreu uma reforma, ocasionada pelo prolongamento da Avenida João Pessoa até a Rua 10 de Novembro (atual Avenida Salgado Filho). O conseqüente remodelamento do terreno para a alteração viária exigiu o deslocamento dos jardins, reduzindo a área da praça, além de um grande desaterro na parte mais alta<sup>194</sup>. Com isso, houve uma redução no nível da

---

<sup>191</sup> João José Pereira Parobé cursou a Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul. Atuou como professor e engenheiro, além de assumir diversos cargos políticos no Estado, agindo fortemente em favor da República. Exerceu o cargo de diretor da recém-fundada Escola de Engenharia de 1898 até sua morte, em 1915, período de grande crescimento e desenvolvimento da instituição. (WEIMER, 2004, op. cit., p.132-33)

<sup>192</sup> WEIMER, 2003, op. cit., p.171.

<sup>193</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.94.

<sup>194</sup> SILVA, 1943, op. cit., p.116 e 118.



Fig. 59

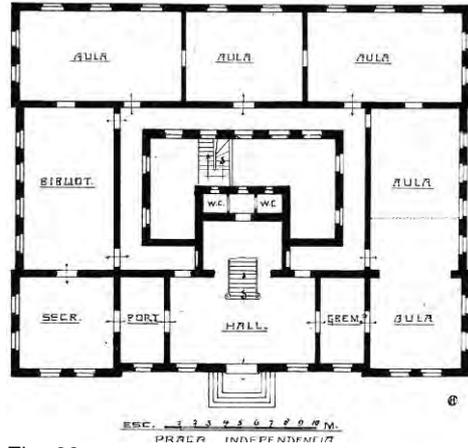


Fig. 60

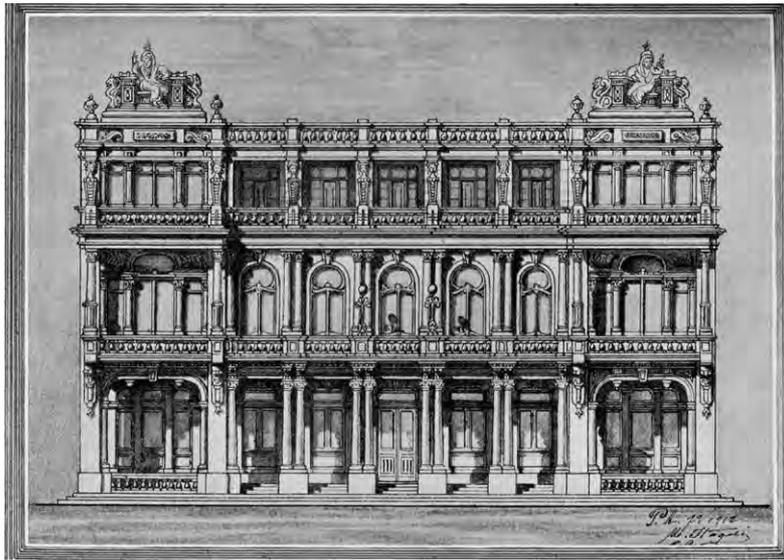


Fig. 61



Fig. 62

Fig. 59 Prédio centenário da Escola de Engenharia: fachada principal, início do século XX.

Fig. 60 Prédio centenário da Escola de Engenharia: planta baixa do térreo, 1927/8.

Fig. 61 Projeto de reforma do prédio centenário da Escola de Engenharia: fachada. Manoel Itaquí, 1912.

Fig. 62 Prédio centenário da Escola de Engenharia: fachada principal, década de 1950.

via em frente ao prédio da Escola de Engenharia, que passou a utilizar na totalidade o pavimento chamado de porão (subsolo). A escadaria do acesso principal ganhou cinco degraus e nas fachadas foram instaladas aberturas (portas e janelas) conectando o subsolo diretamente à rua.

Por volta de 1950 o edifício sofreu uma grande reforma, quando o volume recebeu o acréscimo de um terceiro pavimento. A intervenção buscou manter o padrão estético original das fachadas e a configuração funcional interna. No entanto, as proporções do volume original foram muito prejudicadas, além do pé-direito do novo pavimento ser reduzido em relação aos demais, alterando a proporção das esquadrias em relação aos pavimentos inferiores. O referido aumento já havia sido idealizado desde 1912, constando em projeto de reforma não executado, elaborado pelo engenheiro Manoel Itaquí<sup>195</sup>, então professor da instituição (Fig. 61 e Fig. 62).

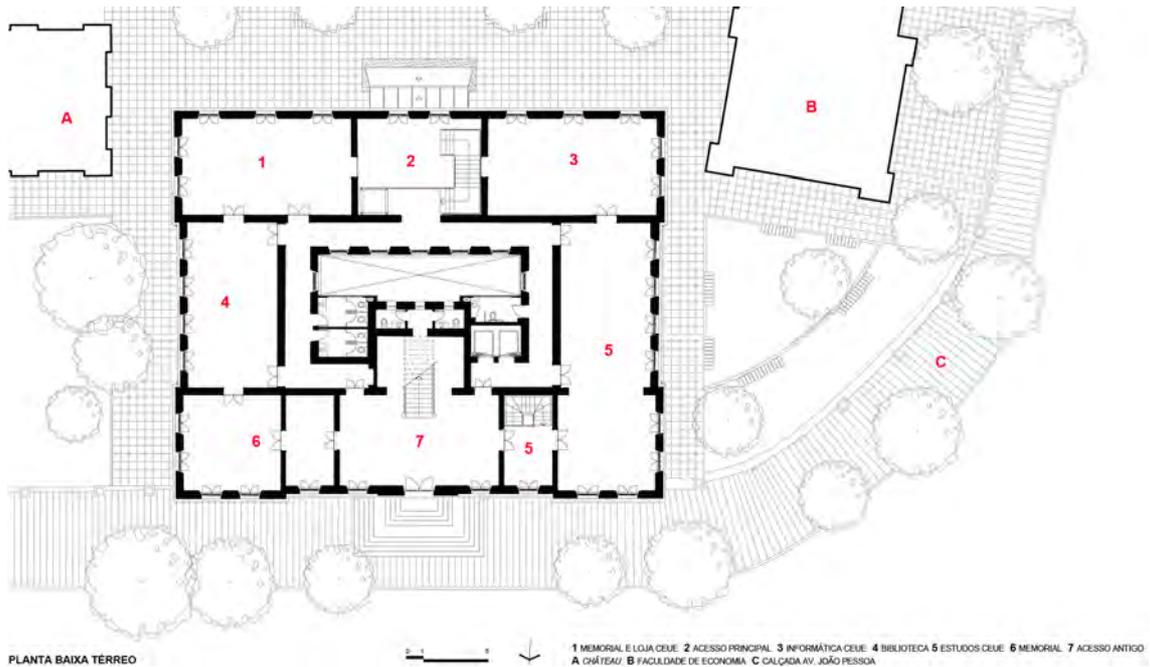
No ano de 2005 foram iniciadas as obras de restauração, ainda inconclusas. Elaborado pela equipe da Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor do Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) com coordenação do arquiteto Edison Zanckin Alice, o projeto buscou retomar as características originais da edificação, alteradas ao longo dos anos, além de adaptar o prédio às novas demandas de infraestrutura predial. Como diretriz de projeto foi adotado o uso de técnicas e materiais contemporâneos para marcar as intervenções realizadas. A inserção de um pórtico (em concreto aparente) na fachada posterior, em posição centralizada e mantendo a simetria da planta, marca a novo acesso principal, agora no nível do porão. Essa medida de transferência do acesso, diretriz do vigente Plano Diretor do Campus Universitário, apesar de ter como objetivo o aumento da segurança e a solução das questões de acessibilidade universal, interfere na percepção e percurso originais do prédio<sup>196</sup> (Fig. 63 e Fig. 64).

Com relação ao uso, o edifício mantém, desde sua inauguração, as dependências da Escola de Engenharia, com atividades de ensino e administrativas, além de espaços de convivência.

---

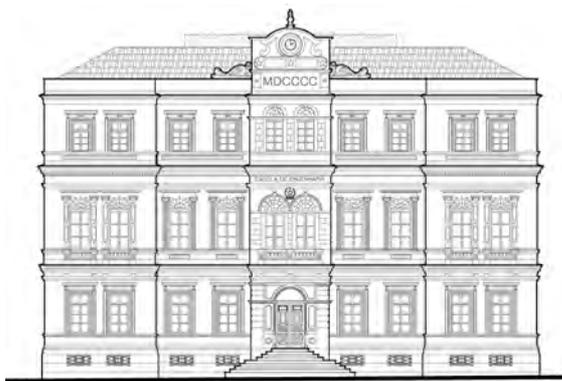
<sup>195</sup> Manoel Barbosa Assumpção Itaquí formou-se engenheiro de Estradas, Arquitetura e Hidráulica na Escola de Engenharia em 1901. Atuou como professor da mesma escola a partir de 1906, sendo responsável por projetar diversos dos edifícios da instituição, como o prédio do Observatório Astronômico e o do Instituto Eletrotécnico, entre outros. (WEIMER, 2004, op. cit., p.91-93)

<sup>196</sup> *“De acordo com as exigências do novo Plano Diretor do Campus Universitário, os acessos voltados para a via pública estão gradativamente sendo substituídos por acessos internos aos quarteirões, conforme o andamento dos projetos de restauração, com vistas a aumentar a segurança, controlar e melhorar a circulação contemplando acessibilidade aos portadores de necessidade especiais.”* (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2007, op. cit., p.53)

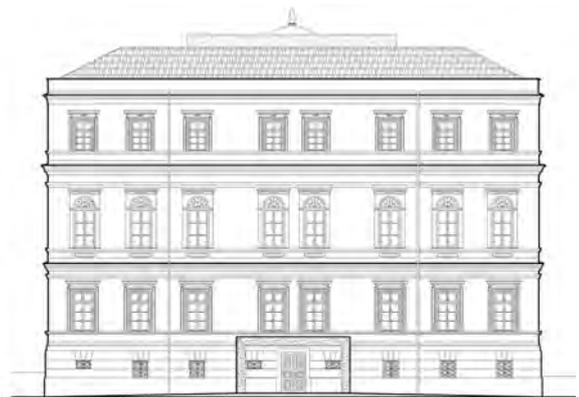


PLANTA BAIXA TERREO

1 MEMORIAL E LOJA CELE 2 ACESSO PRINCIPAL 3 INFORMÁTICA CELE 4 BIBLIOTECA 5 ESTUDOS CELE 6 MEMORIAL 7 ACESSO ANTIGO  
A CHÂTEAU B FACULDADE DE ECONOMIA C CALÇADA AV. JOÃO PESSOA



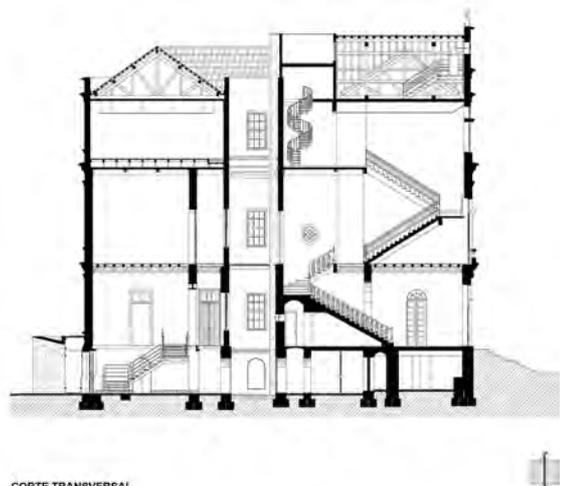
FACHADA NOROESTE



FACHADA SUDESTE



Fig. 63



CORTE TRANSVERSAL

Fig. 64

Fig. 63 Prédio centenário da Escola de Engenharia: fachada principal, em restauração.

Fig. 64 Projeto de restauração do prédio centenário da Escola de Engenharia: planta baixa do térreo, fachada noroeste (principal), fachada sudeste (posterior, novo acesso) e corte transversal. Edison Zanckin Alice.

## .2 Conjunto de prédios do Largo Paganini

Entre os anos de 1906 e 1908 foi construído “*um singular e harmonioso conjunto arquitetônico*”<sup>197</sup> formado pelos edifícios conhecidos como *Château*, *Castelinho* e *Observatório Astronômico*, configurando a primeira expansão física da Escola de Engenharia. Com autoria do engenheiro – e professor da Escola de Engenharia – Manoel Itaquí, as edificações foram projetadas simultaneamente, apresentando linguagem arquitetônica similar e implantação conformando um largo (hoje denominado Largo Paganini<sup>198</sup>). As construções foram realizadas por Andriguetto e Paganini (Fig. 65).

O *Château* e o *Castelinho* foram construídos para abrigar oficinas do Instituto Técnico Profissional da Escola de Engenharia, criado em 1906. A escola, de nível técnico, formava “*mestres e contramestres nas áreas de mecânica, trabalhos em madeira, artes do edifício e artes gráficas*”<sup>199</sup>. Inicialmente as atividades do Instituto, cujo intuito era desenvolver mão-de-obra especializada, eram realizadas em pavilhões provisórios e nos porões da sede da escola. O *Castelinho* abrigou a oficina de mecânica e o gabinete do engenheiro chefe do Instituto, enquanto o *Château* foi ocupado pela Serralheria e pela Marcenaria, além do almoxarifado e de um ambulatório.

O prédio do Observatório Astronômico foi concebido para o Instituto Astronômico e Meteorológico da Escola de Engenharia, criado em 1906 e depois denominado Instituto Coussirat Araújo<sup>200</sup>. O Instituto exercia tanto a função educacional quanto a de prestação de serviços ao Estado e ao Município, “*estudando o céu rio-grandense e produzindo trabalhos astronômicos, físicos e geodésicos*”<sup>201</sup>. O edifício, portanto, foi idealizado com a função específica de abrigar equipamentos destinados à visualização e registro dos fenômenos astronômicos, sendo um dos

---

<sup>197</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.55.

<sup>198</sup> Segundo Moraes, o Largo teria recebido esse nome “*provavelmente em homenagem ao Sr. Pio Paganini, um dos precursores da Topografia Científica, criador do levantamento fotogramétrico, na Itália, através do equipamento desenvolvido por ele, denominado fototeodolito [...]*”, e não em função do construtor local Paolo Paganini, que atuou em empresa com Francesco Andrighetto em muitas obras para a Universidade. (MORAES, 2003, op. cit., p.35-36)

<sup>199</sup> UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.115.

<sup>200</sup> Em 1930 o Instituto recebe o nome de Instituto Coussirat Araújo, “*em homenagem ao seu engenheiro-chefe falecido no ano anterior*”. (HASSEN, 1996, op. cit., p.69)

<sup>201</sup> HASSEN, 1996, op. cit., p.68.



Fig. 65



Fig. 66



Fig. 67



Fig. 68

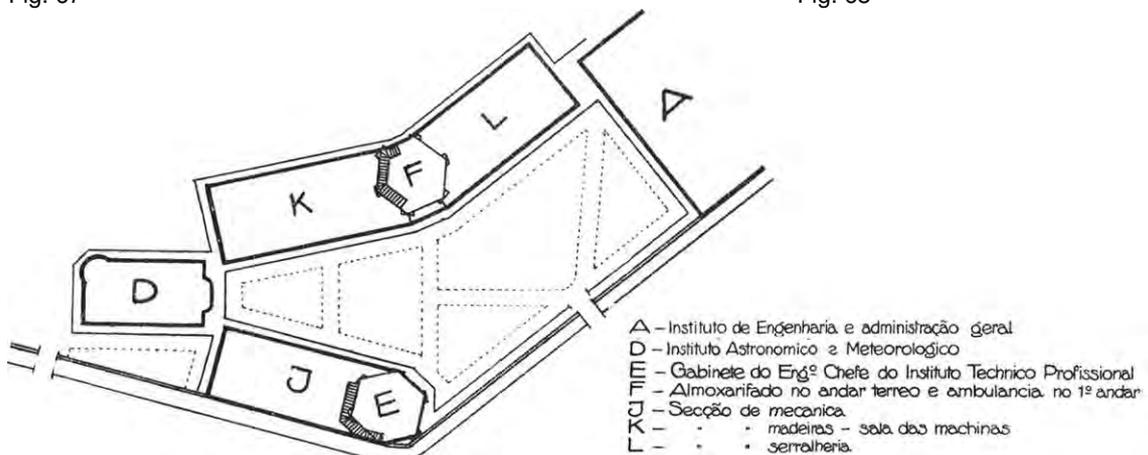


Fig. 69

Fig. 65 Castelinho (E), Observatório Astronômico (C) e *Château* (D): vista frontal do conjunto, a partir do Largo Paganini, final da década de 1900.

Fig. 66 Observatório Astronômico (E) e Castelinho (D): vista posterior, a partir da Avenida Osvaldo Aranha.

Fig. 67 Castelinho (E), Observatório Astronômico (C) e *Château* (D): vista frontal do conjunto, a partir da Avenida Osvaldo Aranha, final da década de 1900.

Fig. 68 Observatório Astronômico: fachada frontal, final da década de 1900.

Fig. 69 Castelinho, Observatório Astronômico e *Château*: planta esquemática do conjunto, incluindo zoneamento de funções. 1910

primeiros observatórios astronômicos construídos no país.

O conjunto situa-se em terreno ao lado do prédio centenário da Escola de Engenharia, com acesso pela Avenida Osvaldo Aranha, e sua implantação teve como premissa o posicionamento do prédio do Observatório, que por sua função específica foi orientado precisamente sobre os pontos cardeais. Os outros dois edifícios foram dispostos em ângulo cujo vértice é ocupado pelo Observatório, com o Castelinho posicionado paralelo e junto ao alinhamento da avenida. O ingresso do passeio ao conjunto se dá através do largo central conformado pela disposição das edificações, local onde estão concentrados os acessos ao interior dos prédios (Fig. 65 a Fig. 69).

O projeto do edifício do Observatório foi desenvolvido com uma composição formal estritamente ligada a sua função, de maneira que a volumetria e a organização espacial permitissem a inserção de estruturas para sustentação dos equipamentos de observação: as lunetas equatorial e meridiana. Na solução, cada luneta possui uma torre contendo sua própria estrutura, funcionando independente da estrutura do prédio e protegendo os equipamentos de possíveis trepidações<sup>202</sup>. O resultado foi um volume de proporção vertical, composto por quatro pavimentos de diferentes alturas de pé-direito e planta de pequenas dimensões. Livre de compartimentações, os pavimentos se organizam em função da circulação vertical, formada por escadas que dão acesso aos equipamentos: à luneta meridiana no terceiro pavimento e à equatorial no quarto, com uma cúpula giratória construída em ferro e revestida de madeira. As fachadas apresentam linhas orgânicas onduladas e assimétricas, decoradas com motivos de inspiração animal e vegetal. Importante exemplar *Art Nouveau* em Porto Alegre, o edifício possui ainda a representação dos signos do zodíaco na platibanda do último pavimento (Fig. 68).

Em relação à tipologia e à linguagem arquitetônica, os prédios *Château* e Castelinho são muito similares. Ambos foram concebidos com alas térreas de amplo pé-direito e livres de compartimentações, articuladas através de um torreão central, elemento com dois pavimentos e forma hexagonal que abriga o acesso principal. A tipologia atende às funções as quais os edifícios se destinavam, abrigando oficinas de ensino prático com grandes equipamentos. Além disso, as edificações possuem similaridade na composição das fachadas, com elementos *Art Nouveau* e a utilização de tijolos de vidro do tipo pavê<sup>203</sup>. O *Château* se apresenta simétrico, com duas alas

---

<sup>202</sup> MORAES, 2003, op. cit., p.37.

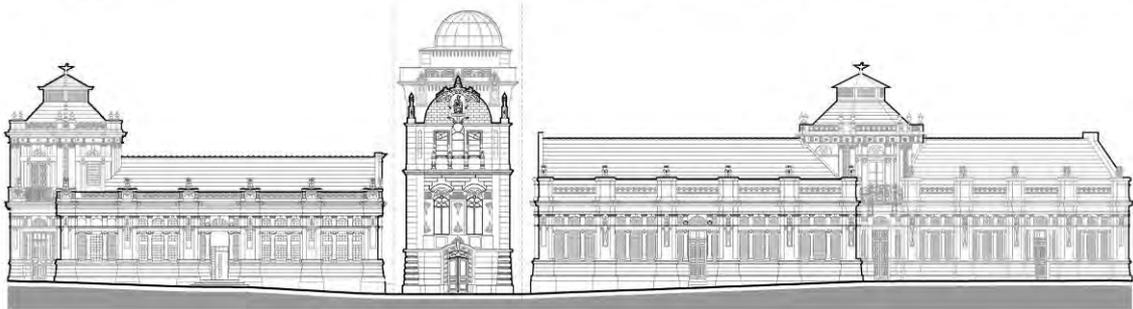
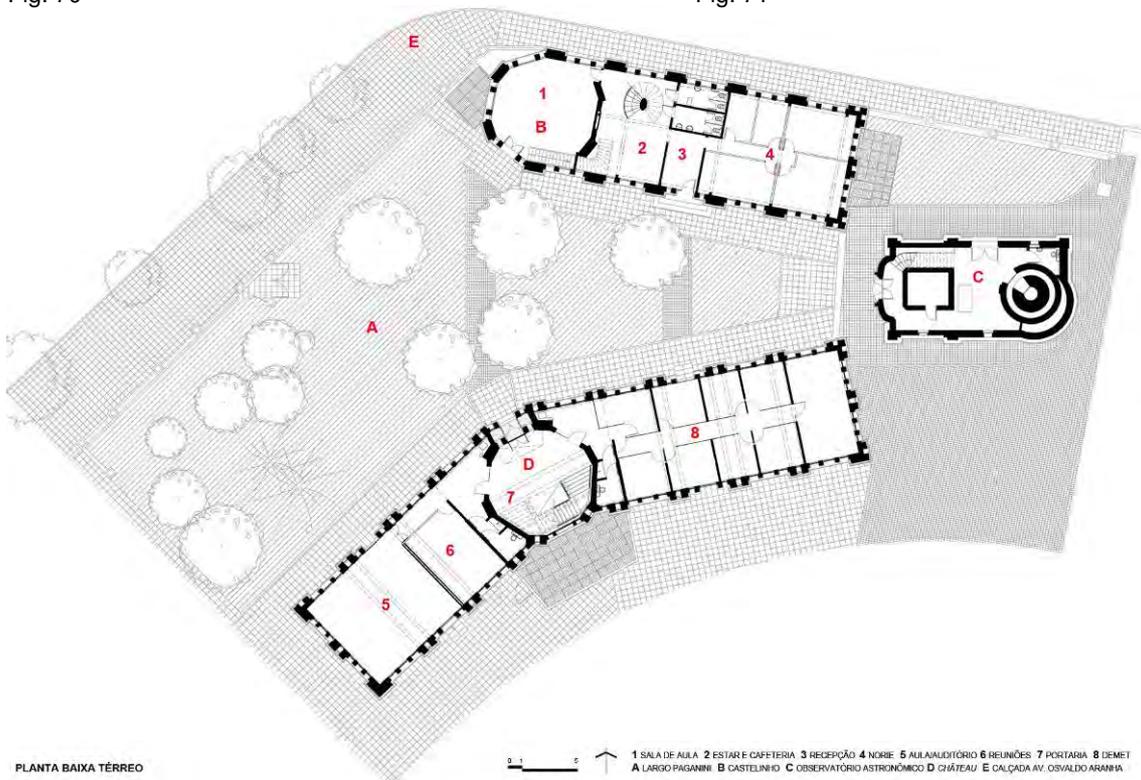
<sup>203</sup> Os tijolos de vidro do tipo pavê também foram utilizados no edifício do Instituto Eletrotécnico, de projeto do mesmo engenheiro, Manoel Itaquí.



Fig. 70



Fig. 71



FACHADA LARGO PAGANINI

Fig. 72

Fig. 70 *Château*: fachada frontal, vista a partir da calçada, início da década de 1910.

Fig. 71 Castelinho: fachada lateral, vista a partir da Praça Argentina, década de 1920.

Fig. 72 Projetos de restauração do Castelinho, Observatório Astronômico e *Château*: planta baixa do conjunto, térreo; fachada frontal do conjunto planejada (voltada para o Largo Paganini). Edison Zanckin Alice, década de 2000.

dispostas em ângulo e um torreão central. Já o Castelinho possui apenas uma ala e o torreão, dispostos linearmente (Fig. 70 e Fig. 71).

O sistema construtivo utilizado nos três prédios foi o mesmo, com alvenaria portante de tijolos maciços assentados sobre fundação de granito. A cobertura das oficinas foi executada em telhas cerâmicas estruturadas com madeira e a do Observatório possui parte com um terraço pavimentado, no nível de acesso à cúpula.

Após a construção de um edifício para a seção masculina do então Instituto Parobé<sup>204</sup>, finalizado em 1928, as oficinas foram transferidas para as novas dependências e os prédios *Château* e Castelinho foram sofrendo alterações de uso ao longo dos anos. O *Château* abrigou sucessivamente setores administrativos da Escola de Engenharia, o Gabinete de Topografia, a Faculdade de Arquitetura e o Instituto de Geologia, enquanto o Castelinho foi ocupado pela Biblioteca e após pelo Departamento de Energia Nuclear, ambos da Escola de Engenharia. As referidas alterações de uso geraram adaptações físicas dos espaços, como redução do pé-direito pela inclusão de mezaninos, subdivisões dos espaços internos e modificações nas aberturas. O *Château*, quando recebeu o mezanino para a instalação da Faculdade de Arquitetura, teve ainda a cobertura elevada para aumento do pé-direito, intervenção que eliminou a platibanda original e a substituiu por outra, com diferentes elementos decorativos.

Diferentemente das oficinas, o Observatório não teve alterações significativas em seus espaços ao longo do tempo. Isso se deve ao fato de se tratar de um edifício muito específico, não sofrendo alterações de uso. A partir de 1921 as atividades da Seção de Meteorologia foram transferidas para um novo edifício, construído no outro quarteirão, mantendo apenas a Seção de Astronomia. Atualmente são realizadas atividades de ensino e visitação pública, pois em 1970 foi transferida a função principal para um novo Observatório no Morro Santana.

Atualmente o conjunto se apresenta restaurado através do projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (Fig. 72 a Fig. 74).

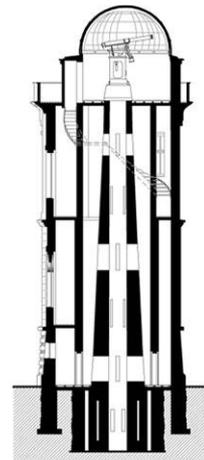
O primeiro a ser restaurado, recebendo essencialmente medidas de manutenção, foi o Observatório Astronômico. As obras foram realizadas nos anos de

---

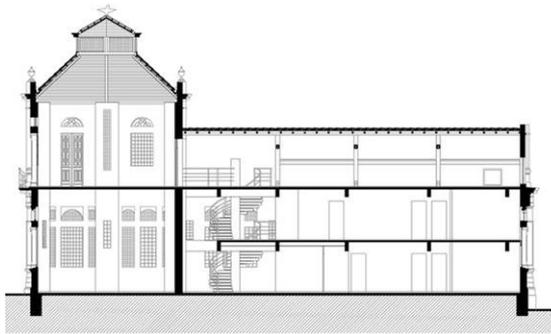
<sup>204</sup> Em 1917 o Instituto Técnico Profissional Benjamin Constant recebe o nome de Instituto Parobé, em homenagem ao ex-diretor da Escola de Engenharia João José Pereira Parobé, falecido em 1915. Originalmente era dedicado ao ensino de meninos, entretanto na década de 1920 foi criada uma seção feminina, que “*destinava-se a preparar condutoras de trabalhos domésticos e rurais*” (HASSEN, 1996, op.cit., p.62,86).



CORTE LONGITUDINAL



CORTE TRANSVERSAL



CORTE LONGITUDINAL



Fig. 74

Fig. 73



Fig. 75



Fig. 76



Fig. 77

Fig. 73 Projetos de restauração do Castelinho, Observatório Astronômico e *Château*: acima, corte longitudinal do *Château* (E) e corte transversal do Observatório Astronômico (D); abaixo, corte longitudinal do Castelinho. Edison Zanckin Alice, década de 2000.

Fig. 74 Castelinho, Observatório Astronômico e *Château*: vista frontal do conjunto, 2010.

Fig. 75 Castelinho: fachada lateral, após a restauração.

Fig. 76 Observatório Astronômico: fachada frontal, após a restauração.

Fig. 77 *Château*: detalhe da fachada frontal, após a restauração.

2001 e 2002, e incluíram itens como um sistema de drenagem perimetral para reduzir a umidade ascendente, recuperação de pisos, forros e esquadrias, recuperação da cúpula e novas instalações de infraestrutura, entre outros.

O *Château* esteve em obras de 1999 a 2004, com os serviços realizados em etapas. Além dos itens de manutenção e conservação, o projeto, elaborado sob a coordenação do arquiteto Edison Zanckin Alice, buscou retornar às características originais da edificação, adaptando o prédio às novas demandas de infraestrutura predial. O mezanino, apesar de não ser original, foi considerado como um acréscimo consolidado e mantido; entretanto, o entrepiso foi executado com estrutura metálica aparente, por onde foram distribuídas todas as instalações. A compartimentação interna das alas foi proposta com divisórias abaixo da altura do pé-direito, em vidro transparente, buscando manter a amplitude visual original do espaço, projetado para as oficinas do Instituto Técnico. As soluções adotadas tiveram como diretriz de projeto o uso de técnicas e materiais contemporâneos para marcar as intervenções realizadas. Após a obra o edifício foi ocupado pela Secretaria do Desenvolvimento Tecnológico (SEDETEC) e pela Vitrine Tecnológica.

O Castelinho sofreu uma reforma nos anos 1990 que gerou muitas discussões, tendo como resultado a subdivisão do pé-direito com uma laje engastada na alvenaria original, alterando as relações internas formais, funcionais e de proporção dos ambientes<sup>205</sup>. Além disso, os espaços das alas foram excessivamente compartimentados e organizados a partir de um corredor central. Com o edifício recém-reformado, as obras de restauração, realizadas na década seguinte, trataram de itens como a recuperação das fachadas, esquadrias e parte dos pisos. Atualmente o prédio é ocupado pelo Núcleo Orientado para a Inovação das Edificações (NORIE) da Escola de Engenharia.

---

<sup>205</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.106.

### .3 Prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos

A Escola de Engenharia criou, em 1900, o Ginásio do Rio Grande do Sul, um curso preparatório para orientar os futuros alunos da instituição, suprindo as carências do ensino médio. Elevado a Instituto em 1905, foi renomeado como Instituto Ginásial Júlio de Castilhos<sup>206</sup> em 1908. Utilizando os porões da sede da Escola de Engenharia em seus primeiros anos de funcionamento, o curso foi crescendo e expandindo suas atividades, havendo a necessidade de um edifício próprio.

Com projeto do engenheiro – e professor da Escola de Engenharia – Manoel Itaqui, o prédio foi construído entre os anos 1908 e 1911<sup>207</sup>, com execução de Andriguetto e Paganini. O edifício, descrito como em “*magnífico estilo Renascença Alemã*”<sup>208</sup>, abrigou as atividades do então Colégio Júlio de Castilhos<sup>209</sup> até 1951, quando foi destruído por um incêndio.

Localizado na Avenida João Pessoa entre o prédio centenário da Escola de Engenharia e o edifício da Faculdade de Direito, o prédio foi implantado em paralelo ao alinhamento da via, com um pequeno recuo frontal. Com fachadas ricamente trabalhadas, o volume de proporção horizontal se apresentava simétrico, com um corpo central saliente, contendo uma grande cúpula e marcando o acesso principal. Havia ainda dois torreões em tronco de pirâmide nas extremidades e telhados em mansarda sobre o corpo do prédio (Fig. 78 a Fig. 80).

É possível perceber elementos de diversos estilos na composição e ornamentação desse edifício eclético, com destaque para a influência do barroco alemão, presente na cúpula central, e do classicismo francês, nos volumes laterais, que remetem a *François Mansart* e ao pomposo estilo Império de Napoleão III, especialmente ao Hotel de Ville de Paris, mas recente. Moraes identifica ainda grande

---

<sup>206</sup> Em homenagem a “*um dos maiores beneméritos da Escola, o ideólogo do positivismo, Júlio de Castilhos, que morreu em 1903*” (HASSEN, 1996, op. cit., p.59).

<sup>207</sup> Datas segundo MORAES, 2003, op. cit., p.54-56.

<sup>208</sup> FRANCO, 2006, op. cit., p.236.

<sup>209</sup> Uma reforma do ensino secundário aglutinou o Ginásio Júlio de Castilhos e o Colégio Universitário, que haviam surgido do desdobramento do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos durante a década de 1930, como Colégio Júlio de Castilhos em 1942. (FRANCO, 2006, op. cit., p.237)

similaridade dos detalhes utilizados, tanto em fachada como em planta, no projeto de *Mansart* para o *Maisons Laffitte*<sup>210</sup>.

As plantas dos pavimentos são organizadas de maneira simétrica, com um hall central que contém a circulação vertical e distribui horizontalmente por corredores (galerias) voltados para o interior do quarteirão, mantendo os ambientes com abertura para as fachadas frontal e laterais (Fig. 81).

---

<sup>210</sup> MORAES, 2003, op. cit., p.55.

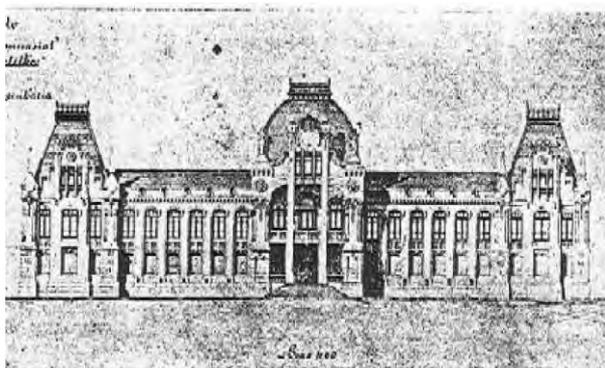


Fig. 78



Fig. 79



Fig. 80

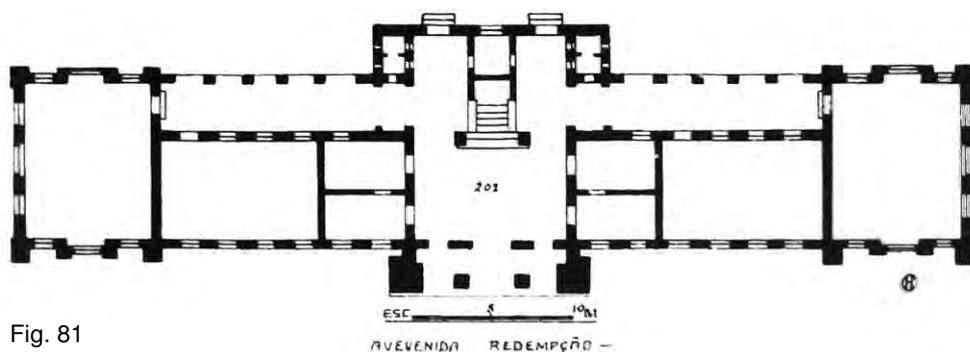


Fig. 81

Fig. 78 Projeto do prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos: fachada principal. Manoel Itaquí, 1909.

Fig. 79 Prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos: vista aérea, fachada posterior.

Fig. 80 Prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos: fachada principal, década de 1920.

Fig. 81 Prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos: planta baixa do térreo, 1927/8.

#### .4 Prédio da Faculdade de Direito

Fundada em 1900, a Faculdade Livre de Direito funcionou em prédio cedido pelo Estado, na esquina da Rua Duque de Caxias com a Rua Marechal Floriano, até reunir condições para construir seu próprio edifício. O projeto do suntuoso edifício, de Hermann Otto Menchen<sup>211</sup>, foi construído entre os anos de 1908 e 1910 pelo escritório de Rudolf Ahrons<sup>212</sup> e possui inspiração no *Palais Du Rhin*, palácio de verão do imperador Kaiser Guilherme II, em Estrasburgo, França<sup>213</sup> (Fig. 83).

Na Avenida João Pessoa ao lado do prédio do antigo Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, o edifício foi projetado paralelo à avenida e com recuo frontal. Com uma volumetria em forma de prisma regular e caracterizada pela simetria, o prédio possui um pátio interno e é composto por três níveis: o pavimento chamado de porão (subsolo), o térreo e o segundo. O corpo central, saliente, contém uma grande cúpula e marca o acesso principal através de pórtico duplo, com uma arcada sob colunata com frontão. A cúpula, em barrete de clérigo, foi construída em cimento armado com esculturas e figuras decorativas do argentino Frederico Pellarin<sup>214</sup> (Fig. 82).

Os pavimentos organizam-se a partir do hall principal, que concentra a circulação vertical e distribui horizontalmente através de uma circulação voltada para o pátio interno, em formato em “U”. Os ambientes, portanto, possuem as aberturas em todo o perímetro do volume.

Com relação ao sistema construtivo, foi executado conforme os padrões da época, com alvenaria portante de tijolos maciços assentada sobre fundação de

---

<sup>211</sup> Natural de Landau (Renânia-Palatinado, Alemanha), Herrmann Otto Menchen se formou em Engenharia na cidade Munique (Baviera, Alemanha). Atuou no escritório de Rudolf Ahrons em Porto Alegre de 1903 a 1907, sendo responsável pelo Departamento de Arquitetura, período que projetou o prédio da Faculdade de Direito. Chegou a constituir a firma Menchen & Colmey em 1908, na qual se responsabilizou por quatro projetos. Realizou diversos e importantes projetos como a Casa Godoy e o Solar dos Noronha, atuando em Porto Alegre até a década de 1930, quando se transferiu para a cidade de Santa Cruz. (WEIMER, 2004, op. cit., p.118-19)

<sup>212</sup> Natural de Porto Alegre, Rudolf Nachten Ahrons concluiu o curso de Agrimensura no Colégio Militar em 1887. Em 1889 foi para Berlim onde cursou a Universidade Técnica e formou-se em 1895. Ao voltar ao Brasil assumiu a firma construtora de seu pai, além de atuar como professor na Escola de Engenharia. O escritório de Ahrons foi responsável por alguns dos projetos e obras mais expressivos da época, funcionando com duas filiais no interior do Estado e atuando até 1915. Em Porto Alegre, construiu entre outros os edifícios das Faculdades de Direito e Medicina, o prédio dos Correios e Telégrafos e da Cervejaria Bopp. (WEIMER, 2004, op. cit., p.18-21)

<sup>213</sup> FRANCO, 2006, op. cit., p. 134.

<sup>214</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2007, op. cit., p. 33.



Fig. 82



Fig. 83

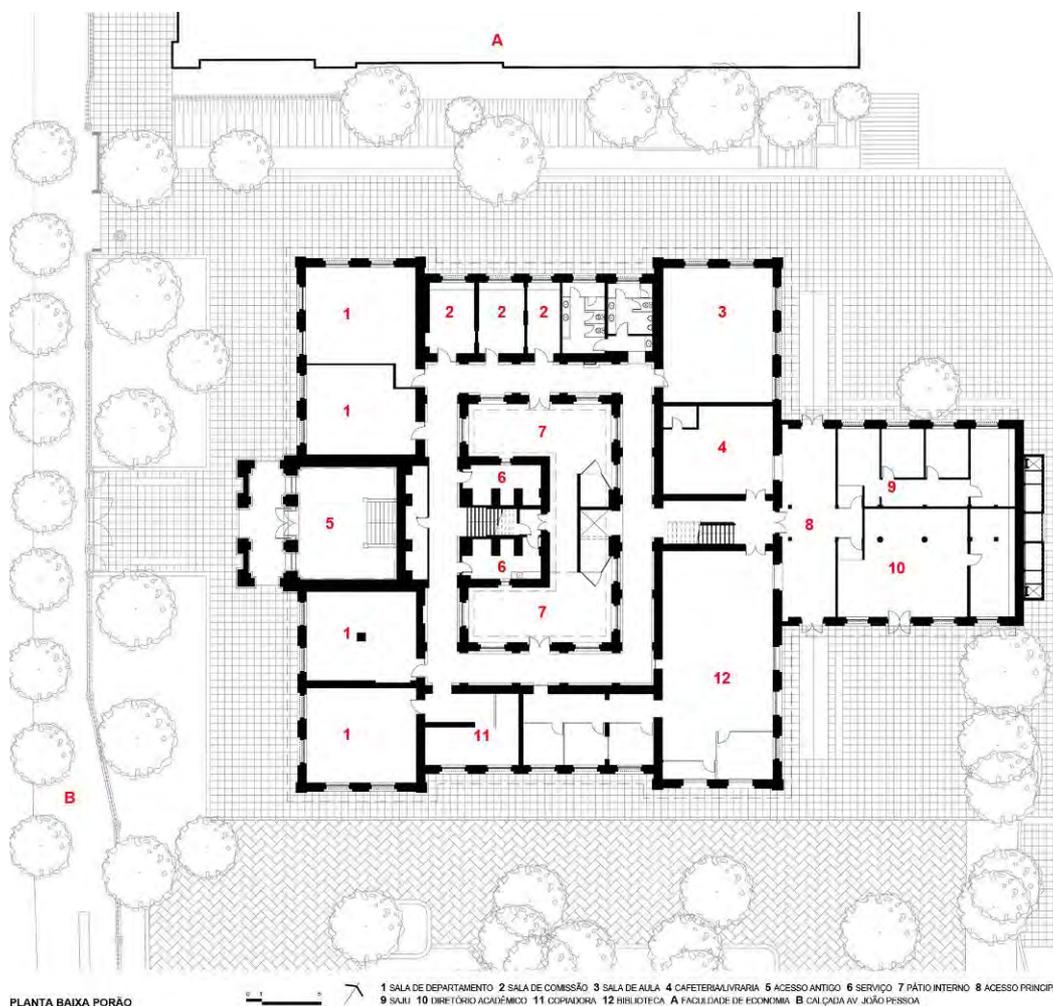


Fig. 84

Fig. 82 Prédio da Faculdade de Direito: fachada principal, início do século XX.

Fig. 83 *Palais Du Rhin* (Estrasburgo, França): fachada principal.

Fig. 84 Projeto de restauração do prédio da Faculdade de Direito: planta baixa do porão (nível novo acesso). Edison Zanckin Alice, 2004.

granito. A cobertura possui telhas cerâmicas, de cimento amianto e de folhas de zinco. O edifício é rico em estatuário, detalhes construtivos, elementos figurativos e pinturas murais nas paredes e teto, com destaque para a escadaria principal, em mármore com corrimão em estuque veneziano, iluminada pelos vitrais de José Wollmann, representando a Justiça, a Doutrina e a Ciência<sup>215</sup>.

Após a criação da Universidade de Porto Alegre, em 1934, o prédio passou a abrigar, além das atividades da própria faculdade, a Reitoria da Universidade de 1936 a 1954. Além disso, o edifício foi ocupado ainda por uma seção da Faculdade de Filosofia, pela Faculdade de Ciências Econômicas e pela Gráfica da Universidade nos anos 1940, por um breve período.

Entre 1951 e 1954 a edificação sofreu uma importante intervenção, com o acréscimo de um volume, de mesma altura do corpo existente, na parte posterior. A reforma buscou manter os padrões estéticos das fachadas originais (com exceção da fachada posterior) e a simetria, entretanto utilizou um sistema construtivo diverso. O novo volume ampliou o auditório e a biblioteca.

Entre 2000 e 2004 o edifício recebeu obras de restauração, executadas de acordo com projeto e fiscalização da Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS). Com projeto coordenado pelo arquiteto Edison Zanckin Alice, a intervenção buscou valorizar as características originais da edificação e adaptar a infraestrutura predial às novas demandas. O projeto se utiliza de técnicas e materiais contemporâneos para marcar e diferenciar as intervenções realizadas: o elevador inserido no pátio interno teve volumetria em caixa de vidro e a fachada posterior, onde foi criada uma parede técnica para as unidades externas do sistema de ar condicionado, recebeu acabamento em brises metálicos. Outra importante alteração se deu em relação ao acesso principal, que foi transferido para a fachada lateral, no ponto de conexão do volume original com o acréscimo de 1951, agora no nível do pavimento porão (Fig. 84 e Fig. 85). Essa alteração do acesso, da via pública para o interior do quarteirão, é uma medida prevista pelo Plano Diretor do Campus Universitário que visa aumentar a segurança e dotar as edificações de acessibilidade universal, porém modifica a percepção espacial do ingresso, ponto importante da concepção do projeto original.

---

<sup>215</sup> Idem, p.33-35.

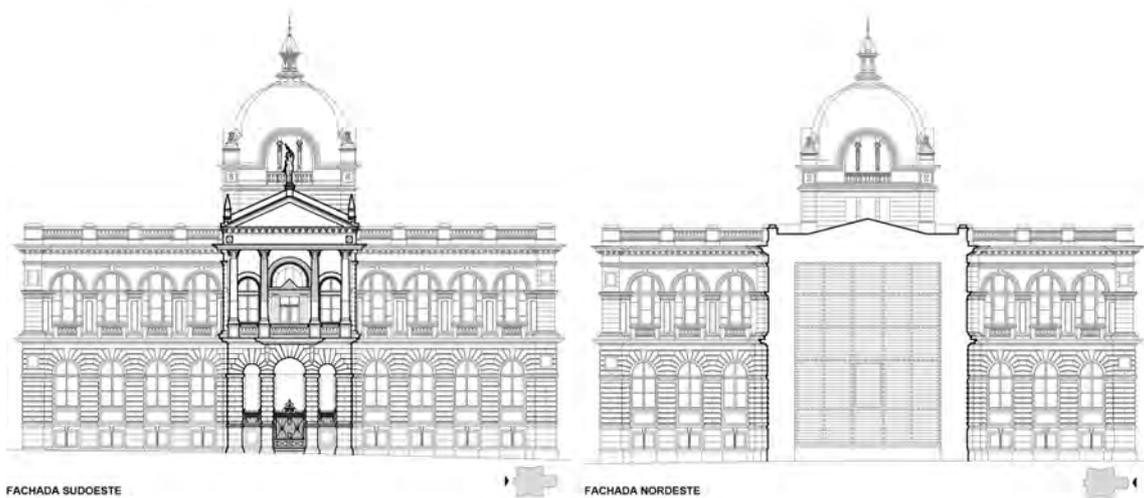
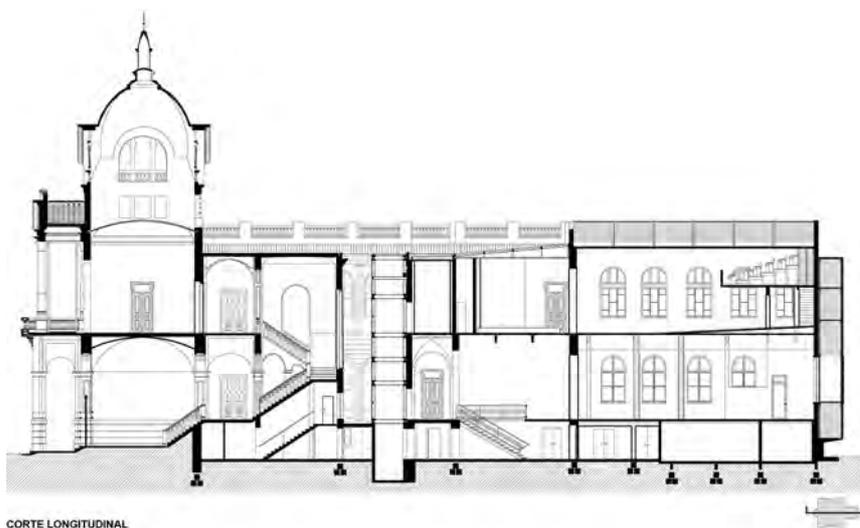
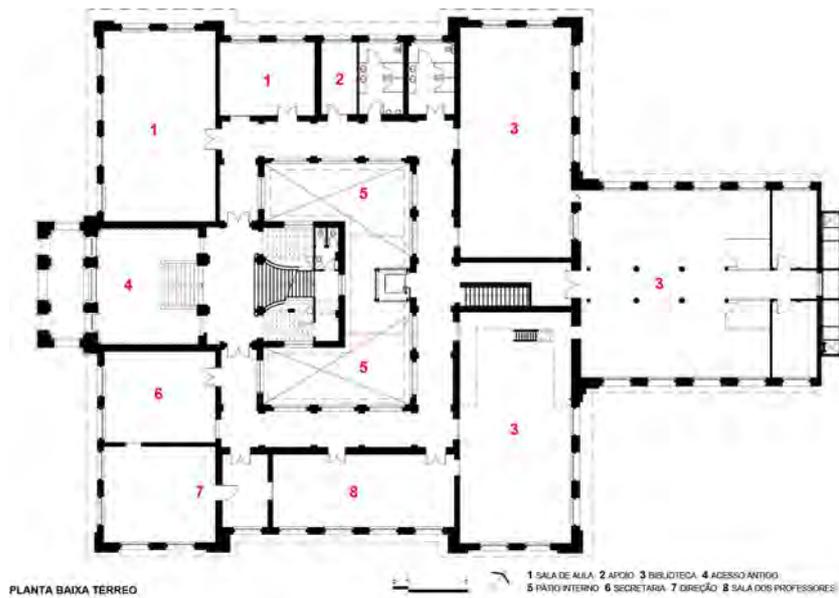


Fig. 85

Fig. 85 Projeto de restauração do prédio da Faculdade de Direito: planta baixa do térreo, corte longitudinal e fachada nordeste (posterior). Edison Zanckin Alice, 2004.

## .5 Prédio do Instituto Eletrotécnico

O Instituto Eletrotécnico da Escola de Engenharia foi criado em 1908 e ocupou, em seus primeiros anos, as dependências da própria escola. Entretanto, havia a necessidade de espaços especialmente projetados para suas atividades e equipamentos, demanda logo suprida com a construção de um prédio próprio para o instituto. O projeto, do engenheiro – e professor da instituição – Manoel Itaqui, foi executado por Andrighetto e Paganini durante os anos de 1908 a 1910<sup>216</sup>.

Localizado na esquina da Avenida Osvaldo Aranha com a Rua Sarmiento Leite, o edifício possui implantação simétrica em “V”, junto ao alinhamento das vias. A esquina funciona como ponto de inflexão das duas alas que compõe a volumetria básica do edifício, marcando o eixo de simetria e abrigando o acesso. Com dois pavimentos, o prédio apresenta volumetria simples, com acabamento chanfrado na esquina, onde o acesso é marcado por um pórtico formado por grossas pilastras, sob um balcão. Nesse ponto se localizam duas esculturas executadas em cimento fundido, representando a Eletricidade e a Mecânica, de autoria do escultor Giuseppe Gaudenzi. *“As fachadas apresentam formas e linhas rígidas, com tratamento simplificado, dando destaque aos tijolos de vidro do tipo pavê<sup>217</sup> que vedam as aberturas e os óculos”<sup>218</sup>* (Fig. 86).

A circulação horizontal é organizada pelo hall de acesso localizado no eixo de simetria, distribuindo para as alas através de circulação voltada para o interior do quarteirão, com os ambientes voltados para as vias. No interior do “V” foi construída uma grande chaminé da central de termoeletrica do instituto, bastante marcante na paisagem (Fig. 87).

Em termos construtivos a edificação utilizava os padrões típicos da época, com alvenaria portante de tijolos maciços assentada em fundação de granito e fechamento superior em cobertura de telhas cerâmicas francesas estruturadas em madeira.

Apenas dois anos após sua conclusão, em 1912, o prédio foi ampliado com

---

<sup>216</sup> MORAES, 2003, op. cit., p.59.

<sup>217</sup> Os tijolos de vidro do tipo pavê também foram utilizados nos edifícios das oficinas do Instituto Técnico Profissional (Castelinho e *Château*), de projeto do mesmo engenheiro, Manoel Itaqui.

<sup>218</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.110.



Fig. 86

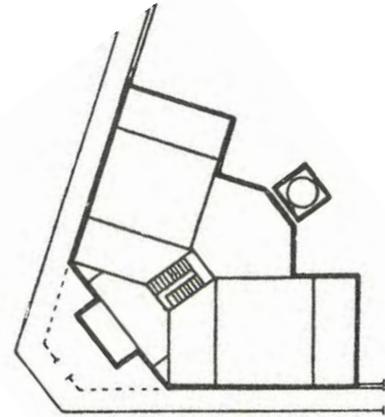


Fig. 87



Fig. 88

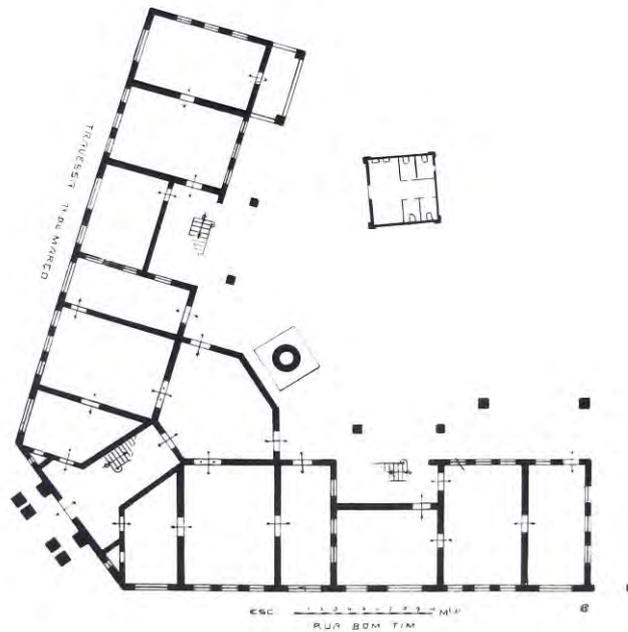


Fig. 89

Fig. 86 Prédio do Instituto Eletrotécnico: fachada principal, início da década de 1910.

Fig. 87 Prédio do Instituto Eletrotécnico: planta baixa esquemática, 1910.

Fig. 88 Prédio do Instituto Eletrotécnico: fachada principal, década de 1910.

Fig. 89 Prédio do Instituto Eletrotécnico: planta baixa do térreo, 1927/8.

projeto do próprio engenheiro Manoel Itaquí.<sup>219</sup> Foram utilizados os mesmos padrões estéticos, apenas aumentando (dobrando) o comprimento das alas (Fig. 88 e Fig. 89).

Anos mais tarde, em 1951, já rebatizado Instituto Montaury<sup>220</sup> e pertencente à UFRGS, foi realizada uma grande reforma no edifício que incluiu um terceiro pavimento. Essa intervenção alterou substancialmente as características originais da edificação, principalmente em relação à proporção volumétrica. Quanto aos acabamentos de fachada, a reforma buscou manter algumas referências, como a seriação de aberturas e a utilização de platibanda. Ainda assim, os elementos decorativos foram bastante simplificados, além da eliminação dos adornos originais da platibanda. O pavimento acrescido manteve a configuração funcional interna dos demais, apesar da altura de pé-direito ser inferior. A cobertura de telhas francesas foi substituída por laje em concreto.

Outras alterações foram sendo feitas ao logo do tempo, como alguns acréscimos no interior do “V”, após a demolição da chaminé realizada na década de 1970, que desconfiguraram ainda mais a volumetria original (Fig. 90).

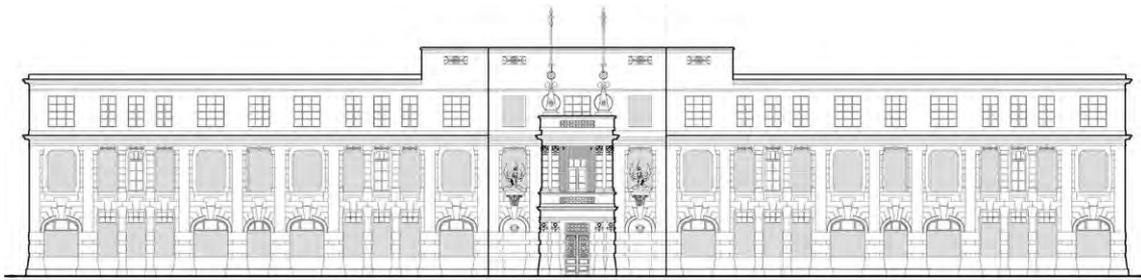
Em 2004 a Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor do Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) realizou obras de recuperação de um trecho da cimalha da fachada voltada para a Avenida Osvaldo Aranha, em função de um comprometimento estrutural (Fig. 91).

Em relação ao uso dos espaços, inicialmente o edifício abrigava apenas o Instituto Eletrotécnico, com o curso de engenheiros mecânico e eletricitas. Entretanto, com a constante necessidade de espaços da Escola de Engenharia, o prédio abrigou atividades do Instituto Técnico Profissional, o curso de Química Industrial nos anos 1920 (antes da construção do prédio próprio), além da estação de rádio da Universidade durante a década de 1950. Atualmente a edificação é ocupada pelo Departamento de Engenharia Elétrica da UFRGS.

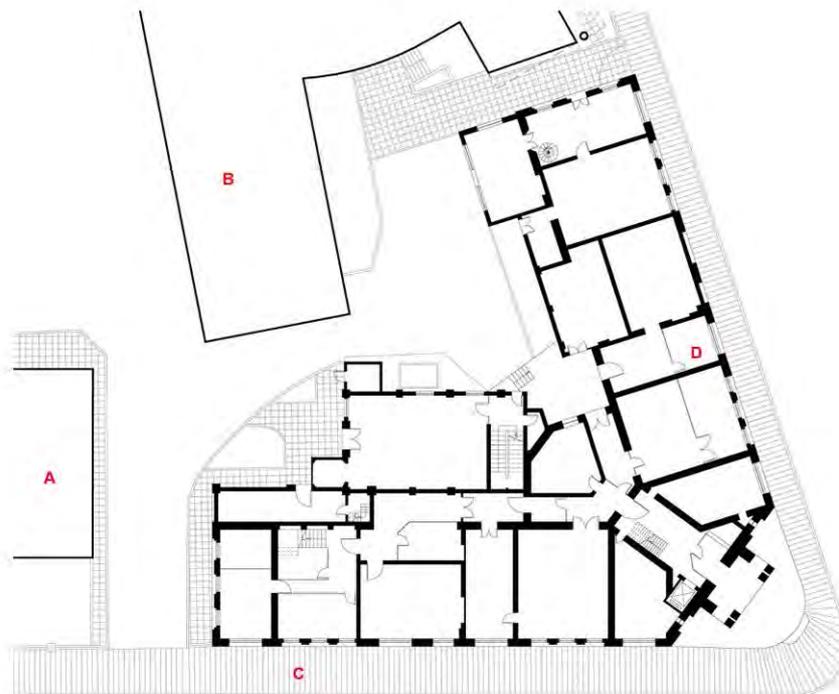
---

<sup>219</sup> MORAES, 2003, op. cit., p.60.

<sup>220</sup> “Em 1922, o Instituto recebe o nome de Montaury, em homenagem ao ex-intendente de Porto Alegre, José Montaury de Aguiar Leitão, que, na sua gestão, foi responsável por muitas formas de apoio que recebeu a Escola do poder público municipal.” (HASSEN, 1996, op. cit, p.75)



FACHADA



PLANTA BAIXA TÉRREO



A INSTITUTO PAROBÉ B ESCOLA DE ENGENHARIA (NOVO PRÉDIO)  
C CALÇADA RUA SARMENTO LEITE D CALÇADA AV. OSVALDO ARANHA

Fig. 90



Fig. 91

Fig. 90 Prédio do Instituto Eletrotécnico: fachada principal e planta baixa do térreo, 2000.

Fig. 91 Prédio do Instituto Eletrotécnico: fachada principal, 2004.

## . 6 Prédio do Instituto Parobé

O Instituto Técnico Profissional da Escola de Engenharia, rebatizado Instituto Parobé<sup>221</sup>, foi criado em 1906 e era uma escola de nível técnico, “*formando mestres e contramestres nas áreas de mecânica, trabalhos em madeira, artes do edifício e artes gráficas*”<sup>222</sup>. Tinha crescido muito nas primeiras décadas do século XX e as oficinas instaladas no *Château* e no Castelinho não mais suportavam a demanda do instituto, que já utilizava diversos pavilhões provisórios. O curso necessitava de espaços para atividades práticas e teóricas, além de áreas administrativas e alojamento. Com projeto de Chrétien Hoogenstraaten<sup>223</sup>, as obras do prédio da seção masculina do Instituto Parobé<sup>224</sup> foram executadas entre 1923 e 1928 por Andriguetto.

Localizado na Rua Sarmiento Leite ao lado do edifício do antigo Instituto Eletrotécnico, o prédio foi implantado em paralelo à referida via, com um pequeno recuo frontal. Com fachadas bastante adornadas, o volume de proporção horizontal se apresenta simétrico, com um corpo central saliente contendo uma grande cúpula de cobre e marcando o acesso principal. As extremidades também apresentam corpo saliente e cobertura com cúpula em cobre, porém com uma composição mais simplificada que o corpo central, principal. Alas de menor altura (um pavimento a menos) ligam o volume central aos laterais. Eclético com referências principais no classicismo, o prédio apresenta tratamento diferenciado dos corpos salientes em relação às alas, utilizando neles base rusticada no térreo com pilastras colossais acima e nelas pilastras da base à cornija (Fig. 92 e Fig. 93).

As plantas dos três pavimentos, com amplos pés-direitos, são organizadas de maneira simétrica, com um hall central que contém a circulação vertical e distribui horizontalmente por corredores (galerias) voltados para o interior do quarteirão, mantendo os ambientes com abertura para as fachadas frontal e laterais. As três

---

<sup>221</sup> Em 1917 o Instituto Técnico Profissional Benjamin Constant recebe o nome de Instituto Parobé, em homenagem ao ex-diretor da Escola de Engenharia João José Pereira Parobé, falecido em 1915. (HASSEN, 1996, op.cit., p.62)

<sup>222</sup> UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., 115.

<sup>223</sup> Chrétie Hoogenstraaten foi professor da Escola de Engenharia até 1928, período o qual colaborou com a revista *Egatea* (publicação da Escola de Engenharia). Weimer supõe que ele retornou à Europa após a criação da Universidade de Porto Alegre, em 1934. (WEIMER, 2004, op. cit., p.89)

<sup>224</sup> Na década de 1920 o Instituto Parobé criou uma seção feminina, que “*destinava-se a preparar condutoras de trabalhos domésticos e rurais*” (HASSEN, 1996, op.cit., p.86). Depois Instituto de Educação Doméstica e Rural, realizava suas atividades em prédio próprio, localizado no outro quarteirão.



Fig. 92

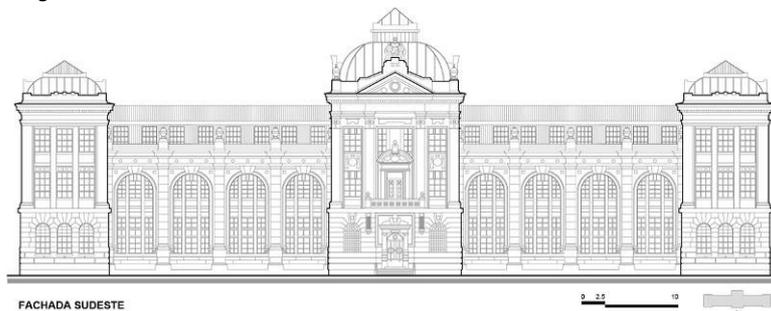


Fig. 93

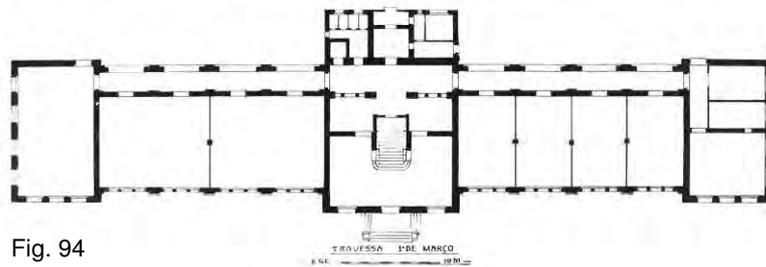


Fig. 94



Fig. 95

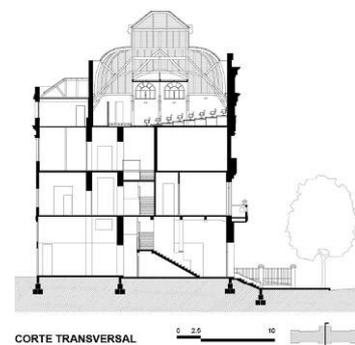


Fig. 96

Fig. 92 Prédio do Instituto Parobé: fachada principal, final da década de 1920.

Fig. 93 Prédio do Instituto Parobé: fachada principal.

Fig. 94 Prédio do Instituto Parobé: planta baixa do térreo, 1927/8.

Fig. 95 Prédio do Instituto Parobé: fachada principal, 2010.

Fig. 96 Projeto para auditório na cúpula central do prédio do Instituto Parobé: corte esquemático. Edison Zanckin Alice, 2004.

cúpulas configuram um quarto pavimento, porém sem continuidade, com acesso independente a cada uma delas (Fig. 94).

O edifício não sofreu grandes alterações em seus espaços ao longo dos anos, merecendo destaque apenas o acréscimo de uma escada externa na fachada posterior e de um mezanino no pavimento térreo, além de pintura das fachadas (Fig. 95).

Após a criação da Universidade de Porto Alegre, em 1934, na qual a Escola de Engenharia foi incluída, houve a desvinculação do Instituto, por se tratar de uma escola de nível médio. Ainda assim, a Escola Técnica Parobé permaneceu no prédio até o ano de 1961, quando passou a ocupar suas novas dependências na Avenida Loureiro da Silva. Os espaços, liberados, foram ocupados pelo Instituto de Matemática entre 1970 e 1985 e depois pela Engenharia Mecânica, que mantém suas atividades de graduação e pós-graduação até os dias atuais.

O prédio do Instituto Parobé recebeu algumas melhorias por meio do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, realizadas pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS). Foi feita a recuperação das estruturas de madeira e das chapas de cobre das cúpulas, intervenções nas instalações elétricas e de drenagem da cobertura, além da construção de um auditório sob a cúpula central (Fig. 95 e Fig. 96).

## .7 Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas

O prédio da Faculdade de Ciências Econômicas foi construído entre os anos de 1952 e 1954<sup>225</sup> sobre os escombros do prédio do antigo Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, que sofreu um grave incêndio em 1951. Restando apenas “*os alicerces e algumas paredes dos dois pavimentos pré-existent*”<sup>226</sup>, o novo edifício foi erguido sobre a base existente, porém incluindo mais dois pavimentos.

Fundada em 1909 como Escola de Comércio anexa à Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, a atual Faculdade de Ciências Econômicas tornou-se autônoma em 1945, já sob a estrutura da Universidade de Porto Alegre. A construção de uma sede própria vinha sanar uma grande carência de espaços, pois a escola funcionava sediada no prédio da Faculdade de Direito desde sua fundação e havia crescido muito desde então. Em 1954, quando o prédio foi concluído, abrigou também a administração central da então Universidade Federal do Rio Grande do Sul até 1957, ano da conclusão do edifício sede da Reitoria.

Tratado na época como a reconstrução do prédio do antigo Instituto Ginásial Júlio de Castilhos<sup>227</sup>, o edifício reproduziu a posição das paredes da construção original, utilizando o mesmo sistema construtivo (alvenaria portante de tijolos maciços, apesar de já não ser usual nas construções dos anos 1950) e mantendo a altura dos primeiros pavimentos e os vãos de esquadrias. Portanto, o prédio permaneceu com a configuração interna anterior, organizado simetricamente através de um hall central e fita simples de salas na fachada principal, com a circulação voltada para o interior do quarteirão<sup>228</sup>. Um estudo inicial considerou o acréscimo de dois sanitários em cada pavimento, em posição simétrica, além da inclusão de um pavimento a mais. Essa proposta não previu a reconstrução das cúpulas central e laterais do prédio do antigo Instituto, apenas manteve o corpo central um pavimento mais alto que as alas. (Fig. 97) A versão construída manteve as soluções do estudo inicial e incluiu ainda um bar, num volume semicircular térreo com terraço na fachada posterior. Além disso, foi

---

<sup>225</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, p.117.

<sup>226</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, p.117.

<sup>227</sup> Segundo informação constante nas pranchas da proposta arquitetônica consultadas no acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.

<sup>228</sup> Sobre o prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, consultar subitem .3 do item 4.2.1.

executado um total de quatro pavimentos (um a mais que o previsto no estudo) e instalados dois elevadores internos (Fig. 98 e Fig. 99).

As fachadas, originalmente bastante ornadas, na nova versão possuem como elemento de composição formal apenas os recuos e avanços volumétricos, priorizando as linhas retas e verticais. A seriação das aberturas foi mantida, apesar de terem sido padronizadas em relação à dimensão de altura (Fig. 99).

Assim, o resultado é uma edificação que se apresenta quase como um fantasma do prédio original, com roupagem racionalista. As relações formais de composição, proporção e implantação - entre os ecléticos prédio centenário da Faculdade de Engenharia e prédio da Faculdade de Direito -, não guardam referência alguma em relação à situação original.

Cinco anos após sua conclusão, o edifício sofreu o primeiro acréscimo: um volume de base retangular prolongando a ala direita em formato de “L”. Com a altura dos quatro pavimentos, a ampliação foi construída com estrutura independente em concreto armado e abrigou um auditório no último pavimento e áreas para um escritório modelo e salas de aula nos demais. Além disso, na mesma época foram adaptadas as instalações do 5º pavimento (na projeção do corpo central). O prédio foi ampliado mais duas vezes em continuidade física com o primeiro acréscimo, através de um pequeno volume com altura de três pavimentos e outro mais extenso, com altura de dois, comprometendo ainda mais o aspecto formal do conjunto (Fig. 98 e Fig. 100). Além disso, internamente as salas foram gradualmente recebendo divisórias e mezaninos, compartimentando e desconfigurando os ambientes.

Atualmente, o edifício mantém ocupação com as atividades da Faculdade de Ciências Econômicas, com exceção de parte do térreo, no último volume acrescido, que está ocupado pelo Juizado de Pequenas Causas.



Fig. 97

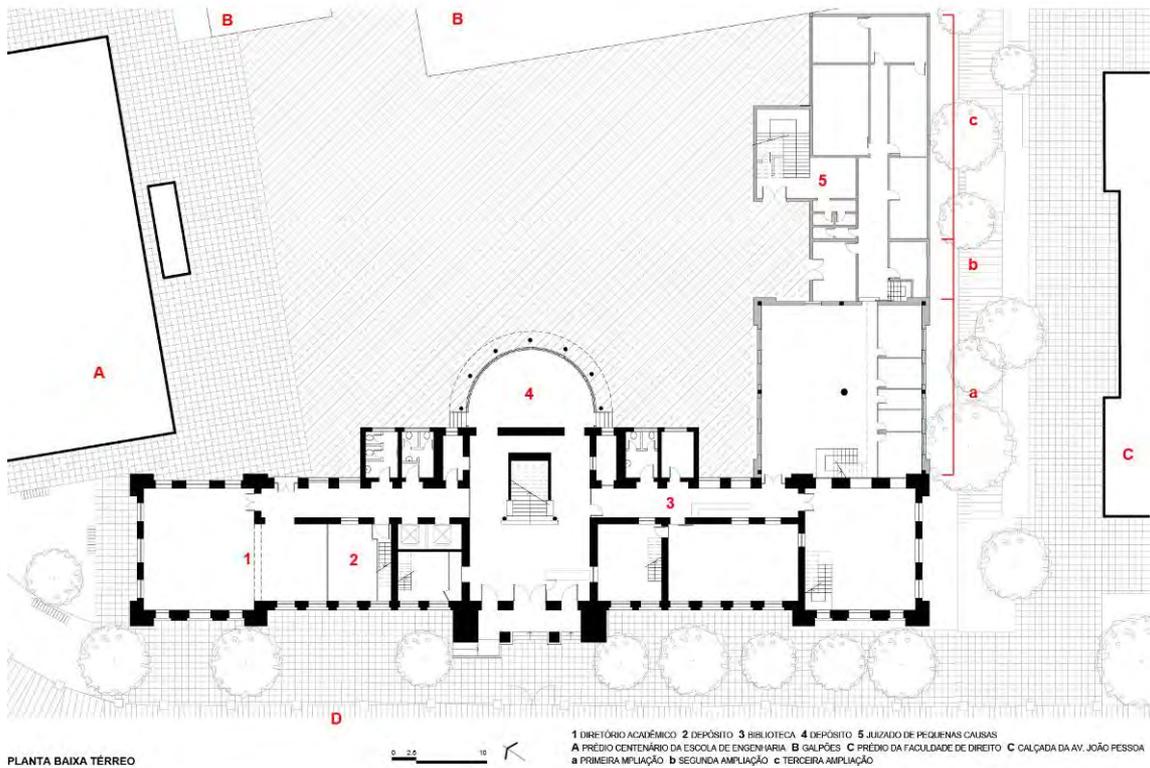


Fig. 98



Fig. 99

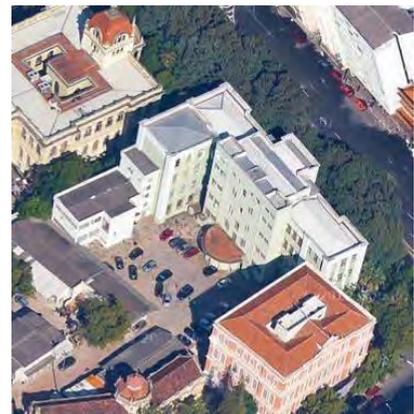


Fig. 100

Fig. 97 Estudo para reconstrução do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos: planta baixa do pavimento térreo e fachada principal.

Fig. 98 Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas: planta baixa do pavimento térreo, 2013.

Fig. 99 Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas: vista da fachada principal.

Fig. 100 Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas: vista aérea posterior, 2013.

## . 8 Prédio novo da Escola de Engenharia

A Escola de Engenharia inaugurou seu edifício em 1901, antes mesmo de fazer parte da Universidade de Porto Alegre, em 1934. A instituição seguiu ampliando e diversificando suas atividades, e com a federalização da Universidade em 1951, a necessidade de um novo local se tornou inadiável, pois o prédio centenário já não comportava a demanda de espaços.

O terreno utilizado para a construção foi uma área livre no 1º Quarteirão, junto à Avenida Osvaldo Aranha, entre o prédio do Instituto Eletrotécnico e Observatório Astronômico. Inicialmente esse terreno estava destinado ao prédio da Faculdade de Arquitetura, mas houve um acordo de troca pelo terreno da esquina da Rua Sarmento Leite com a Avenida Osvaldo Aranha, no 2º Quarteirão<sup>229</sup>.

Entre o ano de 1955 e 1960<sup>230</sup> foi construído o moderno edifício, com projeto do arquiteto Hélio Nunes Wagner<sup>231</sup>. A volumetria é composta por duas barras interligadas por um volume central. A barra frontal desenvolve ao longo da Avenida Osvaldo Aranha, com recuo, e possui perfil côncavo; a barra voltada para o interior do quarteirão se apresenta um pouco inclinada em relação à frontal, seguindo o alinhamento de um edifício existente no local; já o volume de conexão possui geometria irregular, fazendo o ajuste entre as diferentes geometrias e inclinações das barras. A concavidade da barra frontal, além de criar um pequeno largo junto ao acesso e ampliar visualmente o perfil da rua, estreito no trecho, marca a presença do edifício moderno entre duas pré-existências ecléticas, o prédio do Instituto Eletrotécnico e o Observatório Astronômico (Fig. 101 a Fig. 103).

O acesso, portanto, é realizado no térreo pela barra côncava, através do passeio da Avenida Osvaldo Aranha. Um recuo do plano de fechamento cria uma galeria com colunas que faz a transição do volume com o solo e abriga, centralizado e marcado por uma marquise saliente, o acesso. O térreo dessa barra abriga ainda um bar. Com térreo mais 6 pavimentos tipo, o edifício organiza a partir do hall, localizado no volume de conexão, distribuindo os fluxos para as circulações horizontais localizadas nas barras, que funcionam com fita simples de salas. A

---

<sup>229</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.122.

<sup>230</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.85.

<sup>231</sup> Autoria segundo assinatura constante no selo de pranchas consultadas no acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.

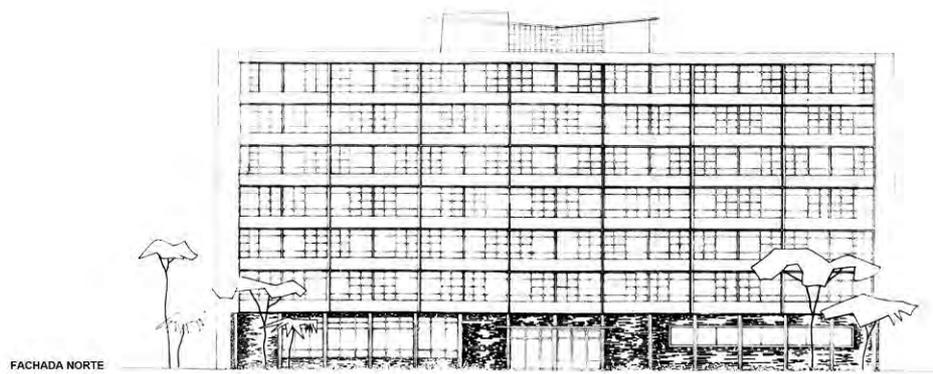
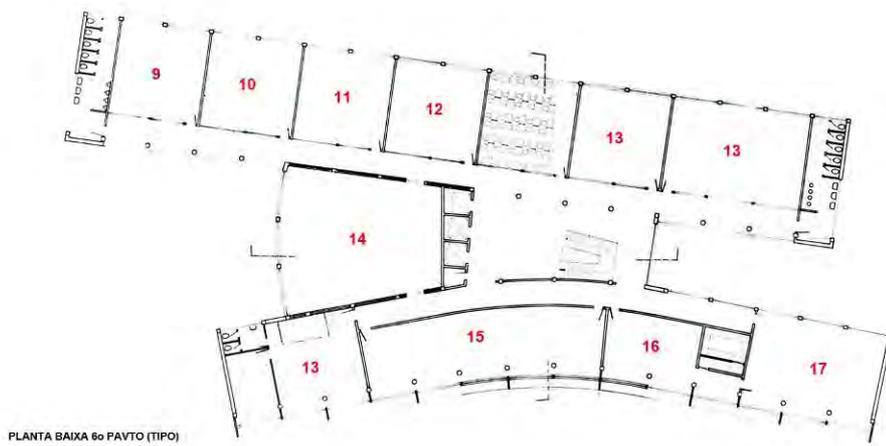
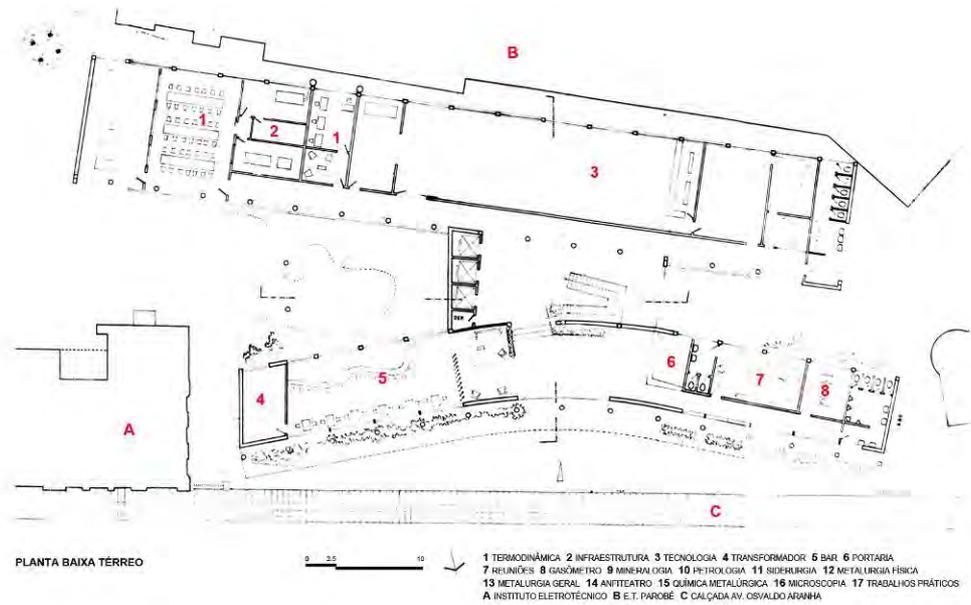


Fig. 101

Fig. 101 Projeto do prédio novo da Escola de Engenharia: planta baixa dos pavimentos térreo e tipo e fachada norte, 1955.

circulação da barra inclinada, iluminada naturalmente nas laterais, conduz aos sanitários, localizados nas duas extremidades. O volume do hall abriga ainda um anfiteatro em cada pavimento tipo, tirando proveito das inclinações para gerar a geometria da sala; no pavimento térreo a área de projeção dos anfiteatros abriga um jardim, externo.

Em relação aos aspectos construtivos, a estrutura independente em concreto armado aparece no alinhamento do plano de fechamento, com exceção da fachada principal, na barra curva (voltada para a Avenida Osvaldo Aranha), onde os pilares se apresentam recuados e permitem a fachada livre. Essa fachada também é a única que possui proteção solar através de uma grelha, cujo módulo utilizado é a largura de dois entrecolúnios e a altura de um pavimento.

Quando concluído, com 50 salas de aula, 10 laboratórios, uma grande biblioteca e seis anfiteatros, segundo o reitor Paglioli, o edifício permitiu que fosse instituído mais um curso, ampliando em 100 o número de novas matrículas<sup>232</sup>.

Com o passar dos anos, de uma maneira geral o edifício se manteve íntegro, principalmente nos pavimentos superiores, apenas com adaptações internas e subdivisões de salas. Apesar das atividades relacionadas aos laboratórios terem crescido muito, não houve prejuízo ao espaço interno dos pavimentos, pois essas instalações têm sido transferidas para o Campus do Vale, em prédios próprios. A exceção está no pavimento térreo, que recebeu diversos acréscimos realizados sem nenhum tipo de critério e comprometendo a volumetria do edifício. Além da administração da escola e dos cursos de graduação, o edifício abriga hoje os cursos de pós-graduação (Fig. 104 e Fig. 106).

Durante os anos de 2011 e 2012 foi realizada uma grande obra no segundo pavimento, com reforma total dos espaços ocupados pela biblioteca, cujo projeto é de autoria de Santini & Rocha Arquitetos<sup>233</sup>. Atualmente está em andamento obra de recuperação das fachadas, projeto da Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor do Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS)<sup>234</sup> (Fig. 105).

---

<sup>232</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.84.

<sup>233</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras Concluídas*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_concluidas](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_concluidas)>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.

<sup>234</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras em Andamento*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_andamento](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_andamento)>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.



Fig. 102



Fig. 103



Fig. 104



Fig. 105

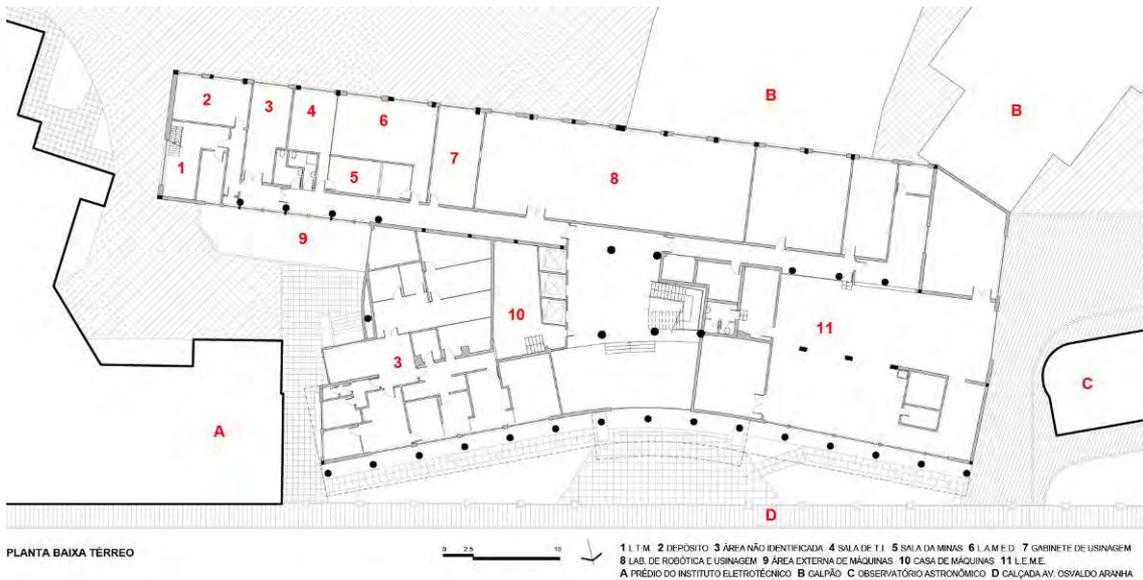


Fig. 106

Fig. 102 Prédio novo da Escola de Engenharia: vista geral, década de 1960.

Fig. 103 Prédio novo da Escola de Engenharia: vista a partir da calçada, década de 1960.

Fig. 104 Prédio novo da Escola de Engenharia: vista aérea, 2010.

Fig. 105 Prédio novo da Escola de Engenharia: vista da obra de restauração das fachadas, 2013.

Fig. 106 Prédio novo da Escola de Engenharia: planta baixa do pavimento térreo, 2010.

## . 9 Novo prédio de Salas de Aula

Desde a década de 1960 não foram construídos novos edifícios no Campus Centro, e a demanda por salas de aula ao longo dos anos foi se tornando insustentável, em função de fatores como o aumento de vagas, a constante diversificação das atividades, além da crescente ampliação dos programas de pós-graduação.

Assim, previsto pelo Plano Diretor do Campus Universitário<sup>235</sup> e desenvolvido pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor do Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS), foi projetado um novo prédio de salas de aula a ser construído no interior do 1º Quarteirão, para uso de todas as unidades acadêmicas. O projeto possui como responsável o arquiteto Edison Zanckin Alice, membro da equipe da referida Secretaria (Fig. 107 a Fig. 111).

A proposta geral inclui um edifício com volumetria em barra conectado a uma praça elevada (ainda não executada), proposta com o intuito de qualificar o espaço do miolo do quarteirão, até então ocupado com pavilhões de pequenas edificações de caráter provisório. A barra foi disposta em posição paralela ao prédio do Instituto Parobé. O projeto propõe uma releitura tipológica do edifício do instituto, espelhando a solução utilizada nesse prédio: fita simples de salas com circulação horizontal aberta, avarandada, e distribuição vertical num volume centralizado que se sobressai ao volume principal da barra na fachada posterior. No entanto, diferentemente do prédio do instituto Parobé, o novo edifício propõe a utilização de pilotis no andar térreo. Assim, em posição espelhada e em contato, o prédio do Instituto Parobé possui a fachada principal voltada para a rua enquanto o novo prédio de Salas de Aula possui a sua voltada para o interior do quarteirão. Além disso, a altura do prédio do instituto também foi considerada como limite máximo para a nova construção, para que ela não interferisse na percepção da pré-existência. O novo edifício possui ainda um volume referente a uma segunda escada para descarga em caso de incêndio, em posição assimétrica na fachada posterior.

No térreo, o acesso ao novo prédio se dá pelo hall central envidraçado, mantendo as laterais sem fechamento, apenas com pilotis e bancos. Na estrutura independente em concreto armado, com pilares e vigas moldados *in loco* e laje pré-

---

<sup>235</sup> Sobre o Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, consultar item 3.5.

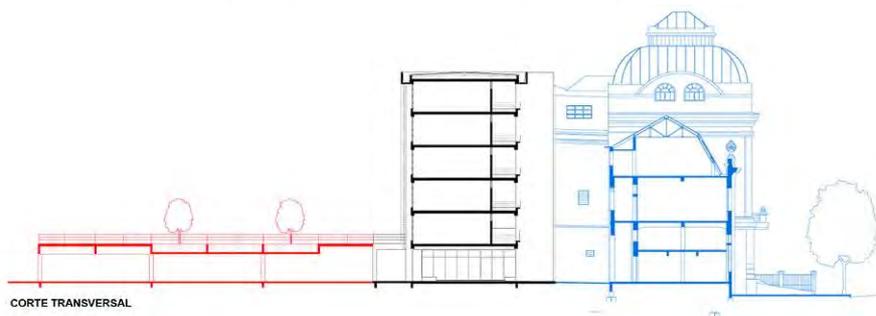
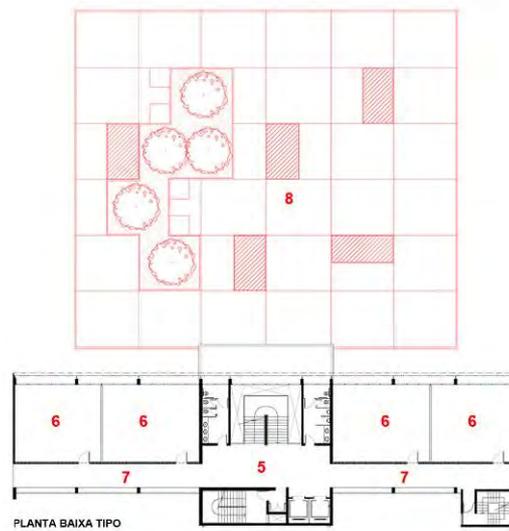


Fig. 107

Fig. 107 Projeto do novo prédio de Salas de Aula: planta baixa dos pavimentos térreo e tipo e corte transversal. Edison Zanckin Alice, 2009.

moldada, a dimensão de largura da barra corresponde ao vão estrutural, permitindo que os 5 pavimentos superiores possam abrigar salas de aula moduláveis para diferentes capacidades.

A fachada principal apresenta grande área envidraçada, com a utilização de esquadrias metálicas e proteção solar externa, formada por uma grelha metálica quadriculada que uniformiza o plano de fachada. A fachada posterior, com a circulação horizontal avarandada, utiliza bancos em concreto como parapeito. Os materiais de fechamento (esquadrias e brises metálicos e alvenaria) utilizam a cor branca como acabamento padrão.

A solução volumétrica do prédio, com geometria pura e tratamento estético uniforme, mostra uma intenção de neutralidade num entorno de edifícios ecléticos de arquitetura mais rebuscada.

A construção do edifício, que se estendeu entre 2010 e 2013<sup>236</sup>, incluiu ainda a execução do trecho de conexão com a praça elevada, a ser construída numa segunda etapa. O edifício, entretanto, possui baixa qualidade construtiva e de acabamentos em relação aos demais edifícios do campus aqui expostos, reflexo das dificuldades geradas pelas condições atuais de contratação e execução de obras públicas.

---

<sup>236</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras Concluídas*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_concluidas](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_concluidas)>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.



Fig. 108



Fig. 109



Fig. 110



Fig. 111

Fig. 108 e Fig. 109 Novo prédio de Salas de Aula: vistas aéreas da fachada principal, 2014.

Fig. 110 e Fig. 111 Novo prédio de Salas de Aula: vistas internas do hall de acesso e das circulações horizontais nos pavimentos superiores, 2014.

#### 4.2.2 2º Quarteirão

##### .1 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais

Em 1910 foi construído um pavilhão para aulas práticas da Escola de Engenharia, o Laboratório de Resistência dos Materiais. Apesar de não haver registros, a autoria do projeto é creditada a Manoel Itaquí, em função da similaridade com os outros projetos que desenvolveu à mesma época para a instituição<sup>237</sup>.

Para a função a que se destinava, de um espaço para a realização de ensaios tecnológicos, era necessário um local amplo, com grande pé-direito, que comportasse a instalação e uso das máquinas. Assim, foi projetado um pavilhão de volumetria única, prismática com base retangular e telhado composto por duas águas.

Localizado na Avenida Osvaldo Aranha próximo à esquina com a Avenida Paulo Gama, foi o primeiro edifício da Universidade a ocupar o chamado segundo quarteirão. O acesso se dava através do interior do terreno, pela lateral do volume voltada para o primeiro quarteirão. A fachada norte (da Avenida Osvaldo Aranha), apesar de não conter o acesso, foi tratada com diferenciação, concentrando a ornamentação. Simétrica, a fachada possui em sua composição seis pilastras e um frontão central contendo uma pintura que simboliza o trabalho. O limite com o passeio, no alinhamento do edifício, possuía um muro baixo, que ajudava a compor a fachada (Fig. 112 e Fig. 113), hoje desaparecido.

Do sistema construtivo, de paredes portantes de alvenaria com tijolos maciços assentadas sobre fundação de pedra, destaca-se a utilização de treliças do tipo *polonceau* para a sustentação da cobertura, composta por telhas cerâmicas francesas<sup>238</sup>.

Já em 1919 a edificação sofreu uma ampliação, visando instalar mais áreas para ensaios físicos, oficina mecânica, sala de aula, museu e um arquivo. Foi então acrescentado um volume prismático retangular com dois pavimentos – um torreão cuja altura se sobressai ao pavilhão original –, além de um volume menor, com um

---

<sup>237</sup> MORAES, 2003, op. cit., p.65,68-69.

<sup>238</sup> UINVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.28.



Fig. 112

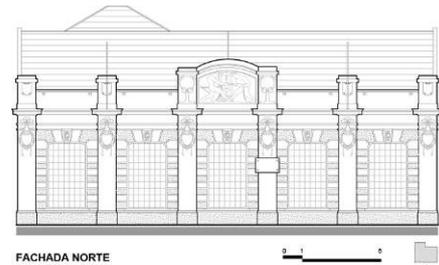


Fig. 113



Fig. 114

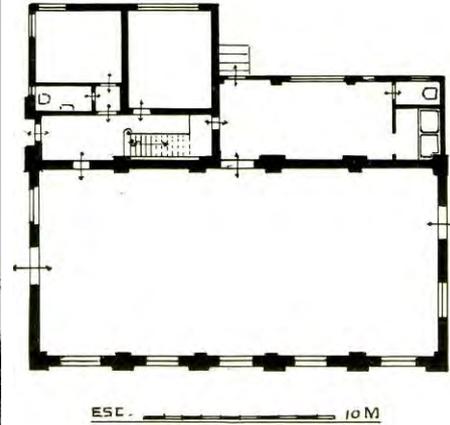


Fig. 115



Fig. 116



Fig. 117

Fig. 112 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: fachada frontal, década de 1910.

Fig. 113 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: fachada frontal.

Fig. 114 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: fachadas frontal e lateral (acesso), década de 1920.

Fig. 115 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: planta baixa do térreo, 1927/8.

Fig. 116 e Fig. 117 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: fachada frontal e vista posterior, década de 1990 (interditado).

pavimento de pé-direito simples. Ambos foram acrescentados junto à fachada sul, no interior do quarteirão (Fig. 114 e Fig. 115).

De 1943 a 1966 o edifício abrigou o Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul (ITERS), atual Fundação de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Sul (CIENTEC), que havia sido criado em 1942 e realizava pesquisas de caráter experimental de interesse para a indústria e também para a construção civil. De 1977 até sua interdição, em 1996, suas instalações foram ocupadas pelo primeiro Curso Latino-Americano em Tecnologia do Couro, motivo pelo qual ficou conhecido como Curtumes e Tanantes. A partir de 2002 passou a abrigar o Museu da Universidade.

Entre 1999 e 2004 o edifício sofreu obras de restauração, realizadas através do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. O projeto, realizado pela equipe da Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) coordenada por Edison Zanckin Alice, buscou valorizar as características originais da edificação e adaptar o prédio ao novo uso, de Museu da Universidade, utilizando de técnicas e materiais contemporâneos para diferenciar as intervenções realizadas. No volume original foi disposta a área de exposição, com a inserção de um mezanino metálico recuado das paredes que permite a percepção do espaço como original; além disso, o volume baixo foi utilizado com salas de apoio à exposição, multimídias e galeria hermética. No torreão, com acesso independente, ficou a área administrativa. Outro ponto importante da intervenção foi a inserção de um volume envidraçado, com estrutura em concreto aparente, marcando o novo acesso principal. Localizado em ponto oposto ao original, o acesso foi disposto voltado para o novo largo de acesso ao quarteirão, compondo com uma escultura em ferro, de autoria de Nico Rocha<sup>239</sup> (Fig. 116 a Fig. 121).

---

<sup>239</sup> O projeto de reforma para instalação do Museu da Universidade foi realizado concomitantemente com um projeto de reestruturação do espaço aberto do segundo quarteirão, também realizado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. Esse projeto incluiu a alteração do fluxo de veículos e pedestres na área interna do quarteirão, nova pavimentação, além da criação de áreas externas de estar.

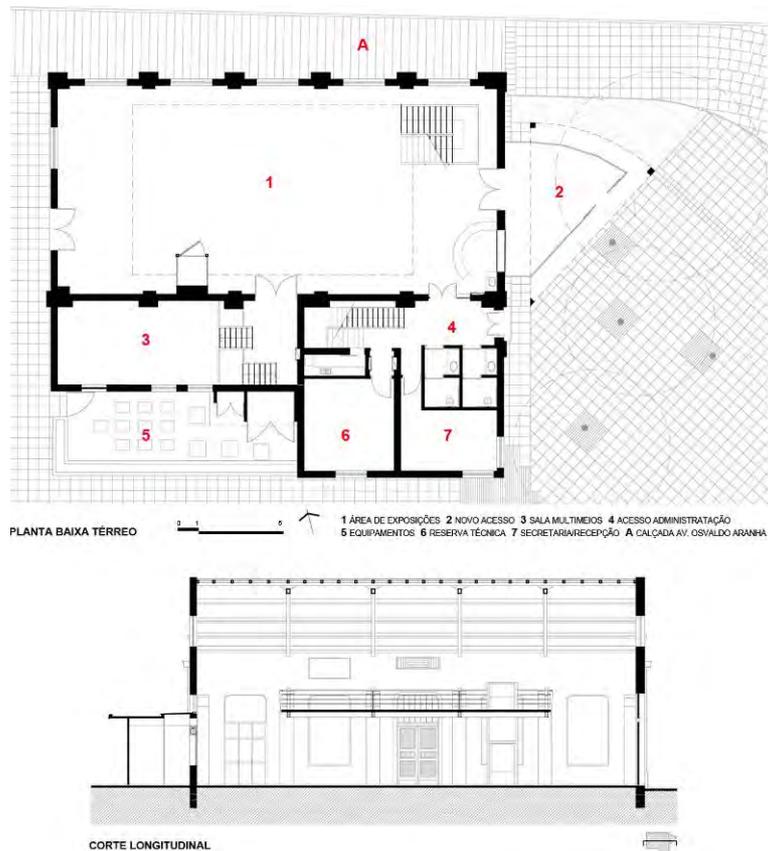


Fig. 118



Fig. 119



Fig. 120



Fig. 121

Fig. 118 Projeto de restauração do prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: planta baixa do térreo e corte longitudinal. Edison Zanckin Alice, 1999.

Fig. 119 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: fachada frontal, restaurado, 2003.

Fig. 120 Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais: novo volume de acesso, 2002.

Fig. 121 Largo de acesso ao segundo quarteirão (esquina das avenidas Osvaldo Aranha e Paulo Gama): vista panorâmica, à direita o acesso ao aLaboratório de Resistência dos Materiais, 2003.

## .2 Prédio da Faculdade de Medicina

A Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre foi criada em 1898 através da união da Escola Livre de Farmácia e Química Industrial, fundada em 1895, com o Curso de Partos, que funcionava na Santa Casa de Misericórdia desde 1897, além de incluir o Curso de Odontologia, do mesmo ano. A instituição inicialmente utilizou salas no porão da Escola Normal (esquina da Rua Duque de Caxias com a Rua Marechal Floriano), para em seguida ocupar um edifício na atual Rua General Vitorino. Ainda assim, a instituição cresceu rapidamente e logo seus institutos necessitaram de mais espaço, localizando-se esparsos pelo centro.

Na esquina da Rua Sarmento Leite com a Avenida Engenheiro Luiz Englert, a construção foi realizada entre os anos de 1913 e 1924, paralisando de 1914 a 1919 devido à crise gerada pela Primeira Guerra Mundial. Retomada pela Secretaria de Obras do Estado, as obras ficaram sob a fiscalização do engenheiro Pedro Scheunemann<sup>240</sup>. A primeira etapa da construção foi realizada por Rudolf Ahrons e a segunda, após a paralisação, por Augusto Sartori<sup>241</sup>.

Theodor Wiederspahn<sup>242</sup>, com a colaboração de Alexander Gundlach<sup>243</sup>, projetou o edifício conformando a esquina, simétrico. A implantação, em formato de losango irregular, utiliza ocupação perimetral e pátio central. Na esquina, eixo de simetria, a marcação do acesso principal é feita através de um volume circular, com

---

<sup>240</sup> Natural de Rio Grande, Pedro Paulo Scheunemann formou-se em Engenharia Civil em 1917. Dois anos depois passou a atuar como fiscal de obras na Secretaria de Obras do Estado, onde acompanhou a construção de edifícios como a Faculdade de Medicina, o Arquivo Público e o Hospital São Pedro. (WEIMER, 2004, op. cit., p.155-56)

<sup>241</sup> Com estudos específicos na Itália, Augusto Sartori foi um construtor ativo em Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930, atuando em obras importantes. Dentre elas destacam-se, além do prédio da Faculdade de Medicina, o Hotel Majestic (hoje Casa de Cultura Mário Quintana), o Cinema Colombo e o edifício La Porta. (WEIMER, 2004, op. cit., p.154-55)

<sup>242</sup> Natural de Wiesbaden (Hessen, Alemanha), Theodor Alexander Josef Wiederspahn se formou pela Koenigliche Baugewebeschule na cidade de Idstein (Hessen, Alemanha). Iniciou construindo para a firma de seu pai, na Alemanha. Imigrou para o Rio Grande do Sul em 1908, atuando no escritório de Rudolf Ahrons em Porto Alegre como responsável pelo Departamento de Arquitetura. Foi nesse período que projetou o prédio da Faculdade de Medicina. Após o fechamento do escritório de Ahrons, em 1915, Wiederspahn seguiu atuando por conta própria até falecer, em 1930. Após a guerra ainda associou-se a Friedhold Rhoden, para quem realizou vários projetos. São de sua autoria edifícios de grande destaque na cidade, como os Correios e Telégrafos, a Delegacia Fiscal (hoje MARGS), o Hotel Majestic (hoje Casa de Cultura Mário Quintana). (WEIMER, 2004, op. cit., p.190-92)

<sup>243</sup> Alexander Gundlach atuava no escritório de Rudolf Ahrons, onde colaborou detalhando alguns dos projetos desenvolvidos por Theo Wiederspahn, entre os quais estão o prédio da Faculdade de Medicina e o da Delegacia Fiscal (hoje MARGS). Após a dissolução do escritório, passou a trabalhar por conta própria. (WEIMER, 2004, op. cit., p.80)

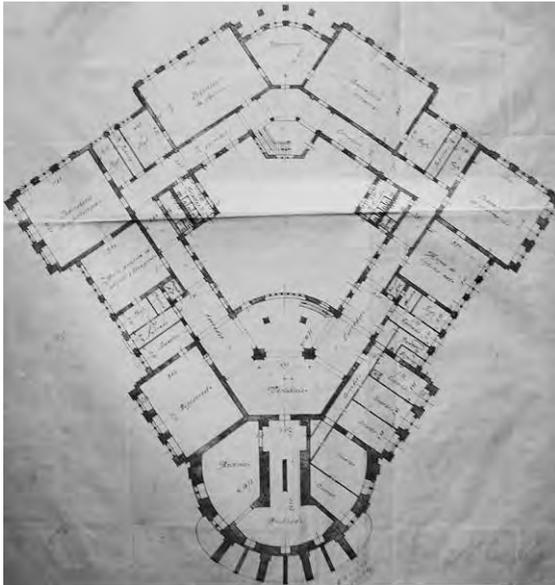


Fig. 122

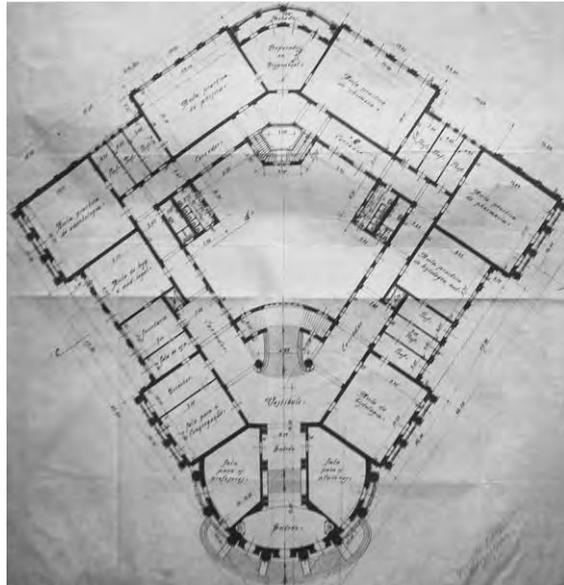


Fig. 123



Fig. 124



Fig. 125

Fig. 122 Projeto para o prédio da Faculdade de Medicina: planta baixa dos pavimentos porão (E) e térreo (D). Theo Wiederspahn, 1913.

Fig. 123 Projeto para o prédio da Faculdade Medicina: perspectiva. Theo Wiederspahn, 1913.

Fig. 124 Prédio da Faculdade de Medicina: vista frontal a partir da esquina, década de 1920.

Fig. 125 Prédio da Faculdade de Medicina: vista aérea geral, década de 1970.

uma escadaria e grandes pilastras. Nas fachadas laterais, voltadas para as vias, quatro corpos salientes (dois em cada uma) são coroados com grandes cúpulas de cobre (Fig. 123).

Os acessos da rua foram projetados pelo passeio através da esquina, no nível do primeiro pavimento, e pelo interior do quarteirão através do ponto oposto do losango, no nível do pavimento porão. Cada um dos pontos de acesso configura um hall com um núcleo de circulação vertical, interligados por corredores voltados para o pátio interno, que distribuem horizontalmente os fluxos. Os ambientes estão localizados no perímetro do volume, com exceção dos sanitários que estão dispostos em volumes no pátio central (Fig. 122).

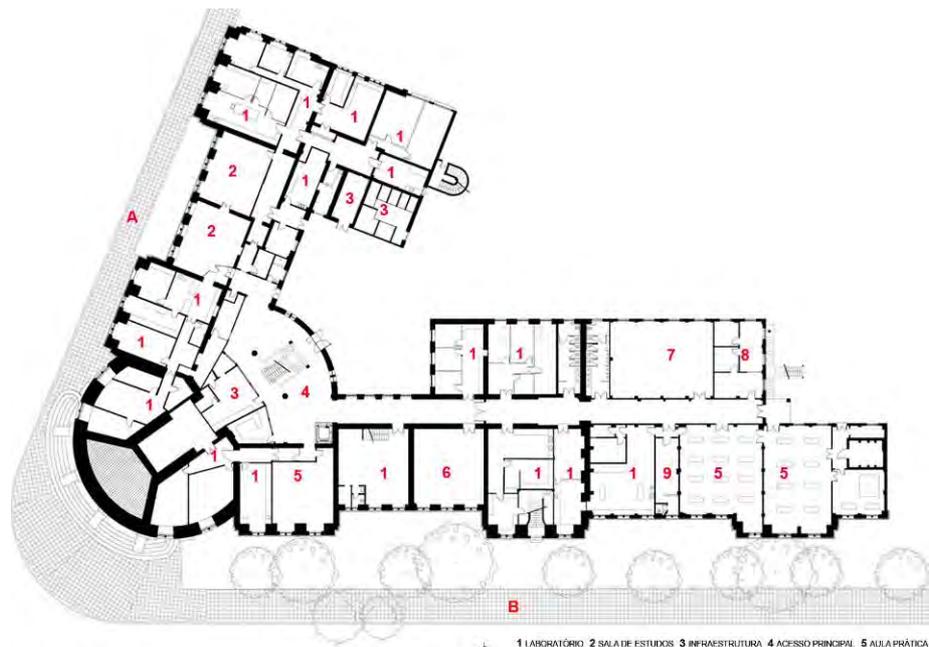
Entretanto, as adversidades financeiras levaram a algumas alterações do projeto original. O projeto foi revisto pelo engenheiro da Secretaria de Obras Públicas João Pianca<sup>244</sup>, resultando na eliminação das cúpulas (substituídas por frontões) e da estatuária sobre a platibanda. Além disso, o edifício foi reduzido, tendo sido construído apenas o volume central, da esquina, e as alas voltadas às vias. O edifício passou a configurar o formato de um “V” assimétrico, pois a ala direita (voltada para a Avenida Luiz Englert) foi construída parcialmente. Os adornos das fachadas, assim como os frontões e compoteiras localizados acima das platibandas foram executados pelo escultor italiano Frederico Pellarin<sup>245</sup>. O sistema construtivo, típico na época, utilizou paredes portantes em alvenaria de tijolos maciços assentadas em fundações de pedra (Fig. 124).

Em 1937 o prédio sofreu uma ampliação na ala direita que manteve os padrões dimensionais e estéticos existentes, recuperando a simetria do conjunto. Entretanto, em 1952 essa ala foi novamente ampliada. Apesar de repetir o módulo de composição da fachada e manter o alinhamento externo, o trecho foi acrescido mais largo. Essa solução criou uma saliência na fachada interna e modificou o esquema da circulação horizontal do trecho, agora composta de corredor central e faixa dupla de ambientes. Em 1955 a ala esquerda foi modificada, através do acréscimo de um volume voltado para a área interna, criando nova saliência na fachada interna.

---

<sup>244</sup> Natural de Porto Alegre, João Baptista Pianca formou-se em Engenharia Civil em 1915, passando logo a atuar na fiscalização de obras da Secretaria de Obras Públicas. Além disso, acredita-se que chegou a desenvolver alguns projetos nesse cargo. Foi nomeado professor da Escola de Engenharia em 1920, onde lecionou até 1938. Durante o período da Segunda Guerra trabalhava na Secretaria de Obras do Estado, onde desenvolveu projetos para grupos escolares. Aposentou-se em 1960 no cargo de diretor da Faculdade de Arquitetura (fundada com a união dos cursos dados paralelamente no Instituto de Artes e na Escola de Engenharia). (WEIMER, 2004, op. cit., p.137)

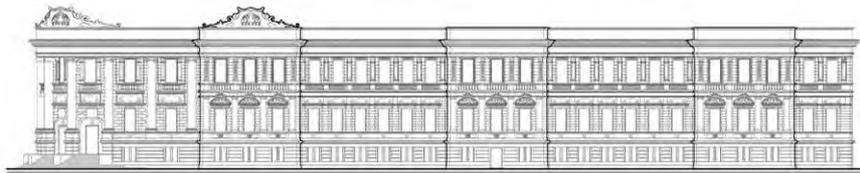
<sup>245</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.77.



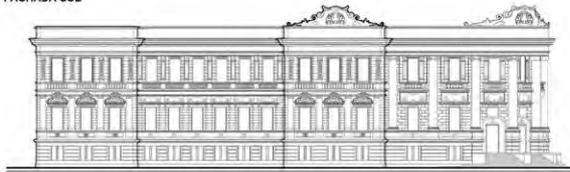
PLANTA BAIXA PORÃO



1 LABORATÓRIO 2 SALA DE ESTUDIOS 3 INFRAESTRUTURA 4 ACESSO PRINCIPAL 5 AULA PRÁTICA  
6 SALA DE AULA 7 PROFESSORES 8 SECRETARIA/CHEFIA DE DEPTO 9 REUNIÕES  
A CALÇADARIA SARMENTO LEITE B CALÇADA AV. ENG. LUIZ ENGLERT



FACHADA SUL



FACHADA NOROESTE

Fig. 126



Fig. 127

Fig. 126 Prédio da Faculdade de Medicina: planta baixa cadastral do porão e fachadas principais, 2011.

Fig. 127 Prédio da Faculdade de Medicina: vista do volume circular da esquina, restaurado.

Destaca-se, em relação à fachada, a eliminação das compoteiras de Pellarin e a colocação de um frontão com o brasão nacional sob o volume circular da esquina (Fig. 125).

Com relação ao uso, o edifício abrigou inicialmente a Faculdade de Medicina, com os cursos de Farmácia e Odontologia. Os dois últimos, já como faculdades autônomas da UFRGS, passaram a ocupar edifícios próprios no Campus Saúde a partir de 1958 e 1968, respectivamente. Após a transferência da própria sede da Faculdade de Medicina em 1974 para o Hospital de Clínicas, no Campus Saúde, instalaram-se no edifício os Institutos de Ciências Básicas da Saúde e de Biociências, além de alguns setores do Instituto de Artes da UFRGS. As adaptações físicas para as diferentes demandas geraram uma excessiva compartimentação interna dos ambientes e o acréscimo de diversos mezaninos, subdividindo os amplos pés-direitos das salas do térreo e segundo pavimento.

A Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) já realizou algumas intervenções no edifício, iniciadas a partir de 2004, como a restauração da fachada circular da esquina e a inversão do acesso para o interior do quarteirão, medida prevista pelo Plano Diretor do Campus Universitário. Apesar de contribuir com fatores relacionados à segurança e à acessibilidade universal, a alteração do local de acesso prejudica a percepção espacial de ingresso e organização do edifício, importante característica do prédio original (Fig. 126 e Fig. 127).

### .3 Prédio da Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico

O Instituto Astronômico e Meteorológico da Escola de Engenharia, entre 1920 e 1921<sup>246</sup> construiu um edifício para abrigar sua Seção de Meteorologia, até então instalada no prédio do Observatório Astronômico junto à Seção de Astronomia. No segundo quarteirão, onde havia o parque meteorológico do Instituto, foi erguida uma pequena edificação, segundo Weimer “*um sobrado de nítida filiação estilística da renascença*”<sup>247</sup>, com projeto por Adolph Stern<sup>248</sup>.

Localizado na Rua Sarmiento Leite, o edifício foi disposto recuado em relação ao passeio, contendo uma área ajardinada a sua volta. A volumetria, de proporção vertical, é composta por um corpo de três pavimentos coberto por um telhado de quatro águas e uma torre com quatro pavimentos com um terraço com platibanda. A localização da torre, deslocada do centro, traz assimetria à composição, que é caracterizada por saliências e reentrâncias (Fig. 128).

O acesso principal é realizado na porção direita da fachada voltada para a via, através de uma escadaria externa que se desenvolve ao lado do volume da torre, chegando ao segundo pavimento. Há ainda salas no primeiro pavimento que possuem acesso externo. Com planta de pequenas dimensões, os pavimentos não possuem corredores, distribuindo os espaços somente através do hall de circulação vertical (Fig. 129).

O sistema construtivo utiliza alvenaria portante de alvenaria de tijolos maciços assentados sobre fundação de granito. Os pisos e forros, em madeira, são fixos em barroteamento do mesmo material. A cobertura, também estruturada em madeira,

---

<sup>246</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.35.

<sup>247</sup> WEIMER, 2003, op. cit., p. 181.

<sup>248</sup> Natural de Riga (Letônia), Adolph Alfred Stern imigrou para o Rio Grande do Sul ainda criança. Antes mesmo de se formar no Curso de Estradas da Escola de Engenharia, em 1909, lecionou em instituições de nível ginasial, como o Instituto Júlio de Castilhos. Em 1910 concluiu a formação em Arquitetura e Hidráulica na mesma instituição, onde passou a lecionar e atuar como representante da escola, fiscalizando obras de grande responsabilidade. Durante sua carreira acadêmica ocupou cargos relevantes, como Diretor do Instituto de Astronomia e Meteorologia (para o qual realizou o projeto do prédio da Seção de Meteorologia) e do Instituto Parobé e a Secretaria do Instituto de Engenharia. Em 1913 abriu um escritório de Arquitetura e Construção, no qual atuou paralelamente a sua vida acadêmica, realizando projetos de destaque, como a sede da Companhia Estadual de Energia Elétrica e o Cine-Teatro Carlos Gomes. Antes de falecer chegou a ocupar o cargo de vereador de Porto Alegre. (WEIMER, 2004, op. cit., p.173-75)

possui quatro águas com acabamento em telhas cerâmicas francesas. O terraço da torre foi executado com trilhos de ferro e lajes de grês<sup>249</sup>.

A edificação abrigou a Seção de Meteorologia do Instituto Coussirat Araújo<sup>250</sup> até 1960, quando foi reformado para abrigar a Rádio da Universidade, que permanece utilizando os espaços até hoje. Idealizada desde 1948 e provisoriamente instalada no prédio do Instituto Eletrotécnico, a Rádio foi oficialmente inaugurada em 1957 e necessitava de dependências próprias para abrigar suas atividades. A reforma incluiu o acréscimo de um volume da fachada posterior para instalar o Departamento Técnico e de uma escada espiral para acessar o quarto pavimento da torre, além de adaptações internas para abrigar os estúdios.

Foram feitos reparos na cobertura e fachadas em 1989 e em 1992, uma intervenção mais ampla suprimiu o acréscimo de 1960, recuperou pisos, escadas e cobertura, além de instalar novos revestimentos acústicos nos estúdios. Assim, apesar de itens de manutenção, a edificação não sofreu grandes alterações ao longo do tempo e permaneceu bastante próxima de sua condição original.

A restauração, executada nos anos de 2001 e 2002 pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) através do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, tratou essencialmente da recuperação de itens como pisos, esquadrias, cobertura, fachadas, além de atualizar a infraestrutura predial às novas demandas, como instalações elétricas, hidráulicas, de proteção contra incêndio e de climatização, entre outras (Fig. 130 a Fig. 132).

---

<sup>249</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p. 36.

<sup>250</sup> O Instituto Astronômico e Meteorológico foi renomeado Instituto Coussirat Araújo em 1930, “*em homenagem ao seu engenheiro-chefe falecido no ano anterior*”. (HASSEN, 1996, op. cit., p.69)



Fig. 128

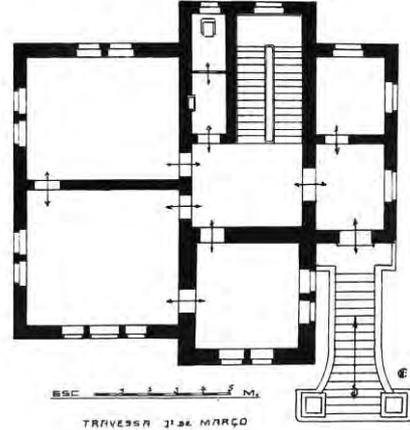
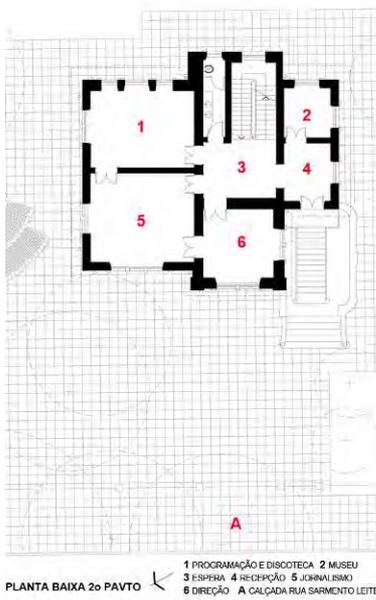


Fig. 129



1 PROGRAMAÇÃO E DISCOTECA 2 MUSEU  
3 ESPERA 4 RECEPÇÃO 5 JORNALISMO  
6 DIREÇÃO A CALÇADA RUA SARMENTO LEITE

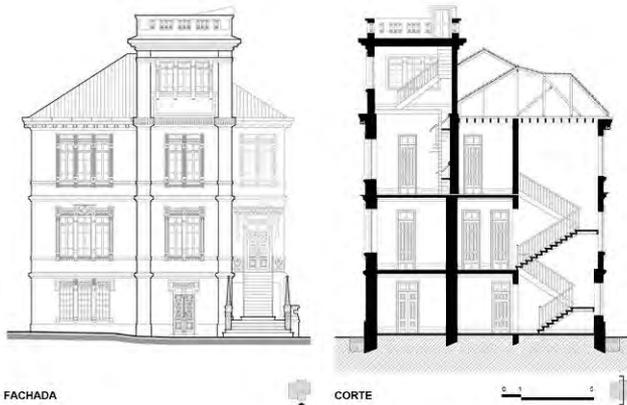


Fig. 131



Fig. 130



Fig. 132

Fig. 128 Prédio da Seção de Meteorologia: vista geral frontal, década de 1920.

Fig. 129 Prédio da Seção de Meteorologia: planta baixa do térreo, 1927/8.

Fig. 130 Prédio da Seção de Meteorologia: fachada principal, antes da restauração.

Fig. 131 Projeto de restauração do prédio da Seção de Meteorologia: planta baixa do segundo pavimento, fachada principal e corte. Edison Zanckin Alice, 2000.

Fig. 132 Prédio da Seção de Meteorologia: fachada principal, após a restauração.

#### .4 Prédio do Instituto de Química Industrial

O Curso de Química Industrial, criado pela Escola de Engenharia em 1920 e elevado a Instituto em 1925, estava instalado precariamente no prédio do antigo Instituto Eletrotécnico, necessitando de mais espaço para realizar suas atividades, acadêmicas e de prestação de serviços. Em terreno concedido pelo Governo do Estado, situado na atual Avenida Engenheiro Luiz Englert ao lado do antigo prédio da Faculdade de Medicina, foi então construída a sede do instituto. A obra foi executada por Francesco Andriquetto, entre 1922 e 1926<sup>251</sup>.

O prédio, cuja autoria do projeto não é conhecida, possui uma volumetria regular de base com formato em “U”, com a reentrância configurando o acesso. Simétrico, o volume de três pavimentos – nível chamado de porão (subsolo), térreo e segundo – possui um acesso monumental, através de um patamar com escadarias que chegam a uma galeria elevada no térreo. Na porção central do volume, recuada, a galeria do pavimento térreo configura um terraço descoberto no pavimento superior, onde estão situadas duas esculturas femininas que representam a química. Na composição das fachadas, com discreta ornamentação, destacam-se os três frontões de arco abatido localizados na fachada principal, no bloco central e sobre as laterais. A implantação do volume possui recuo em relação ao alinhamento, com acesso através de um portão (Fig. 133 e Fig. 134).

Entre 1944 e 1946 a edificação sofreu um importante acréscimo, quando foram duplicadas as alas laterais. A ampliação seguiu o padrão estético das fachadas e as características funcionais e dimensionais dos espaços originais. Entretanto, os frontões sobre as alas foram substituídos por platibandas retas (Fig. 135).

A partir de 1943, o Curso de Química da Faculdade de Filosofia se instalou nas dependências do prédio, que já abrigava além das atividades do próprio instituto, atividades de ensino teórico e prática de diversos outros cursos da Escola de Engenharia. Atualmente, com a transferência do Instituto de Química para o Campus do Vale em 1981, o edifício passou a ser ocupado por órgãos administrativos da UFRGS, ligados à Reitoria.

A Secretaria do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS (atual Setor do

---

<sup>251</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2004, op. cit., p.83-84.



Fig. 133

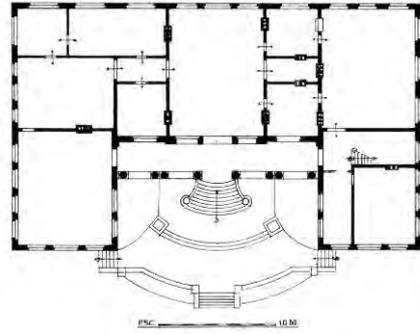


Fig. 134



Fig. 135

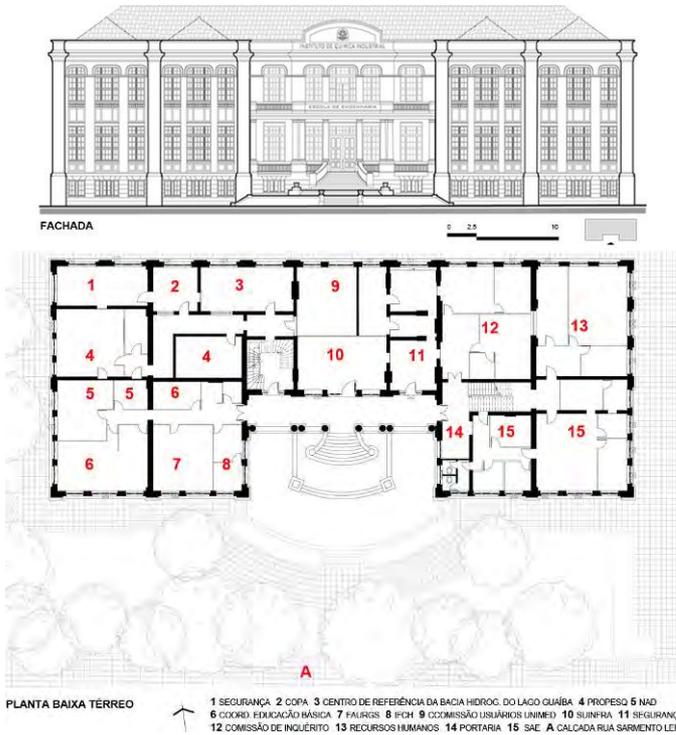


Fig. 136



Fig. 137

Fig. 133 Prédio do Instituto de Química Industrial: fachada frontal, década de 1920.

Fig. 134 Prédio do Instituto de Química Industrial: planta baixa do térreo, 1927/8.

Fig. 135 Prédio do Instituto de Química Industrial: fachada frontal, ampliado.

Fig. 136 Prédio do Instituto de Química Industrial: fachada e planta baixa cadastral do térreo, 2005.

Fig. 137 Prédio do Instituto de Química Industrial: detalhe da fachada frontal.

Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS) realizou alguns reparos em 2004, como a recuperação parcial de pisos e forros e substituição de calhas e algerozes, mas o projeto completo de restauração atualmente está em desenvolvimento pela referida Secretaria. A proposta prevê a utilização das dependências como Centro Cultural da Universidade (Fig. 136 e Fig. 137).

## .5 Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural

Na década de 1920 o Instituto Parobé, da Escola de Engenharia, criou uma seção feminina, que “*destinava-se a preparar condutoras de trabalhos domésticos e rurais*”<sup>252</sup>. O Instituto de Educação Doméstica e Rural, como foi denominado depois, formava em nível elementar, com ensinamentos em trabalhos manuais, desenho, música e jardinagem e em nível técnico, com ensinamentos teóricos e práticos dos trabalhos domésticos e rurais, descritos como “*indispensáveis para a condução eficiente de um lar, no campo ou na cidade*”<sup>253</sup>.

O instituto ocupava um edifício de dois pavimentos, localizado no segundo quarteirão, e utilizava a área aos fundos para desenvolver as atividades práticas externas, como a horta. Não há registro sobre a autoria do projeto, um volume regular com base em formato de “T”, marcado pela simetria nos planos de planta e fachadas. A fachada frontal apresentava tratamento diferenciado no bloco central, contendo galerias nos dois pavimentos. O acesso é realizado pelo centro da galeria no térreo, com a distribuição do fluxo através do hall localizado no ambiente central (contendo a circulação vertical) ou diretamente para os ambientes das laterais (Fig. 138 a Fig. 140).

O edifício, no terreno de esquina da Avenida Osvaldo Aranha com a Rua Sarmiento Leite, foi disposto em diagonal, com a fachada principal voltada para a esquina, onde se situava o portão de acesso. A implantação, recuada do alinhamento, conformou um amplo jardim frontal. É interessante salientar que o prédio manteve a implantação já utilizada pelo edifício da sede da União Velocipédica, localizado no terreno durante o início do século XX (Fig. 141 e Fig. 142).

Durante a gestão do reitor Edgar Schneider, na década de 1940, quando o prédio já era ocupado pelo Instituto de Física da Escola de Engenharia, foi executada uma ampliação na parte posterior do edifício: um anfiteatro com capacidade de 105 alunos para os cursos de Física e Matemática da Escola de Engenharia e da Escola de Filosofia.<sup>254</sup>

---

<sup>252</sup> HASEN, 1996, op.cit., p.86.

<sup>253</sup> Idem, ibidem.

<sup>254</sup> SILVA; SOARES, 1992, op. cit., p.72.

Na década de 1950 o edifício foi demolido e o terreno passou a ser ocupado pelo prédio da Faculdade de Arquitetura<sup>255</sup>.

---

<sup>255</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.122.



Fig. 138



Fig. 139

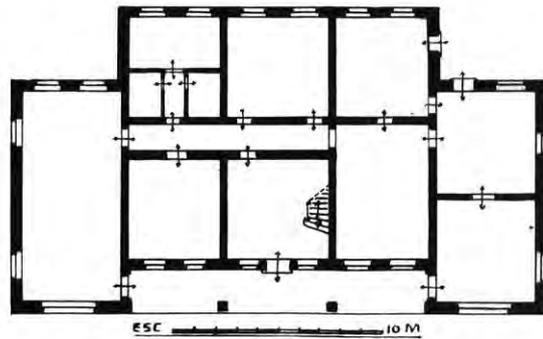


Fig. 140



Fig. 141



Fig. 142

- Fig. 138 Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural: fachada frontal, década de 1920.  
Fig. 139 Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural: vista posterior, década de 1920.  
Fig. 140 Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural: planta baixa do térreo, 1927/8.  
Fig. 141 Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural: vista da esquina, década de 1920.  
Fig. 142 Prédio da sede da União Velocipédica de Porto Alegre: vista da esquina, 1900.

## .6 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia

Entre os anos de 1951 e 1955 foi construído, no 2º Quarteirão do Campus Centro, um conjunto formado por quatro edificações de linguagem arquitetônica similar: o prédio da Faculdade de Filosofia, o prédio do Instituto de Ciências Naturais e os prédios do anfiteatro e do diretório acadêmico da Faculdade de Filosofia. Em grande terreno livre a leste dos prédios do Instituto de Química Industrial e do Laboratório de Resistência dos Materiais, o conjunto foi implantado ocupando da Avenida Paulo Gama à Avenida Eng. Luiz Englert.

O primeiro a ser construído foi o prédio da Faculdade de Filosofia e se destinou às atividades da própria faculdade<sup>256</sup>, que vinha desde 1942 funcionando de maneira dispersa, e do Centro de Pesquisas Físicas da Universidade<sup>257</sup>, que havia sido criado em 1953. Com construção datada entre 1951 e 1954<sup>258</sup>, o edifício se caracteriza por um volume de proporção linear, com três pavimentos, que se desenvolve de um lado ao outro do quarteirão, da Avenida Paulo Gama à Avenida Luiz Englert, ao lado do prédio do Instituto de Química Industrial. Implantado simetricamente em relação à bissetriz do ângulo formado pelas duas avenidas citadas, o volume possui ainda inflexões nas duas pontas, assumindo em cada um dos lados posição perpendicular ao respectivo alinhamento da via (Fig. 143 a Fig. 145).

O edifício que abrigou o Instituto de Ciências Naturais, criado em 1954, foi construído contínuo ao prédio da Faculdade de Filosofia, entre 1953 e 1955<sup>259</sup>, apresentando as mesmas características volumétricas (proporção linear com três pavimentos), dando a impressão de um edifício único. Seu volume se desenvolve paralelamente à Avenida Paulo Gama e se conecta ao prédio da faculdade pela lateral, configurando uma volumetria em formato de “L”.

---

<sup>256</sup> A Faculdade de Educação, Ciências e Letras da Universidade de Porto Alegre, composta pelos cursos de Matemática, Ciências Físicas, Ciências Químicas, História Natural, Filosofia, Filologia, Educação, Geografia e História, foi criada em 1936, porém seu funcionamento só foi possível a partir de 1942, mesmo ano em que foi renomeada Faculdade de Filosofia. (REGNER, Anna Carolina Krebs Pereira. *IFCH: origens e trajetórias. Da Faculdade de Filosofia à década da Reforma Universitária*. In: 50 anos da Faculdade de Filosofia: publicação comemorativa. Porto Alegre: UFRGS, 1993, op. cit., p.27-28.)

<sup>257</sup> Criado em 1953, o Centro de Pesquisas Físicas da Universidade é a origem dos autônomos Instituto de Física e Instituto de Matemática, assim independentes em 1959. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Física. *Cinquentenário do Instituto de Física*. Disponível em <<http://www.if.ufrgs.br/historia/if50anos/>>. Acesso em 09 de janeiro de 2014.)

<sup>258</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.105.

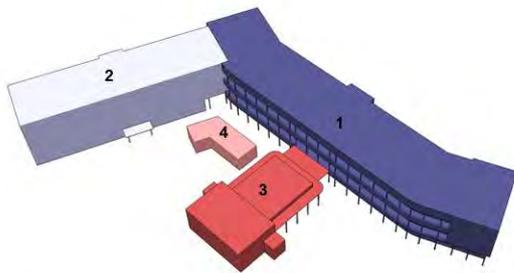
<sup>259</sup> Idem, p.208.



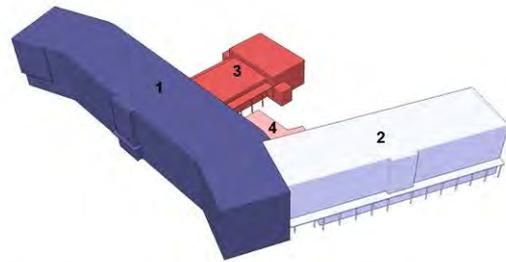
Fig. 143



Fig. 144

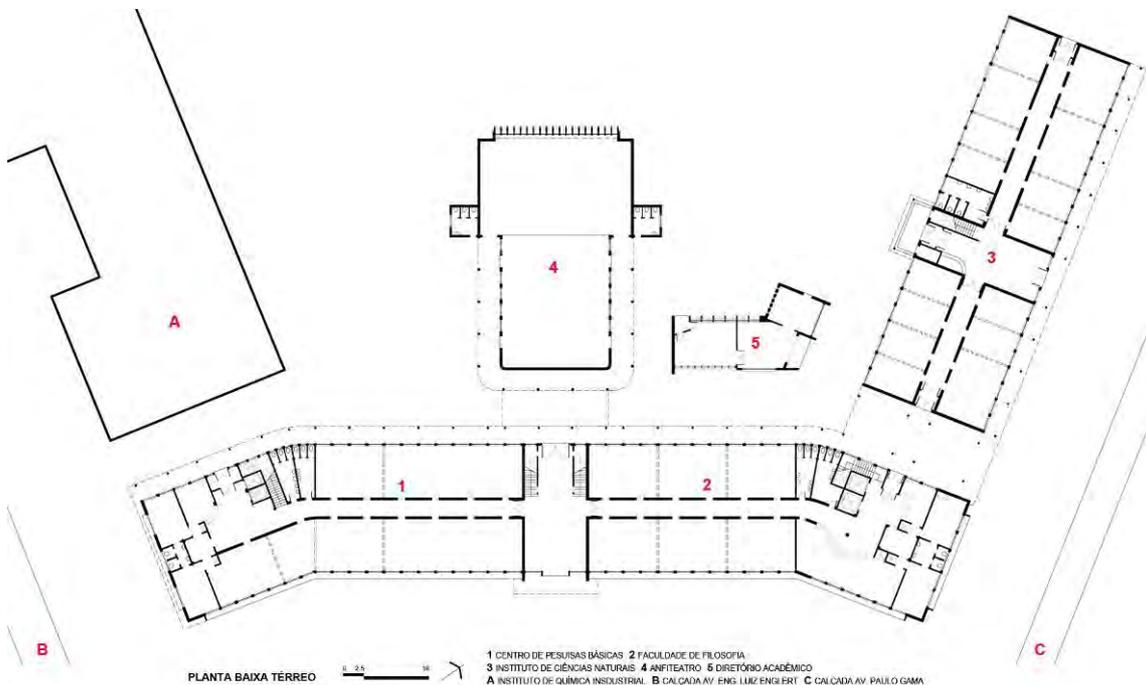


ESQUEMA DA VOLUMETRIA DO CONJUNTO



1 PRÉDIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA 2 PRÉDIO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS NATURAIS 3 ANFITEATRO 4 DIRETÓRIO ACADÉMICO

Fig. 145



PLANTA BAIXA TÉRREO



1 CENTRO DE PESQUISAS BÁSICAS 2 FACULDADE DE FILOSOFIA  
3 INSTITUTO DE CIÊNCIAS NATURAIS 4 ANFITEATRO 5 DIRETÓRIO ACADÉMICO  
A INSTITUTO DE QUÍMICA INDUSTRIAL B CALÇADA AV. ENG. LUIZ ENGIERT C CALÇADA AV. PAULO GAMA

Fig. 146

Fig. 143 Vista aérea do Quarteirão 2, final da década de 1950.

Fig. 144 Vista aérea do Quarteirão 2, início da década de 1960.

Fig. 145 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia: esquema da volumetria do conjunto original.

Fig. 146 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia: planta baixa do pavimento térreo, original.

A edificação construída para abrigar o anfiteatro da Faculdade de Filosofia se localiza em posição centralizada e simétrica em relação ao prédio da referida faculdade e se conecta a ele através de uma cobertura, configurando o formato de um “T”. Já o edifício destinado ao diretório acadêmico foi construído sem ligação física com os demais prédios do conjunto, localizado entre os edifícios do anfiteatro e do Instituto de Ciências Naturais. A pequena edificação, térrea, foi construída com uma volumetria em formato de L, mantendo o alinhamento dos prédios adjacentes.

Em relação à tipologia e à linguagem arquitetônica, os prédios da Faculdade de Filosofia e do Instituto de Ciências Naturais são muito similares. Ambos foram concebidos com volumetria linear, simétricos, com três pavimentos de ampla altura organizados em fita dupla de salas e corredor central. Apesar de haver acessos secundários nas extremidades dos edifícios, o acesso principal se dá através de hall centralizado, por ambos os lados do volume, distribuindo o fluxo verticalmente através de escadas. O prédio da faculdade, em função de seu grande comprimento, possui ainda núcleos de circulação vertical secundários, formados por uma escada e dois elevadores, localizados nas extremidades. No pavimento térreo as edificações possuem circulações por galerias, que distribuem horizontalmente os fluxos e dão permeabilidade ao conjunto; os andares superiores possuem continuidade, funcionando como um edifício único. As fachadas, regulares, apresentam composição caracterizada por linhas retas e sobriedade formal, com a ornamentação formada por elementos como marquises e itens de proteção solar, como o quebra-sol e o elemento vazado. Os edifícios possuem acentuada horizontalidade, em função da proporção alongada dos volumes e do uso de quebra-sóis horizontais emoldurando as janelas, proporção interrompida apenas na prumada do hall, diferenciada formalmente por elementos verticais (Fig. 146 a Fig. 151).

O prédio do anfiteatro foi concebido térreo, simétrico, composto por uma grande sala de auditório com instalações sanitárias de apoio nas laterais. A volumetria da sala é composta por dois blocos de base retangular e diferentes alturas dispostos em formato de “T”, com uma galeria em formato de “C” fechando uma base retangular. Os volumes referentes aos sanitários se apresentam como anexos. O plano frontal (e paralelo) ao prédio da Faculdade de Filosofia é cego e os acessos à sala são realizados lateralmente, pela galeria. A conexão com o prédio principal se dá através de uma cobertura que liga a galeria do anfiteatro com a galeria do prédio da Filosofia. Ao lado do anfiteatro, o pequeno edifício do diretório acadêmico, térreo, possui formato de “L” que permite alinhamento tanto com o prédio da faculdade e do anfiteatro com o do instituto. O acesso principal se dá no plano frontal ao Instituto, e possui espaço de

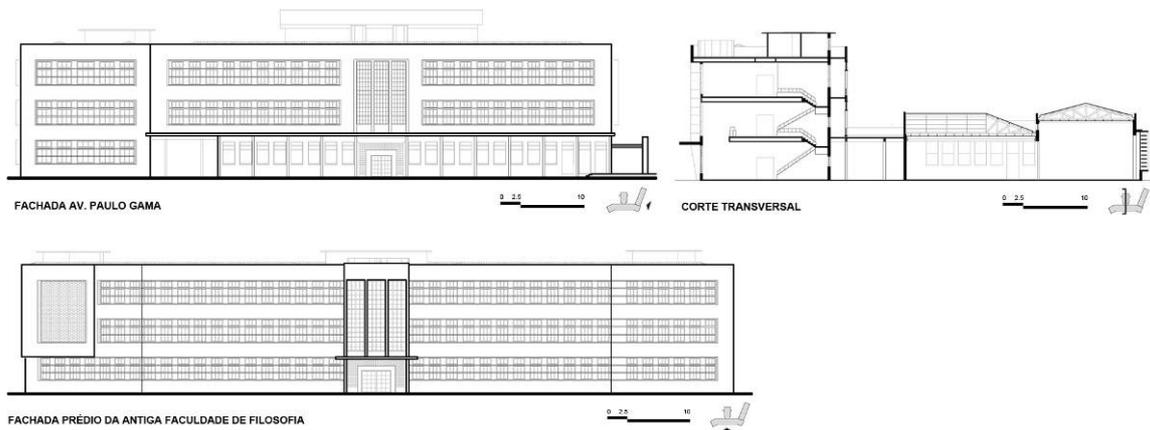


Fig. 147



Fig. 148



Fig. 149



Fig. 150



Fig. 151

Fig. 147 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia: fachadas e corte, situação original.

Fig. 148 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia: vista aérea, final da década de 1950.

Fig. 149 Prédio da Faculdade de Filosofia: fachada da Av. Eng. Luiz Englert, década de 1960.

Fig. 150 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia: vista geral do término da construção.

Fig. 151 Prédio da Faculdade de Filosofia: vista interna da circulação, década de 1960.

estar e bar. As fachadas dos prédios do anfiteatro e do diretório seguem os mesmos princípios de composição do restante do conjunto, caracterizadas por linhas retas e sobriedade formal, com a ornamentação formada por marquises e quebra-sóis.

Em relação aos aspectos construtivos, as edificações do conjunto possuem estrutura independente em concreto armado e vedação em alvenaria de tijolos furados, com cobertura em telhas de fibrocimento e acabamento externo com cirex na cor amarelo claro, bastante comum na cidade nas décadas anteriores.

Com o passar dos anos os edifícios passaram por diversas intervenções físicas, em função da constante modificação nas demandas de ocupação. Um dos principais fatores que levaram à alteração de ocupação dos prédios foi a inauguração do novo Campus (Campus do Vale), no final da década de 1970, e a gradual transferência de cursos do Campus Centro para os novos espaços no Vale. Foi o caso da Faculdade de Filosofia, que havia sido fragmentada em diversos institutos na Reforma Universitária dos anos 70<sup>260</sup> e teve diversos deles transferidos ainda nos anos 70, como o caso do Instituto de Letras e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas<sup>261</sup>. Com o Projeto Centro Cultural<sup>262</sup>, na década de 1980, ocorreram mais transferências para novos edifícios no Campus do Vale, como a do Instituto de Física<sup>263</sup>, além de uma grande remodelagem dos espaços no Campus Centro.

As principais obras de intervenção no conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia se deram nesse período. Os espaços do prédio da Faculdade de Filosofia e do Instituto de Ciências Naturais foram reciclados para salas de aula, departamentos e postos bancários. O prédio do anfiteatro, que já havia recebido anteriormente alguns acréscimos, com a transferência da Biblioteca Central (que ocupava o espaço desde a década de 1970) para o prédio da Reitoria, foi completamente reformado e ampliado para a instalação de salas para teatro e cinema (salas Qorpo Santo e Redenção). O prédio do diretório, também ampliado algumas vezes nos anos anteriores, foi ocupado com um restaurante.

Atualmente, muito pouco mudou da ocupação dos anos 80, porém os

---

<sup>260</sup> Sobre a Reforma Universitária dos anos 70, consultar item 2.3.

<sup>261</sup> ESPÍNDOLA, 1979, op. cit., p.123-143.

<sup>262</sup> Sobre o Projeto Centro Cultural, consultar item 3.5.

<sup>263</sup> Criado em 1959, o Instituto de Física tem origem no Centro de Pesquisas Físicas da Universidade, de 1953. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Física. *Cinquentenário do Instituto de Física*. Disponível em <<http://www.if.ufrgs.br/historia/if50anos/>>. Acesso em 09 de janeiro de 2014.)

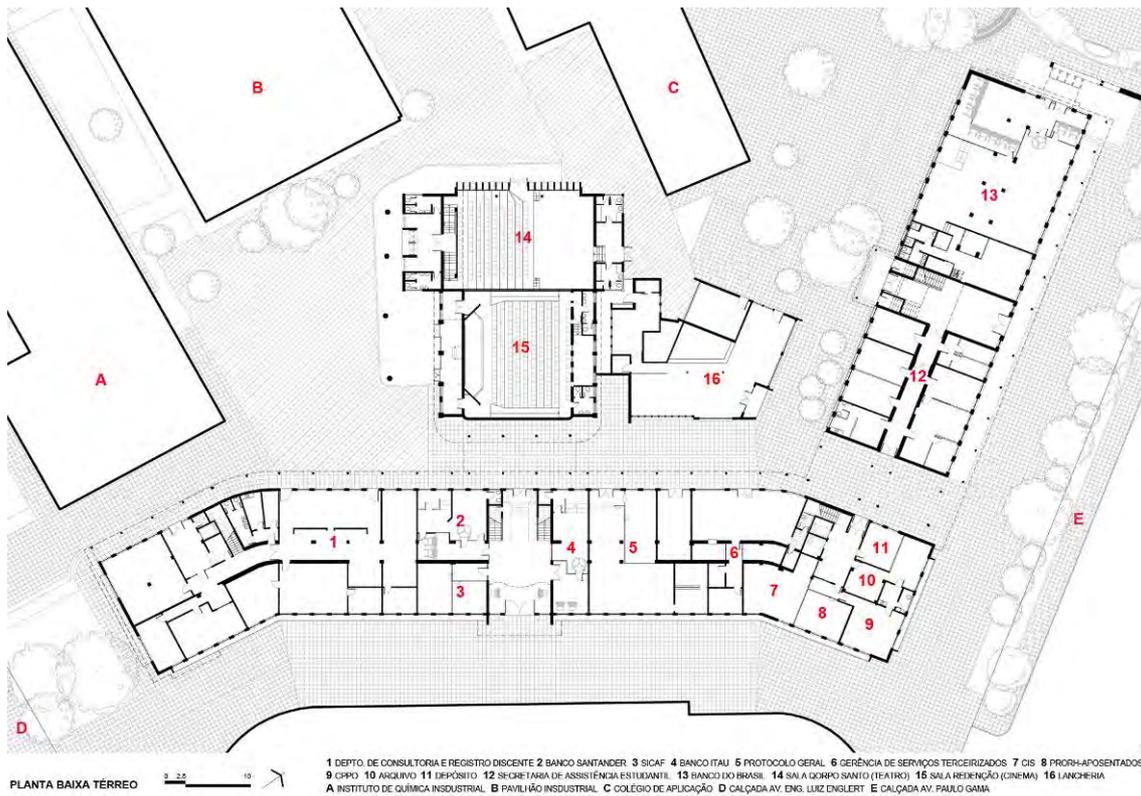


Fig. 152



Fig. 153



Fig. 154

Fig. 152 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia: planta baixa do pavimento térreo, 2012.

Fig. 153 Conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia: vista aérea, 2013.

Fig. 154 Prédio da Faculdade de Filosofia: vista da fachada principal, 2012.

espaços internos continuaram sendo gradualmente alterados, com ênfase para o térreo do prédio da Faculdade de Filosofia, onde foram implantados diversos serviços de atendimento ao público, com novos acessos criados pela galeria. Em função do caráter da ocupação, os prédios da Faculdade de Filosofia e do Instituto de Ciências Naturais são hoje denominados Anexo 1 da Reitoria (Fig. 152 a Fig. 154).

## .7 Pavilhão de Tecnologia

O Pavilhão de Tecnologia foi construído entre 1954 e 1955<sup>264</sup> para uso do Instituto de Química da Escola de Engenharia, que necessitava de novas áreas para suas atividades. Localizado junto à fachada posterior do prédio sede do referido instituto, no interior do segundo quarteirão, a pequena edificação “*veio preencher uma grande lacuna na ministração das cadeiras de coroamento do curso de Engenharia Química, tais como a de Operações Industriais, Tecnologia Inorgânica, Bioquímica Tecnológica e Tecnologia Orgânica*”<sup>265</sup>. O objetivo era dotar o Instituto de um pavilhão que possuísse equipamentos e instalações condizentes com as finalidades do curso de Engenharia Química, além de melhorar as instalações dos laboratórios das cadeiras de Química, utilizados também por outros cursos da Engenharia e pelos cursos de Química da Faculdade de Filosofia, da Escola de Geologia e do Colégio de Aplicação (Fig. 155).

Assim, a edificação foi concebida com caráter industrial, utilizando uma volumetria simples de base retangular (com proporção quase quadrada) e cobertura em *sheds* para iluminação zenital. Um pequeno mezanino linear ao longo da fachada sul (voltada para o prédio do Instituto de Química Industrial), utilizado para localizar oficinas, sanitários e outros apoios, é o único ponto onde foi prevista a compartimentação do elevado de pé-direito, necessário para abrigar os equipamentos. O térreo foi projetado com 5 acessos, dois deles voltados para o prédio sede do Instituto, sob o mezanino, e os outros três ingressando diretamente na área dos equipamentos (Fig. 156 e Fig. 157).

A estrutura, independente em concreto armado, é formada por pórticos que delineiam o formato dos *sheds*, apoiando em dois pontos internos, além dos planos de fachada. As fachadas apresentam composição caracterizada por linhas retas e sobriedade formal, com a ornamentação formada por elementos como marquises e quebra-sóis emoldurando as janelas.

Ao longo dos anos o edifício foi sofrendo diversas intervenções físicas em sua área interna. Excessivas compartimentações e a ampliação de área do mezanino, inclusive com a colocação de uma segunda escada de acesso, comprometem

---

<sup>264</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.198.

<sup>265</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.198.

completamente a percepção do ambiente original, com caráter industrial, amplo e sem divisórias. Com relação à ocupação, a edificação se mantém com o propósito original, sob responsabilidade do atual Departamento de Engenharia Química da Escola de Engenharia da UFRGS (Fig. 158).

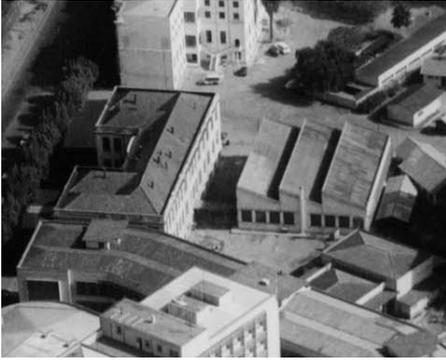


Fig. 155



Fig. 156

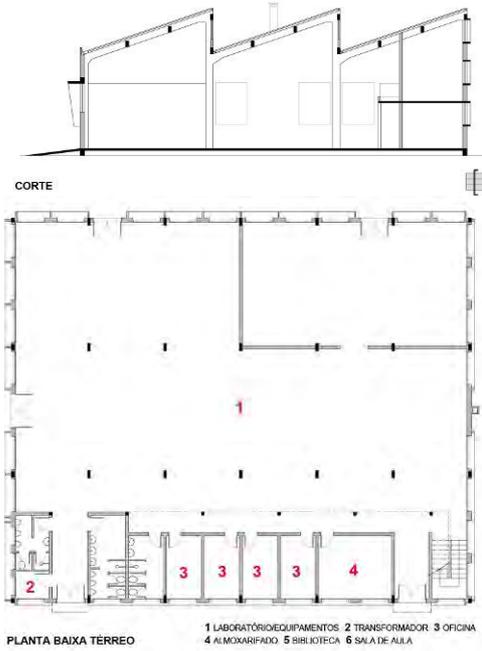


Fig. 157

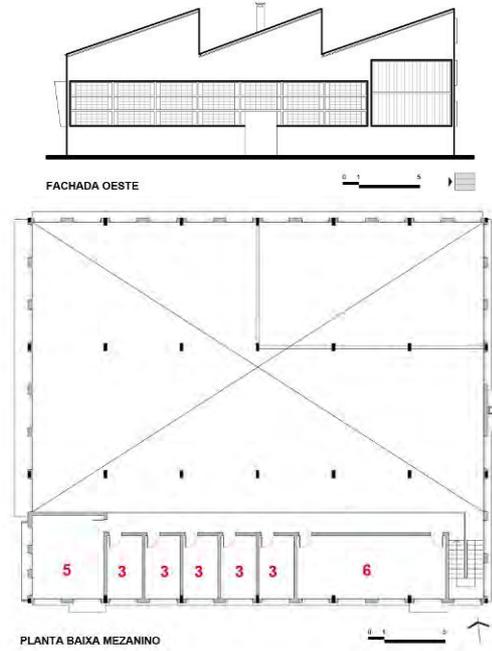


Fig. 158

Fig. 155 Pavilhão de Tecnologia: vista aérea, início da década de 1960.

Fig. 156 Pavilhão de Tecnologia: vista das fachadas oeste e sul.

Fig. 157 Projeto do Pavilhão de Tecnologia: corte, fachada oeste e planta baixa dos pavimentos térreo e mezanino, 1954.

Fig. 158 Pavilhão de Tecnologia: plantas baixas dos pavimentos térreo e mezanino, 2012.

## .8 Prédio da Reitoria e Auditório

Com a organização da Universidade de Porto Alegre, em 1934, criou-se a necessidade de uma administração central, pois as unidades, antes isoladas e autônomas, deveriam constituir um complexo articulado. A Reitoria passou a funcionar no prédio da Faculdade de Direito, apenas com Gabinete e Secretaria, já que, como estaria vinculado ao Governo do Estado, o próprio Governo detinha a administração. Com a federalização, em 1950, a necessidade de espaço aumentou, pois a Universidade a partir desse momento deveria organizar todos os seus serviços. Em 1954, com a conclusão do prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, a Reitoria se mudou para lá, onde permaneceu até a conclusão do seu prédio.

Além da demanda para área administrativa, havia carência nos espaços de vivência social e cultural para a comunidade acadêmica. As formaturas eram realizadas em locais pequenos e insuficientes, ou ainda nos térreos dos edifícios das faculdades, acomodando muito mal convidados e formandos. Alguns cursos utilizavam o Teatro São Pedro, também de capacidade insuficiente. As festas e bailes eram realizados em locais públicos, alugados, gerando muitos custos<sup>266</sup>.

Com projeto arquitetônico do então professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, arquiteto Fernando Petersen Lunardi<sup>267</sup>, foram construídos, entre 1954 e 1957<sup>268</sup>, dois edifícios: um para abrigar um grande auditório e outro para abrigar a administração central juntamente com as demais atividades sociais e culturais. O arquiteto Frederico Michel Miller, também professor da mesma faculdade, foi contratado para a concepção dos projetos de interiores<sup>269</sup>. Assim, o Complexo da Reitoria, formado pelo prédio da Reitoria e Auditório, propunha-se a aumentar, melhorar e centralizar as condições administrativas, culturais e sociais na instituição.

O terreno escolhido pela administração foi no segundo quarteirão, na divisa com o Parque Farroupilha.

---

<sup>266</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.33.

<sup>267</sup> Autoria segundo assinatura constante no selo de pranchas consultadas no acervo da mapoteca da Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS.

<sup>268</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.34.

<sup>269</sup> DALAROSA, Janaína Carla. *Restauração do complexo da reitoria da UFRGS*. In: 7º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2007. Disponível em <<http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/027.pdf>>. Acesso em 13 de janeiro de 2014.

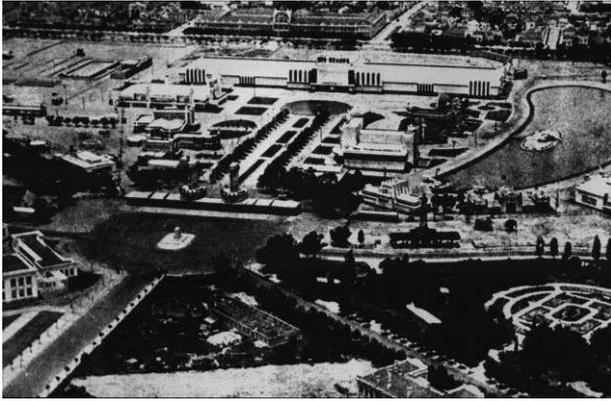


Fig. 159



Fig. 160



Fig. 161

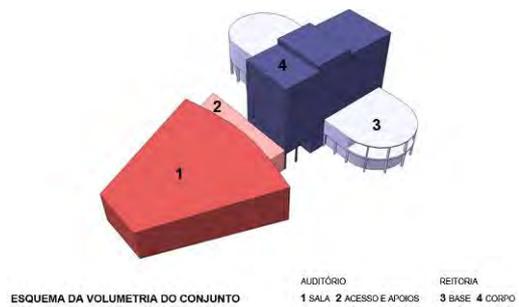


Fig. 162



Fig. 163



Fig. 164



Fig. 165

Fig. 159 Exposição do Centenário Farroupilha: foto aérea, 1935. Na parte inferior, o terreno da UFRGS.

Fig. 160 Prédio da Reitoria e Auditório: vista aérea, década de 1950.

Fig. 161 Prédio da Reitoria e Auditório: vista geral.

Fig. 162 Prédio da Reitoria e Auditório: esquema volumétrico do conjunto.

Fig. 163 e Fig. 164 Auditório: vistas internas da plateia e palco, 1957.

Fig. 165 Auditório: vista interna geral, após a reforma acústica.

O local era bem situado para nele ser construída a Reitoria, pois sendo ela a sede de vivência social e cultural, com salão de festas e auditório – atividades que atrairiam grande número de pessoas e, por isso, exigiriam local para estacionamento de veículos – apresentava todas as condições favoráveis ao empreendimento. Ao lado do Parque Farrroupilha, circundado por duas amplas avenidas e em frente a um largo enorme, [...].<sup>270</sup>

Porém, no local já havia o início de uma construção, do ambulatório de tuberculose para crianças, que seria utilizado como base para um edifício escolar. Mesmo existindo contrato com uma empresa para a execução dessa obra, por estar ainda em fase muito inicial, foi paga uma indenização e o local foi liberado para o prédio da administração central da Universidade (Fig. 159).

Se apropriando do terreno de esquina, o Auditório, em formato de leque, foi disposto na interface com o parque, em pleno acordo com a geometria do quarteirão. O prédio da Reitoria foi implantado entre o Auditório e o prédio da antiga Faculdade de Filosofia. Essa disposição estabeleceu acessos através das duas vias circundantes, avenidas Paulo Gama e Engenheiro Luiz Englert, criando uma conexão entre elas (Fig. 160 e Fig. 161).

O prédio do Auditório possui volumetria com geometria básica bastante simples: a planta da sala em formato de leque, ganha altura e forma o volume principal, enquanto um volume menor e mais baixo abriga o acesso do público à grande sala, assim como outros espaços de infra-estrutura necessários ao funcionamento. O volume correspondente à sala possui a laje de cobertura inclinada, acentuando a geometria em leque e gerando um pé-direito interno variável, que acompanha os níveis da plateia.

O edifício possui fechamento em alvenaria, com faces lisas e poucas aberturas. O acabamento externo utilizando, tanto do auditório quanto do prédio da Reitoria, o cirex em tom amarelo claro, bastante usual em Porto Alegre nas décadas anteriores.

Os elementos estruturais, grandes pórticos em concreto armado, permitem um grande vão e se apresentam salientes ao volume. O exoesqueleto estrutural evidencia a configuração em leque e dá plasticidade à solução.

A sala do auditório, com a distribuição da platéia em leque, possui capacidade para mais de 2000 lugares e um palco com 18 metros de boca e poço para orquestra. O grande pé-direito permite um pequeno mezanino ao fundo da sala. Questões

---

<sup>270</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, p.32-33.

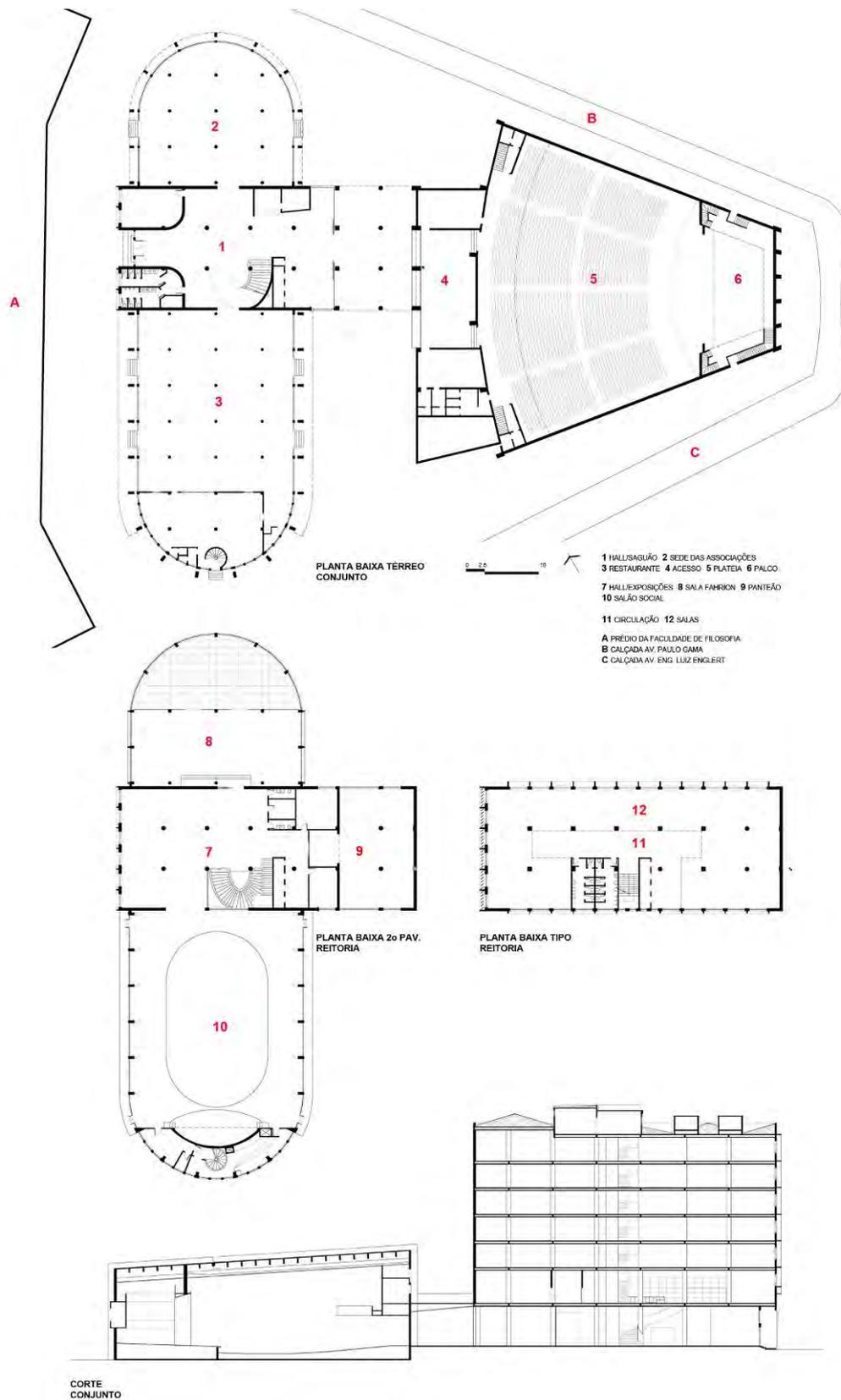


Fig. 166

Fig. 166 Prédio da Reitoria e Auditório: planta do pavimento térreo (conjunto), planta baixa do 2º pavimento (prédio da Reitoria), planta baixa tipo (prédio da Reitoria) e corte (conjunto), década de 1950.

acústicas e de climatização foram resolvidas numa pequena reforma, realizada logo após a conclusão da obra (Fig. 163 a Fig. 166).

O prédio da Reitoria foi concebido com tipologia base e corpo, compondo através da intersecção desses dois volumes, dispostos perpendicularmente. O volume da base tem altura de dois pavimentos de grande pé-direito e abriga os grandes ambientes, locais das atividades sociais e culturais acadêmicas, como o Salão Social, Restaurante, etc. O acabamento arredondado nas laterais do volume confere à base uma geometria diferenciada. Já o corpo, de volume retangular, tem implantação perpendicular à base. Em 5 pavimentos acima da altura da base, são organizados todos os serviços administrativos, como a Divisão de Contabilidade, de Obras, de Pessoal, Gabinete e sua Secretaria, a Junta Médica, etc.

O edifício possui estrutura independente em concreto armado, com pilares e laje tipo caixão, apresentando pilotis em parte do pavimento térreo, bem como linha periférica de pilares na base. As fachadas possuem fechamento em alvenaria e esquadrias metálicas, utilizando diferentes elementos de proteção solar.

A planta baixa do pavimento tipo (3º ao 7º pavimento) se configura como planta livre: possui núcleo fixo de circulação vertical e sanitários permitindo, no restante da área, diferentes configurações. Já a área da base possui a planta organizada através de um grande hall central, nos dois pavimentos, que correspondem ao térreo e 2º pavimento do volume do corpo e dá acesso aos grandes espaços. Além disso, através do hall no pavimento térreo é realizada a conexão com o Auditório (Fig. 167 a Fig. 169).

No ano de 1987 o prédio do grande Auditório foi reformado, praticamente reconstruído. Com objetivo de recuperação física das instalações, reciclagem espacial e funcional do salão, além de qualificação do espaço através de uma infra-estrutura cênica condizente com o uso, o projeto, elaborado no escritório Técnico do Campus da UFRGS, transformou o antigo Auditório em um equipado Salão de Atos<sup>271</sup>. Essa intervenção fez parte do Projeto Centro Cultural, durante o reitorado de Francisco Ferraz, que realizou uma grande remodelagem dos espaços no Campus Centro<sup>272</sup>.

O projeto de reforma traz acréscimos à volumetria original, referentes a espaços de acesso, circulações e infraestrutura para o palco, como camarins e salas

---

<sup>271</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1987, op. cit., s/n.

<sup>272</sup> Sobre o Projeto Centro Cultural, consultar item 3.5.



Fig. 167



Fig. 168



Fig. 169

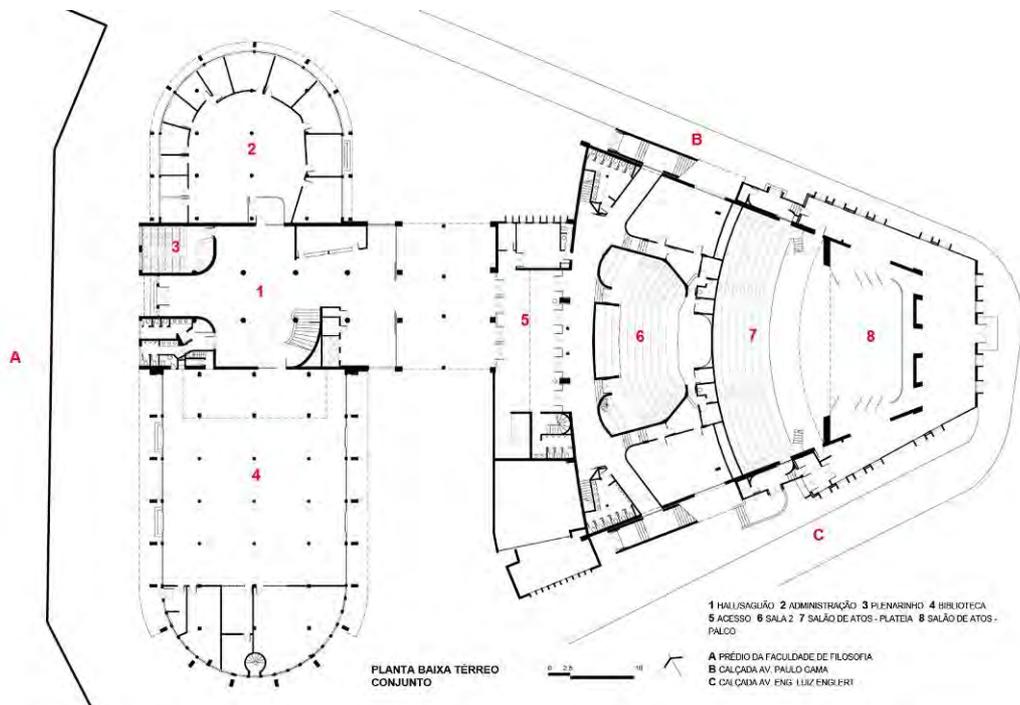


Fig. 170

Fig. 167 Prédio da Reitoria: vista geral.

Fig. 168 Prédio da Reitoria: vista interna da Sala Fahrion, no pavimento térreo.

Fig. 169 Prédio da Reitoria: vista interna do Salão Social, no 2º pavimento.

Fig. 170 Prédio da Reitoria e Salão de Atos: planta do pavimento térreo (conjunto), 2012.

técnicas. Esses acréscimos foram dispostos no perímetro da sala existente e projetados com menor altura, mantendo saliente o volume do auditório original. Além disso, o material utilizado no acabamento dos acréscimos foi o cirex rosado, enquanto as faces mantidas aparentes do volume original permaneceram com o cirex amarelo claro. O Projeto Cenotécnico do Palco previu a implantação de equipamento mecânico de varas de cenários e luz contrapesados, assim como a instalação de plataforma elevatória para o fosso para orquestra (Fig. 170, Fig. 171 e Fig. 172).

Com relação ao Salão, internamente, o projeto estabelece um plano inclinado (plateia) que une o palco ao mezanino existente, utilizando a área criada embaixo desse plano para espaços de apoio, tais como um plenário, sanitários e circulação. Ainda no nível de acesso, houve uma remodelação da área do Hall de Entrada, modernizando completamente o espaço (Fig. 170, Fig. 171 e Fig. 173).

O prédio da Reitoria, após mais de 50 anos de sua construção, não sofreu alteração volumétrica, isto é, não teve acréscimos ou amputações em relação ao edifício inaugurado em 1957. As grandes modificações de que o prédio da Reitoria foi alvo durante os anos se deram internamente: nas divisões (e subdivisões) dos espaços internos, bem como nas alterações de uso (Fig. 174).

No pavimento térreo, o local que abrigava a Sede das Associações, ambiente amplo e livre de divisões, abriga hoje uma área administrativa, com funções como Secretaria, salas para comissões e salas de reunião, com seu espaço interno subdividido. A área do antigo Restaurante abriga a Biblioteca Central desde 1986, quando esta desocupou o prédio do anfiteatro da antiga Faculdade de Filosofia para que pudessem ser instaladas as salas de teatro e cinema. Essa intervenção também fez parte do Projeto Centro Cultural, citado anteriormente. A alteração de uso nesse caso não gerou perdas ao espaço, uma vez que a nova função respeitou e manteve a configuração de espaço amplo e sem compartimentações. No espaço do Hall/Saguão foi adicionado um balcão de atendimento próximo ao acesso da fachada Noroeste (Fig. 175).

No segundo pavimento, o grande Hall, utilizado para acumulação de pessoas e espera, teve parte da área ocupada com salas administrativas. Isso prejudicou demais o espaço, que perdeu área, amplitude e iluminação natural. A Sala Fahrion e o Salão Social (ou Salão de Festas) foram recuperados, porém sem alterações de uso ou configuração interna. As modificações e as recuperações dessas salas foram feitas apenas a nível de acabamento e instalações, como pintura, recuperação do piso e pinturas murais, iluminação, etc. (Fig. 176 e Fig. 177).

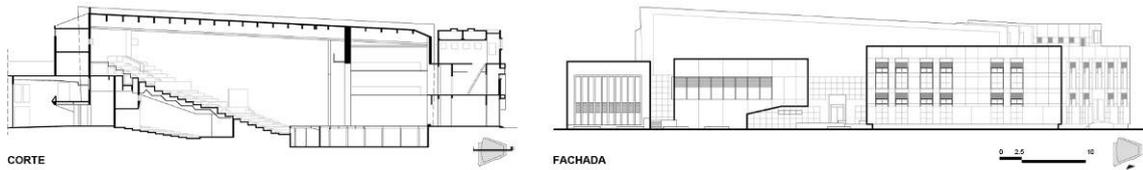


Fig. 171



Fig. 172



Fig. 173



Fig. 174



Fig. 175



Fig. 176



Fig. 177

Fig. 171 Salão de Atos: corte e fachada, atuais.

Fig. 172 Salão de Atos: vista geral, 2012.

Fig. 173 Salão de Atos: vista interna do salão principal, atual.

Fig. 174 Prédio da Reitoria: vista geral, atual.

Fig. 175, Fig. 176 e Fig. 177 Prédio da Reitoria: vistas internas do Hall/Saguão (pavimento térreo), Sala Fahrion e Salão de Festas (2º pavimento), 2012.

## . 9 Prédio da Faculdade de Arquitetura

A Faculdade de Arquitetura foi formada em 1952 pela fusão de dois cursos de Arquitetura que funcionavam paralelamente desde os anos 1940, um vinculado ao Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul e outro à Escola de Engenharia da UFRGS. Inicialmente, em caráter emergencial, foram adaptadas algumas instalações no *Château* para abrigar as atividades da faculdade, mas logo surgiu forte movimento de alunos e professores em prol da construção de um edifício próprio.

Foi criada uma comissão com professores advindos do Instituto de Belas Artes para tratar do projeto do novo edifício, coordenada por Demétrio Ribeiro, que realizou um primeiro estudo (1952) no local previamente escolhido, onde hoje se situa o prédio novo da Escola de Engenharia, junto à Avenida Osvaldo Aranha no 1º Quarteirão<sup>273</sup> (Fig. 178). Em função da dificuldade de liberação do terreno por parte da Engenharia foi estudado novo local, na esquina da Avenida Osvaldo Aranha com a Rua Sarmiento Leite, no 2º Quarteirão, então ocupado pelo prédio do antigo Instituto de Educação Doméstica e Rural, em utilização pelo Instituto de Física da Escola de Engenharia. A nova proposta (1953) foi elaborada por outra comissão, contendo integrantes advindos dos cursos do Instituto de Belas Artes e da Escola de Engenharia<sup>274</sup> (Fig. 179). Entretanto, o projeto construído foi realizado por algum arquiteto da Divisão de Edificações do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) do Rio de Janeiro<sup>275</sup>, a pedido do reitor Elyseu Paglioli, que em seu relatório justifica a decisão por motivos de prazo<sup>276</sup> (Fig. 180).

O projeto, de composição em L conformando a esquina, possui volumetria formada por base e corpo, onde o corpo possui geometria ortogonal e a base, conforme descrito por Comas e Piñon, “*se apresenta expandida com linha oblíqua, linha quebrada e suave ondulação*”<sup>277</sup>. No térreo, o acesso principal foi previsto pela

---

<sup>273</sup> MARQUES, 2012, op. cit., p.74.

<sup>274</sup> A segunda comissão, com professores oriundos do Instituto de Belas Artes e da Escola de Engenharia, era composta por Demétrio Ribeiro, Plínio Almeida, Luiz Frederico Mentz, Emil Bered, Leovegildo Paiva e os alunos Carlos Maximiliano Fayet, Moacyr Moojen Marques, Luiz Carlos Cunha e Rubem Pila. (MARQUES, 2012, op. cit., p.74)

<sup>275</sup> Autoria segundo COMAS; PIÑON, 2013, op. cit., p.24.

<sup>276</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.121-122.

<sup>277</sup> COMAS; PIÑON, 2013, op. cit., p.24.

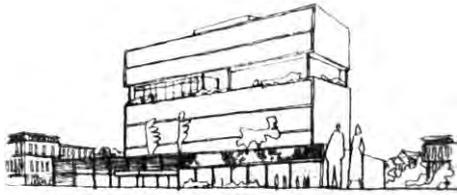
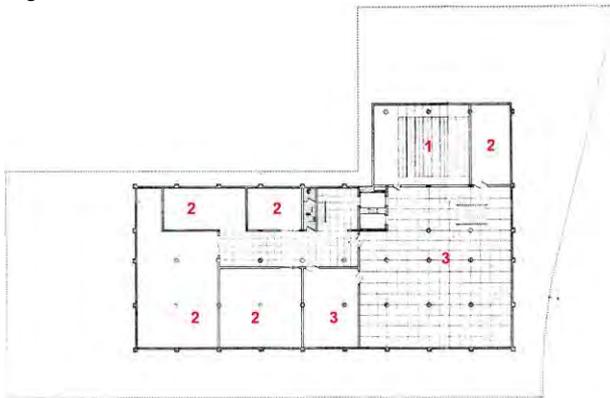


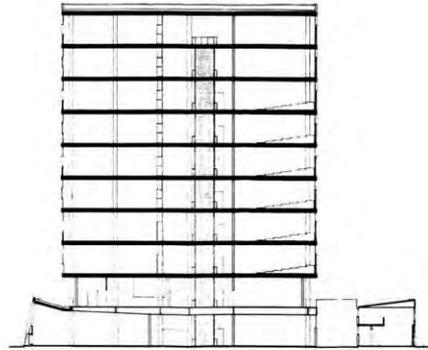
Fig. 178



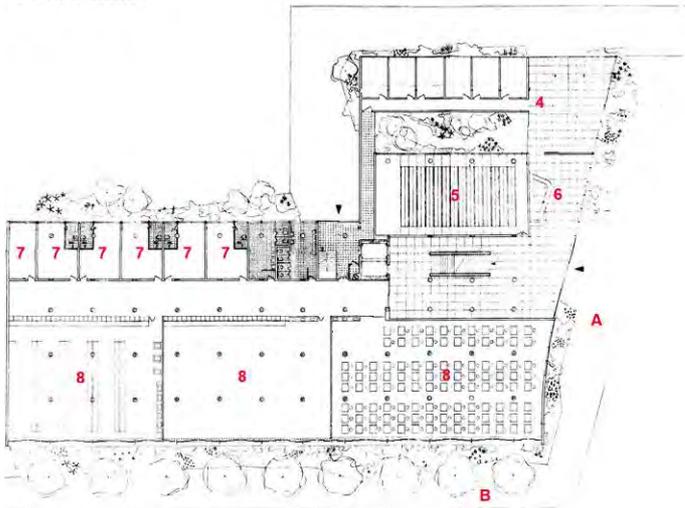
Fig. 179



PLANTA BAIXA SUBSOLO

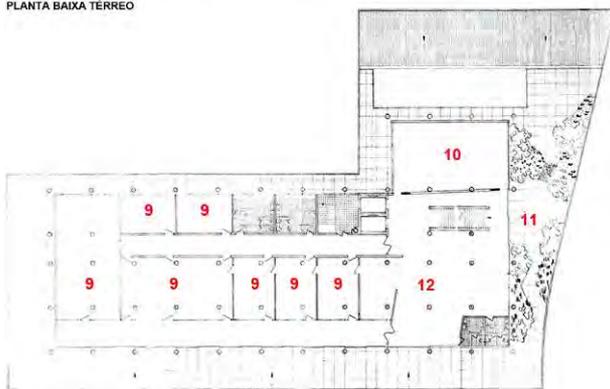


CORTE TRANSVERSAL

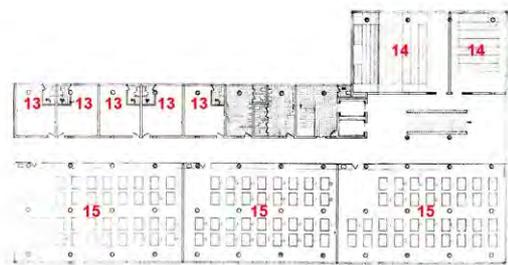


PLANTA BAIXA TÉRREO

- 1 SALA DE AULA 2 ÁREA TÉCNICA 3 MUSEU
- 4 DIRETÓRIO ACADÊMICO 5 AUDITÓRIO 6 CAFÉ 7 APOIO À DISCIPLINA 8 SALA DE AULA PRÁTICA
- 9 ADMINISTRAÇÃO 10 BIBLIOTECA 11 TERRAÇO 12 SALA DE EXPOSIÇÕES
- 13 APOIO À DISCIPLINA 14 SALA DE AULA TEÓRICA 15 ATELIÊ
- A CALÇADA RUA SARMENTO LEITE B CALÇADA AV. OSVALDO ARANHA



PLANTA BAIXA 2o PAVIMENTO



PLANTA BAIXA PAVIMENTO TIPO



Fig. 180

Fig. 178 Projeto para o prédio da Faculdade de Arquitetura, no terreno hoje ocupado pelo prédio novo da Escola de Engenharia: perspectiva. Comissão do IBA, coord. de Demétrio Ribeiro, 1952.

Fig. 179 Projeto para o prédio da Faculdade de Arquitetura, no terreno hoje ocupado pelo prédio da Faculdade de Arquitetura: perspectiva. Comissão com integrantes do IBA e da EE, 1953.

Fig. 180 Projeto do prédio da Faculdade de Arquitetura: planta baixa dos pavimentos subsolo, térreo, segundo e tipo e corte transversal. DASP, 1954.

Rua Sarmiento Leite e um acesso secundário, pelo interior do quarteirão. Ambos configuram eixos de circulação vertical, de caráter principal e de serviço, respectivamente. Ainda segundo Comas e Piñon, “a conexão entre as duas entradas faz do térreo da escola uma galeria para a comunidade da universidade e da cidade”<sup>278</sup>.

O edifício foi concebido composto por 11 pavimentos: subsolo, base, térreo elevado com pilotis e mais 8 pavimentos tipo. Os pavimentos se organizam a partir do hall principal, formado por elevadores e escada, que divide a planta em duas alas: uma ala curta, paralela à Avenida Sarmiento Leite e uma ala longa, paralela à Avenida Osvaldo Aranha. Os espaços da ala curta são acessados diretamente do hall e os da ala longa de distribuem em fita dupla ao longo de circulação central. O subsolo acomoda um museu e áreas técnicas; a base abriga auditório, centro acadêmico e café na ala curta e grandes salas de aula prática e salas de apoio das disciplinas na ala longa; o 2º pavimento abriga a biblioteca na curta e o salão de exposições e atividades administrativas na longa, além do amplo terraço junto à esquina; já o pavimento tipo possui as salas de aula teórica na ala curta e os ateliês e salas de apoio das disciplinas na ala longa.

O sistema construtivo foi projetado com estrutura independente em concreto armado formado por lajes de caixão perdido com borda inclinada na base e pilares de seção circular recuados das bordas, permitindo planta e fachadas livres. O acabamento da alvenaria de vedação é feito com cirex e pastilhas cerâmicas foscas nos tons azul e gelo num padrão geométrico. As esquadrias, metálicas, possuem mecanismo de contrapeso na fachada nordeste e maximar nas demais. As fachadas nordeste e noroeste, bastante envidraçadas, não previam proteção solar.

Após o Instituto de Física da Escola de Engenharia desocupar o prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural, foi realizada a demolição para que pudesse ser construído o prédio da Faculdade de Arquitetura no local. Iniciada a construção, tendo já concluído o estaqueamento e os blocos de fundação, surgiu um impedimento da Prefeitura Municipal, em razão de o edifício estar sendo erguido sobre o traçado previsto para a Avenida Perimetral<sup>279</sup>. Após extensas tratativas da Prefeitura com a Reitoria, ficou então acordada “a construção parcial, isto é, dos oito andares

---

<sup>278</sup> Idem, ibidem.

<sup>279</sup> Sobre o traçado da Avenida Perimetral, consultar itens 3.4 e 3.5.

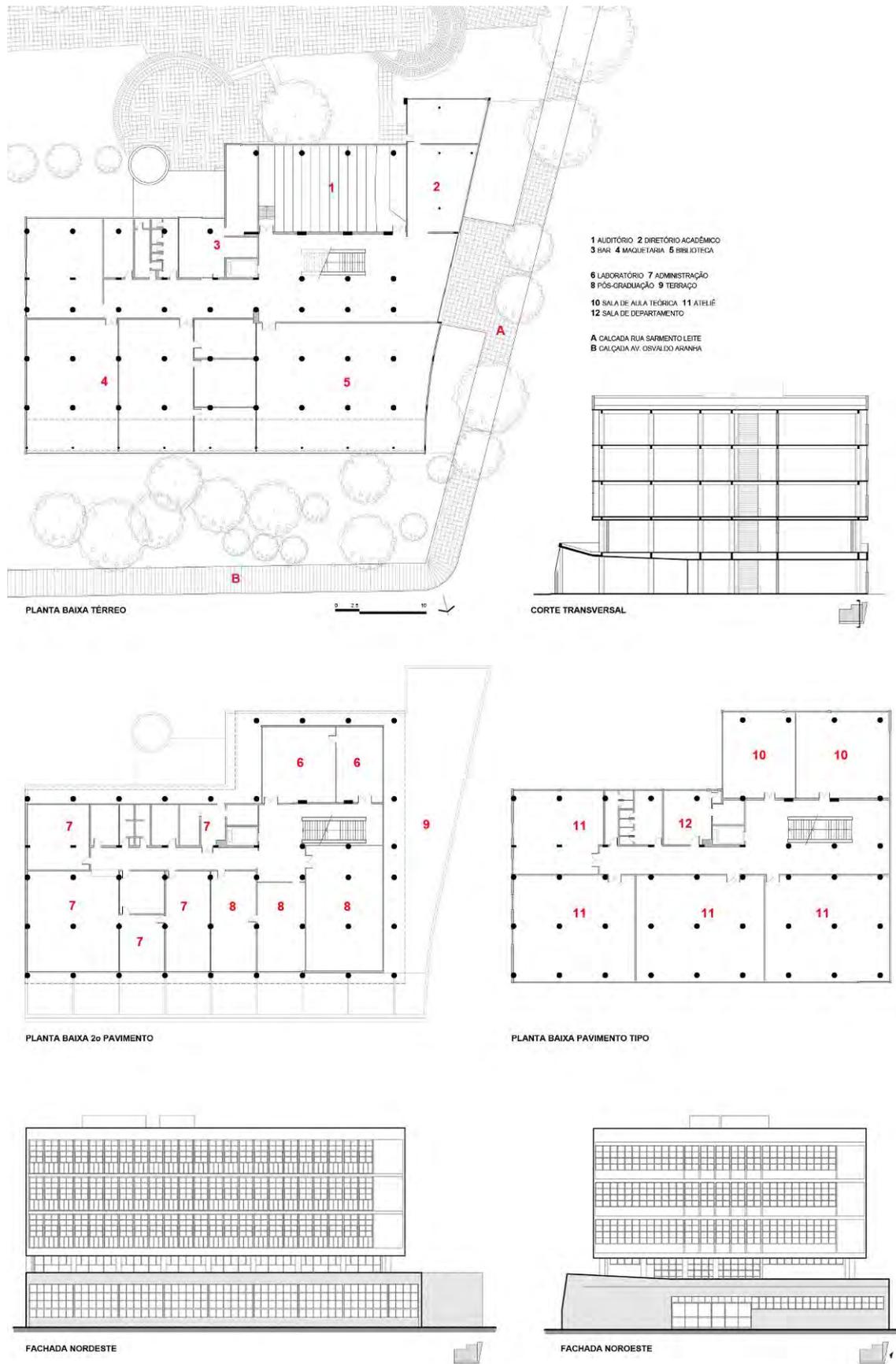


Fig. 181

Fig. 181 Prédio da Faculdade de Arquitetura: planta baixa dos pavimentos térreo, segundo e tipo, corte transversal e fachadas nordeste e noroeste, 2010.

*previstos no plano, construir-se-iam apenas quatro. E, em vez de tôda a frente, apenas dois têrços dela*<sup>280</sup>. Esse acordo considerava, portanto, a possibilidade da demolição do edifício quando fosse efetivada a construção da avenida. A versão construída, além de parcial, sofreu ainda algumas alterações em relação ao projeto. Segundo o reitor Paglioli, “*modificações introduzidas por solicitação dos interessados*”<sup>281</sup>.

O edifício, portanto, construído entre 1954 e 1957<sup>282</sup>, possui um total de 5 pavimentos (base, térreo elevado com pilotis e mais 3 pavimentos tipo) com o comprimento da ala longa reduzido em um terço (4 módulos estruturais) em relação ao original. Além disso, a base, na ala curta, foi reduzida até o limite do auditório, diminuindo sensivelmente a área do diretório acadêmico, que acabou se estendendo para área do café, retirado dali e acomodado junto ao acesso secundário. O acesso secundário foi mantido, porém não foi executada a circulação vertical de serviço prevista nessa prumada. Outra alteração significativa de ocupação se deu na biblioteca, que migrou do térreo elevado para a base, utilizando uma das grandes salas da ala longa e liberando o espaço para a sala da congregação. Em relação ao sistema construtivo, a estrutura executada substituiu as lajes de caixão perdido nos andares superiores por lajes com vigamento aparente (Fig. 181 a Fig. 183).

Ainda assim, o edifício da Faculdade de Arquitetura é considerado por Comas e Piñon, como “*o exemplo mais franco de aplicação dos postulados estéticos e construtivos modernos dentro do campus central da universidade*”<sup>283</sup>.

Com o passar dos anos, alterações foram realizadas buscando responder a novas demandas de espaço. Nos anos 1980 foram acrescentados no térreo, junto ao acesso secundário, volumes referentes a bar e transformador. Além do acréscimo, atualmente o acesso interno ao bar está bloqueado por questões de segurança da Universidade, eliminando um importante conceito funcional do edifício. Internamente os espaços sofreram algumas alterações, em função da ampliação e diversificação das atividades ao longo do tempo.

No início dos anos 2000 foi realizada obra de recuperação das fachadas, com projeto desenvolvido pela equipe da Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS (atual Setor do Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS), coordenada pelo arquiteto

---

<sup>280</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.123.

<sup>281</sup> Idem, ibidem.

<sup>282</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.124.

<sup>283</sup> COMAS; PIÑON, 2013, op. cit., p.24.



Fig. 182



Fig. 183



Fig. 184



Fig. 185



Fig. 186



Fig. 187

Fig. 182 Prédio da Faculdade de Arquitetura: vista geral da esquina (fachada nordeste).

Fig. 183 Prédio da Faculdade de Arquitetura: vista área, final da década de 1950.

Fig. 184 Prédio da Faculdade de Arquitetura: vista geral da esquina (fachada nordeste), 2002.

Fig. 185 Prédio da Faculdade de Arquitetura: vista da fachada sudeste, após a obra de recuperação.

Fig. 186 Prédio da Faculdade de Arquitetura: vista da fachada noroeste (principal), 2012.

Fig. 187 Prédio da Faculdade de Arquitetura: vista interna da biblioteca, após a reforma, 2012.

Edison Zanckin Alice. Na fachada sudeste foram incluídos volumes venezianados sobre as esquadrias a fim de abrigar máquinas de ar condicionado. Essa reforma, ainda que eliminado o caráter incompleto e provisório da fachada sudeste, segue uma linguagem distinta das demais (Fig. 184 a Fig. 186). Entre os anos de 2011 e 2012 foi realizada uma grande reforma na biblioteca que modernizou, qualificou e organizou o espaço, incluindo transparência para a circulação<sup>284</sup>. O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto Cláudio Fischer, professor da faculdade (Fig. 187). Atualmente está em tramitação na Prefeitura Municipal aprovação de projeto de ampliação do prédio, realizado por equipe de professores da própria faculdade.

A partir do ano de 2006, além do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e dos cursos de pós-graduação em Arquitetura e em Urbanismo, o edifício passou a abrigar as atividades dos cursos de graduação em Design de Produtos e Design Visual, criados no mesmo ano<sup>285</sup>.

---

<sup>284</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras Concluídas*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_concluidas](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_concluidas)>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.

<sup>285</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Design e Expressão Gráfica. *Curso de Graduação em Design*. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/deg/>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2014.

## .10 Prédio do Colégio Aplicação

Entre 1960 e 1964<sup>286</sup>, um edifício de 9 pavimentos foi construído em local livre no miolo do 2º Quarteirão do Campus Centro, próximo ao conjunto de prédios da Faculdade de Filosofia e Pavilhão Tecnológico<sup>287</sup> (Fig. 189 e Fig. 190).

O prédio foi concebido para abrigar o Colégio de Aplicação, que havia sido criado em 1954 como integrante da Faculdade de Filosofia<sup>288</sup> e não possuía local adequado para suas atividades. Com a finalidade de servir à prática docente dos alunos do curso de didática e ao aperfeiçoamento pedagógico de professores de ensino secundário e normal, além de, como escola experimental, atuar como centro de estudos e pesquisas educacionais, o colégio havia iniciado suas atividades em salas no prédio da própria Faculdade de Filosofia. Logo depois as atividades foram transferidas para instalações adaptadas num pavilhão, antigo almoxarifado de obras, onde permaneceram até 1960, quando foram construídos dois pavilhões em madeira para o colégio, resultado de acordos entre a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a Universidade. Apesar do edifício já estar concluído na década de 1960, apenas em 1971 o Colégio de Aplicação transferiu-se para lá<sup>289</sup>. Segundo Paglioli, o edifício serviria ainda para abrigar o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Centro Regional de Estudos e Pesquisas Educacionais, em função de um convênio de cooperação realizado com o referido Centro<sup>290</sup>.

Projetado pela arquiteta Arlette Schneider<sup>291</sup>, o edifício apresenta volumetria composta por dois blocos dispostos em cruz, de forma assimétrica: uma barra,

---

<sup>286</sup> Data segundo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.110.

<sup>287</sup> A implantação se deu sobre o traçado da Primeira Avenida Perimetral, previsto no Plano Diretor de 1959/61 cortando o 2º Quarteirão do Campus Centro. (Sobre o traçado da Primeira Avenida Perimetral, consultar itens 2.4 e 2.5)

<sup>288</sup> A partir do Decreto-lei de 1946, que “*cria um ginásio de aplicação nas Faculdades de Filosofia do País*” e nos termos do Estatuto da Universidade aprovado em 1953, no ano de 1954 foi criado o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculado à Faculdade de Filosofia da mesma instituição. (BRASIL. *Decreto-lei nº 9.053 de 12 de março de 1946*. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9053-12-marco-1946-417016-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.)

<sup>289</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Colégio de Aplicação. *Um pouco da história do Colégio de Aplicação da UFRGS*. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/colégio-de-aplicacao/sobre/um-pouco-da-historia-do-colegio-de-aplicacao-da-ufrgs>>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.

<sup>290</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1964, op. cit., p.111.

<sup>291</sup> Autoria segundo informação constante no selo de pranchas do projeto arquitetônico consultadas no acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS, com data de 1961 e sem assinatura.

prevista para abrigar as salas, é transpassada por um volume mais alto, correspondente aos espaços de hall, circulação vertical, sanitários e demais infraestruturas, dividindo a barra em duas alas sem conexão direta. O térreo foi concebido com pilotis na projeção da barra, mantendo o volume transversal com fechamento, medida que acentua formalmente a composição dos volumes. O acesso foi previsto por dois pontos, através da área de pilotis. No térreo, além de portaria, hall e circulação vertical, estão o diretório acadêmico e o bar (Fig. 188 a Fig. 190).

Em relação aos aspectos construtivos, a estrutura independente em concreto armado aparece no alinhamento do plano de fechamento, com exceção das fachadas leste e oeste da barra (fachadas laterais), onde os pilares se apresentam recuados. Além disso, a dimensão de largura da barra corresponde ao vão estrutural, permitindo livre configuração das salas. A barra apresenta as fachadas bastante envidraçadas, em contraponto com o volume transversal, mais opaco. A fachada norte é a única que possui proteção solar, através de brises horizontais (pequenas projeções) com espaçamento correspondente à altura do pavimento. O fechamento foi projetado com esquadrias metálicas e alvenaria com revestimento em pintura branca e em pastilhas cerâmicas nas cores branco e azul, numa composição que acentua as linhas horizontais (Fig. 190 e Fig. 192).

Durante a administração do reitor Héglio Trindade (1992-1996), já pertencente à Faculdade de Educação<sup>292</sup>, o Colégio de Aplicação foi transferido para um novo edifício construído no Campus do Vale, liberando os espaços no prédio do Centro para a referida Faculdade. A Faculdade havia crescido e diversificado suas atividades, com cursos de pós-graduação, em funcionamento desde os anos 1970 nas dependências do edifício.

A principal alteração física que o edifício sofreu ao longo dos anos foi o fechamento da área de pilotis para abrigar um auditório (ala maior) e uma lancheria (ala menor), intervenções que alteraram substancialmente as relações e acessos originais da edificação. Recentemente, entre 2011 e 2013, foi realizada obra de recuperação dos elementos de projeção das fachadas<sup>293</sup> (Fig. 191 e Fig. 192).

---

<sup>292</sup> Em 1968 o colégio passou a pertencer à Faculdade de Educação, criada a partir da fragmentação da Faculdade de Filosofia pela Reforma Universitária dos anos 70. (Sobre a Reforma Universitária dos anos 70, consultar item 2.3.)

<sup>293</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras Concluídas*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_concluidas](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_concluidas)>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.

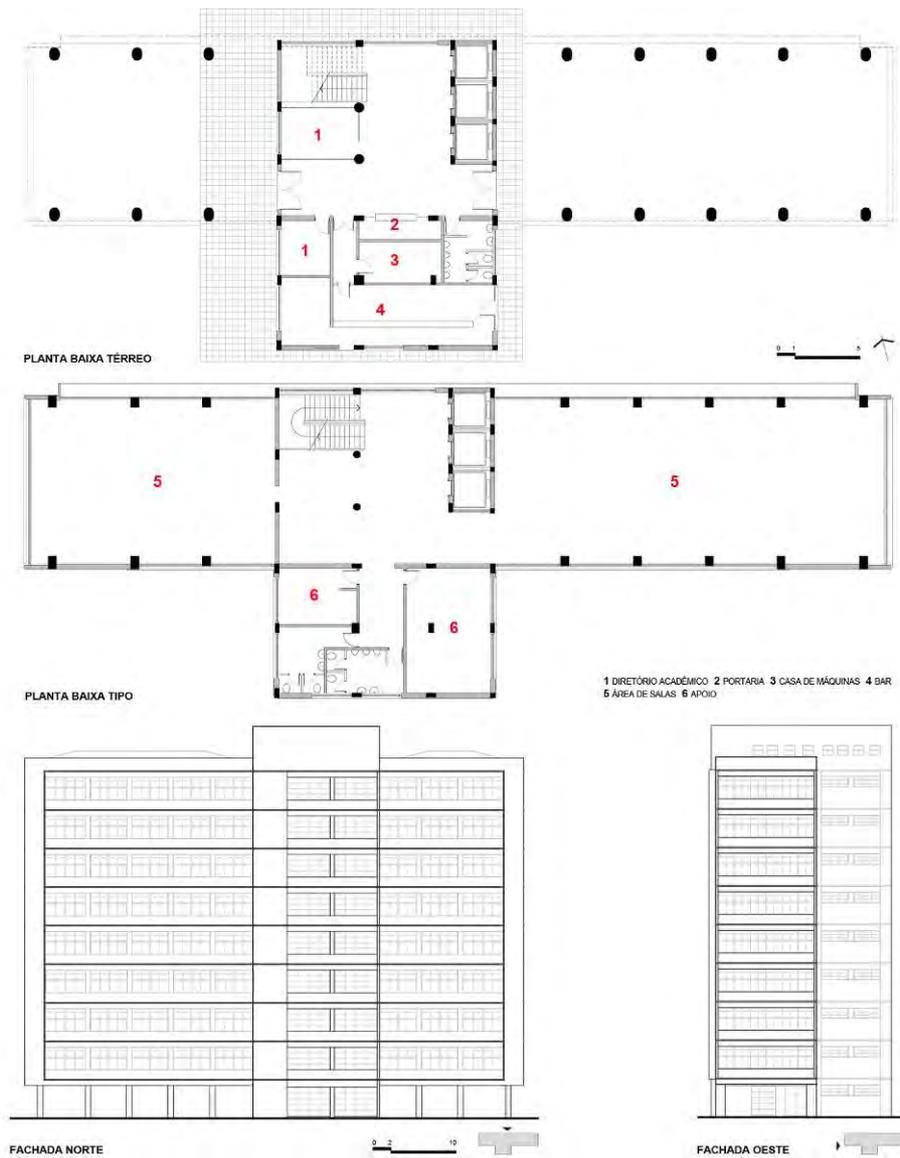


Fig. 188



Fig. 189



Fig. 190

Fig. 188 Projeto do prédio do Colégio Aplicação: planta baixa dos pavimentos térreo e tipo e fachadas norte e oeste, 1961.

Fig. 189 Prédio do Colégio Aplicação: vista aérea da construção, início da década de 1960.

Fig. 190 Prédio do Colégio Aplicação: vista aérea, década de 1980.

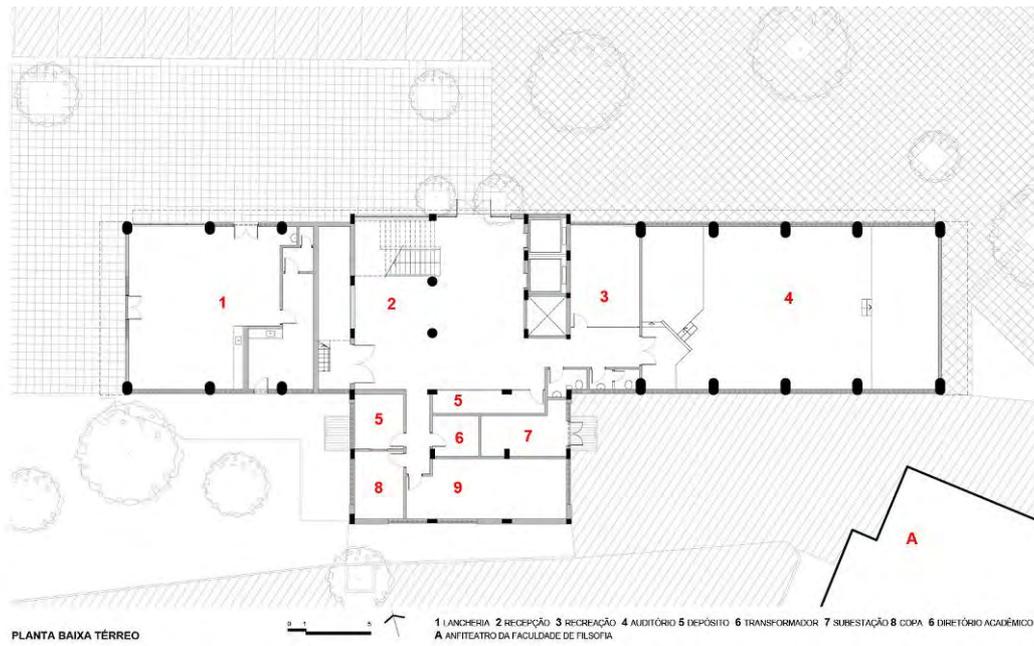


Fig. 191



Fig. 192

Fig. 191 Prédio do Colégio Aplicação: planta baixa do pavimentos térreo, 2012.

Fig. 192 Prédio do Colégio Aplicação: vista geral (fachada norte), 2012.

**Considerações finais 5**



Ao longo dos 80 anos de existência da UFRGS muito se discutiu sobre a organização de sua área física. A partir da criação da Universidade de Porto Alegre, em 1934, na medida em que a instituição foi crescendo e se especializando, multiplicaram-se o número de cursos e alunos. A instituição passou da esfera municipal à estadual e, desta, à federal, tornando-se mais complexa e abrangente.

Quando os primeiros edifícios foram construídos no local do atual Campus Centro, por volta de 1900, o núcleo urbano de Porto Alegre se restringia à ponta da península, dando à região da Várzea (Campo da Redenção) uma condição periférica. Com o crescimento e desenvolvimento da cidade, o núcleo urbano sofreu grande expansão e a área que antes era periférica, poucas décadas depois já fazia parte do conturbado centro da capital. Essa nova condição limitou a expansão da Universidade naquele local, gerando assim a busca de outras soluções para a questão da ampliação da área física.

O dilema: unificar toda a instituição num só campus, uma Cidade Universitária, ou manter diversos *campi* esparsos pela cidade? Muitas são as razões para a unificação espacial de uma instituição desse tipo: centralização e sistematização de serviços, entrosamento e cooperação entre as diferentes disciplinas, otimização da infraestrutura, entre outros. No entanto, a remoção da Universidade dos quarteirões centrais sempre foi uma questão complicada em relação à comunidade (acadêmica e civil), em função de sua importância histórica, como núcleo original da instituição, e de sua privilegiada localização, numa região tão central e ao lado do Parque Farroupilha.

Algumas propostas, inicialmente, tinham o objetivo de concentrar a instituição na região central. O “Estudo preliminar para a Cidade Universitária de Porto Alegre”, de Hypolito Gustavo Pujol Júnior e Ernesto de Souza Campos em 1937<sup>294</sup>, considerava ocupar, em continuidade com os dois quarteirões da Universidade, toda a área do Parque Farroupilha. Já o Monumento Universitário, de Leovigildo Paiva e Luiz Leseigneur de Faria em 1945<sup>295</sup>, previa apenas a utilização dos quarteirões já pertencentes à instituição, partindo para a construção em altura. Ambas as propostas não foram adiante.

A partir daí, a ideia de concentrar a Universidade junto aos quarteirões centrais foi superada, porém o conflito sobre unificar ou não a instituição perdurou

---

<sup>294</sup> Sobre o Estudo preliminar para a Cidade Universitária de Porto Alegre, consultar item 3.4.

<sup>295</sup> Sobre o Monumento Universitário, consultar item 3.4.

ainda por alguns anos, ameaçando a permanência da UFRGS naquele local. Em consonância com o então vigente Plano Gladosch, de 1943, que propunha a remoção da Universidade de Porto Alegre dos quarteirões centrais e sua organização na forma de uma Cidade Universitária em região afastada do Centro<sup>296</sup>, um “Plano Piloto para a Cidade Universitária da UFRGS” chegou a ser elaborado em 1958, utilizando a área onde atualmente se localiza o Campus do Vale<sup>297</sup>.

No entanto, uma iniciativa desse porte não é simples de ser executada. O que era para ser uma Cidade Universitária acabou por se transformar em mais um campus, uma vez que os demais *campi* foram se consolidando e dificultando a decisão do abandono, principalmente durante a grande expansão do período do reitorado de Elyseu Paglioli (1952-1964), que ampliou as instalações em todos os locais. No atual Campus Saúde já havia sido lançada a pedra fundamental do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina em 1943, obra que efetivamente iniciou em 1947. Além do hospital, seis novas edificações foram construídas no período de Paglioli. O Campus Centro recebeu o acréscimo de onze novos prédios nessa época<sup>298</sup>. As edificações que pertenciam à Escola de Educação Física foram integradas à Universidade quando esta passou a pertencer à instituição, em 1969, somando à estrutura física da UFRGS um novo local, no bairro Jardim Botânico, o atual Campus Olímpico. A Universidade, portanto, acabou por se desenvolver em Porto Alegre de maneira dispersa, em quatro diferentes locais, denominados atualmente Campus Centro, Campus Saúde, Campus do Vale e Campus Olímpico.

Concomitantemente à consolidação dessa estrutura multi *campi*, o Campus Centro permaneceu desde a década de 1940 com o impasse da construção da Avenida Perimetral sobre a área da Universidade. O Plano Gladosch, de 1943, tinha como uma de suas principais propostas de mobilidade urbana a construção da Avenida Perimetral, com traçado previsto cortando a região dos quarteirões da instituição. Para isso, conforme citado no parágrafo anterior, propôs a retirada das escolas da área e a reorganização da instituição na forma de uma Cidade Universidade em local afastado do Centro. Apesar do Plano Gladosch ter sido

---

<sup>296</sup> Sobre o Plano Gladosch, consultar item 3.4.

<sup>297</sup> O Plano Piloto da Cidade Universitária da UFRGS, de 1958, a ser implantado no Vale da Agronomia, foi elaborado pelo Escritório Técnico de Planejamento, criado pela Reitoria para esse fim, constituído por professores e estudantes da Faculdade de Arquitetura sob a direção do professor urbanista Edvaldo Pereira Paiva. Sobre o Plano Piloto da Cidade Universitária da UFRGS, consultar CIDADE Universitária. Espaço Arquitetura, Porto Alegre, ano1, n.2, p.29-36.

<sup>298</sup> Os 11 edifícios conforme citado referem-se aos edifícios do período da arquitetura modernista do Campus Centro. Sobre os edifícios e o período da arquitetura modernista, consultar item 4.2.

superado, os planos subsequentes para a cidade mantiveram a proposta da via e seu traçado sobre os quarteirões centrais<sup>299</sup>. Ainda que sem qualquer viabilidade real como obra viária de superfície, a solução permanece após recente revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre, realizada em 2010. Assim, a avenida segue inconclusa no trecho e se mantém com a solução provisória dada na década de 1980 através do desvio do traçado, fazendo com que a resolução da continuidade viária da Perimetral e a consequente melhora na mobilidade geral da área central passe por uma reorganização da ocupação dos quarteirões do campus.

Durante as últimas décadas, duas iniciativas são de grande relevância na trajetória e consolidação do espaço do Campus Centro, deixando de tratar a questão das edificações individualmente e agregando a percepção dos dois quarteirões como um conjunto.

Nos anos 80, durante a gestão do reitor Francisco Ferraz (1884-1888), foi realizado o Projeto Centro Cultural, proposta que desviou o foco para o Campus Centro, uma vez que nesse período as atenções estavam voltadas à construção do novo campus, o Campus do Vale. O projeto possui grande importância e pioneirismo com relação ao reconhecimento e valorização do patrimônio edificado da Universidade, além de promover a interação com a sociedade. Através de ampla divulgação, a iniciativa alcançou grande apoio dentro e fora do âmbito institucional, contribuindo para o fortalecimento e o reconhecimento da região do Campus Centro como um conjunto.

A partir do fim da década de 1990 até os dias de hoje, o espaço do campus vem sendo revitalizado através do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. A iniciativa busca manter e qualificar o conjunto edificado da Universidade, sendo responsável pelas restaurações individuais das edificações e pelo desenvolvimento de um Plano Diretor do Campus Universitário para o Campus Centro<sup>300</sup>, que inclui o tratamento e a reformulação das áreas externas, historicamente mantidas com edificações provisórias e desqualificadas, mantendo forte referência com as propostas do Projeto Centro Cultural. Entretanto, uma questão polêmica desse plano é a decisão pela transferência dos acessos dos prédios, da via pública para o interior do quarteirão. A defesa da solução está no aumento da segurança e na resolução da acessibilidade universal das edificações sem alteração das fachadas

---

<sup>299</sup> Sobre o traçado da Primeira Avenida Perimetral, consultar itens 3.4 e 3.5.

<sup>300</sup> Sobre o Plano Diretor do Campus Universitário, consultar item 3.5.

principais, uma vez que os acessos pelo passeio, na maioria dos casos, possuem degraus. Além disso, como o plano conta com a criação de áreas abertas de permanência e interação no interior dos quarteirões, a internacionalização dos acessos seria benéfica à relação desses novos espaços. Entretanto, do ponto de vista da arquitetura dos prédios, essa medida modifica o percurso e a percepção espacial do ingresso, importante ponto do projeto e do edifício original.

Outro ponto a considerar nesse sentido é o problema da permeabilidade urbana dos quarteirões, acentuada pela estratégia de inversão dos acessos citada acima. Com o crescimento e o desenvolvimento da capital a área, antes em condição periférica, passou a constituir um limite da zona urbanizada, depois uma borda, a seguir fachada ou front urbano do centro e logo após parte importante de sua estrutura de elementos primários. Densificados, os quarteirões passaram a constituir uma barreira, condicionando e limitando a expansão do centro e seu potencial de articulação urbana.

Ao longo do trabalho, vimos que a configuração urbana do Campus Centro apresenta a mesma lógica de constituição do espaço urbano da cidade. Com a localização inicialmente periférica, a implantação dos primeiros prédios segue a mesma lógica das áreas de expansão urbana, como se pode ver nos mapas de época: inicia pela definição das esquinas, e após pela delimitação dos alinhamentos, segundo o modelo de implantação do quarteirão periférico da cidade tradicional. No primeiro período, apenas o conjunto formado pelo *Château*, Castelinho e Observatório Astronômico constitui exceção a essa regra, definindo um inusitado largo interno. No período da arquitetura moderna, mesmo que alguns prédios sigam a lógica modernista em implantação tradicional (como o prédio da Faculdade de Arquitetura, em implantação de esquina, e o prédio novo da Escola de Engenharia, de meio de quadra), a configuração urbana passa a refletir a lógica de constituição do espaço urbano moderno, com a implantação de prédios como objetos isolados sem relação direta com os alinhamentos. Dessa forma, o processo de configuração do Campus Centro da Universidade como parte do processo de construção da cidade no tempo acrescenta diversidade e complexidade ao seu espaço urbano, incentiva as trocas e referências recíprocas, e reafirma seu papel de protagonista no tecido da área central e na estrutura primária de Porto Alegre.

Especificamente em relação ao conjunto edificado, após o desenvolvimento do presente estudo foi possível concluir que a instituição viveu seu primeiro grande período a partir da reunião das escolas autônomas de influência positivista, no início

do século XX, passando a administrar um espaço cujas edificações possuem características da arquitetura eclética. Anos depois, na década de 1960, a federalizada Universidade experimentou uma importante etapa de expansão, qualitativa e quantitativa, quando os quarteirões centrais receberam o acréscimo das edificações do período modernista. Atualmente, a área referente ao polígono do Campus Centro vivencia uma terceira etapa em sua trajetória, voltada para a apropriação, preservação e manutenção do seu patrimônio, já consolidado e reconhecido como patrimônio cultural a nível institucional, nos âmbitos municipal, estadual e federal. Os edifícios reunidos no Campus Centro seguiram as tendências da produção arquitetônica vigente em cada período, agrupando nesse espaço exemplares representativos da história da arquitetura de Porto Alegre.

Essa pesquisa buscou contribuir para a documentação e conhecimento acerca do Campus Centro da UFRGS, através de uma abordagem sistemática e abrangente que inclui análise urbana e arquitetônica das edificações e espaço aberto, além da apropriação do contexto relevante, no intuito de compreender sua evolução ao longo do tempo. Foi possível recompor a trajetória desse espaço que não foi projetado como um campus universitário, mas que se adaptou e se desenvolveu com essa função. Passados mais de uma centena de anos, no miolo de uma capital de cerca de 1,5 milhões de habitantes, o Campus Centro da UFRGS representa uma parte importante da história e da evolução urbana da cidade, e por sua escala, hierarquia e localização, é hoje uma peça estratégica na pauta de qualificação e revitalização do Centro Histórico, fundamental para o futuro de Porto Alegre.



## **Referências**



## Referências bibliográficas

- ABREU, Silvio Belmonte. *Porto Alegre como cidade ideal: planos e projetos urbanos para Porto Alegre*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006.
- ABREU, Silvio Belmonte; TONIOLI, Renata Manara. *Univer Cidade: a configuração urbana do Campus Centro da UFRGS*. In: Representações da Cidade no mundo lusófono e hispânico, 2013, Rio de Janeiro. Anais do Seminário Internacional Representações da Cidade no mundo lusófono e hispânico. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2013.
- ALMEIDA, Guilherme Essvein de. *Guia da arquitetura moderna de Porto Alegre*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- AXT, Gunter. *Parque Farroupilha Redenção: histórias de Porto Alegre*. Porto Alegre: Paiol, 2011.
- BRASIL. *Decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931*. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2014.
- \_\_\_\_\_. *Lei nº 452 de 5 de julho de 1937*. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1930-1949/L0452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1930-1949/L0452.htm)>. Acesso em 02 de março de 2014.
- \_\_\_\_\_. *Decreto-lei nº 9.053 de 12 de março de 1946*. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9053-12-marco-1946-417016-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 25 de janeiro de 2014
- \_\_\_\_\_. *Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968*. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-norma-actualizada-pl.html>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2014.
- CAMPOS, Ernesto de Souza. *Estudos sobre o Problema Universitário*. São Paulo: Graphica da Revista dos Tribunaes, 1938.
- \_\_\_\_\_. *Educação Superior no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço Gráfico, 1940.
- CARVALHO, Marco Antônio Àvila de. *Centro Natatório da Escola de Educação Física da UFRGS: espaço de transformações*. Trabalho de conclusão de graduação. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2010.
- CENTRO Cultural da UFRGS: Porto Alegre começa a renascer. Zero Hora, Revista ZH, Porto Alegre, 13 de março de 1986. Acervo pessoal de Cyrillo Severo Crestani.
- CIDADE Universitária. Espaço Arquitetura, Porto Alegre, ano1, n.2, p.29-36.
- COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Hélio. *Inventário da arquitetura moderna em Porto Alegre: 1945/1965*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.
- CORONA, Fernando. *Cem anos de formas plásticas e seus autores*. In: Enciclopédia rio-grandense – O Rio Grande Antigo (v.2). 2ed. Porto Alegre: Sulina, 1968, p.141-161.
- CURTIS, William J.R. *La Arquitectura Moderna*. Madrid: Herman Blume, 1986.
- DALAROSA, Janaína Carla. *Restauração do complexo da reitoria da UFRGS*. In: 7º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2007. Disponível em <<http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/027.pdf>>. Acesso em 13 de janeiro de 2014.
- ENCYCLOPEDIA of 20th-Century Architecture. New York: Abrams, 1987.

- ESPÍNDOLA, Susana Sondermann. *Implantação física da UFRGS: da fundação ao Campus do Vale*. Porto Alegre: UFRGS, 1979.
- FESTUGATO, Taísa. *A arquitetura de Christiano de la Paix Gelbert em Porto Alegre (1925-1953)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2012.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 4ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- FRANÇA. Ministério da Cultura e da Comunicação. *Le Palais du Rhin*. Disponível em <<http://www.culturecommunication.gouv.fr/Regions/DracAlsace/Actualites/Actualite-en-images/Le-Palais-du-Rhin>>. Acesso em 01 de outubro de 2013.
- HÁ um século no Correio do Povo: Faculdade de Medicina. Correio do Povo, Porto Alegre, ano 117, nº 347, 11 de setembro de 2012. Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=347&Caderno=0&Noticia=463146>>. Acesso em: 01 de outubro de 2013.
- HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *Escola de Engenharia - UFRGS: um século*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Cartografia Virtual Histórica-Urbana de Porto Alegre: século XIX e início do XX*. Mídia digital, 2005.
- LEVANTAMENTO predial em Porto Alegre da Escola de Engenharia de Porto Alegre (executado pelo construtor Francesco Andrighetto), 1927-28, manuscrito.
- LEVANTAMENTO predial em Viamão da Escola de Engenharia de Porto Alegre (executado pelo construtor Francesco Andrighetto), 1927-28, manuscrito
- LEVANTAMENTO aerofotogramétrico do Município de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria do Planejamento Municipal, 1982.
- LUCCAS, Luís Henrique Haas. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do "gênio artístico nacional"*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2004.
- LYRA, Vanessa Bellani. *A Criação da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul: formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGCMH/UFRGS, 2013.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: história e vida da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1973.
- MARQUES, Sergio Moacir. *Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul – 1950/1970*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2012.
- MEMÓRIA da UFRGS: década de 50. Jornal da Universidade, Porto Alegre, ano XII, nº116, março. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/116/pagina2.htm>>. Acesso em 08 de janeiro de 2014.
- MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora/IPHAN, 2000.
- MINTO, Lalo Watanabe. *MEC-USAID*. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_mecusaid%20.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_mecusaid%20.htm)>. Acesso em 22 de junho de 2014.
- MORAES, Jorge Augusto Moraes de. *A contribuição de Manoel Itaquí para a arquitetura gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2003.

- MOREIRA, Raul. *Vida Social da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre*. In: Anais da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre (v.1, n.1). Porto Alegre: Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1938.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Arquitetura Ocidental*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1973.
- OLIVEIRA, Carmem Regina; LICHT, Flavia Boni (Org.). *UFRGS 70 anos*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- PAIVA, Edvaldo Pereira; RIBEIRO, Demétrio. *Anteprojeto de planificação de Porto Alegre*. In: PAIVA, Edvaldo Pereira. Problemas urbanos de Porto Alegre: palestra. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Belas Artes, 1951, p.20-29.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 2ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- PEVSNER, Nikolaus; FLEMING, John; HONOUR, Hugh. *Diccionario de arquitectura*. 2ed. Madrid: Alianza, 1984.
- PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. *Arquitetura e Educação: câmpus universitários brasileiros*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria do Planejamento. *Plano Diretor de Porto Alegre: 1954-1964*. Porto Alegre: PMPA, 1964, s/n.
- \_\_\_\_\_. *1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre (Lei Complementar nº 43/79)*. Porto Alegre: PMPA, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (Lei Complementar nº 434/99)*. Porto Alegre: PMPA, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Lei Complementar nº 646 de 22 de julho de 2010*. Disponível em <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/lc\\_646\\_para\\_site\\_22\\_de\\_julho.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/lc_646_para_site_22_de_julho.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2014.
- \_\_\_\_\_. *CARTAS PDDUA 1:5000*. Disponível em <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/planeja/Mapas/default.asp>>. Acesso em 15 de março de 2014.
- \_\_\_\_\_. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. *Bens Tombados e Inventariados em Porto Alegre – abril de 2013*. Disponível em <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu\\_doc/lista\\_de\\_imoveis\\_preservados\\_em\\_porto\\_alegre\\_-\\_abril2013\\_versao\\_site.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/lista_de_imoveis_preservados_em_porto_alegre_-_abril2013_versao_site.pdf)>. Acesso em 01 de fevereiro de 2014.
- POSITIVISMO: arquitetura de Porto Alegre no período positivista. Porto Alegre: Memorial, 2007.
- PROJETO Monumenta. Disponível em <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=110](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=110)>. Acesso em 15 de março de 2014.
- REGNER, Anna Carolina Krebs Pereira. *IFCH: origens e trajetórias. Da Faculdade de Filosofia à década da Reforma Universitária*. In: 50 anos da Faculdade de Filosofia: publicação comemorativa. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- RIO Grande do Sul Universitário. In: Anais Científicos (v.15, n.67). São Paulo: Brasil Universitário, 1958, p.144-173.
- RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 11.525 de 15 de setembro de 2000*. Disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.525.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2013.
- SCHÄFFER, Bárbara. *Porto Alegre, arquitetura e estilo. 1880 a 1930*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2011.

- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 3ed. São Paulo: Editora da USP, 2010.
- SILVA, Loureiro da. *Um plano de urbanização*. Porto Alegre: Globo, 1943.
- SILVA, Marcos Miethicki da. *O Hospital de Clínicas de Porto Alegre: a presença de Jorge Moreira na arquitetura da capital gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006.
- SILVA, Pery Pinto Diniz da; SOARES, Mozart Pereira. *Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- SOARES, Mozart Pereira. *A história do primeiro Campus Universitário do Brasil*. In: *Jornal da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 1986, p.1-2.
- SOUZA, Célia Ferraz de. *Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.
- SPALDING, Walter. *Esboço histórico do município de Porto Alegre*. Porto Alegre: Typographia do Centro SA, 1940.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório: reitorado do prof. Elyseu Paglioli: 13 de agosto de 1952 a 13 de abril de 1964*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Localização do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1934-1984*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Centro Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: manifestações de apoio*. Porto Alegre: UFRGS, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Centro Cultural: projeto*. Porto Alegre: UFRGS, Pró Reitoria de Administração, Escritório Técnico do Campus, 1987a.
- \_\_\_\_\_. *Salão de Atos: projeto de reforma*. Porto Alegre: UFRGS, Pró Reitoria de Administração, Escritório Técnico do Campus, 1987b. Acervo pessoal de Luiz Carlos Bortolini.
- \_\_\_\_\_. *Plano de gestão 1993/1996: prestação de contas*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetura comemorativa: exposição do centenário farroupilha, 1935*. Porto Alegre: UFRGS, Pró-Reitoria de Extensão, Faculdade de Arquitetura, Gape, 1999.
- \_\_\_\_\_. Secretaria do Patrimônio Histórico. *Patrimônio histórico e cultural da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- \_\_\_\_\_. Secretaria do Patrimônio Histórico. *Manuais do patrimônio histórico edificado da UFRGS: Faculdade de Direito*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Relatório UFRGS/REUNI – Março de 2012*. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/prograd/prograd-1/artigos/RelatorioREUNI2012.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.
- XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: UFRGS, 1987.
- WEIMER, Günter. *A vida cultural e a arquitetura na República Velha rio-grandense 1889-1945*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul, 1892-1945*. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetura*. 4ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GOOGLE MAPS. <<https://maps.google.com.br/>>

PORTO ALEGRE UMA HISTÓRIA FOTOGRÁFICA. <<http://ronaldofotografia.blogspot.com.br>>

PRATI FOTOS ANTIGAS. <<http://www.prati.com.br/FotosAntigas>>

REESTRUTURAÇÃO E EXPANSÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS. <<http://reuni.mec.gov.br>>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. <<http://www.ufrgs.br>>

\_\_\_\_\_. Colégio de Aplicação. <<http://www.ufrgs.br/colégio deaplicacao/>>

\_\_\_\_\_. Escola de Educação Física. <<http://www.ufrgs/esef/>>

\_\_\_\_\_. Instituto de Física. <<http://www.if.ufrgs.br/>>

\_\_\_\_\_. Departamento de Design e Expressão Gráfica. <<http://www.ufrgs.br/deg/>>

\_\_\_\_\_. Projeto Resgate dos Prédios Históricos da UFRGS. <<http://www.ufrgs.br/predioshistoricos>>

\_\_\_\_\_. Superintendência de Infraestrutura. <<http://www.ufrgs.br/suinfra/>>

WCAMS. <<http://www.wcams.com.br>>

WIKIPÉDIA. <<http://pt.wikipedia.org>>

ACERVO DO SETOR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO/SUINFRA/UFRGS: acervo físico (livros, documentos e mapoteca) e digital (imagens, levantamentos cadastrais e projetos).

ACERVO DA SUPERINTENDÊNCIA DE INFRAESTRUTURA/UFRGS: acervo físico (mapoteca) e digital (levantamentos cadastrais e projetos).

ACERVO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

ACERVO PESSOAL DE LUIZ CARLOS BORTOLINI

ACERVO PESSOAL DE CYRILLO SEVERO CRESTANI

LUME - REPOSITÓRIO DIGITAL DA UFRGS: acervo fotográfico do Museu Universitário da UFRGS e acervo fotográfico do Instituto de Física da UFRGS. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br>>.

WIKIMEDIA COMMONS. Disponível em <<http://wikimedia.commons.org>>.

## Referências das imagens

- Fig. 1 Acervo do Museo Del Risorgimento, Bologna, Itália. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Cartografia Virtual Histórica-Urbana de Porto Alegre: século XIX e início do XX*. Mídia digital, 2005.
- Fig. 2 Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, op. cit. (edição da autora).
- Fig. 3 Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, op. cit..
- Fig. 4 Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, op. cit..
- Fig. 5 Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, op. cit..
- Fig. 6 PORTO ALEGRE UMA HISTÓRIA FOTOGRÁFICA. Disponível em <<http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011/09/fotografias-de-edificios-importantes.html>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2014.
- Fig. 7 VILARINO, Maria da Graça Andrade; NUNES, Marion Kruse. *Carris: 120 anos*. 2ed. Porto Alegre: Carris, 1992. Fonte: AXT, Gunter. *Parque Farroupilha Redenção: histórias de Porto Alegre*. Porto Alegre: Paiol, 2011, p.57.
- Fig. 8 Acervo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Fonte: AXT, 2011, op. cit., p.34. Recorte.
- Fig. 9 Acervo do Museu Hipólito da Costa. Fonte: AXT, 2011, op. cit., p.56.
- Fig. 10 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo. Fonte: AXT, 2011, op. cit., p.69.
- Fig. 11 CORREIA, Viriato. *Histórias da nossa história*. Rio de Janeiro: Castilho, 1923. Fonte: AXT, 2011, op. cit., p.69.
- Fig. 12 Foto: Virgílio Calegari. Acervo: Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 13 PRATI FOTOS ANTIGAS. Disponível em <<http://www.prati.com.br/FotosAntigas/>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2014.
- Fig. 14 MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: história e vida da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1973, p.106.
- Fig. 15 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1911, op. cit., s/n. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 16 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1910, op. cit., s/n. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 17 Acervo do Museu Universitário. Fonte: LUME – Repositório Digital da UFRGS. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/9190>>. Acesso em 22 de outubro de 2013.
- Fig. 18 SPALDING, Walter. *Esboço histórico do município de Porto Alegre*. Porto Alegre: Typographia do Centro SA, 1940, s/n.
- Fig. 19 Desenho da autora.
- Fig. 20 Acervo do Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2005, op. cit.
- Fig. 21 MACEDO, 1973, op. cit., p.111.
- Fig. 22 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Arquitetura comemorativa: exposição do centenário farroupilha, 1935*. Porto Alegre: UFRGS, Pró-Reitoria de Extensão, Faculdade de Arquitetura, Gape, 1999, s/n.
- Fig. 23 SILVA, Loureiro da. *Um plano de urbanização*. Porto Alegre: Globo, 1943, s/n.

- Fig. 24 CAMPOS, Ernesto de Souza. *Estudos sobre o Problema Universitário*. São Paulo: Graphica da Revista dos Tribunaes, 1938, s/n.
- Fig. 25 SILVA, 1943, op. cit., s/n.
- Fig. 26 Idem.
- Fig. 27 Idem.
- Fig. 28 ESPÍNDOLA, Susana Sondermann. *Implantação física da UFRGS: da fundação ao Campus do Vale*. Porto Alegre: UFRGS, 1979, p.43.
- Fig. 29 Acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.
- Fig. 30 Idem.
- Fig. 31 Idem.
- Fig. 32 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo. Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 33 Idem.
- Fig. 34 Desenho da autora.
- Fig. 35 PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria do Planejamento. *Plano Diretor de Porto Alegre: 1954-1964*. Porto Alegre: PMPA, 1964, s/n.
- Fig. 36 Idem.
- Fig. 37 Idem.
- Fig. 38 Idem.
- Fig. 39 Acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.
- Fig. 40 Idem.
- Fig. 41 Idem.
- Fig. 42 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo. Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 43 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Centro Cultural: projeto*. Porto Alegre: UFRGS, Pró Reitoria de Administração, Escritório Técnico do Campus, 1987a, s/n.
- Fig. 44 Idem.
- Fig. 45 Idem.
- Fig. 46 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Salão de Atos: projeto de reforma*. Porto Alegre: UFRGS, Pró Reitoria de Administração, Escritório Técnico do Campus, 1987b, s/n. Acervo pessoal de Luiz Carlos Bortolini.
- Fig. 47 GOOGLE MAPS (edição da autora).
- Fig. 48 Foto: Flávio Dutra. Fonte: acervo digital da Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS.
- Fig. 49 PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal, Secretaria do Planejamento. *1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre (Lei Complementar nº 43/79)*. Porto Alegre: PMPA, 1980, anexo 3.
- Fig. 50 PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal, Secretaria do Planejamento. *CARTAS PDDUA 1:5000*. Disponível em < <http://www.portoalegre.rs.gov.br/planeja/Mapas/default.asp>>. Acesso em 15 de março de 2014.
- Fig. 51 Arquivo digital em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 52 Desenho da autora, a partir de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS e do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.
- Fig. 53 Desenho da autora.

- Fig. 54 Desenho da autora, a partir de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS..
- Fig. 55 Acervo fotográfico do Museu Universitário da UFRGS. Fonte: LUME – Repositório Digital da UFRGS. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/9190>>. Acesso em 22 de outubro de 2013.
- Fig. 56 Desenho da autora, a partir de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 57 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 58 Desenho da autora, a partir de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 59 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. *Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1924*. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1925, s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 60 LEVANTAMENTO predial da Escola de Engenharia de Porto Alegre (executado pelo construtor Francesco Andrighetto), 1927-28, manuscrito, s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 61 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. *Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1912*. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1913, s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 62 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 63 Foto: Ricardo André Frantz. Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:AntigaEngenhariaUFRGS.jpg>>. Acesso em 01 de outubro de 2013.
- Fig. 64 Projeto de restauração do prédio antigo da Escola de Engenharia, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 65 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. *Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1910*. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1911, s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 66 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 67 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1911, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 68 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. *Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1909*. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1910, s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 69 Planta geral da Escola de Engenharia (recorte da autora). ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1911, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 70 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. *Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1911*. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1912, s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 71 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. *Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1927*. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1928, s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.

- Fig. 72 Projetos de restauração do *Château*, do Castelinho e do Observatório Astronômico, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 73 Idem.
- Fig. 74 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 75 Idem.
- Fig. 76 Idem.
- Fig. 77 Idem.
- Fig. 78 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1910, op. cit., s/ nº. Fonte: MORAES, Jorge Augusto Moraes de. *A contribuição de Manoel Itaquí para a arquitetura gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2003, p. 53.
- Fig. 79 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 80 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 81 Idem.
- Fig. 82 Arquivo da Faculdade de Direito, s/ data. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 83 FRANÇA. Ministério da Cultura e da Comunicação. *Le Palais du Rhin*. Disponível em <<http://www.culturecommunication.gouv.fr/Regions/Drac-Alsace/Actualites/Actualite-enimages/Le-Palais-du-Rhin>>. Acesso em 01 de outubro de 2013.
- Fig. 84 Projeto de restauração do prédio da Faculdade de Direito, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 85 Idem.
- Fig. 86 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 87 Planta geral da Escola de Engenharia (recorte da autora). ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1911, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 88 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1913, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 89 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 90 Levantamento cadastral do prédio do Instituto Eletrotécnico, s/ data, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 91 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 92 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 93 Arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 94 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 95 Foto: GAPE. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 96 Projeto de restauração da cúpula central do prédio do Instituto Parobé, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 97 Acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS (digitalização da autora).

- Fig. 98 Desenho da autora, a partir de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 99 Acervo do Museu Universitário. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 100 GOOGLE MAPS. Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em 8 de janeiro de 2014.
- Fig. 101 Acervo do Arquivo Municipal de Porto Alegre (digitalizado a partir de microfilme, edição da autora).
- Fig. 102 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Física. *Fotografias*. Disponível em <<http://www.if.ufrgs.br/historia/45anos>> Acesso em 08 de janeiro de 2014.
- Fig. 103 Acervo do Museu Universitário. Disponível pelo Lume (Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) em <<http://hdl.handle.net/10183/9126>>. Acesso em 08 de janeiro de 2014.
- Fig. 104 GOOGLE MAPS. Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em 8 de janeiro de 2014.
- Fig. 105 Foto: Ilton Saffer. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras em Andamento*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_andamento](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_andamento)>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.
- Fig. 106 Desenho da autora, a partir de dados de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS, incluindo levantamento realizado pela Escola de Engenharia em 2010.
- Fig. 107 Projeto do novo prédio de Salas de Aula, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 108 Foto da autora.
- Fig. 109 Idem.
- Fig. 110 Foto: Ilton Saffer. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras Concluídas*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_concluidas](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_concluidas)>. Acesso em 27 de março de 2014.
- Fig. 111 Idem.
- Fig. 112 HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *Escola de Engenharia - UFRGS: um século*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996, p.51.
- Fig. 113 Arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 114 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 115 Idem.
- Fig. 116 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 117 Idem.
- Fig. 118 Projeto de restauração do prédio do Curtumes e Tanantes, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 119 Foto: Marcelo Donadussi, 2003. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 120 Foto: BN Criatividade e Propaganda, 2002. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 121 Foto: Marcelo Donadussi, 2003. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 122 Projecto para a Faculdade de Medicina em Porto Alegre, digitalização do documento original. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.

- Fig. 123 Foto: CP Memória. Fonte: HÁ um século no Correio do Povo: Faculdade de Medicina. Correio do Povo, Porto Alegre, ano 117, nº 347, 11 de setembro de 2012. Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=347&Caderno=0&Noticia=463146>>. Acesso em 01 de outubro de 2013.
- Fig. 124 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 125 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 126 Levantamento cadastral do prédio do Instituto de Ciências Básicas da Saúde, 2011, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 127 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 128 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE. *Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre referente ao ano de 1929*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1930, s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 129 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 130 Foto: GAPE, Joselito Araújo. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 131 Projeto de restauração do prédio da Rádio da Universidade. arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 132 Foto: GAPE, André Simão. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 133 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 134 Idem.
- Fig. 135 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman, s/ data. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 136 Levantamento cadastral do prédio do Instituto de Química Industrial, 2005, arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora). Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 137 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 138 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 139 LEVANTAMENTO, 1927-28, op. cit., s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 140 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1930, s/ nº. Fonte: acervo do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 141 ESCOLA DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE, 1925, s/ nº. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 142 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman, s/ data. Fonte: AXT, 2011, op. cit., p.69.
- Fig. 143 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 144 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 145 Desenho da autora.
- Fig. 146 Desenho da autora, a partir de dados da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS (digitalização da autora) e de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 147 Desenho da autora, a partir de dados da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS (digitalização da autora) e do Levantamento cadastral do prédio Anexo 1 da Reitoria

da UFRGS (2012), arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.

- Fig. 148 Acervo da CIENTEC. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 149 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Física. *Fotografias*. Disponível em < <http://www.if.ufrgs.br/historia/if45anos> >. Acesso em 08 de janeiro de 2014.
- Fig. 150 MEMÓRIA da UFRGS: década de 50. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre, ano XII, nº116, março. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/116/pagina2.htm> >. Acesso em 08 de janeiro de 2014.
- Fig. 151 Acervo fotográfico do Instituto de Física da UFRGS. Fonte: LUME – Repositório Digital da UFRGS. Disponível em < <http://hdl.handle.net/10183/16840> >. Acesso em 08 de janeiro de 2014.
- Fig. 152 Desenho da autora, a partir de dados do Levantamento cadastral do prédio Anexo 1 da Reitoria da UFRGS (2012), arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 153 GOOGLE MAPS. Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em 8 de janeiro de 2014.
- Fig. 154 Foto da autora.
- Fig. 155 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 156 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 157 Acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS (digitalização da autora).
- Fig. 158 Arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS e do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.
- Fig. 159 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1999, op. cit., p.12.
- Fig. 160 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 161 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 162 Desenho da autora.
- Fig. 163 RIO Grande do Sul Universitário. In: *Anais Científicos* (v.15, n.67). São Paulo: Brasil Universitário, 1958, p.171.
- Fig. 164 Idem, p.169.
- Fig. 165 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório: reitorado do prof. Elyseu Paglioli - 13 de agosto de 1952 a 13 de abril de 1964*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1964, p.44-45.
- Fig. 166 Desenho da autora, a partir de dados das mapotecas da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e da Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS (digitalização da autora).
- Fig. 167 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 168 RIO, 1958, op. cit., p.172.
- Fig. 169 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 170 Desenho da autora, a partir de dados do Levantamento cadastral do prédio da Reitoria da UFRGS (2012), arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 171 Arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 172 Foto da autora.

- Fig. 173 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 174 WIKIMEDIA COMMONS. Disponível em <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Reitoria UFRGS2.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Reitoria_UFRGS2.jpg)>. Acesso em 14 de janeiro de 2014.
- Fig. 175 Foto da autora.
- Fig. 176 Foto da autora.
- Fig. 177 Foto da autora.
- Fig. 178 MARQUES, Sergio Moacir. *Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul – 1950/1970*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2012, p.74.
- Fig. 179 Idem.
- Fig. 180 Acervo do Arquivo Municipal de Porto Alegre (digitalizado a partir de microfilme, edição da autora).
- Fig. 181 Desenho da autora, a partir de dados de arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS e de COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Hélio. *Inventário da arquitetura moderna em Porto Alegre: 1945/1965*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013, p.122-124.
- Fig. 182 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 183 Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 184 WCAMS. Disponível em <[http://www.wcams.com.br/imagens\\_08\\_2002.htm](http://www.wcams.com.br/imagens_08_2002.htm)>. Acesso em 18 de janeiro de 2014.
- Fig. 185 Disponível em <<https://twitter.com/ArqUFRGS>>. Acesso em 18 de janeiro de 2014.
- Fig. 186 Foto da autora.
- Fig. 187 Foto: Ilton Saffer. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Superintendência de Infraestrutura. *Obras Concluídas*. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal\\_obras\\_concluidas](http://www.ufrgs.br/suinfra/index.php?page=gal_obras_concluidas)>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.
- Fig. 188 (Plantas) Acervo da mapoteca da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS (digitalização da autora). (Fachadas) Desenho da autora, reconstituição a partir de dados do Levantamento cadastral do prédio da Faculdade de Educação da UFRGS (2012), arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.
- Fig. 189 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 190 Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Fototeca Sioma Breitman. Fonte: acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 191 Levantamento cadastral do prédio da Faculdade de Educação da UFRGS (2012), arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS e arquivos digitais em formato .dwg (edição da autora) do acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico/SUINFRA/UFRGS.
- Fig. 192 Foto da autora.



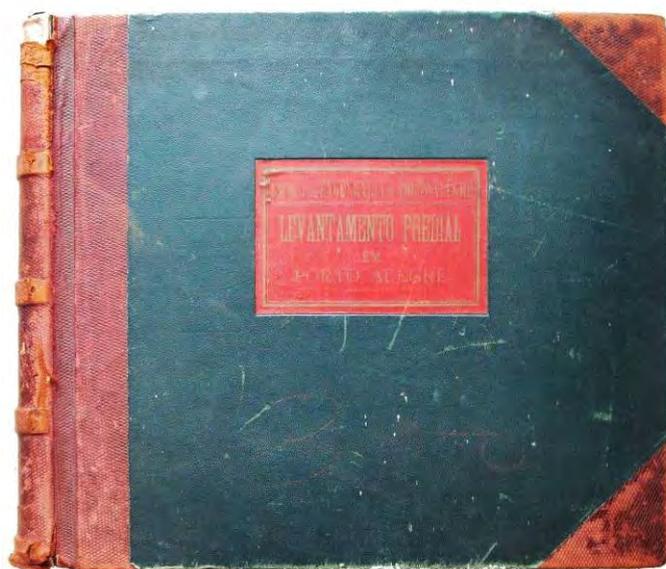
**Anexo**



## Levantamento predial em Porto Alegre: imagens

O Levantamento Predial em Porto Alegre da Escola de Engenharia de Porto Alegre foi realizado nos anos 1927 e 1928 pelo construtor Francisco Andrighetto. No manuscrito, sem data, o levantamento de cada edifício é composto de uma descrição dos materiais de construção, com quantificação e avaliação orçamentária, acompanhada de uma página de imagens, contendo fotografia e planta baixa.

Esse anexo se trata da reprodução fotográfica das páginas de imagens do referido manuscrito e incluindo uma tabela índice, produzida pela autora, contendo a denominação dos edifícios e a área construída em m<sup>2</sup>, conforme grafado no documento original. Os edifícios contemplados na presente pesquisa foram grifados com formatação em negrito.



Escola de Engenharia de Porto Alegre

### LEVANTAMENTO PREDIAL

Departamento Commercial, Industrial e Financeiro  
Instituto de Engenharia  
Instituto Julio de Castilhos  
Instituto Astronomico e Meteorologico  
Instituto Garobé - Divisão Feminina  
Instituto Garobé - Divisão Masculina  
Instituto Montaury  
Instituto Chimica Industrial

Executado nos annos 1927 e 1928 pelo Encarregado deste Serviço

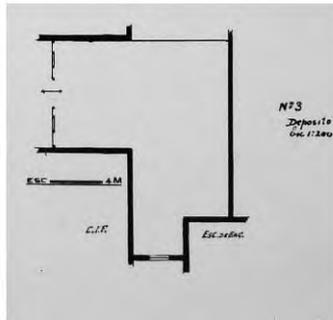
**F. ANDRIGHETTO**

Constructor

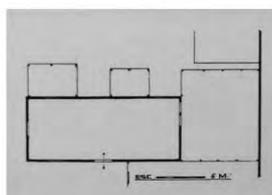
Levantamento Predial em Porto Alegre, Escola de Engenharia de Porto Alegre: capa e folha de rosto.

INSTITUTO	Nº	DENOMINAÇÃO	ÁREA (m <sup>2</sup> )
Departamento Commercial, Industrial e Financeiro	1*	<b>Edifício da Administração Geral, Secção Commercial, Contabilidade e etc. (Château)</b>	<b>374,24</b>
	2*	<b>Officina Mecanica e Escritorio de Engenharia (Castelinho)</b>	<b>240,82</b>
	3	Deposito junto ao Edificio nº 1	151,49
	4	Edificio da Forja e Serralheria	194,64
	5	Edificio da Fundição e Modelagem	111,40
	6	Edificio da usina a gaz pobre	165,16
	7	Secção de lustragem, depósitos e etc.	126,56
	8	Antiga aula Parobé – D. Masculina	327,56
	9	Deposito de madeiras junto ao Edif. nº 8	64,00
	10	Edificio da Garage	107,18
	11	Marcenaria, sala das Machinas e deposito	423,24
	12	Edificio da antiga garagem	32,50
	13	Edificio do Restaurant	69,90
	14	Antiga Portaria do I.P.	40,96
	15	Deposito de madeiras e outros materiaes ao lado da Funilaria	176,50
	16	Edificio da Funilaria	81,63
	17	Edificio da Secção de Transportes	266,20
	18	Grupo de latrinas e Banheiros para os operarios da S. Industrial	17,95
	19	Mictorio ao lado da ant. garagem	25,00
	20	Edificio da Cooperativa	373,63
Instituto de Engenharia	101*	<b>Edifício Central do Instituto de Engenharia (Prédio centenário da Escola de Engenharia)</b>	<b>661,91</b>
	102*	<b>Laboratorio Parobé do Instituto de Engenharia (Prédio do Laboratório de Resistência dos Materiais)</b>	<b>373,40</b>
Instituto Julio de Castilhos	201*	<b>Edifício Principal (Prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos)</b>	<b>735,35</b>
	202	Construção para patentes	34,63
	203	Abrigo de madeira para recreio	182,22
	204	Edificio para trabalhos manuais e gymnastica (de madeira)	121,20
Instituto Astronomico e Meteorologico	301*	<b>Edifício da Secção de Astronomia (Observatório Astronômico)</b>	<b>118,30</b>
	302*	<b>Edifício da Secção de Meteorologia (Prédio da Secção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico)</b>	<b>163,60</b>
	303	Estação radiotelegraphica (antigo abrigo meteorológico)	19,36
	304	Construção da Repsold	28,14
Instituto Parobé Divisão Feminina	401*	<b>Edifício Principal (Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural)</b>	<b>350,71</b>
	403	Tear, Lactinios e Salsicharia	88,99
	404	Lavanderia	63,93
	405	Estufa, Lavanderia e Estabulo	187,08
	406	Casa de moradia p. empregados (de madeira)	90,97
	407	Aviario	9,18
	408	Apiario	8,90
	409	Pequena construção para W.C. e Banheiro	9,56
	410	Estufa para flôres	14,70
	412	Pavilhão para gymnastica – em madeira	65,77
Instituto Parobé Divisão Masculina	501*	<b>Edifício Principal (Prédio do Instituto Parobé)</b>	<b>1037,20</b>
Instituto Montauray	601*	<b>Edifício principal (Prédio do Instituto Eletrotécnico)</b>	<b>908,80</b>
Instituto Chimica Industrial	701*	<b>Edifício principal (Prédio do Instituto de Química Industrial)</b>	<b>751,97</b>

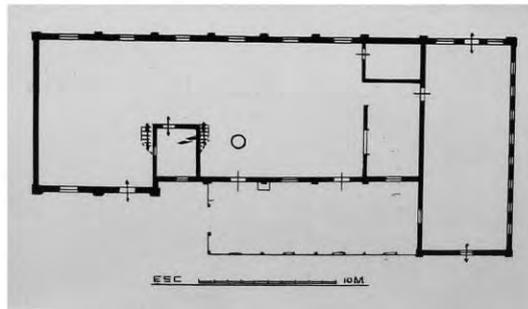




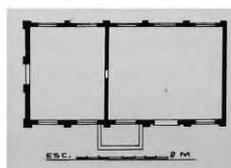
Edifício nº 3



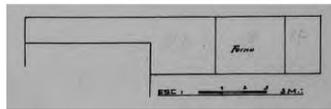
Edifício nº 4



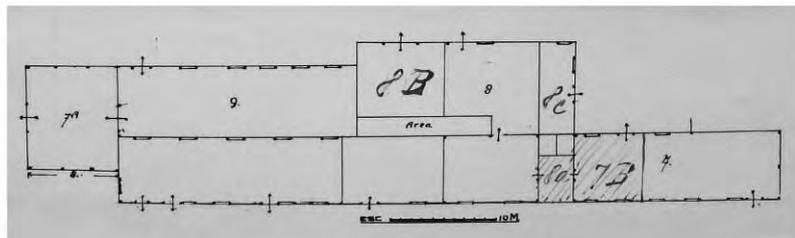
Edifício nº 5



Edifício nº 6



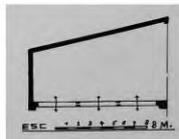
Edificio nº 7



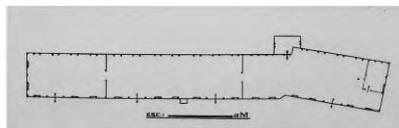
Edificio nº 8



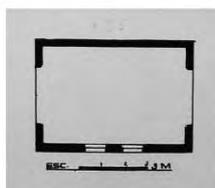
Edifício nº 9



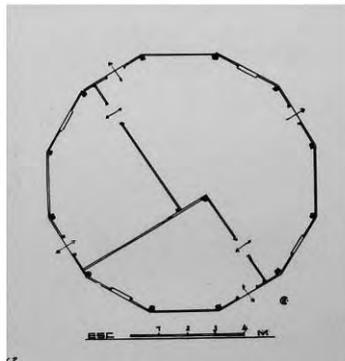
Edifício nº 10



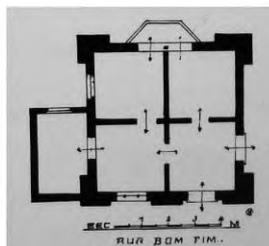
Edificio nº 11



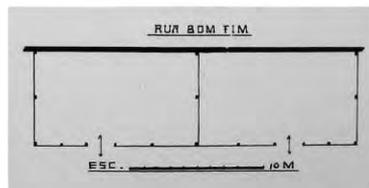
Edificio nº 12



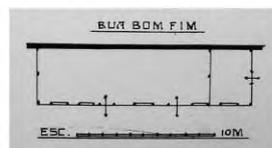
Edificio nº 13



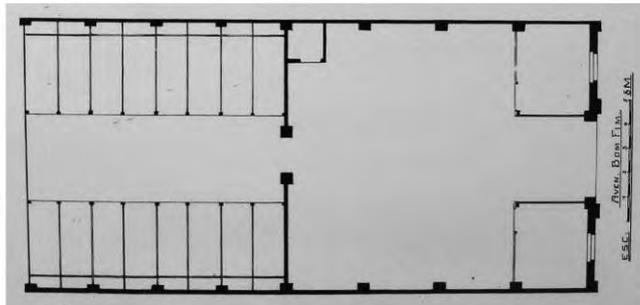
Edificio nº 14



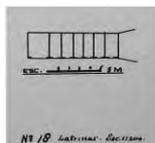
Edifício nº 15



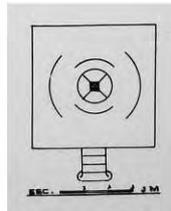
Edifício nº 16



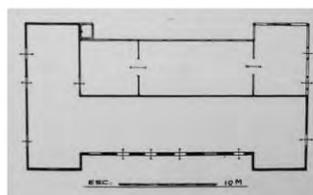
Edificio n° 17



Edificio n° 18

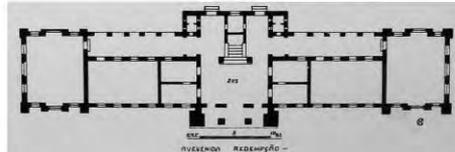


Edificio nº 19

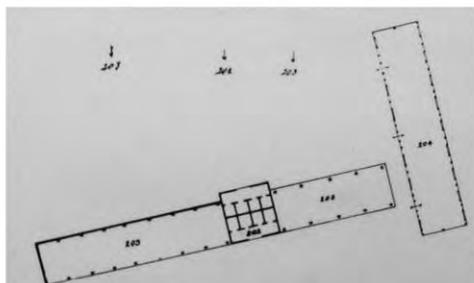


Edificio nº 20





Edifício nº 201 (Prédio do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos)



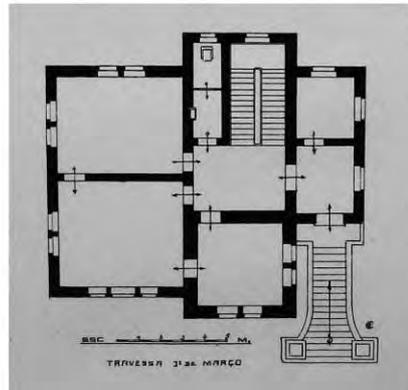
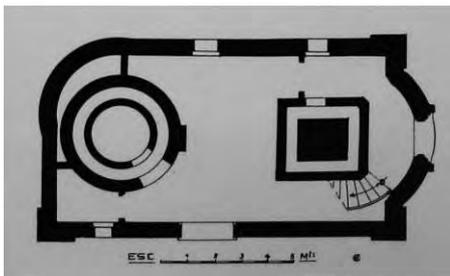
Edifício nº 202



Edifício nº 203

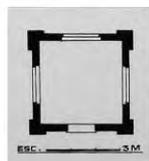


Edifício nº 204

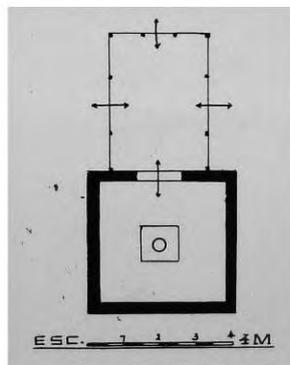


Edifício nº 301 (Observatório Astronômico)

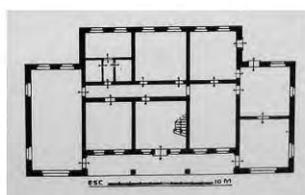
Edifício nº 302 (Prédio da Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico)



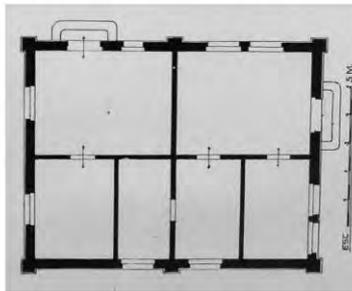
Edifício nº 303



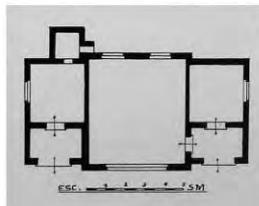
Edifício nº 304



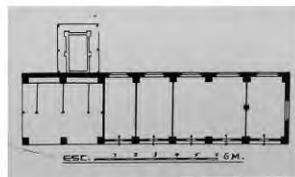
Edifício nº 401 (Prédio do Instituto de Educação Doméstica e Rural)



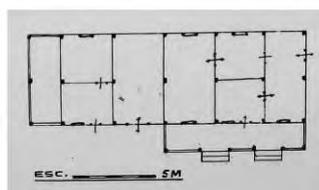
Edificio nº 403



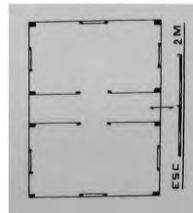
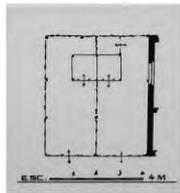
Edificio nº 404



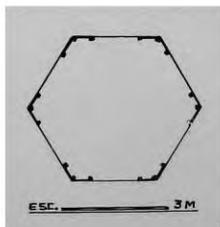
Edificio nº 405



Edificio nº 406



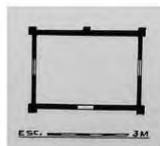
Edifício nº 407



Edifício nº 408



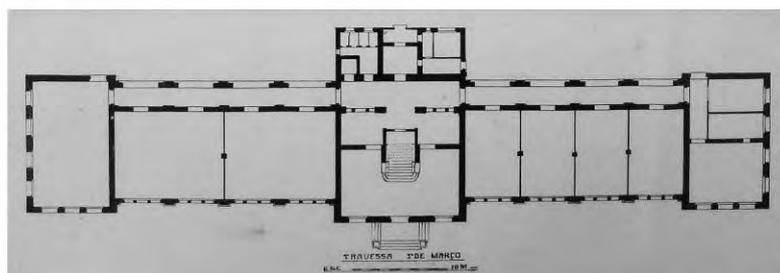
Edificio nº 409



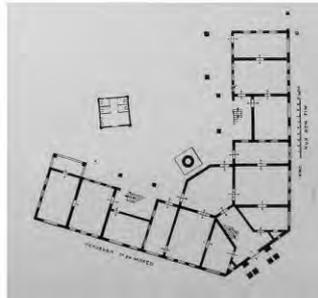
Edificio nº 410



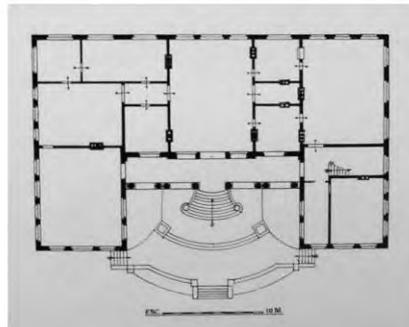
Edifício nº 412



Edifício nº 501 (Prédio do Instituto Parobé)



**Edifício nº 601 (Prédio do Instituto Eletrotécnico)**



**Edifício nº 701 (Prédio do Instituto de Química Industrial)**